

UMBANDA : SÍNTESE DE MAGIA UNIVERSAL

MÍRIAM DE OXALÁ

“Eu sou uma espécie de colecionador de religiões.
E o mais curioso é que descobri que posso acreditar em todas elas.”

George Bernard Shaw (1856-1950)
Dramaturgo irlandês

**ESSA OBRA ENCONTRA-SE SOB REGISTRO NO
ESCRITÓRIO DE DIREITOS AUTORAIS
DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (RJ)
SOB NO. 300.320 LIVRO: 545 FOLHA: 480
TODOS OS DIREITOS DA AUTORA RESERVADOS.**

PREFÁCIO

À medida que terminamos um novo livro, surgem inúmeras perguntas trazidas por amigos, nossos médiuns, assistência. Ouvimos seus queixumes, anotamos suas questões. Não paramos, placidamente, em nosso terreiro esperando tudo acontecer. Visitamos terreiros, fazemos pesquisa com seus caciques. Temos a vantagem de sermos dirigentes, com isso abrindo-nos portas pelo simples fato de vivenciar a religião, sentindo-a em nosso psiquismo, em nossa própria pele.

Não analisamos friamente, porque na friagem da análise imparcial pecamos pela falta de amor. E o amor à fé escolhida, às múltiplas experiências no convívio com os Orixás, trazem-nos aquele entusiasmo quase juvenil de nunca satisfazer-se com breves conceitos. E, à cada passo, mais um leque de novos fundamentos, nas mensagens sussurradas por nossos guias ao pé do ouvido em meio ao rebuliço de nossas giras.

A questão foi, agora, de onde surgiu a Umbanda. Qual a origem de nossa magia. Porque colocar-se um punhado de sal com fins de quebrar demandas sobre objetos; se apenas nós no mundo incorporamos ou temos visões; de onde veio os preconceitos que sofremos. Com o avanço das igrejas evangélicas, porque somos tão condenados. Estaremos errados? Deveremos recuar?

Porque temos de ter os sete trabalhos de mar, mata e cachoeira, feitos anualmente, para completar o ciclo primário de formação como médiuns. Por que esse seria um requisito tão importante? Quais diretrizes teremos de tomar com o crescimento desordenado da Quimbanda? Como era, e é a Umbanda original, mais antiga? Aonde ficou o lema de que ela é “Paz e Amor”?

Descubra-se nesse trabalho e veja que a Umbanda é um grande resgate da soma de inúmeras civilizações, da História dos continentes, do Africanismo, do Espiritismo. Da magia universal, perpétua enquanto o ser humano habitar a terra.

E junto, traremos alguns mitos que talvez não sejam novidade a muitos estudiosos. Mas, talvez pela abordagem trazida por nossa fonte, consiga abrir novas interpretações.

Boa leitura e deixe a alma viajar, como um pássaro, desde a antigüidade até nossos dias para, ao fim, pousar compreendendo a realidade vista em nossos terreiros.

Até nosso próximo encontro.

Miriam Prestes de Oxalá

Março de 1999.

AGRADECIMENTOS

Ao meu adorado **Caril de Xangô**, cuja pesquisa, cujos conselhos, cuja fé nos Orixás permitiu-me acesso à africanidade, ao meu crescimento como cacique, como ser humano.

Aos nossos **guias e Orixás**, especialmente **Xangô, Oxalá, Ogum e Exu**, cuja proteção garantem nossa luta pelos ideais de amor à nossa fé.

Ao **Prof. Jorge Adão** que, pela sua alma generosa, mesmo pertencendo à outra religião, concedeu-nos precioso material bibliográfico.

À mãe **Onira de Ogum** que, incansável, é dedicada conselheira às nossas dúvidas.

À nossa **casa de origem**, ao cacique **Luís Afonso e seu Ogum da Lua**, à falecida **mãe Marília**, axé.

Que o alá de Pai Oxalá cubra-nos de luz!

SUMÁRIO

PREFÁCIO 3

AGRADECIMENTOS 4

A MAGIA EGÍPCIA E IORUBÁ – UM COMPARATIVO 6

A MAGIA CHINESA E JAPONESA 14

A MAGIA INDIANA E MAGIA CIGANA 20

A MEDICINA INDIANA – AYURVEDA 38

MAGIA XAMÂNICA NAS AMÉRICAS E EUROPA 49

A MAGIA NA EUROPA MEDIEVAL ATÉ NOSSOS DIAS	60
A UMBANDA FRENTE AO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO	68
A UMBANDA E SUAS DIRETRIZES BÁSICAS	73
A UMBANDA – AS MODALIDADES ENCONTRADAS	101
A UMBANDA E SUA MAGIA	112
A UMBANDA, SEUS RITUAIS E OBJETOS MÁGICOS	119
A UMBANDA E A ANÁLISE DOS MITOS	

MAGIA EGÍPCIA E IORUBÁ - UM COMPARATIVO

“O que vos digo em trevas dizei-o em luz; e o que escutais ao ouvido pregai-o sobre os telhados.”

Mateus 10:27

Desde a mais longínqua antiguidade, a magia egípcia tem despertado o interesse de grandes historiadores, estudiosos, magos que procuram desvendar-lhe os mistérios de sua intrincada filosofia religiosa. Prova desse interesse nos dias modernos é a permanente leva de turistas que inundam o Egito todos os anos boquiabertos frente às fantásticas belezas arquitetônicas e artísticas (como já escutei de viajantes recém-chegados) como pôde tanta cultura ter estacionado deixando, hoje para nós, um povo de artesanato rude, pobre, quase desamparado sob os pés das imagens gigantescas dos sublimes faraós.

Lembramos que, quando Heródoto pisou no Egito descrevendo-lhe a história e cultura, a Esfinge já tinha em torno de três mil e quinhentos anos.

Com isso afirmamos que o Egito já era velho quando a maioria das civilizações estavam a recém engatinhando. Seus famosos médicos e magos eram requisitados em quase todas as cortes do resto do mundo como conselheiros, astrólogos, curadores de doenças e respeitados como detentores de rituais religiosos de grande profundidade em seus fundamentos.

Esquecem, a maioria dos estudiosos, que Egito é África. O Egito não está nas Américas, na Ásia ou em qualquer outro lugar. O Egito está no nordeste da África, muito, muito próximo às terras nigerianas. Porque, portanto, não há comparativos?

Aliás, a primeira (e única) vez que ouvi, nos bancos escolares, menção sobre o continente africano foi quando pediram uma relação de palavras dessa origem incorporadas ao vocabulário de nossa língua. Após essa paupérrima pesquisa, pergunto: quem, na escola, teve um estudo mais aprofundado sobre a cultura negra? Mais: qual a bibliografia? Façam um simples teste: abram uma enciclopédia e procurem o vocábulo “Nigéria”.

Mais, procurem sobre a cultura Nok. Ulkumy. Origem, história e estudos sobre o berço dos Orixás. Dados na Internet. E já faz mais de cem anos que a escravidão foi abolida no Brasil. Isso tem nome: desinteresse. Preconceito. Desejo de desintegrar uma cultura inteira com fins, quem sabe, de “globalização” centralizada numa nação, num continente dominante. Não é de pensar?

Isso é de agora? Não. Insignes brasileiros ordenaram a queima dos registros de nascimento e de propriedade dos negros escravos deixando-nos pouquíssimos arquivos para futuras pesquisas. A farsa, encontrada nos livros de História e estudiosos omissos em certas pesquisas deixam-nos pérolas como o descobrimento da América ter sido feita por Cristóvão Colombo, quando sabe-se que o viking Leif Ericsson, filho do temível Eric, o Vermelho, chegou ao nordeste do Canadá

em 1001, e em 1009 houve a fundação de uma colônia na mesma região. Se isso ainda é pouco, o ato “humanitário”, desapegado, quiçá generoso da “Redentora” em libertar os escravos quando, sabemos, da pressão dos Estados Unidos e Europa para que a economia brasileira perdesse a competitividade econômica em oferecer produtos a preços baixíssimos devido a gratuidade da mão-de-obra. Pararemos aqui, já que nosso objetivo maior é lembrar, ao leitor, que a História apregoada nos bancos escolares nem sempre é a mais fidedigna.

O pior é quando abre-se um trabalho da competência de “Orixás”, de Pierre Verger aonde o autor condena, veementemente, a compilação entre autores; muitos deles com vários erros apontados pelo mestre que viveu vários anos na África observando “*in loco*” a autenticidade das informações. Lembramos também que Verger teve acesso a melhor bibliografia existente no continente europeu. Seria redundância, quem sabe dizer ao leitor que toda essa bibliografia é raríssima de ser encontrada em nosso país, conseguida através da gentileza de amigos que trocam, entre si, cópias desse precioso material.

Para qualquer pesquisador de assuntos africanistas, torna-se infinitamente mais difícil encontrar-se quaisquer dados pela exaustiva pesquisa aonde tentamos, com esforço multiplicado, evitar erros.

Tramar um texto que prova as óbvias inter-relações Nigéria/Egito tornou-se, absurdamente, quase impossível. Mais estranho é quando encontramos bibliografia séria sobre Egíptologia com facilidade, considerando-se que a civilização nilótica surgiu há quase cinco mil anos e desapareceu, poderemos assim dizer, no início da era cristã com a morte de Cleópatra. Todavia, quando procuramos bibliografia sobre Nigéria, Congo, Angola e Sudão, países de história mais recente em sua sobrevivência cultural no que se refere aos seus Orixás, Voduns e Inquices encontraremos quase nada.

Como cegos, tateando nessa escuridão, iremos nos valer da condição de iniciados no culto aos Orixás com a leitura das poucas obras existentes e pela paixão amadora pela Egíptologia há exatos trinta anos para mostrar um paralelo não-científico, mas nem por isso menos merecedor de crédito, que a magia africana, num todo, é filha da mesma origem e considerada poderosa pelo resto da Humanidade desde seus primórdios.

Abrindo-se um mapa do Egito Antigo e suas possessões, veremos que os limites desse império chegaram, durante o reinado de Sesóstris III (1800 AC), ao reino de Napata, cuja capital era Méroe (*considerada por alguns autores o berço ou o local de fuga de Oduduwa*). Ora, até o fim de sua civilização - o Egito durou mais uns 1800 anos - muita coisa aconteceu ainda após o reinado desse faraó.

Muitos pensam que a fronteira de um país é impermeável. Tolice. Os egípcios chamavam a região sudanesa de Alto Egito e, ainda mais ao sul, de **Kush** aonde detinham intenso comércio e enorme influência. O grupo étnico e lingüístico sudanês abrange a região que vai da Etiópia ao Chade, do sul do Egito ao norte da Tanzânia. Essa região forneceu muitos escravos ao Brasil classificados como iorubá/nagô, jeje, fanti-axanti (mina) e sudaneses islamizados como os hauçás, peul (fula), mandinga (mali) e tapa (nupê) (1) com seus Voduns e Orixás. Fronteira do Sudão, ao sul, já encontramos os negros do Congo (hoje Zaire) e bantos com seus Inquices. Egito e Nigéria, portanto, se não guardam algum tipo de parentesco cultural (inclusive religioso) pareceria pouco provável frente a tais evidências que saltam aos olhos do leigo.

Mais ao Norte, mesmo sob o ardor dos desertos nessa região, os egípcios invadiram a Líbia e foram muito mais além durante a conquista greco-romana até onde sabemos, ao distante Oásis de Siwa, rota de caravanas, disseminando seus costumes sobre os povos que ali habitavam.

Próximo à Nigéria, na região compreendida entre Chade e Camarões encontramos a origem de uma das mais ambicionadas delícias das cortes faraônicas: os preciosos pigmeus, caçados pelos egípcios em suas expedições no seio da mãe África.

Comprovando nossa asserção, citaremos célebre relato gravado nas paredes da tumba do príncipe Harkhuf, senhor de Elefantina, fiel serviçal dos reis Pepi I e Pepi II. Esse homem corajoso fez cinco grandes expedições ao interior da

África trazendo, em uma delas, trezentos burros carregados de incenso, ébano, peles, marfim e outros produtos do remoto e obscuro **“País de Yam que se encontrava em guerra com Themeh”** ao faraó. Na quinta expedição enviou uma carta ao rei-menino Pepi II dizendo-lhe que trazia consigo um “dançarino anão” entre outras riquezas fabulosas. O menino não quis saber das riquezas outras, mas sim do anão, enviando-lhe ansiosa resposta:

*“Em tua carta afirmaste que trouxeste da **terra dos bem-aventurados** presentes lindos, bem como um anão de danças do deus, parecido com o anão que o tesoureiro Baurdel trouxe de Punt no tempo de Isesi (...). Tu passas os dias e as noites com as caravanas para cumprir o que o teu senhor deseja, louva e ordena (...). Vem logo. A Minha Majestade e traze contigo o anão (...) quando descer*

(1) Dicionário de Cultos Afro-brasileiros, de Olga Gudolle Cacciatore.

contigo do navio coloca ao seu lado pessoas valentes, presta atenção para que não caia na água; enquanto dorme, coloca alguém que o vigie, inspecione dez vezes por noite. A Minha Majestade deseja ver o anão mais do que todos os presentes do Sinai e do Punt. Se chegares à corte com o anão são e salvo a Minha Majestade te concederá honrarias maiores do que aquelas que Isesi deu a Baurdel”.

Ora, sabemos que os egípcios localizavam a **terra dos bem-aventurados** (os mortos) no **Ocidente**, região aonde o Sol se põe, tudo em direção às terras nigerianas ou circunvizinhas, mais especificamente os Camarões, terra natal desses pigmeus. Muitos autores, devido esses relatos, como T. Rundle Clark quer localizar o Punt ao sul, e não na Etiópia ou Somália, como querem outros.

Outra pista interessante, a discutir: quantos deuses ascendem aos céus por cordas ou laços mágicos? Poucos, garantimos. *Coincidentemente* há um deus egípcio de nome Onúris com atribuições quase idênticas a Èlà/Orunmilá, pois ambos também tem missões dadas pelo deus supremo para salvação da Humanidade e ascendem aos céus por cordas mágicas.

Outro deus *coincidente* é Min, senhor das cidades de Coptos e Ipu possuindo, entre seus inumeráveis títulos, a invocação como **“pai dos negros”**, tendo sua pele pintada em suas imagens dessa cor. A semelhança de nosso Exu (Orixá) era itifálico e fecundador masculino por excelência concedendo às mulheres que se deixassem flagelar por seus sacerdotes em seus festivais a graça de tornarem-se férteis. Em seu grande festival, que começava no início da estação das colheitas, vários negros participavam de seu cortejo em memória às origens do deus. Mas o que é imprescindível, é mencionar que seu santuário tinha *“a forma cônica de uma colméia”*, semelhante àquela encontrada em terras iorubá (2).

Outra *curiosidade* refere-se aos **meridionais** que traziam, entre outros presentes e tributos ao faraó, réplicas de aldeias africanas em ouro, colocadas em cestas, sobre um velador, com **“cabana em forma de pirâmide bem alta”** e **“é sombreada por palmeiras de tâmara e palmeira DUM”** (3). A mesma arquitetura encontramos em foto na obra de Verger, no livro já citado, quando trata do capítulo destinado ao Orixá Ogum. Seria tendencioso de nossa parte se deixássemos de mencionar que a mesma arquitetura também encontramos na longínqua ilha de Nova Guiné, próxima à Austrália, em território Sepik. Porém como negar a proximidade geográfica das regiões egípcias e iorubá/banto e tantas estranhas coincidências?

Relato da magia extraordinária conhecida pelos egípcios é aquela encontrada na tradução do famoso Papiro Westcar, endossada por Lucio Apuleio (escritor latino, 125-170 D.C.) quando afirma ser tais práticas comuns:

Um príncipe de nome Herutataf, filho do faraó Quéops, conta ao rei haver ainda um grande mago, com o conhecimento dos antigos, de nome Teta que viveria num lugar chamado Tet-Seneferu, tendo cento e dez anos de idade; em um mesmo dia comeria quinhentos pães, um quarto dianteiro de boi, beberia cem medidas de cerveja. Afirmavam ser o mago capaz de prender uma cabeça recém-cortada de novo ao seu corpo (4); saberia fazer um leão segui-lo, enquanto seu laço seria arrastado ao chão. Saberia o número do *aptet* do santuário do deus Thot.

Já à frente do faraó, o mago cortou a cabeça de um ganso colocando-a no lado oriental do pátio e no ocidente o corpo do animal. Os pedaços, sob a menção de palavras mágicas, reuniram-se sozinhos e o ganso chegou até mesmo a grasnar. Para provar sua magia, o mesmo fez com outra ave e com a cabeça de um boi (5). Esse relato remete-nos a tão conhecida capacidade dos feiticeiros haitianos de Vodou (cuja origem desse culto é jeje, vindo de Daomé) da criação de zumbis, fazendo o

- (2) Ver “Orixás” de Pierre Verger, à página 81.
- (3) Ver o trabalho mencionado na bibliografia de Pierre Montet que aborda, várias vezes a presença de negros e “meridionais” nas cortes faraônicas.
- (4) Ver “Ewé – O Uso das Plantas na Sociedade Iorubá”, de Pierre Verger, Companhia das Letras, 1995, encantamento n.º 357, página 385.
- (5) Ver “Magia Egípcia” de E. A. Wallis Budge, páginas 25 a 27.

ato discutível de “ressuscitar mortos” como o leigo tanto teme nos muitos filmes e livros de horror. Atualmente, após estudar-se a composição química dos pós destinados a ser espargidos sobre as vítimas em potencial a tornarem-se futuros zumbis, viu-se que produziriam seqüelas irreversíveis no sistema nervoso cujos sintomas são de absoluta docilidade a qualquer comando, cabeça pendente, total apatia. Esses “escravos” servem aos feiticeiros geralmente escolhidos por algum desrespeito ao culto, desobediência às leis ou, nos dias atuais (sem motivos maiores como era antigamente, cuja escolha da vítima era feita por um conselho), por uma simples encomenda de um desafeto à pessoa ou sua família. Relembramos que esse costume jeje passou ou veio da nação iorubá através do uso de pós criados para os mais diferentes fins (feitos basicamente de pomba ralada) e o uso de “pontos riscados” no chão para invocação de deuses e entidades (no Haiti é chamado de *vèvè*) cujo uso hoje, na Umbanda, muitos poucos conhecem sua procedência ritual e mágica.

Acredito haver equívoco de alguns autores ao dizer que, na Umbanda, houve perda de fundamento ao riscar-se pontos no chão com pomba acreditando que sua procedência seria uma deturpação do sistema de Odus. No Haiti, cuja procedência ritualística provém do Daomé, encontramos o mesmo sistema de invocação de deidades através dos pontos riscados que guardam enorme semelhança com o ritual umbandista. Creio ser necessária uma discussão maior a respeito do assunto e diminuir-se a tendência feita pelos “puristas” do culto em culpar a Umbanda como a grande responsável pela deterioração dos cultos de origem africana.

Por outro lado, a magia executada pelo feiticeiro egípcio faz-nos meditar se foi ou não um simples fenômeno anímico conhecido por telecinesia (capacidade de mover-se objetos com a força do pensamento) mesclada a outros fenômenos ditos de efeito físico pois, infelizmente, não sabemos o que aconteceu posteriormente. Do tipo se o “animal ressuscitado” desmantelou-se após o ato mágico. Cogitações fazemos sem, entretanto, tirar qualquer conclusão pela falta de dados. Porém, sem a menor dúvida, foi extraordinário já que outros relatos de contemporâneos citam iguais mágicas de grande poder causando total assombro.

Infelizmente, notamos grande preocupação dos feiticeiros egípcios e seu sacerdócio em fazer-se **magia negativa** (5) à semelhança daquelas encontradas entre os iorubá (“magia retaliatória”, assim chamada por outros autores), ou aquelas entre os povos do Benin/Daomé ou banto (angola-congo). Aliás, os egípcios em muito assemelhavam-se a esses povos citados, cujo relato acima atesta nossas afirmativas, bem como o uso de um pó negro de propriedades mágicas (criado a partir da mistura de várias substâncias e metais) de nome *khemeia* (origem da palavra Alquimia e de Química). As famosíssimas *wanga* haitianas, as bonequinhas-vodu crivadas de alfinetes e outros itens com o fim de atingir eficazmente suas vítimas geralmente confeccionadas de cera, também eram conhecidas pelos egípcios que muito as utilizavam em seus rituais como nos relata E. A. Wallis Budge em várias partes de seu trabalho. Como negar, já a essa altura, o parentesco existente entre essas culturas?

A famosa magia judia e sua apregoada Cabala é reconhecidamente filha do Egito, cujo conteúdo provém do período de cativo na época dos faraós ou, para evitar-se exageros, filha também de outras civilizações da antiguidade que mantinham também intenso comércio cultural e econômico com essa nação. Ora, há vários relatos de magos judeus que afirmavam ter aprendido sua ciência nas terras egípcias sendo, dentre eles o mais famoso, o próprio Moisés que em tudo era versado na magia e conhecimentos, tendo tido a regalia de ser criado não como escravo, mas como um verdadeiro príncipe na corte faraônica. Tanto é verdadeiro que, no episódio de transformar seu cajado em serpente, o mesmo fizeram os sacerdotes egípcios cuja magia foi vencida por ele. Lamentável porém, nas atitudes de Moisés, que para centralizar em si e no seu Conselho o poder absolutista de decisão e ter o domínio religioso de seu povo, criou leis de mão-de-ferro proibindo qualquer tipo de magia, principalmente os atos ditos mediúnicos que passaram a ser controlados pelo seu Conselho.

(5) Procuramos evitar o termo “magia negra”, trocado por “magia negativa” nesse trabalho, para evitar-se qualquer conotação preconceituosa (Nota da autora).

Essa atitude, preconizada em suas leis draconianas eternizadas na Bíblia produzem, até hoje, hordas de criaturas fanatizadas em um fundamentalismo xiita que esquece ser esse livro sagrado não escrito pelo próprio Deus, mas registrado por criaturas terrenas sujeitas a seus naturais erros e duvidosas interpretações. Porém nem todo o rigor mosaico, o patriarcalismo feroz bíblico, deixou de produzir grandes magos judeus e mulheres notáveis que, em sua Diáspora pelo mundo, espalharam seus conhecimentos a todas as nações tornando-se temidos na Idade Média em toda a Europa pelo seu enorme saber esotérico. Um dos mais notáveis homens de origem judia é o próprio Nostradamus, cujo mediunismo produziu as Centúrias estudadas até nossos dias como um dos trabalhos mais brilhantes entre os ditos mundos espiritual e físico com suas previsões.

Durante sua permanência em terras egípcias tanto judeus como os próprios ciganos (muitos deles afirmam sua ascendência nessas paragens) absorveram muitos conhecimentos dando origem às bases da magia popular européia que, por infortúnio, ligou-se em demasia à magia *negativa* sedimentada em um esoterismo confuso pseudo-cabalístico, à criação de um bruxismo perverso, sacrifício de animais sem muito critério e até mesmo sacrifício humano (crianças) bem como toda a sorte de feitiçarias perniciosas que serviram de pretexto para a igualmente confusa e perversa Inquisição que levou milhares à tortura e execuções em série disseminando-se em todo o solo europeu.

Lamentável, porém, são os escassos relatos de ambas as partes para um comparativo maior entre a cultura africana e aquela pertencente ao Antigo Egito. Tal escassez, porém, permite-nos ainda apontar algumas semelhanças para a reflexão do leitor:

1. Os obeliscos egípcios, caracterizados como agulhas de pedra apontando para os céus parecem-se demais com aqueles existentes em território iorubá no suposto túmulo de Odudua ou o monumento chamado Opa Oranian (6).
2. Os deuses egípcios também tinham a mesma relação com a Natureza e suas forças – seu culto também era anímico - à semelhança dos Orixás, Voduns e Inquices.
O faraó egípcio ou os reis africanos também são descendentes diretos dos deuses, senhores da Natureza e suas forças, homens e heróis supremos, sacerdotes máximos em todos os cultos. Os obás iorubá, ao morrer, retornariam ao além e tornar-se-iam Orixás (7); o faraó

também, ao morrer, tornar-se-ia um deus: Osíris, senhor dos mortos e vegetação.

3. À semelhança da cultura e mitologia iorubá, os egípcios também tinham divindades *geradoras/gestantes* em número variável de cidade para cidade, conhecidos como *Neteru*.
4. Os egípcios também acreditavam que o início do mundo físico começara com um montículo sagrado, berço do deus primogênito e criador por excelência: Exu Yangí entre os iorubá, Atum entre os egípcios. Os montículos também eram

(5) Ver “Orixás” de Pierre Verger, foto à página 132.

(6) (7)Ver Revista SUPERINTERESSANTE, Editora Abril, edição de janeiro de 1991, página 63.

cultuados em ambas as nações como fonte de *axé*, poder, vida e reprodução. As imagens dos deuses, símbolos e animais consagrados mereciam cuidados e veneração, como em todos os cultos anímicos, em terras iorubá e egípcia. Considerando-se, porém, que em ambas recebiam sacrifícios, oferendas, uso de defumadores e incensos, presença do rei nos grandes festivais como representante (e descendente) dos deuses e, quem sabe, muitas outras semelhanças cujos dados não possuímos.

5. **Os egípcios reconheciam seus antepassados como vindos do Ocidente, pela beira do deserto.** Tanto é verdadeiro que as almas dos recém-falecidos iriam reunir-se aos antigos, nessa região, após a morte (em uma das versões – a outra a alma transformar-se-ia em estrela). Nessa região viveria os deuses mais antigos, aqueles detentores da vida no além e os primeiros faraós, inclusive o próprio Osíris (o primeiro rei mitológico) que tinha, entre outros atributos, a pele colorida de verde ou **preto** (alguns autores atribuem essas cores à terra negra, fértil, ou mesmo à vegetação nascente). Mesmo assim merece uma maior investigação.
6. Os egípcios celebravam o festival do deus Hórus com uma luta ritual entre representantes das cidades de Pe e Dep, muito parecida àquela feita em Ejigbo destinada a Oxaguiã.
7. O faraó usava alguns símbolos de realeza nas mãos que guardam, à primeira vista, enorme semelhança àqueles usados pelos reis africanos: a coroa branca do Alto Egito (Sul) lembra a usada pelo *ekegbian*, *timi de Ede* bem como àquelas usadas pelo povo que venera Ogum (8). O leão também era outro símbolo de realeza. O machado igualmente (de lâmina dupla entre os iorubás; simples entre os egípcios) era atributo dos faraós. O mais curioso é o “chicote” do rei egípcio similar ao “abana-moscas” dos reis dessas regiões africanas.

8. Existência de deuses de sexualidade indefinida ou tendo ambos os sexos como o já citado Atum e vários Orixás iorubás.
9. Seth e Min, no Egito, guardam estranha analogia de atributos ao Orixá Exu.
10. Os egípcios detinham a fama de hábeis adivinhos como, a citar, o caso de Nectanebo que previu a gloriosa vida de Alexandre Magno já antes de nascer, atrasando-lhe o nascimento com fins de que sua vinda ao mundo acontecesse em dia favorável. Quem sabe (é apenas uma suposição), poderia haver uma relação entre o sofisticado jogo de Ifá e o conhecimento dos magos egípcios.

(8) Ver “Orixás” de Pierre Verger à pág. 103.

11. O uso de palavras mágicas e orações de grande poder eram de uso corrente em ambas (*ofô* iorubá) como ponto-chave.
12. Uso de talismãs imantados.
13. Invocação e domínio das forças da Natureza através dos deuses e correta ritualística.
14. Adoração de pedras como concentradores energéticos desse ou aquele deus (otás, ocutás no culto africano; pedra Benben no Egito, no templo de Heliópolis).
15. Pós preparados, uso de defumação e incenso.
16. Possessão pelo deus (na feitura de Orixás ou aquelas ocorridas durante os rituais secretos dos *Mistérios de Ísis e Osíris* como apresenta-se nos afrescos dos murais de Pompéia e Herculano ou nos relatos de Plutarco).
17. Crença em avatares divinos e reencarnação (Orunmilá-Èlâ entre os iorubás ou Ptah e diversos deuses no Egito); *atunwà* entre os primeiros ou reencarnação/metempsicose entre os segundos.
18. Antepassados convertidos em deuses (Imhotep no Egito, alguns Orixás no outro).
19. Acreditavam os egípcios que um deus-carneiro de nome Cnum modelava o duplo, corpo e/ou características do indivíduo que ia nascer em uma roda de oleiro. Representavam-no sentado, a trabalhar, diante da alma do indivíduo representada por uma criança e seu duplo etérico, cópia fiel do primeiro. O mesmo acreditavam os iorubás cujo

oleiro chamar-se-ia Àjâlâ (ou Ajalamo) (“aquele que molda as novas crianças”) que confeccionaria as “novas cabeças” cujo mito tenta explicar a lei do livre-arbítrio do indivíduo, pois ele escolheria sua cabeça (felicidade/infortúnio) já antes de nascer [9].

Com esse capítulo tivemos a pretensão de abrir uma pequena porta ao interesse daqueles que, quem sabe em um futuro próximo, tenham suas pesquisas voltadas a um estudo comparativo entre essas duas culturas e seu parentesco óbvio pelos dados apresentados e proximidade geográfica. Mas nosso maior objetivo foi o de mostrar que a tão decantada magia egípcia, temida na antigüidade e

(9) Ver em “Galinha d’Angola – Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira” de Arno Vogel e outros, páginas 44 a 52, 2ª. Edição, Ed. Pallas.

alvo das mais rebuscadas teorias do moderno esoterismo, assemelha-se em demasia à oprimida magia africana preservada em seus fundamentos através de seus descendentes disseminados nos quatro cantos da Terra.

Magia africana sempre foi e sempre será sinônimo de respeitabilidade e eficácia, a qualquer tempo e em qualquer ponto do planeta.

MAGIA CHINESA E JAPONESA

“Esquecer os ancestrais é como ser um riacho sem nascente, uma árvore sem raiz.”

Provérbio chinês

Não são poucas as pessoas acreditando ser a China, o Japão, o Tibete centros absolutos do controle da mente criando monges voadores, samurais e todo aquele aparato presente nos filmes de Bruce Lee e nos jogos de videogame. Tirando-se os entusiastas sem diálogo e os crédulos da mitologia pueril do cinema fabricada com fins de encantar platéias, vamos pôr nossos pés no chão, observando as verdades e os exageros tirando nossas próprias conclusões dentro de uma racionalidade plausível nos parâmetros de espiritualistas que somos.

Antes de qualquer citação, torna-se mister conhecer o pensamento japonês e chinês, dando-se primazia ao segundo, filho da milenar Índia que, por sua vez, originou todos os demais na Ásia.

Diferentemente do Cristianismo histórico, o chinês não separou a medicina, ciências e religião em universos distintos sem quaisquer pontos em comum. Toda a sua magia (bem como sua fitoterapia) nasce do equilíbrio de duas forças antagônicas, bipolares, que regem a Natureza, mas são complementares entre si. São elas:

YIN – Força feminina, regente dos processos introspectivos, frios, da quietude, escuridão, a noite, a Lua, as doenças externas (pele, costas, etc.).

YANG – Força masculina, regente dos processos extrovertidos, a energia, a coragem, a luminosidade e o dia, o impulso, o calor, o Sol, as doenças internas.

Essas duas polaridades (tão conhecidas dos africanos como as forças regidas pelos *OMODE OKÛNRIN* – masculinos e *OMODE OBÌRIN* – femininos, agrupados sob o nome geral de *ÂWON IMOLÊ*), juntas produzem o equilíbrio energético necessário para a manutenção da ordem no Universo e, conseqüentemente, em toda a Criação; não esquecendo-se do existir dessas mesmas polaridades em nosso organismo promovendo, quando equilibradas, nossa saúde física e mental. A busca desse equilíbrio energético e seu estudo na Umbanda encontraremos em nosso segundo trabalho aonde procuramos abordar, com a maior clareza possível, sua existência e, por conseguinte, seus resultados [1].

Para o chinês, a união dessas duas polaridades criam entre si o **QI** (diz-se chi) que é a força circulante em nossos corpos e em todo o Cosmos, citadas

em outras culturas como *prana*, *axé*, *bioenergia*, *fluido cósmico universal*, *magnetismo animal*, *Nun*, base para toda a fenomenologia conhecida como parapsíquica, espírita ou mediúnicamente intituladas na antiguidade sob o vago termo de “mágico”, apenas.

Atuar magicamente é, portanto, reequilibrar ou desequilibrar essas forças usando-as a favor do feiticeiro ou, como vê o chinês, para promover a cura do paciente em sua medicina.

Não foi sem resistência que a medicina chinesa apresentou-se ao descrente mundo ocidental ganhando espaço em sua divulgação. Hoje é uma modalidade médica chamada por nós de Acupuntura (considerando-se que a medicina convencional já adote conhecimentos antes apenas ditos vagamente de “esotéricos” como as rotas de energia em nosso corpo, chacras e demais conceitos) e sua aparentemente muito estranha farmacologia estudada com afinco pelos mais modernos laboratórios que tentam decifrar-lhe através da análise de suas formulações, os milênios de eficaz experimentação. Quanto ao profissional, tornar-se

[1] Ver “UMBANDA – Crença, Saber e Prática”, da autora por essa editora.

médico na China desencorajaria muitos estudantes de Medicina no Ocidente pelas demasiadas exigências. Sua primeira preocupação seria se o paciente encontra-se com essas duas polaridades bem equilibradas. Examina-lhe atentamente os olhos, o pulso, os cabelos, unhas, até o odor exalado por sua pele. Observa aonde se manifesta a doença (se interna ou externamente). Por fim, prescreve-lhe remédios não convencionais como pó de pele de lagarto (para asma e impotência), pó de chifre de veado (fígado) e até fezes de esquilo (cólicas menstruais) escolhidos, colhidos e preparados sob os mais rigorosos cuidados. Esse aparente exotismo esconde um requinte próprio da medicina chinesa que, há 2100 anos já examinava o pulso dos doentes enquanto nós, na Idade Média, usávamos métodos ineficazes para não dizer absurdos como sanguessugas para todos os males, como infeliz exemplo.

Métodos de cura dos mais notáveis encontramos na já citada Acupuntura, o Shiatsu e a Moxabustão, todas elas obedecendo aos princípios das polaridades. Para entendê-las, os especialistas chineses observaram haver pontos na pele de uma pessoa capazes de, quando estimulados, obterem resposta em órgãos internos, externos, doenças várias e até aquelas consideradas de ordem psíquica. Compreenderam obter resposta nesses pontos correspondentes a certos nervos que levariam até o ponto desejado suas descargas elétricas promovendo a cura – chamando-os mesmos de “rotas de energia” – passando aí a mapeá-los. Começando por simples e primitivas agulhas, hoje a Acupuntura utiliza-se do laser, ventosas ou os tradicionais charutos de artemísia aplicados sobre uma rodela de gengibre, moxas (algodões acesos sobre a pele) sem, é óbvio, provocar ferimentos no paciente. Explica-se o uso da artemísia como veículo, porque essa planta teria uma energia muito semelhante à humana e, portanto, compatível nesse tratamento.

Mas quando a Acupuntura teria começado como modalidade médica? Arqueólogos encontraram lascas de rocha usadas na Idade da Pedra utilizadas com esse fim. Há relatos que, no século 4, o médico Bian Que tirou um príncipe do coma com essa metodologia. O uso de agulhas de metal só foi empregado a partir do século 8 e agulhas de ouro, no século 3. Essa técnica só chegou ao Brasil durante a II Guerra Mundial e hoje já está disponível na rede pública de saúde.

O perfeccionismo chinês também não poderia perdoar um médico desleixado ou de poucos conhecimentos; todo médico *tinha a obrigação* de ser, pelo menos, um bom profissional. Naquela época tinha como função cuidar de um grupo de cidadãos: se alguém desse grupo morresse sob seu tratamento, colocavam uma lanterna vermelha na porta de seu consultório. Se houvesse muitas delas, ele haveria de ser desacreditado pelo resto da população.

No aspecto religioso, o Budismo encontrou solo fértil às suas idéias na China, implantando-se também em Sri Lanka, Myanmar (Birmânia), Tailândia, Japão, Coréia e Tibete.

Muitas de suas idéias também encontraram guarida na Umbanda como o respeito à Natureza, aos animais e à reencarnação, alicerçando-se em princípios similares presentes no Africanismo e Espiritismo. O Budismo,

centralizado no luminar espírito de Buda - que em vida fôra nobre príncipe hindu cuja sensibilidade o fez abandonar sua vida confortável e ociosa ao presenciar a miséria e a morte nas ruas de sua cidade-natal, tem como ponto mais alto a crença no mais profundo respeito a toda forma de vida, inclusive as mais desprezíveis em nosso ponto de vista, notando ser o homem apenas um dos itens da Natureza - fazendo parte e dependendo dela. Firma-se essa idéia na crença de *carma* (somatório das boas e más ações de um indivíduo em várias vidas e suas conseqüências) registrado no arquivo *akáshico* do planeta e em *samsara* (ciclo de reencarnações) que todo o ser vivo precisa ter para poder evoluir. Nada, ninguém escapa de *samsara* a não ser aqueles que alcançaram sua libertação dessa roda de vidas sucessivas alcançando nível mais alto de pureza espiritual e desligamento total do plano físico, plasmando-se em uma energia única (o Budismo é panteísta). É o estado espiritual do *nirvana*, alcançado por Buda e muitos outros *bodhisatvas* que abençoam a Humanidade. Os budistas não crêem na presença de um Deus único, com personalidade própria como nós cremos. Acreditam numa energia única que dá alma aos seres e, após sua morte, voltariam a esse vasto caldeirão unindo-se a esse “todo”; por isso (parece incrível) crêem que, em uma reencarnação posterior, a alma de um indivíduo poderá ser encontrada em várias pessoas, animais ou rochas complementando-se. Não concordamos nesse aspecto devido, através das incorporações mediúnicas, os espíritos ou guias falam-nos provando que mantêm sua individualidade após a morte e explicam-nos da impossibilidade dessa perda total de unidade. Porém, muitos dos aspectos preconizados pelo Budismo foram analisados com certeza por Kardec e outros estudiosos, fazendo parte hoje das bases de qualquer filosofia espiritualista cujas provas palpáveis encontramos na própria manifestação dos espíritos.

O Budismo não manteve-se puro nesses países. Tomou emprestado de cada localidade seus deuses, seus mitos, lugares sagrados em um verdadeiro sincretismo religioso. Essa preocupação, porém, de escapar-se de *samsara* com boas atitudes plasmou o tradicional perfil do povo japonês e chinês de natural delicadeza. Permaneceram tendo suas montanhas sagradas, seus deuses das águas, sua figueira-dos-pagodes sagrada dedicada a Buda, seus métodos de adivinhação tão semelhantes ao Jogo de Ifá iorubá, suas temíveis feitiçarias, seus festivais.

Vale-nos comentar que encontraram, remontando a 2000 anos antes de Cristo, quase cem mil pedaços de ossos carbonizados e **conchas** usados para adivinhação. Os sacerdotes escreviam suas perguntas no osso, queimavam-no e observavam suas rachaduras, anotando as respostas no mesmo. Esse era um dos métodos de adivinhar-se o futuro.

Outro era o **I-Ching**, popularizado e simplificado no Ocidente, cuja origem é incerta. Alguns datam-lhe a criação atribuída a dois imperadores de nomes Wen Wang e Chou Kung na exagerada data de 12.000 AC. O mais notável nesse jogo, e muito pouco comentado, é que sua filosofia interna gira em torno das duas polaridades Yin/Yang que mudam o tempo inteiro, deixando ao homem a tarefa de descobrir-lhes as mudanças e, como primeiro objetivo, aprender a *agir no momento certo*. São o estudo dessas mudanças e a resposta de como atuar é que mostra o I-Ching chamado, por isso, de “O Livro das Mutações”. O jogo deixa bem claro que o destino não é fatalista como querem muitos filósofos ocidentais, mas é possível mudá-lo e vivenciá-lo bem.

O panteísmo budista não encontrou respaldo na realidade vivenciada pelas populações dos países aonde implantou-se. A descrença em um Deus único e a falta de comunicação entre vivos e mortos (ancestrais falecidos) tornou o Budismo “puro” uma filosofia bastante sedutora, mas inaceitável.

O povo permaneceu inquirindo aos deuses o que fazer em seus templos. Permanece dirigindo-se ao astrólogo, ao quiromante, ao fisiomante, retornam aos seus lares, invocam e consultam seus ancestrais mortos. Diferentes escolas filosóficas dentro dessa doutrina desenvolveram-se a partir daí. O mesmo fazemos nós ao procurar os jogos esotéricos na Umbanda e a resposta de nossas dificuldades em nossos ancestrais na consulta com os Caboclos, Pretos-Velhos e, quem sabe, incluímos aqui nossos Exus.

Como pensariam algumas das escolas reencarnacionistas ocidentais, nem mesmo os deuses escapam de *samsara*. Apesar de seus imensos

poderes, ainda não são perfeitos e precisam reencarnar para evoluir como qualquer criatura. Um budista não pode crer em seres criados perfeitos desde seu nascimento, como crê o cristão vinculado às Igrejas na figura dos anjos e toda a sua hierarquia celeste, nem em pobres coitados condenados ao fogo eterno dos precipícios infernais. Uma lei divina tão imperfeita que privilegia alguns e condena pela eternidade outros não encontra guarida no pensamento de equidade que tem o oriental.

Observando as mutações permanentes do mundo material e sua falta de perpetuidade, Buda afirmou ser o mundo físico, palpável, uma *mera ilusão*, um momento fugidio que poderá ser destruído ou alterado em um segundo. Até mesmo o grande *avatar* Krishna soma-se nessa observação, alertando-nos da necessidade premente de desapegar-nos da matéria para nossa sabedoria não ficar escrava dos modismos, da tolice de crer-se eterno e belo dentro de um tempo que não pára, de acreditar-se maior ou mais sábio do que outros pois a sabedoria de uma época nem sempre será a de outra. Para os povos do Oriente, opostos em completo da nossa maneira de pensar, *o material é que ilusório; o espiritual é que é palpável, perene, imutável.*

Tentou-se, em vão, alterar o pensamento do povo chinês com as doutrinas econômicas e sociais que tentaram endeusar a figura do governante em detrimento da prática da fé que foi proibida em muitos lugares. Felizmente, nas províncias mais distantes preservou-se a magia e a figura de velhas feiticeiras sendo talvez a mais famosa, a pequena província de Yunnan, a sudoeste da China. Lá pequenas etnias (miao, bai, dong e yi) ficaram esquecidas, espremidas pelas cordilheiras tibetanas, na mais comovente pobreza. Tais etnias, como forma de resistência, produziram mulheres capazes de preservar o conhecimento ancestral passado de avó para neta cuja especialização consiste na feitura de pós mágicos conhecidos pelo singelo nome de *gu*.

Esses pós mágicos, idênticos àquele usado no Vodun haitiano, tem por propósito a criação de zumbis. Vale uma interrupção nossa quando tentamos, em todo esse trabalho, mostrar que magia, reencarnação, comunicação entre vivos e mortos e toda a base espiritualista é idêntica, absolutamente idêntica em todo o mundo e em todos os tempos. Quando fazemos Umbanda resgatamos uma sabedoria ancestral, cuidadosamente preservada pelos antigos que tudo fizeram para que ela chegasse até nós incólume, dentro de suas reais possibilidades. Atente o leitor a esses detalhes pois nossa Umbanda é um museu vivo de preciosos conceitos. Umbanda é, como poderemos comparar, magia pura universalista.

Não precisaremos dizer que essas feiticeiras eram requisitadas por governantes e etnias com fins de destruir inimigos; até mesmo prostitutas procuravam seus serviços com o intuito de escravizar clientes ricos.

O *gu*, feito para criação de zumbis, era fabricado à base de *datura* (estramônio), conhecido no Haiti como “pepino-do-diabo” e um dos elementos do famoso pó que também cria zumbis nessa tão distante ilha. Essa planta de propriedades alucinógenas era pulverizada misturando-se a outras plantas, insetos, pedras em pó e lançado aos chás oferecidos às vítimas escolhidas que sempre era um homem, conforme a tradição, punido por infidelidades à esposa, ou para conquistar amantes desejados, quem sabe noivos interessantes. Datam relatos do uso desse pó durante a dinastia Ming pelos idos do século 14.

A *datura* produz, graças à atropina, um relaxamento muscular profundo, visões pavorosas, desorientação motora, amnésia, estupor, até mesmo o coma irreversível. Já era usada na Índia pelas mulheres que queriam deitar-se com europeus, entorpecendo seus maridos e, ritualisticamente, no preparo de vítimas humanas à deusa Kali. Fala-se que as feiticeiras européias já usavam a planta, entorpecendo-se com ela ou passando-a em cabos de vassoura, sem maiores detalhes, nos rituais sabáticos. A famosa imagem da feiticeira montada numa vassoura, em histeria, remontaria a esse uso.

O que é hoje modismo entre nós, os chineses já conhecem há muito tempo na arte de Feng Shui, dedicada à feitura, decoração de casas e prédios integrando-as à Natureza, no respeito ao equilíbrio das polaridades proporcionando bem-estar aos seus moradores. Para tanto, aprofundaram-se no estudo das cores e formas geométricas de maneira notável em seu uso mais profundo, do que meramente

decorativo. Enquanto para eles já era uma arte antiga e uma ciência, apenas agora estamos engatinhando nas qualidades da Cromoterapia. Na Umbanda, dentre todas as religiões espiritualistas, o uso de certos materiais e cores fazem parte da essência de seu atuar no plano físico e astralino. Muitas religiões, até mesmo aquelas dedicadas à espiritualidade, estranham as cores de nossos uniformes, guias, escolha de tintas nas paredes de nossos templos, cor de sintonia de uma falange pronunciando discursos desairosos com fins de desmoralizar nossos cultos. Lamentável tal atitude já que, acreditamos, não falte discernimento sobre o que expusemos aqui.

Retornando à religiosidade chinesa, nenhum território equipara-se ao Tibete, certamente. É o grande pólo místico do Oriente com um Budismo muito particular chamado de *Lamaísmo* ou *Budismo Tibetano*, mistura da doutrina original com a antiga religião daquele povo. Estatisticamente, *um terço* da população masculina prepara-se para a vida monástica e relata-se que um simples festival, na década de sessenta, era capaz de reunir a soma de quinze mil monges participantes. Tanta fé foi alvo da ferocidade marxista que anexou o Tibete à China em 1951, cujo saldo de mortos na revolta de 1959 foi de um milhão de indivíduos com a maior parte dos seus mosteiros destruídos; impossível foi, no entanto, diminuir-lhe a crença na liderança de Dalai-Lama (reencarnação do deus Avalokitesvara, senhor da bondade e da misericórdia) que, nesse período, teve de abandonar seu amado país.

Para eles, o Tibete é o centro do planeta, surgido a partir o **erguimento do Monte Meru**, o “umbigo do mundo” (recordamos aqui as temáticas egípcia e iorubá nesse detalhe – explicação mítica do processo de aglutinação da matéria no montículo sagrado) e com a sacralização do Monte Kailas de 500m de altitude, cuja caminhada de 50km em torno dele permite o salto de uma reencarnação à frente.

O Budismo Tibetano não traz traços de originalidade, trazendo sua proveniência de Bengala, pátria de todo o ocultismo indiano.

A partir de agora iremos nos ater ao que os monges chamam de *tulpas*, poderosas criações de formas-pensamento, uma das bases principais para que se possa compreender qualquer processo mágico desenvolvido no mundo.

É mister que se saiba que para os monges tibetanos o pensamento não é inerte, subjetivo, como tanto cremos em nossa cultura. Dedicam eles toda uma vida à *meditação, peregrinações religiosas, culto extremo ao bem, busca de iluminação espiritual e jejum* para, com isso, transformá-lo em matéria-prima para moldar o que desejarem ou até criando chaves para projeções de seus corpos astrais a mundos superiores. Na criação de *tulpas* não é necessário repetir-se que tal ato exige preparos e resguardos extremos. O monge, para tanto, retira-se a um local tranqüilo, passando a invocar sua divindade tutelar (guia, anjo-da-guarda, Orixá, como queiramos) entoando seus mantras específicos, desenhando *diagramas simbólicos* (não pudemos deixar de lembrar nossos pontos riscados com pomba) com tinta colorida em papel, madeira, metais ou na terra. Se fizer mal o desenho (cuja forma será sagrada apenas a ele, não tendo uma forma padrão) estará sujeito à punições que poderão ser a loucura, morte, obsessão, ser preso nas regiões umbralinas tibetanas. Mas se tudo der certo, seu *Yidam* (guia) será plasmado pela sua mente na forma imaginada e irá segui-lo. Às vezes poderá ser visto por terceiros ou, na pior das hipóteses alimentada pelo subconsciente de seu criador, a forma-pensamento poderá tornar-se perigosa, impertinente e muito difícil de ser destruída.

Consideram muitos dos lugares assombrados (“pesados” espiritualmente) povoados de aparições fantasmagóricas, locais povoados de tulpas que sobreviveram à morte dos seus criadores em circunstâncias de sofrimentos extremos, da mesma forma plasmados a partir de uma obsessão cruel ficando “gravados” nos lugares de dor. Por exemplo, imaginemos uma masmorra aonde muitos passaram por torturas indescritíveis, ficando impregnada de tulpas criadas a partir da força do pensamento desesperado dessas vítimas, inundando paredes, instrumentos e tudo que ali estiver. Um médium, na qualidade de psicometria, poderia perceber essas tulpas ali gravadas captando-lhes a forma, revendo a dor dos torturados, cenas como de um filme passando pela sua tela mental. Muitas polícias internacionais, como a inglesa, já utilizam-se desses médiuns na solução de crimes há muito tempo, inspirando filmes e seriados que, para o leigo, não passaria de simples ficção.

Ainda, os monges tibetanos crêem que muitos videntes presenciam essas tulpas apavorando-se ou, na pior das hipóteses, causando depressão nos moradores dessas residências povoadas delas, obrigando-os a abandoná-las. Seria essa a origem dos castelos ditos “mal-assombrados” tão comuns na Europa ou dos objetos e gemas “malditas” aos seus azarados novos proprietários.

Abordado ligeiramente antes, seria imperdoável não comentar com maiores cuidados a crença budista de que uma alma poderia vir a reencarnar em mais de uma pessoa. Às vezes muitas delas. Alguns (não todos) teriam uma reencarnação especial chamada de *tulku*, traduzindo-se como aquela pertencente a uma linhagem preservada pelos séculos afora, durante várias vidas. Exemplo de um *tulku* é a do jovem brasileiro Michel Calmanowitz, rapaz de origem judia, cuja reencarnação (após rigorosos testes comprobatórios) seria de Gelong Wangyal-la que, por sua vez, anteriormente, foi um grande filósofo e escritor sacro. Agora Michel é um *lama*, um *maha siddha* (homem santo) vivendo nos mosteiros tibetanos recordando o que aprendera, o que ensinara a tanto tempo passado. Suas obrigações religiosas resumem-se a quatro mandamentos que são: não matar, não roubar, não mentir, ser casto. Michel, quando descoberto pelos sacerdotes tinha apenas 5 anos, agora tendo 17 anos. Eis uma grande curiosidade: como são feitos esses testes e como descobrem em qualquer lugar do mundo essas reencarnações?

O Budismo quando chegou ao Japão deparou-se com uma religião muito mais antiga voltada a um caráter agrícola, povoada com a presença de vários deuses relacionados à Natureza vigorando nesse país. Essa religião mais antiga continuou a ser preservada sob a denominação de Xintoísmo para diferenciá-la do tradicional Budismo que nascia ali, hoje contando com *três quartos da população* entre seus crentes. Nela pulula deuses e almas de ancestrais mortos que recebem grande deferência dos vivos, honrados com diversos cuidados tais como, por exemplo, a crença de que ficariam perturbados logo após a morte, sendo necessário vários rituais para desligar-se do plano físico. Tornam-se um guardião daquela família, uma deidade, lembrados nos custosos festivais xintoístas quando são invocados em pontos sagrados (*xintais*) que poderão ser uma árvore, uma rocha, montanha, espelho, espada, jóias dentre muitas outras coisas. É perturbador, para nós umbandistas, a similaridade desses princípios com tudo aquilo que sabemos e até com as idéias africanas de vida após a morte, sem dúvida alguma. Todos dizem a mesma coisa, com alguns detalhes diferentes, desde que o mundo é mundo e em todas as localidades. Tais evidências não comprovam apenas origens comuns, dadas a alguns povos: um conceito, se falso fosse, não se preservaria pelos milênios da mesma maneira dito por gente tão diferente. Mesmo que as mais determinadas correntes de pensamento ocidentais e suas igrejas queiram tolher tais verdades incontestáveis, ela ressurge com mais força em todas as nações alicerçada pela própria realidade que vivenciamos no dia-a-dia com o mediunismo consciente ou inconsciente que todos possuímos, mas que alguns crêem ser apenas “intuição”, “quem sabe, talvez”, *déja vu*, “será que foi minha imaginação”. A comunicação entre vivos e mortos, a imortalidade e sobrevivência da alma após a morte, a reencarnação para nós e todo o grande resto da Humanidade, é corriqueiro, palpável, transparente.

É natural que a realidade xintoísta de intercâmbio entre vivos e mortos acabou tendo prioridade no pensamento japonês que encontrou, num Budismo panteísta distanciado, muito filosófico, pontos de divergência. O Budismo japonês, conseqüentemente, adquiriu a fisionomia toda particular que ele possui.

No século 7, cada clã no Japão honrava uma divindade tutelar que protegeria aquele grupo de parentes. Quando a família imperial japonesa subiu ao poder implantou sua deusa como divindade nacional, Amaterasu Omikami, deusa solar, cujo panteão variado passou a governar tendo na figura do próprio imperador seu sumo-sacerdote, no culto xintoísta.

Há no Xintoísmo oferendas de saquê (bebida alcoólica feita à base de arroz), comidas aos deuses locais, purificação dos crentes através de banhos (*misogi*) ou o agito de um ramo sagrado (*sakaki*) sobre o fiel pelo sacerdote. Purificar-se, para o japonês, é entrar em contato com os deuses permitindo sua interferência sobre si.

Médiuns, xamãs sempre são consultados com práticas muito conhecidas àquelas tão sacramentadas por nossa Umbanda como o uso do sal para afastar espíritos perturbadores nas casas, ao menos uma vez ao mês; divisão de alimentos santificados em festas; ter-se templos, mas com preferência ao culto ao ar-livre; veneração aos ancestrais (para nós, nossos índios, Pretos-Velhos, Crianças, Exus), reverência à Natureza e igualdade entre todos.

Tardiamente, o imperador foi relegado à deificação pessoal e passou a governar um Xintoísmo estatal que serviu-lhe para a implantação de um estado teocrático, encerrando aqui nosso interesse na abordagem.

MAGIA INDIANA E MAGIA CIGANA

“O homem sem domínio sobre a sua mente e seus sentidos é como um navio à mercê das ondas.”

Krishna

Talvez o que explique o fascínio irresistível que a Índia desperte em toda a Humanidade (destacamos o frígido Ocidente), se deva ser ela o último grande foco da mais antiga, a mais autêntica espiritualidade. A península indiana isola-se do resto do continente asiático tanto ao Norte a cadeia de montanhas do sagrado Himalaia e o vale do rio Ganges. Alvo constante da cobiça de vários conquistadores pela fertilidade de suas terras, a Índia foi sucessivamente invadida pelos exércitos arianos, persas, gregos, turcos, afegãos, mongóis, holandeses, dinamarqueses, franceses e ingleses desejosos de suas enormes riquezas tornando-a, dessa forma, foco de constantes conflitos étnicos, político-culturais que entravaram-lhe o progresso econômico concedendo-lhe o ar de mero “mercado” ou, mais simplesmente, fornecedor de matérias-primas brutas aos países industrializados. Contudo, por todas essas razões essa nação sofredora conciliou seu desamparo com uma coerência religiosa ímpar. Eis a Índia, país essencialmente de contrastes, aonde o ocidental desavisado não consegue compreender porque esse país tem o maior rebanho bovino do mundo e passa fome, tendo unicamente como fonte protéica os poucos peixes disponíveis para alimentar sua vasta população.

Temos o péssimo hábito de crer não ser possível alguém pensar diferentemente de nós. Se pudéssemos subir uma montanha muito alta, vislumbrando todo o horizonte, veríamos que a Humanidade é toda igual, com hábitos e anseios similares uns aos outros. Perderíamos essa petulante tendência ao preconceito, de visão estreita, de crer-se donos da verdade. Seremos os privilegiados, o “povo”, a “religião” de Deus.

Precisaremos despir, a cada capítulo pela frente, nossos bairrismos na tentativa de perceber que todos nós temos a mesma crença, absolutamente igual, revestida apenas com outras linguagens e simbolismos. E a Umbanda como religião universalista que é, precisa ter em seus adeptos a consciência disso para possuir inclusive, segurança na execução de seus rituais na certeza que estará resgatando, a cada pequeno detalhe, conceitos doutrinários de valores permanentes enquanto seres humanos que somos.

A partir de agora, vamos tentar fazer um passeio mental pelas estreitas ruas indianas, ouvir-lhe a aparente confusão de sons, seu congestionamento, seus cheiros das fortes especiarias, suas mulheres de longos narizes e tez cor-de-terra tão semelhantes às ciganas que percorrem nossas avenidas com idênticas roupagens de saias longas com cores vibrantes. A Índia é um museu vivo, mantido por milênios a

fiu com seu langor, resultado de um clima úmido e quente; seu gado deitado, plácido a ruminar pelas calçadas. Sua formação pacífica e agrícola.

Povoada desde o Paleolítico com tribos aborígenes, em 2500 AC foi invadida por nômades pelo Norte que buscavam seus vales férteis, cansados de viver sobre solos áridos, rochosos, de poucos recursos. Construíram cidades rudimentares com tijolos, grandes celeiros, artesanato de cerâmica, ferramentas de pedra ou de madeira. Duas cidades destacaram-se logo em seguida, desenvolvendo-se enormemente à semelhança das sumerianas: eram Harapa e Mohenjo-Daro.

A modernidade dessas cidades assombra nosso tempo, quando muitas de nossas modernas metrópoles não têm ainda todos esses recursos disponíveis: tinham água encanada, banheiros, sistema municipal de esgoto, coleta regular de lixo, casas feitas de tijolos, celeiros sofisticados que permitiam condicionar grãos por longos períodos, ourives habilidosos, comércio e uma administração invejável. Tinham, pelos comparativos, contato com os povos da Suméria absorvendo-lhes os mitos de santos-heróis, animais míticos, culto à deusa-mãe, figueiras sagradas, deuses fálicos. Semelhante aos egípcios, enterravam seus mortos cercados de bens crendo em sua sobrevivência e necessidades ainda materiais após a morte.

Em 1100 AC, a Índia foi invadida por um grupo de guerreiros de pele branca, contrastando com seus moradores de pele escura, instalando-se ao Norte do país. Era um povo altivo, proveniente da região de Pamir segundo alguns estudiosos, intitulado-se a si mesmo de *Árias*, “Os Nobres”, donos de uma complexa filosofia religiosa. Sabido é que os *Árias* influenciaram a religião de diversos povos, talvez pelo seu inquieto nomadismo, incluindo-se as civilizações semíticas da Mesopotâmia e Pérsia (Irã), do Egito, da Fenícia e, posteriormente, a gregos, romanos, celtas, germanos e eslavos, todos com pontos em comum tipicamente arianos. Destacaram-se como principais responsáveis pela formação religiosa, cultural, filosófica e na temática dos mitos e contos populares na Índia, Ásia, Europa e norte da África (quem sabe, supomos, chegando até a Nigéria e países circunvizinhos), visível no maniqueísmo judaico/cristão, a presença de uma Virgem-Mãe (item freqüente nos mitos arianos), a existência de semideuses nascidos sob circunstâncias miraculosas, orgulho racial de seus descendentes impostos pela sua passagem nessas nações. Nada é absolutamente certo, porém podemos citar itens constantes nas mitologias influenciadas pelos *Árias* já que não é novidade alguma trazida por nós, os mitos que cercam a própria figura de Jesus que teria sofrido uma releitura pelos “evangelistas” para torná-lo mais atraente aos olhos do povo ainda preso às fantasias, melhorando a sua imagem de simples filho de carpinteiro.

Procurando tornar mais transparente ao leitor nossas explicações, enunciaremos algumas características notáveis:

1. casamento dos deuses do Céu e da Terra gerando deuses, gigantes, seres primordiais. O casal divino sofre uma separação brutal, ríspida, definindo a partir daí as regiões celestes e terrestres antes misturadas;
2. aleitamento e criação dos deuses e semideuses por animais sagrados, ninfas e lugares secretos pois seriam perseguidos na infância por inimigos;
3. no início dos tempos, guerras entre deuses e demônios/gigantes ordenando forças caóticas a partir da vitória dos primeiros;
4. forças do bem em luta contra forças do mal, ambas de igual poder. Maniqueísmo e temor religioso em torno das forças do mal que precisam ser apaziguadas;
5. furto do fogo ou da beberagem dos deuses que confere a imortalidade;

6. união sexual de deuses e humanos gerando filhos divinizados ou heróis civilizadores. Disfarce do deus sob várias formas para a sedução (que nunca é explícita) e nascimento da criança cercada de fatos mágicos;
7. heróis (filhos de deuses) lutando contra monstros;
8. deuses que se sacrificam pela Humanidade, para a redenção da última. Ressurreição desses deuses após o sacrifício retomando seus cargos celestes ou assumindo novos de maior importância;
9. deuses-pastores relacionados ao culto da fertilidade;
10. deus do céu que costuma também ser deus do trovão;
11. céu sustentado por pilastras, animais mágicos ou seres;
12. trindades sagradas formadas por pai, mãe e filho;
13. virgens que dão à luz aos filhos dos deuses.

Anteriores ao surgimento de todos esses povos citados acima, segundo Emmanuel na psicografia de Francisco Cândido Xavier em “Evolução em Dois Mundos”, esses ferozes guerreiros sedimentaram a língua sânscrita compilando textos sagrados em livros intitulados *Vedas* (cujo conteúdo remete-nos à doutrina cristã ou grega no pensamento de Sócrates e Platão de forma surpreendente), *Brâmanas* (reunião de ritos, sacrifícios, conceitos) e, por fim, os *Upanichades/Vedanta* (filosofia do Hinduísmo e o ciclo das reencarnações-*samsara*).

Leva-se em conta a antigüidade dos Vedas que foram completados como são hoje em 900 A.C., reunindo belíssimos hinos e orações, subdivididos em *Rig Veda*, *Sama-Veda*, *Jajur-Veda* e *Atharva-Veda*.

Mas de todas essas obras sagradas aos hindus, o mais conhecido são os textos do *Purana* que aborda os mitos e lendas dos deuses contendo em si o **Ramaiana** e o **Mahabaratha**. O primeiro trata das aventuras de Rama (ou Ramachandra), sétima reencarnação (avatar) do deus da abóbada celeste Vishnu, o grande conservador da ordem cósmica. Texto recheado de aventuras, Rama luta contra Ravana seu arquiinimigo, chefe abominável dos demônios, resgatando de suas garras a doce Sita (avatar da deusa Lacshmi) sua belíssima esposa, ajudado por um exército de macacos liderados pelo esperto Hanumat. À semelhança das histórias de Simbad, Hércules e tantos heróis que denunciam sua origem ariana, Rama é um super-herói enfrentando criaturas diabólicas com o fim de obter a esposa de volta, sendo feliz para sempre no final. Talvez em decorrência do romantismo e aventura cercado seu mito, receba tanta veneração e popularidade entre os hindus, até mesmo conferindo aos macacos o privilégio de templos recheados de guloseimas para saciarem a fome, com a liberdade mesma de circularem à vontade pelas ruas e moradias sem serem molestados. O moderno cinema, alimentando ainda mais os antigos mitos arianos presentes nos contos populares, cria sagas futuristas como “Guerra nas Estrelas” e tantas outras, aonde identificamos os mesmos personagens dos mitos milenares na velha luta do bem contra o mal fazendo delirar as platéias que sempre amaram a figura do “mocinho” versus “bandido”.

No livro *Mahabaratha*, subtítulo dos *Puranas* e traduzido como “A Grande Luta de Baratha”, encontraremos *duzentos mil versos* considerados elementos do maior poema épico da Humanidade. Seu tema são as alianças das tribos arianas do Norte e a rivalidade dos reis Arjuna e Carna, repetindo-se o tema do jogo como meio de divisão do Universo entre seus personagens (tema tipicamente ariano, encontrável em outros mitos como na religião grega). Mas o destaque fica no **Bagavad-Gita**, capítulo do Mahabaratha, aonde aparece **Krishna** (avatar de Vishnu) que mostra-se quem é durante uma batalha ao rei Árjuna, seu amigo. Como a maioria

absoluta dos heróis arianos, Krishna teve um nascimento miraculoso e uma posterior “adoção” vivendo entre simples mortais para escapar da sua morte sentenciada pelo tirânico rei Cansa (nesse momento não podemos deixar de lembrar a perseguição de Herodes contra Jesus) vivendo modestamente entre pastores até aparecer em público (eis Jesus novamente, sendo criado como carpinteiro). Quando auriga do rei Árjuna, viu seu soberano acovardar-se em pleno combate principiando a falar-lhe mostrando-se como um divino *avatar*, comungando com o Deus Supremo como força única a fluir em toda a Criação. Eis algumas de suas frases para termos pálida idéia da beleza de seus trechos:

“Impossível a aquisição da sabedoria pela mente descontrolada; impossível a meditação para o homem inquieto. E se o homem não encontrar a paz dentro de si como pode ser feliz?”

“Mas quem realiza o que deve ser realizado, sem se preocupar com a vantagem ou desvantagem que daí lhe advenha, esse age no espírito da sabedoria espiritual.”

“Assim como o homem se despoja de uma roupa gasta e veste uma roupa nova, assim também a alma incorporada se despoja de corpos gastos e veste corpos novos.”

“Mas quem permanece sereno e imperturbável no meio do prazer e sofrimento, somente esse é que atinge a imortalidade.”

“Penetrado do espírito de yoga, ó príncipe, realiza os teus trabalhos e mantém-se em sereno equilíbrio, na certeza de que tanto o sucesso como o insucesso são bons. Essa serenidade interior é yoga.”

“Na prática de yoga, nenhuma atividade redundante em perda, nem é possível uma aberração, nesse caminho; qualquer progresso, na yoga, por menor que seja, liberta o homem da ominosa rotina de nascer e morrer (samsara – ciclo das reencarnações).”

“Quando o teu conhecimento se libertar de qualquer ilusão, então compreenderás a verdade daquilo que ouviste e ainda ouvirás, e te possuirás a ti mesmo imperturbavelmente.”

“Quando alguém permanece calmo no meio de sofrimentos, quando não espera receber do mundo objetivo permanente felicidade e quando é livre de apego, medo e ódio – então ele é um homem de perfeita sabedoria.”

“Quem conhece esse Uno conhece tudo o que existe; quem conhece muitas coisas, mas desconhece o Uno, esse na realidade não conhece nada – e o seu saber é simples produto mental.”

“Obras de culto, de caridade e autodomínio não devem ser abandonadas, porque são meios para o homem se purificar.”

“Quem deixa de fazer o que deve ser feito porque lhe é penoso e ingrato, esse procede egoisticamente; o que o impede a essa desistência é aberração mental.”

Essa busca incessante de equilíbrio pleno enfrentando todos os revezes da vida, frutos da recomposição cármica do indivíduo, fez surgir as quatro **Yoga** (pronuncia-se iôga, “Caminhos de Libertação”) do Hinduísmo, a saber:

Carma Yoga – prega manter-se puro dentro de sua casta, aceitando com serenidade suas obrigações e limitações sociais.

Janana Yoga – prega o isolamento do mundo, abstenção, renúncia plena para atingir-se a *Mocsa* (libertação das reencarnações).

Bacti Yoga - a mais popular da Índia. Prega deixar-se fluir normalmente pelos sentimentos e emoções, sob a adoração de um deus.

Raja Yoga – a mais conhecida entre nós. Consiste em exercícios de postura, respiração e pensamento como formas de libertação.

Tirando-se alguns comentários sobre alguns pontos de vista discordantes dos nossos presentes nas Yoga, o Hinduísmo prega a *Ainsa* (não-violência) como única forma de relacionamento humano junto à toda a Natureza pois, sendo *panteísta*, não será possível praticar qualquer tipo de mal a um ser vivo ou *comer a carne de um animal* como hábito alimentar. Credo em tal conceito, um hindu jamais vai surrar um cavalo (ali poderá estar a alma reencarnada de um parente), comer das carnes de uma vaca (pelo mesmo motivo e um animal sagrado), pisar propositamente em um inseto, cortar uma árvore, praticar os vandalismos típicos de um ocidental comum. Jamais provocará alguém para matá-lo, agredi-lo, roubá-lo, mentindo, traindo. Essa postura invejável de filosofia sublime (apesar de discordarmos do panteísmo) produz um caráter humanista, tão comum entre povos miseráveis materialmente falando, mas sempre respeitados pelos seus valores espirituais únicos.

Discute-se o preceito das castas (ou *varnas*) privilegiando os descendentes dos Árias de pele mais clara que detêm o poder e o sacerdócio, contra a grande maioria de pele escura pré-dravídica muito mais antiga, submetidos a uma hereditariedade que não lhe permitirá ascender jamais aos privilégios da primeira, bem como uma aceitação religiosa sob uma doutrina reencarnacionista que em vez de libertar, oprime. Azar dos vencidos, já diriam os primeiros invasores Árias.

Refazem-se preceitos bem fundamentados na lógica comum ao ser humano sob uma bandeira “religiosa” com fins de submeter uma grande maioria plácida, conformada. Não podemos criticar a postura de tantos filósofos políticos quando têm um discurso condenando tais mazelas, ao assistirem as bandeiras de uma pseudo-fé que tenta dominar toda uma sociedade com a velha cantilena dos governos teocráticos/sacerdotais de cima para baixo. Porém, como faz o outro extremo, ao renegar as verdades impressas sob tais discursos políticos revestidos de “palavra de Deus”, é tão desastrosa como a primeira. Toda e qualquer solução negando ou aceitando tudo “porque é assim desde o começo do mundo”, redundando em erro gravíssimo ao pensamento, tolhendo o fluir das idéias mais brilhantes sempre nascidas no ninho da liberdade do raciocínio pleno.

No simbolismo ariano, os hindus reconhecem a trindade através das figuras de *nara* (o pai), *nari* (a mãe) e *viradi* (o filho, o Verbo-Criador). Poucos sabem que o “espírito-santo”, presente na doutrina cristã, era considerado um elemento feminino nas primitivas igrejas da Ásia e Europa. Na Índia encontramos respaldo nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva, a grande trindade cósmica, sendo o elemento assexuado a figura geradora do primeiro.

Brahma lembra-nos a figura criadora, excelsa de Oxalá, ser masculino/hermafrodita, concentrando em si a força de todos os outros deuses com a paternidade divina. Gerador em potencial, nascido de um lótus que brotou do umbigo de Vishnu, é distanciado da Humanidade e cercado de uma filosofia religiosa tão refinada que apenas encontrou guarida na casta mais culta, a dos brâmanes, que apreendeu-lhe sua imaterialidade em comparação aos deuses hindus. Invocam-no no mantra OM TAT SAT entoado durante o recitar dos hinos védicos, nos sacrifícios, lembrando a todos que Deus é Uno e Todo-Poderoso.

Vishnu em seus avatares (reencarnações), sob várias formas para a redenção da Humanidade, lembra-nos o Orixá Ogum pelo caráter aguerrido e força motriz impulsionadora às novas eras, ao mesmo tempo tentando manter a ordem da Criação. Regente da manutenção das Leis Universais, conserva tudo o que deve se manter intacto ou preservado por eras *determinadas*. Vishnu é um antigo deus da

abóbada celeste, daí representá-lo (bem como seus avatares) com a pele azulada que demonstra tanto sua origem divina quanto seu caráter atmosférico. Vishnu é o segundo deus mais popular da Índia obtendo grande culto pela crença em Rama e Krishna, venerado como deus ariano que é, como o grande redentor que sacrifica-se por misericórdia ao ser humano. Como guerreiro imponente, pelas antigas previsões dos sábios, virá como Calki - aquele que no final dos tempos expulsará os demônios.

Shiva, o terceiro, é sem sobra de dúvida o deus mais popular e o menos compreendido aos olhos dos ocidentais puritanos. À semelhança de nosso Orixá Exu, é um deus fálico e senhor da fecundidade masculina. Seu símbolo é a *linga*, pedra cônica adorada como fonte de seu poder, lembrando em muito os otás/ocutás desse Orixá ou seus montículos de terra. Para o hindu, a união sexual entre dois seres é um ato sagrado, uma comunicação direta com Deus e sua força regeneradora, devendo ser empregado como um caminho de paz e comunhão divina; o prazer obtido também não é visto como “pecado” ou com culpa na religiosidade indiana. Para espanto dos primeiros europeus a pisar nessas terras, a iconografia religiosa mostra imagens de Shiva fundido à sua contraparte feminina, a deusa Parvati, sua esposa, em figuras hermafroditas que simbolizam justamente o equilíbrio entre essas duas polaridades regenerativas. Ou mesmo apresentam Shiva e Parvati unidos no ato sexual demonstrando a plenitude da felicidade espiritual e equilíbrio. Nesse simbolismo material, para uma realidade bastante abstrata, Shiva agrega em si a criação e a destruição simultaneamente, modificando as velhas formas carcomidas para dar o lugar ao novo, ao regenerado. Shiva, bem como nosso Exu, é temível e poderoso, invocado como o poder ativo do Universo que precisa ser realimentado e ordenado para não tornar-se caótico podendo até eliminar a Vida.

Shiva também é o senhor da inexpugnável cadeia de montanhas geladas do Himalaia, asceta que ali em meditação busca *nirvana*, cercado de najas – símbolos da prudência, sentado sobre a pele de um tigre. Nesse aspecto representa a força represada, o encontro da ordem das energias dispersas mas que não poderão ficar inertes para sempre, senão o Universo deixará de auto-refazer-se. Para tirá-lo da absoluta inércia somente um desequilíbrio nas polaridades, representado pelo ardor de Parvati, sua devotada e fiel esposa, chamando-o de volta às suas atividades como marido implorando-lhe amor. Representação simples para a complexa idéia de que uma única polaridade jamais será criativa por ela mesma, se assim fosse ficaria em repouso quiçá eterno. Sua contraparte irá torná-la reprodutiva, capaz, potente, plena. Viram assim os hindus, na singeleza desse mito, a existência das polaridades magnéticas essenciais para o equilíbrio do Universo físico imprimindo posteriormente, na religiosidade chinesa, o mesmo conceito de dualidade.

Shiva tem muitos atributos. Como destruidor de velhas formas é Nataraja, o dançarino cósmico cercado de labaredas de fogo, que no frenesi de sua dança debate-se contra mundos reduzindo-os a pó. É a divindade amorosa que desatou seus longos cabelos negros, marca registrada das elites hindus, permitindo escorrer pelas suas lustrosas madeixas as águas celestiais do Ganges (personificado pela deusa Ganga, a via láctea), saciando a sede da Índia a partir de então. Como o Orixá Exu, Shiva será dócil se pacificado fazendo os seres reproduzirem-se com plena saúde; será perigosamente, incontrolavelmente destruidor se desrespeitado. Coincidências de lado, mesmo tratando-se de sincretismo cristão de nossa parte quando nos referimos aos Exus de Umbanda ou das encruzilhadas de três pontas do Orixá, lá vemos Shiva também carregando um tridente na mão (*trishula*) - sua arma invencível - cujos três dentes remontam à representação das três *gunas* (qualidades ou atributos da vida material) ou, talvez, dos tempos passado, presente e futuro. Símbolo solar por excelência ou da energia tripla do Tantrismo na Índia, não poderíamos ignorar que alguns Exus mostram tridentes gesticulando com os dedos no mesmo gesto de *trishulahasta*, quem sabe demonstrando com isso poder similar de domínio da matéria em seus aspectos reprodutivos/destrutivos. Lembrando a origem comum entre ciganos e hindus, pessoalmente já vi muitas Pombagiras ciganas fazendo o gesto cumprimentando congás e tronqueiras, atitude que sempre intrigou-nos e só agora encontramos alguma explicação. Perguntamos, se a maioria desconhece essas origens como se explica essa “coincidência”?

Como já dissemos, a contraparte feminina de Shiva é Parvati, deusa de igual poder. Senhora do vigor sexual feminino, é representada pela pedra *Ioni*, que lembra a forma da genitália de uma mulher. Deusa de particular importância devido agregar em si a polaridade oposta indispensável para a Criação da vida material, invocam-na sob vários nomes como *Uma* (personificação da inacessibilidade do Himalaia), *Gauri* (de idêntico sentido à Uma), *Jagan-Mata*, *Darga*, *Durga*, *Ganda*, *Bhairavi*, *Siama* ou *Kali*. Mais conhecida na literatura como Kali ou Kali-Ma, “A Negra” ou “Mãe-Noite” é um dos avatares da deusa que teria vindo eliminar o demônio Ractavija, general dos Assuras (seres maléficos poderosos que sempre estão lutando contra os deuses) cujo embate teria sido quase impossível de vencer. Empunhando armas em seus vários braços, enrolando-se em um colar de crânios dos demônios vencidos, dançando ferozmente sobre os cadáveres de seus inimigos, é a grande devoradora de homens, senhora de muitos sacrifícios, rainha de sete deusas que espalham epidemias (no Egito, Hátor é secundada por sete deusas que também seriam executoras do destino). Em tudo, Kali faz-nos lembrar da energia feminina dominada pelas Pombagiras, ainda mais quanto ao caráter nervoso – para não dizer violento – na defesa do bem. Lembraríamos também que toda Pombagira tem, por subordinados, sete Exus que prestam-lhe assistência sendo, por isso chamada de “mulher de sete maridos”.

Na mitologia hindu, fruto do intenso amor de Shiva e Parvati nasce Ganesha, deus de cabeça de elefante – animal símbolo da sabedoria, senhor da fartura, da sorte, dos caminhos abertos, da felicidade e dos estudos. Figura bonachona, simpática, é o senhor dos intelectuais e protetor dos Vedas. A trindade pai, mãe e filho, item dos mitos arianos, encontra em Shiva-Parvati-Ganesha foco da mais intensa veneração em toda a Índia.

Assim como nos cultos afro-brasileiros, o banho purificador encontra nas sacratíssimas águas do Ganges, local de peregrinação a todo hinduísta, parada obrigatória para fazê-lo. O Ganges é o mais sagrado dos rios, nascido do céu a escorrer pelos cabelos de Shiva desde a encosta do Himalaia; de tão santo, quem banhar-se nele poderá saltar três encarnações à frente. Milhares de peregrinos amontoam-se para banhar-se esperando que as águas carreguem o peso de seus carmas e curem suas doenças, sob o odor acre de centenas de corpos cremados em fogueiras de sândalo cujas cinzas, levadas pela correnteza, permitem às almas dos mortos uma entrada feliz na vida após a morte.

Como Jerusalém é a cidade-santa para três grandes religiões ou a cidade nigeriana de Ifé encontra o mesmo conceito para nós afro-brasileiros; Varanasi (antiga Benares) é a mais sagrada de todas as cidades para os hindus. Nela residiu Shiva e foi ali que Buda fez seu primeiro sermão. Acreditam também que se alguém morrer nela não reencarnará mais.

Para falarmos de *Tantrismo*, *Tantra* ou *Tantra-Yoga* será necessário despir-nos de séculos de repressão sexual para apreender-lhe sua filosofia. O corpo, na Índia, não está separado da alma ou é adverso a ela como aprendemos desde crianças: é um foco de energias espirituais manifestas que precisam estar equilibradas em seu ápice para promover boa saúde e felicidade. Para eles, o corpo é um templo vivo que deverá ser admirado consagrando-o aos deuses. Instrumento divino em sua própria definição, deverá ser a escola para todo homem e toda mulher que, aprendendo a conhecer seus recursos, dará serenidade à alma. É um modo de pensar tipicamente indiano, pois o Tantra não é uma doutrina nem uma religião. Ninguém poderá ser pleno se não tiver suas duas polaridades Shiva/Shakti afinizadas.

Em nossa cultura, aonde tenta-se implantar sérias dúvidas quanto ao desempenho sexual de cada indivíduo, o Tantra é sinônimo de pornografia. Nada disso. O Tantra não prega a promiscuidade, mas ensina aos parceiros a tentar ficar o máximo de tempo unidos, criando métodos, sorvendo a energia despreendida do companheiro de forma sublime.

Infelizmente, a idéia de Tantra chegou, no início do século, a muitas seitas esotéricas por aqui passando a adotá-la sob o codinome de “magia sexual”, equivocadamente. Os cultos nessas seitas passaram a ter caráter orgiástico regados a muita droga pesada com fins de “expansão da mente”, distorcendo-se por completo a idéia central de Tantra de equilíbrio aos moldes indianos. Observando-se

fotos desses homens e mulheres ocidentais fascinados, bem como seus desenhos, vemos nesses “mestres” de caráter duvidoso como Austin Spare ou Crowley o desejo explícito da obsessão sexual, nas formas e cores típicas da distorção mental provocada pelo excesso de drogas autenticadas por comentários de contemporâneos que relatam os exageros oriundos dessas reuniões. Na Índia busca-se o encontro com o próprio Deus, vendo seu corpo como prolongamento da própria Criação; o outro a liberação total de amarras, sabe-se lá como.

Poucas doutrinas religiosas dedicaram-se tanto ao estudo dos sons e cores como formas de contato a outras dimensões, como no Hinduísmo. A emissão de vogais e sons não será um fenômeno puramente mecânico de nosso aparelho fonador. Aliás, som e música para nós serve apenas para diversão, animação de festinhas de aniversário, motivo de sair-se de casa para assistir um concerto ou uma boa ópera, para “reunir a tribo”.

Observaram que a música, mais detalhadamente certas notas e sílabas pronunciadas demoradamente, produziram respostas, *feedbacks* instantâneos em nosso psiquismo. Se voltarmos algumas páginas atrás, veremos que os egípcios já conheciam esse sistema considerando a palavra em si a materialização de *heka* (magia) criando o que os espíritas conhecem atualmente como formas-pensamento e o chinês como *tulpas*.

Ignorantes ou não que sejamos, quem já não lacrimejou ouvindo o som de um violino ou de um piano? Quem, diante um susto, não gritou demoradamente? Quem já não percebeu que certas palavras despertam reações em nosso organismo como amor, tristeza, sentimentos diversos tendo na poesia sua grande ciência? Monossílabos como Ah, Ei, Ai, Ui, Buu nada traduziriam, mas entendemos sua mensagem na hora pronunciados por alguém?

Os indianos passaram a usar esses sons, palavras ou sílabas observando quais eram as reações específicas em nosso organismo, criando estados de torpor, excitação, tranqüilidade. Mais ainda, viram que não apenas no aspecto psíquico eram capazes de modificar ânimos, mas também no aspecto orgânico passando a criar um tratamento médico à base desses mesmos sons. Estavam criados os mantras religiosos e a base da medicina indiana, especializada nesse aspecto, base para o moderno Reiki e outros tratamentos considerados “moderníssimos”, *new age* para nós, ocidentais. Recordamos que na Europa - em todos os países cristãos desde o Renascimento - houve o rompimento da religiosidade com a ciência pois a segunda ficara atrelada à primeira de tal forma que, se qualquer nova descoberta fosse feita “ferindo” os princípios e credences do Cristianismo vigente à época, o cientista poderia receber a pena capital, excomungado junto com sua família. Tamanha barbárie não aconteceu no Oriente onde jamais separou-se o mundo físico do espiritual, do orgânico ao psíquico. Essa flexibilidade somente agora, salvo idéias fundamentalistas “cristãs” - pretendendo impor Adão e Eva em nossos tempos como verdades inquestionáveis em detrimento às idéias evolutivas de Darwin - esperamos que cheguem até nós de forma límpida e cristalina para estudo às mentalidades dos adeptos do livre-pensamento.

Novidade para nós é o comportamento dos jovens médicos quando alguém queixa-se de gastrite e problemas digestivos por exemplo, associar a doença ao acúmulo de contrariedades, sistema nervoso abalado, *stress* como supostas causas. Antes ignorar-se essas razões psíquicas/espirituais eram normais em nossa sistemática, pelo que a medicina indiana *ayurvédica* já utilizava esses critérios há milênios; crendo ser útil para nós, umbandistas, um pouco desse conhecimento, ao final desse capítulo incluiremos tabela saída em revista esotérica baseada nesses pontos, tornando-nos capazes de traduzir a mensagem de alguém que queixa-se de doenças, escondendo em seu interior as verdadeiras razões do aflorar desses males. Fazemos um adendo aqui, lembrando que o africano já fazia o mesmo (e nós, atualmente) no estudo milenar das várias probabilidades a ocorrer nos arquétipos dos filhos de cada Orixá.

Leviandade, portanto, é repetir-se esses sons, preces, mantras mecanicamente porque aprendemos aqui ou acolá esquecendo-se da velha *lei de ação e reação*. Economizar-se recursos, usando-os apenas na hora certa, é produzir uma emissão magnética muito mais potente, porque jamais os recursos ditos mágicos ou

mediúnicos, como prefere o espírita, não devem ser desperdiçados, vendidos como mercadoria, usados como bem lhe aprouver pelas conseqüências nefastas decorrentes de sua má utilização. Desgasta o material psíquico do próprio médium, invoca espíritos levianos ou obsessores, provoca aumento de carma negativo trazendo doenças futuras, crises, sofrimentos. Mexemos levianamente na Natureza esperando que ela não nos responda à altura. Ao sacerdote desonesto, ao mago negro (negativo), ao brincalhão que jura ser tudo uma grande brincadeira, lembramos a máxima africana aplicável em todos esses casos: “*Não se barganha com Ifá, como se barganha com as coisas do mercado*”.

Quem não sabe que pensamentos violentos produzem palavras violentas, criando a grande leva de hipertensos, cardíacos e doentes de alma grassando aos milhões em nossas ruas debatendo-se incontinenti? Toda vez ao comentamos isso, lembramo-nos ser toda a cultura de massa induzida pelas telenovelas assistidas desde quando somos crianças, ou nos açucarados folhetins disputados nas bancas de revistas pelas mulheres de todas as idades, criando o mito e a falsa idéia de vítimas, das inumeráveis *cinderelas* capazes da felicidade eterna ao final das histórias. Essa autopiedade induzida, levada a extremos por muitas pessoas em nossos círculos religiosos, incentivada através desse falso romantismo piegas irreal, alimenta muitas personalidades masoquistas, hipocondríacas entregando-se a queixumes em meses, anos a fio que, ao primeiro sinal de esclarecimento de nossas entidades, irão para outro círculo religioso prosseguir em sua interminável ladainha de criaturas incompreendidas. Com essa autodestruição gradativa serão os doentes a lotar psiquiatras, gastroenterologistas, cardiologistas tentando remendar-lhes o corpo, mas nem sempre poderão fazê-lo com a alma. Para nós, serão as pessoas mais difíceis de lidar porque são escorregadias frente à cura e, naturalmente, culpam-nos (até com improperios) de não resolver-lhes os problemas alimentados à fermento pelas suas mentes enfermiças, sempre fugindo ao menor sinal de melhora.

Como sacerdotes ou médiuns umbandistas que somos, lembraremos do princípio natural da Matemática: *para todo o problema há sua respectiva solução*. Seja ela na medida necessária, no menor tempo possível, procurando-se evitar confrontos violentos. Esse, todavia, não é o ensinamento ministrado nos estimulantes meios de comunicação e círculos familiares, infelizmente. Eis da importância de nosso trabalho nesse tipo de saneamento espiritual das populações.

Em todo tratamento espiritualista ou alternativo, a resposta virá à médio ou longo prazos. Sabemos que cor e som são filhos do mesmo princípio chamado frequência e atuam em todos os seres vivos, dentro de suas limitações de captação. Tratamento conhecido como Cromoterapia, baseado na medicina mística indiana, ensina-nos a utilização de papéis celofane de várias cores, cristais, pedras preciosas, metais, luzes coloridas envolvendo doentes, copos de água a serem ingeridos, imantando-se locais, plantas ou quaisquer seres vivos com melhoras sensíveis.

O mesmo acontece com os aromas, através das defumações, incensos e perfumes. Vimos em nosso segundo trabalho, já citado anteriormente, como as plantas absorvem determinadas energias sendo possível liberá-las através de banhos, chás, volatilização via queima, transformadas em pós na infinita série de meios de entrar-se em contato físico com elas para os mais diferentes fins. Extraídas as famosas essências aromáticas diretamente de folhas e flores, algumas até de origem animal como o almíscar, misturadas a outras substâncias com fins de conservação de seu frescor, borrija-se suas moléculas pelos ambientes; sobre nossa pele, absorvidas pelos poros ou pelas nossas narinas, penetram em nossa corrente sangüínea atingindo em cheio determinados órgãos promovendo sua reenergização. Poderão modificar humores (aromas cítricos, remetendo-nos imediatamente à imagem de florestas calmantes), florais (alimentando idéias amorosas). Eis o motivo pelo qual alguns perfumes são escolhidos inconscientemente por nós correspondendo ao tipo de sentimento que nutrimos naquele instante, pelo nosso tipo próprio de personalidade, estudados como verdadeira ciência pelos hábeis perfumistas que promovem lançamentos anuais aos grupos dos “românticos”, “esportivos”, “profissionais”, “agressivos”, “calmos”. Esses padrões são observados pelos especialistas do ramo

promovendo em nosso século imensas fortunas relacionadas ao mundo da moda. Nós, porém, travados a preconceitos religiosos, desconsideramos os incensos, defumações e perfumes como se tolices fossem de antigos povos já dizimados.

Aos detratores dos rituais afro-brasileiros, deveriam ao menos dedicar seu tempo a estudar com seriedade tais fenômenos com menores entraves culturais. Despindo-se das amarras de que “só minha religião – ou ciência - salvará” poderiam enxergar a verdade sob véus tão tênues. Na Índia, bem como na China, a medicina subdivide o ser humano em certos grupos que mantém as mesmas características (entre os iorubás há o arquétipo concedido pelo Orixá) que dá-lhes o tipo físico, caráter, alterações prováveis, preferências alimentares e, em decorrência, as doenças. Especificamente no ser humano, esses três grupos básicos chamam-se *doshas*. Para o indiano, toda a matéria (*Prakiti/Maya*) também possui três qualidades básicas na Natureza: cada qualidade chama-se *Guna*, a saber: *Tamas* (a inércia), *Rajas* (a atividade), *Sattva* (a harmonia).

TAMAS – Traduz-se como “apatia”, sinônimo de primordialidade, início, lentidão, preguiça, dispersão, caminho descendente. Símbolo do primevo, da virgindade anterior aos princípios, do que é ainda informe e disperso antes de definir forma. Sua cor simbólica é o **preto**.

RAJAS – Traduz-se como “impureza”. É a guna das “paixões”, das “ações”, das atividades, do movimento predominante na natureza humana. Sua cor é aquela da poeira da terra: o **vermelho**.

SATTVA – Traduz-se como “ser como deve ser”, sinônimo de bondade, pureza, harmonia, perfeição, equilíbrio, luz, sabedoria. Predominante nos seres angélicos, deuses (devas), criaturas dedicadas ao desenvolvimento dessas qualidades na humanidade e consigo mesmos. Sua cor representativa é o **branco**.

Devemos parar em um adendo muito importante. Se pudermos chamar de “coincidência”, o iorubá (incluímos aqui também a Umbanda e o Candomblé) também subdivide a matéria **nessas idênticas três cores**, essas três essências básicas chamadas de *Iwâ* (“A Existência”, ou o branco), *Âbá* (“A Essência”, ou o preto) e *Âxé* (“A Realização”, ou o vermelho). De onde veio esse conhecimento entre ambos os povos? Da observação pura e simples? A Índia e o Egito teriam algum tipo de contato, depois repassando-se ao iorubá, ou vice-versa? Através da mediunidade, conceitos explicados pelos espíritos? Como saber ao certo?

Sem respostas, alteraremos nosso interesse voltando-nos sobre a obra de Charles Godfrey Leland, especialista em assuntos ciganos e hindus, ex-presidente da Sociedade de Cultura Cigana sendo nosso principal subsídio a partir de agora.

Fala-nos Leland, entre outros autores, serem os ciganos exilados da casta dos *párias* (ou “intocáveis”) da Índia ou, ainda, foras-da-lei, cavaleiros da tribo ariana dos *jâts* que teriam sido expulsos através das guerras religiosas ocorridas entre os séculos 10 e 12. Em seu êxodo, sem rumo definido, reuniram-se às castas inferiores como a dos *nats* (formada por cantores e acrobatas) e os *doms* que são, segundo o autor, “*uma raça aparentemente pré-ariana, que ainda pode ser encontrada na Índia e que vive na sujeira, come carniça, viola cadáveres, bebe excessivamente, sendo, em resumo, responsável por várias características desagradáveis dos ciganos europeus atuais*”. Esse grupo heterogêneo, mas já reunido pelas origens comuns, chegou à Europa provavelmente entre os anos de 1300 a 1400 pois, ainda segundo o autor, “*a suposta dispersão dos ciganos pela Europa data de 1417, quando um bando de 300 andarilhos nômades chegou à Alemanha na primeira etapa do que eles afirmam ter sido uma peregrinação de 50 anos imposta pelo rei da Hungria como castigo pela sua apostasia*”. Leland narra que os ciganos já contavam essa mesma história, séculos antes, sobre sua fuga à Síria e ao Egito, quando consideravam ter sido

renegados pelo Islã. Seja como for, sabiamente conseguiram obter passaportes “concedidos” pelo Papa, pelo imperador da Alemanha e por todos os governantes da Europa para peregrinarem e pedirem esmolas durante 50 anos permitindo-lhes acampar do lado de fora dos muros das cidades a que tinham acesso com esses documentos. Por sua condição de estrangeiros e sua facilidade em aprender novos idiomas, sobreviviam aonde quer que fossem pelo seu acervo de conhecimentos tribais de dança, canto, habilidade na arte dos metais, trato com cavalos, pela prática da *necromancia indiana*, quiromancia e roubo, quando “*as oportunidades e o interesse público permitiam*”. Esse último comentário faz parte da Introdução do livro do autor citado, escrito por Margery Silver em 1962.

Esse caráter malandro, amoral, nômade, perigoso aos não-ciganos cercaram-lhes com natural desconfiança por razões óbvias. A lei do instinto da sobrevivência obrigou-os, em países estrangeiros e hostis, ao comportamento típico daqueles cuja nação exilou-os por motivos políticos, religiosos ou escravagistas a vagarem pelo mundo sem um lar, sem uma renda certa, passando necessidades prementes. A mesma atitude encontramos até hoje nos descendentes do negro brasileiro, trazido às turras a um país desconhecido, misturado a etnias inimigas em condições indignas, para não dizer torpes, forçando-os a desenvolver uma aparente humildade maliciosa, ao “corpo-mole” - já que não interessava tornar o senhorio rico em troca de uma ração miserável, condição essa que perdura até os nossos dias aonde espremem-se em favelas sem qualquer infra-estrutura, em “vilas”, “jardins” ou outros vilarejos batizados com nomes amenos para uma realidade tão deprimente. Essa maneira de protesto por saber que jamais ascenderão socialmente, materializa-se na figura ímpar de nosso Zé Pelintra, típico malandro ambientado na boemia carioca quando ainda vivia, que gostava de viver muito bem mas sem esforço (1).

Conta-nos ainda Margery Silver, que não bastasse a exclusão imposta por todos os povos e invejados pelo seu talento como ferreiros e ourives, os ciganos foram alvo da lenda de terem sido eles os fabricantes dos pregos que prenderam Jesus na cruz tendo, por isso, recebido a maldição de vagar pelo mundo sem jamais ter uma pátria. Esse povo extraordinário não se deu por vencido, rebatendo essa imagem negativa com uma contralenda. Nos séculos 12 e 13, quando somente os ciganos tinham autorização para manufaturar objetos em metal, espalharam por toda a parte terem sido eles a fabricar os pregos do martírio do Cristo; *porém*, por piedade ao Mestre, fizeram um a menos prendendo seus pés com um único pino. Jesus, agradecido, *deu-lhes a bênção de roubar o quanto quisessem e pudessem, sem pecado, a partir daí*. Desde essa época, os crucifixos passaram a apresentar os pés da imagem presos por um único prego.

Citamos essa lenda por retratar, à perfeição, a enorme capacidade obtida pelos ciganos na quase camaleônica arte de sobreviver, idealizados em seu ar maroto, livre, quase irresistíveis no imaginário popular, aliada à preservação quase secreta de seus costumes por tanto tempo.

É desconhecida a verdadeira origem da palavra “cigano”. Entre as muitas versões correntes, chegamos à palavra grega *athsinganos* que remete à música que tocam como itinerantes ou, ainda, à *chorihani* que na língua cigana (*romani*) quer dizer “ave-feiticeira” (a tão comum cambaxirra, carriça ou corruíra) pelos seus modos tímidos, esgueirando-se pelas ramagens. Quem sabe, talvez pelo tom amorenado de suas penugens e olhos espertos, típicos de um cigano.

Notável é a capacidade cigana de ser feliz, esquecendo-se de antigas mazelas. Expulsos da Índia, passando ao Afeganistão e Irã (Pérsia), metade dirigindo-se ao norte rumo às terras geladas da Rússia; a outra metade indo ao sul pela Síria, Turquia, Grécia, Hungria, Iugoslávia, Alemanha, Escócia, Inglaterra, Egito e Espanha, sempre escorraçados ou convivendo cercados de desconfiança; sofreram os revezes da Inquisição Católica que os perseguiu ferozmente; foram condenados à morte nos Países Baixos; degredados para a América, África e Ásia; escravos brancos na Romênia e Hungria; perseguidos e mortos nos horrores nazistas, nunca alimentaram ódios e rancor naquele conhecido ranço travestidos de vítimas como tantas vezes assistimos no discurso de povos por milênios a fio, mantendo suas chagas permanentemente abertas.

(1) Segundo o pesquisador Fernando Alves, em 1918 um menino pernambucano de nome José Pelintra da Silva Aguiar desembarcou no Rio de Janeiro logo aprendendo ali como viver de mulheres e do jogo de cartas chamado *ronda*. Morador do Morro da Providência, apelidado de Zé Pelintra, era um coordenador da vida boêmia da Lapa conhecendo a polícia local, prostitutas e seus freqüentadores. Morreu aos quarenta anos por vingança de uma mulher, em um jogo de carteadado.

Acrescentamos aqui que, como apreciava vestir-se de branco da cabeça aos pés, chapéu mole, terno e bengala na maior elegância possível, recebeu também o apelido de “Doutor”, sendo assim invocado nos pontos de Umbanda.

Passou-se trinta anos após sua morte quando começou a incorporar na Umbanda local de Pernambuco (chamado ali de Catimbó ou Jurema) como entidade e, a partir de 1972, passou a incorporar no Rio de Janeiro espalhando-se daí para todo o Brasil. (Programa Mistério, exibido pela TV Manchete em 1998).

É um povo desconfiado, mas cheio de esperança em seu pacífico modo de ser evitado de passionalidade, ganhando o difícil respeito no meio de todas as nações pela sua feitiçaria recolhida na passagem por tantos lugares diferentes (destacamos aqui a herança da magia indiana), cujo maior mérito foi preservá-las e disseminá-las por onde passavam. Os ciganos, como todos os povos de origem ariana, é dualista e maniqueísta em sua crença. Para eles há um deus único, senhor de toda a benevolência invocado como *Dou-La* ou *Bel*. Seu arquiinimigo chama-se *Deng*, senhor dos demônios, em eterna luta para suplantar o bem. Também são fatalistas, acreditando que nada poderá ser feito contra o destino (*baji*), aceitando-o com conformidade. Em sua sociedade, as mulheres assumem o sustento econômico de todo o grupo familiar e muitas ocupam cargos de rainhas, matriarcas (*phury-day*), tias-conselheiras (*bibi*), quando opinam com freqüência no comportamento do grupo, sendo somente elas as detentoras da capacidade de ler a sorte em todas as suas modalidades.

Inspirados na literatura, muita gente crê serem as ciganas livres, soberanas, naquele arquétipo da dançarina de rua, libertária e anarquista, preconizado pelo romantismo. Eis uma inverdade sacramentada por tempos. Uma cigana casa-se cedo, com o noivo escolhido pelos pais desde o nascimento, sem qualquer tipo de experiência sexual anterior pois devem ser virgens. Não sabemos, contudo, como seria possível na noite de 30 de dezembro de 1916, o célebre *staretz* russo Rasputin ter passado uma noitada com “prostitutas ciganas”, se tal é considerado um tabu nesse povo (2).

Já ouvimos, inúmeras vezes ditas pelas mais diferentes pessoas, que essas teriam ascendência cigana, fruto de amores ilegítimos. Realmente, só hoje há casamentos entre ciganos e não-ciganos (*gadjés*), mas deverão passar pelo crivo da comunidade cigana e submeter-se aos seus parâmetros; toda transgressão a essas e muitas outras regras sujeitam-se à decisão do *kaku* durante os tribunais do grupo que, normalmente, são muito severos. Ninguém atreve-se a ir contra e receber suas punições, como a temida exclusão.

Curiosamente, as mulheres poderão até exibir os seios mas nunca as pernas, pois são consideradas impuras da cintura para baixo. Profundamente patriarcal, “machista” aos parâmetros modernos, a sociedade cigana proíbe suas mulheres de cortarem os cabelos, sentarem-se à mesa com os homens, proibindo-lhes estudar e participar de escolas públicas. Submissas, aceitam sua sorte com resignação tendo, como única liberdade, a permissão de perambular pelas ruas à procura de algum recurso ganho com a leitura da sorte e os costumeiros golpes aplicados aos *gadjés* costumando ter por início, em geral, um inocente perguntar de horas.

Os costumes mudaram a tal ponto que muitas mulheres ciganas (diga-se algumas tribos) conseguem obter uma justa reivindicação aqui e acolá a muito custo, quebrando alguma regra como vir a estudar ou criar hábitos sedentários, residindo em luxuosas moradias mas sem, contudo, perder sua essência nos detalhes

à volta. Alguns grupos passaram a adquirir imóveis com fins de investimento havendo cidades aonde reúnem-se grande número de membros (comenta-se que Cachoeirinha (RS) é um desses focos), afastando-se do tipo andarilho, roto, dançarino de ruas, vendedores de tachos de cobre e outros utensílios confeccionados pelos homens, costumes esses ensinados de pai para filho sem perder sua identidade cultural mas cada vez mais distante do tipo nômade.

Espalhados pelo mundo, os ciganos subdividem-se em três grandes grupos unidos pela hereditariedade comum mas, nem por isso, cada um guardando suas características:

SINTI – concentrados na Alemanha. Há poucos no Brasil.

(2) Revista DESTINO, Outubro de 1992, pág. 51, Editora Globo.

CALONS – Concentrados em Portugal e Espanha. Chegaram primeiro ao Brasil em 1574, deportados de Portugal. Aqui tornaram-se bandeirantes, vendedores de “ouro falso”, *empregando-se como feitores de escravos nas minas de cana-de-açúcar* (3) entre outras funções (4).

ROMS – Vieram da Europa desde 1822, mas em grande número nas duas grandes guerras mundiais. É o grupo mais numeroso e apegado ao tradicionalismo, subdividindo-se em subgrupos:

Kalderash – respeitosos da tradição, mantenedores da cultura cigana. Ainda as mulheres praticam as artes adivinhatórias e os homens são dedicados ao artesanato no metal.

Macuaias ou Matchuaias – As mulheres ainda praticam as artes adivinhatórias, mas os homens apenas entregam as propagandas (folhetos) nas ruas. Não usam tendas, mas hospedam-se em hotéis.

Horahane – Parecidos com os Macuaias, são bons comerciantes. Alguns afastam-se das origens ciganas. São de origem turca.

Lovarias – A maior parte concentrados na Hungria. Afastaram-se muito das tradições ciganas. São comerciantes de cavalos.

Rudari ou Ladari – Originários da Romênia, Especializaram-se na ourivesaria e artesanato em madeira.

Outros subgrupos menores: *Kalute, Tchurata e Mordovaia*.

Relata-nos Leland, de um trecho extraído do jornal The Saint Jame's Gazette de 1888, que os hindus e ciganos acreditariam na existência dos *bhuts*, merecendo todo um comentário. A necromancia, que é a invocação e comunicação com os mortos, é praticada na Índia pelos seus feiticeiros, lá chamados de *Jadoo-Wallah*, cuja atenção maior recai sobre aqueles espíritos que rondam aldeias e cemitérios ou aqueles especiais que cada indivíduo tem precisa ser “conciliado” (sic). Através de oferendas que consistem em bebidas alcoólicas e carne de porco (a carne de porco, explica-se, é uma das preferências gastronômicas dos indianos e, como são espíritos de mortos de seu povo, manterão os mesmos gostos), os *bhuts* são invocados para praticarem o bem ou o mal conforme a orientação que lhes dê o feiticeiro, muitas vezes regido pela ganância e perversidade.

Os bhuts costumam ser exigentes, não perdoando esquecimentos de oferendas e promessas não cumpridas, algumas vezes rancorosos, detendo grande poder, mas passíveis de serem aplacados. Para nós, umbandistas, os

(3) Baseado em nossa crença em reencarnação e carma coletivo, talvez aí explique-se a presença de espíritos de ciganos trabalhando na Linha de Exus, como forma de resgate expiatório/evolutivo dentro da religiosidade afro-brasileira. (Nota da autora).

(4) Muitas de nossas palavras, tanto em Portugal como no Brasil, têm origem cigana. Em Portugal, os ciganos e malfeitores mantinham contato entre si criando uma gíria própria, muitas delas com sentido chulo. Como exemplos, citamos *penosa (galinha)* ou *convento (prisão)*. Como se autodenominavam calons, essas palavras passaram a ser chamadas “**de baixo calão**”, em toda a língua portuguesa. (Nota da autora).

bhuts indianos nada mais são do que nossos tradicionalíssimos rabos-de-encruza, quiumbas, espíritos sem luz, que poderão ser direcionados exclusivamente para o bem ou para o mal, conforme a índole do sacerdote que o invoca. Melhor ainda, algumas entidades intitulando-se Exus que grassam nas casas ditas “quibandeiras”, no sentido que damos à palavra.

O bhut é considerado um “espírito maligno”, perigoso de se lidar, e que “*o povo ainda acredita nele, ciganos buscam suas boas-graças, honrando-o com ervas e fumaças*”, *crendo que se apresenta como um “rato irlandês”, conjurado nos buracos existentes nas árvores ou afastado nas correntezas a quem imploram ingenuamente, que “se dirija aos locais aonde é desejado” onde poderá ser homenageado, deixando em paz o cidadão honesto que esteja cansado dele*”. O autor ainda menciona que o “cidadão” costuma “pagar muito bem” às ciganas para que eles sejam afastados. Nenhum conceito parece-nos novidade pois, também, muitos de nossos Exus (bem como outras entidades de Umbanda) “adotam” certos animais como “seus” utilizando-os no trabalhos que fazem em nossa proteção, escolhidos talvez pela sua maior sensibilidade em relação aos demais de sua espécie ou, quem sabe, drenando-lhes o acúmulo energético que dispõe realimentando seus espíritos ainda densos. Esses *elementais* criaram as histórias que cercam os gatos pretos das bruxas, cujos pêlos recolhidos são tão utilizados em magia; os cães negros ou morcegos das histórias de vampiros; corujas e todos os animais de hábitos noturnos, tão injustamente perseguidos pela população supersticiosa. Diga-se de passagem, sem tirar lá a sua pitada do preconceito europeu, quantas vezes assistimos em filmes de horror relacionado a vampiros exibidos em cinemas e televisões do mundo inteiro, ciganos como servos das forças trevosas envolvidos em salvar o caixão e proteger o Conde Drácula?

Afeitos a essas magias tão “umbandistas” ou “africanistas” se comparadas forem, é lógico que os ciganos sofreriam a intolerância da Europa encarquilhada nas amarras religiosas, mantidas sob controle no sussurro dos confessionários que centralizavam informações sob rédeas curtas nas aldeias ignorantes, carentes. Prosseguiram resistindo à chacota, ao medo, aos governos e sacerdotes, procurados por centenas quando “vendiam feitiços”, disseminando conhecimentos e simpatias unificando, com certeza sob a supervisão dos espíritos superiores, naquele solo banhado por guerras de xenófobos, a cultura dos povos do Oriente cujos tesouros traziam sob o mais estrito silêncio. O cigano é filho da Índia e lá ainda é o centro das magias positiva e negativa preservadas por milênios pelo seu povo, cujos conquistadores não conseguiram minar-lhe a fé.

Para quem não sabe, o cigano costuma fazer os típicos trabalhos de troca do tipo “*tira-se daqui e põe-se ali*”, aonde toda a sua comunidade cospe em uma caixa, desejando que todos os males ali fiquem imantados lançando-a depois em água corrente. Aliás, à semelhança da africana, a magia cigana trata do sistema de lançar-se aos ventos ou à água corrente determinados feitiços com fins de afastá-los das vítimas ou remetê-los a alguém ou grupo em especial. A maioria dos trabalhos de

saúde, por exemplo, são feitos enterrando-se “a doença” ou cuspiendo-se em buracos de árvores que são imediatamente lacrados, sob orações em *romani* cujo ritmo segue uma rima, bem como a repetição de certa palavra várias vezes. Muitas das fórmulas recitadas por bruxas em histórias infantis baseiam-se nessa sistemática perpetuada pelos ciganos ou encontrada também nos *ofôs* africanos; quem não conhece a célebre “Oração de Santa Catarina” ou “Das Almas Degoladas” tão repetidas em quase todos os livros de simpatia com o mesmo sistema? Vamos dar um exemplo para o leitor de como seria uma “reza forte” cigana:

**“Dor da minha cabeça
Desça para meu peito
Desça para meu ventre
Desça para minhas pernas
Desça das pernas para o chão
Lá tu fiques
Lá tu te enterres
De lá tu não voltes.”**

Esse método de “enterrar” ou “lacrar” as doenças transferindo-as para o solo ou para um objeto é prática muito comum em todas as magias. Como meios utilizam-se de dentes, cabelos, animais secos torrados e triturados, ervas, urina, sal, ovos como substitutos de sacrifícios animais, sacrifício de galinhas, ervas várias, trabalhar-se com a terra pisada por alguém, sua sombra, alho e cebola como afastadores de maus espíritos (5) e toda a sorte de magias semelhantes àquelas ensinadas por nossos Pretos-Velhos durante as sessões de Umbanda, citadas também na magia africana e repetidas exaustivamente nos populares livros de simpatias, já que muitas delas apresentam origem nos costumes trazidos pelos colonizadores europeus e já entranhados no folclore popular onde iniciados podem reconhecer-lhe os fundamentos ali contidos com correção.

Os tambores, usados em quase todas as cerimônias religiosas de todos os povos, também são usados pelos ciganos e preparados antes de sua utilização cujos detalhes omitiremos nesse trabalho mas que poderão ser encontrados na obra de Leland.

O mesmo autor comenta-nos, nas páginas 304 e 305 um incrível relato do *uso de búzios no Egito* como *jogo de adivinhação* que teria assistido em sua época, sendo de uso corriqueiro. Considerando-se os grifos nossos, conta-nos: “*Diante dela, no chão, havia um quadrado de fazenda com algumas conchas. De vez em quando, um egípcio pertencente a alguma das classes mais baixas parava e fazia uma consulta prévia. Ela era uma adivinha e, pelas posições que as conchas tomavam quando atiradas sobre o pano, predizia o que ia acontecer.*” E, mais adiante: “*E todo o procedimento era semelhante ao egípcio antigo, como também caldeu, pois a mulher era uma Rhagarin, cigana, e, quando se sentava para fazer suas predições, sentava-se como faziam na antigüidade, lançando conchas para conhecer os auspícios, era como se fossem atiradas lanças, que seriam amaldiçoadas por Israel*”. Ora, o autor não cita a palavra *búzios* mas afirma serem *conchas*, ficando explícito que eram jogadas da mesma maneira que o africano conhece com o nome de *Jogo de Ifá*. Que o mesmo já era conhecido pelos egípcios e caldeus mais antigos e “*amaldiçoado por Israel*” que, como já comentamos, centralizaram na figura de Moisés e patriarcas a capacidade de “falar com Deus” (os patriarcas podiam “profetizar”, ter visões, falar com anjos e enviados de Deus, fazer certos rituais) proibindo a prática mediúmica entre seu povo para maior domínio das massas, no rigor da lei mosaica, como se isso fosse possível na prática!

A nosso costume de utilizar firmadores magnéticos com ponteiros, não é de todo desconhecido pelo povo cigano. Utilizam-se de punhais cravados sobre o tampo de uma mesa, em árvores, sobre um papel com orações. Em suma, em tudo semelhante aos trabalhos de nossos terreiros com nossas tradicionais ponteiros de aço, pregos, alfinetes sendo esses últimos muito utilizados pelas entidades representantes do Povo Cigano em nossas giras quando nós, sempre

incrédulos, teimamos em não ver tantas provas das mais cabais provas da sobrevivência da alma após a morte.

Além de tudo, os ciganos são hábeis observadores. Notaram haver espíritos na Natureza e aprenderam como contentá-los ou invocá-los quando

(5) O **enxofre** é associado pelos alquímicos europeus e árabes como símbolo do fogo purificador ou infernal pela sua cor amarela e propriedades desinfetantes, como citado em *Jó 18:15*. Para ser punida e purificada, Sodoma viu-se coberta por uma chuva de enxofre expulsando a força maléfica que viu-se “banida da terra” (*Jó 18*). Curiosamente, na Revista SUPERINTERESSANTE de Novembro de 98, página 30, explica-se porque choramos ao cortar cebolas, pelas mesmas conterem compostos de enxofre voláteis irritantes à córnea, provocando lágrimas para limpá-la. Assim os práticos observaram, desde a mais remota antiguidade, que tanto a cebola (quicá o alho) teriam a propriedade de afastar certos espíritos trevosos e suas forças sem saberem que tal propriedade *devia-se à presença de enxofre!*

perambulavam em bosques, matas, beira de lagoas. Conhecem também o valor do redemoinho magnético existente nas encruzilhadas e a antiga tradição por nós conhecida de nunca voltar-se para trás após uma invocação nesses locais. Sabem também que as cores das “fadas” ou *Vilas* (espíritos da Natureza presentes em vários reinos) eram o *branco, vermelho e preto* que valeu-nos um comentário ainda nesse capítulo. Outras observações importantes também merecem nossa consideração:

- à semelhança do iorubá, a lesma é considerada “gado” já que possui chifres. Para a religião africana, o caracol chamado *ibí* é o verdadeiro quatro-pés a ser sacrificado a Oxalá, em vez de outros animais de sangue quente. Para o cigano, a lesma ou o caracol também são símbolos da voluptuosidade devido as características de seu ato sexual.
- O cigano sabe ser a mediunidade parcialmente herdada e adquirida, sob treinamento. O mesmo crê o Espiritismo e o Africanismo, entre outras religiões que crêem na necromancia.
- As fases lunares, à semelhança da Umbanda, é fator predominante em muitos rituais mágicos.
- As doenças sempre terão uma origem espiritual. Poderão ocorrer pela presença de um espírito maligno que deverá ser afastado, na crença cigana. Nós consideramos também o fator cármico.
- Costumam entregar oferendas e “trabalhos” em encruzilhadas. A origem desse costume remonta ao culto de Shiva ou à Hécate grega, essa última senhora desses locais sagrados e padroeira das feiticeiras. Com certeza, haverá costumes semelhantes em outros povos em todo o globo.

- Crença nos Exus (por eles chamados de *bhuts*), elementais (Vilas) e espíritos guardiães da Natureza. Trabalham com eles pelas mais diferentes razões.
- Usam fios de cabelo, unhas, terra, sangue, saliva, urina e muitos outros elementos já sedimentados na magia de Umbanda, africanista e popular.
- Punhais como firmadores magnéticos. O mesmo fazem com machados, alguns enterrados em árvores.
- Árvores e animais merecedores de especial veneração. Há preferência por animais de *pelagem negra* pois esses teriam “uma mediunidade mais aguçada”.
- Nós amarrados em magia para “trancar” eventos.
- Orações semelhantes às africanas para feitura de ritos.
- Trituração de vários elementos, cujo magnetismo próprio servirá para execução de feitiços benéficos ou maléficos. Semelhante ao emprego dado pelos africanos.
- Banhos propiciatórios ou curativos, uso de “fumaças” (defumações ou incensos), amuletos, talismãs.
- Os ciganos conhecem a adivinhação por cebolas. Lembra-nos seu uso no Candomblé.
- Uso do esborrifo de água para purificação.
- Fazem diversos tipos de sacrifícios, inclusive o animal. Conhecem substitutos para o sangue animal.
- Conhecem o uso das cores e **detestam o preto**. Nenhum cigano veste-se predominantemente nessa cor pois “atrairia o azar”. O vermelho é a cor das paixões e sempre será poderoso talismã quando achar-se um objeto, fio, fita nessa cor. O amarelo é símbolo da riqueza, ainda mais quando o objeto estiver *flutuando na água*. O branco, paz e reconciliação. O uso das cores lembra-nos em muito àqueles que consagramos aos Orixás africanos ou nossos guias de Umbanda (inclusive Exus).
- Uso de objetos de cera e agulhas cravadas nele, como aparece no Vodun haitiano. Uso e excelente conhecimento de endereços vibratórios.

- Hábito de lançar à terra as primeiras gotas do que se bebe, lembrando-nos o costume africano de verter líquidos em homenagem aos ancestrais e Orixás. Para os ciganos, é uma homenagem a *Wodna Zena* ou *Nivashi*, senhora das águas.
- Uso de círculos riscados como protetores contra feitiçarias. Aparecem muito na Umbanda, por influência jeje, em seus pontos riscados.
- Acreditam que os objetos de estimação de alguém fique impregnado com o “espírito da pessoa” (para nós seria a energia vital, bioenergia). Eis o princípio da imantação e do próprio endereço-vibratório.
- Sabem que para fazer-se magia negativa é necessário o uso do sangue, do sofrimento da vítima ou do mago, fome e toda a sorte de abstinência dos instintos naturais.

Iremos nos abster de muito mais itens como a citação do uso de sapos em magia, enterrar-se oferendas para tornar um local propício à felicidade, os famosos golpes do “bilhete de loteria” que os ciganos de 1870/1890 conheciam tão bem, quais são os espíritos da Natureza reverenciados pelos ciganos, não sendo oportuno ao nosso trabalho cujo fim é trazer uma variedade de assuntos para tecermos comentários finais. Ao curioso ou apaixonado pela cultura cigana recomendamos a vasta bibliografia cujos autores abordam com seriedade o tema, criteriosos na busca de subsídios, recolhimento de relatos e *convívio com a cultura* como, por exemplo, fez Leland durante *vinete anos*. Em muitas capitais de nosso país há centros de cultura cigana cujo intercâmbio, com certeza, valerá a pena.

Por fim, o grande encontro religioso cigano realiza-se no Sul da França em Saintes-Maries-de-la-Mer, nos dias 24 e 25 de maio cuja romaria leva-os ao túmulo de Santa Sara, sua grande padroeira, serviçal de pele negra de Maria Jacobé (irmã de Virgem Maria) e de Maria Salomé (mãe de Tiago Maior e de João, apóstolos de Jesus) que merece, em todas as partes do mundo, a centralização de fé desse povo admirável.

A MEDICINA INDIANA – AYURVEDA

“E Jesus, voltando-se, e vendo-a disse: tem ânimo, filha, a tua fé te salvou. E imediatamente a mulher ficou sã.”

Mateus 10:22

Através de consultoria dada à Revista Destino por Vraja Devi Dasi, do Instituto Ratna de Cultura Indiana (1), iremos abrir esse capítulo especial destinado a esclarecer ao umbandista a extraordinária relação existente entre a aparição de cada distúrbio físico no organismo e o fator psíquico que o motiva, comparativo esse só agora feito por alguns profissionais da medicina tradicional. Acreditamos que todos os recursos passíveis de serem utilizados como ferramentas ao médium ou ao cacique orientador dos terreiros permitirá facilitar a busca de soluções ao consulente sério ou aquele, na maioria das vezes pelo simples prazer de “testar” a sabedoria de seus caciques, não menciona seus verdadeiros problemas com as respectivas causas. Por isso tudo, abominamos a prática mediúnica desinteressada em adquirir conhecimentos, na velha cantilena de “deixar tudo nas mãos do guia”, esquecendo-se com isso que o médium é parte ativa do conjunto formado pelo mundo espiritual atuando no mundo da matéria, e vice-versa.

Ayurveda traduz-se como “a ciência da vida”, criada há mais de cinco mil anos na Índia, não sendo única e exclusivamente um tratamento ou ciência dedicada a cura após a instalação da doença. Na verdade, procura *prevenir* o aparecimento das moléstias através de uma série de dietas, meditações, medicina natural, massagens, observações de sintomas e a propensão individual em contraí-las. O profissional dedicado a essa medicina procura, em primeiro lugar, reequilibrar o organismo debilitado quando, por si mesmo, encontrará sua própria cura.

O princípio da medicina ayurvédica recai na existência de três princípios da Natureza nos seres vivos que, encontrando-se desequilibrados, promovem as doenças. Esses três princípios são chamados de *doshas*, observáveis como segue:

DOSHA VATA

- Elementos dominantes: Ar e Éter.
- Sua falta: provoca apatia e desânimo.
- Atuação: promove qualquer movimento no corpo.

- Características principais: pessoas aonde domina o Dosha Vata possuem ossatura fina, apetite irregular, preferência por sabores doce, azedo ou salgado, atividade física e mental intensas, temperamento inseguro e imprevisível, fala rápida, memória melhor a curto prazo, sua fê é mutável, sono interrompido durante a noite e muito leve, geralmente magros, ombros e quadris estreitos.
- Personalidade: os Vata são alegres, assimilam rapidamente informações mas esquecem facilmente, excitados e de humor variável, dormem pouco.
- Propensões: sofrem mais facilmente de ansiedade, perda de peso, inquietação, insônia, hipertensão, intestinos com atividade irregular, tensão pré menstrual, artrite, pele áspera.
- Dieta recomendável: devem dar preferência a alimentos calmantes e quentes, evitar carnes vermelhas, comer mais

(1) Anexo incluso na Revista DESTINO, Edições Globo, Outubro de 1992.

- açúcar, leite, manteiga, arroz, massas, pão, iogurte, queijo, frutas azedas, alimentos salgados.
- Exercícios: recomendável exercícios leves como yoga, dança, andar de bicicleta, caminhadas, atividades domésticas procurando relaxar, sem excessos.

DOSHA PITTA

- Elementos dominantes: Fogo
- Sua falta: provoca no organismo estagnação.
- Atuação: responsável pelos fenômenos de transformação do corpo.
- Características principais: as pessoas dominadas pelo Dosha Pitta costumam ter porte médio, corpo proporcionado, cabelos que embranquecem cedo, pele macia, não gostam de expor-se ao sol, bom apetite, preferem sabores doces, amargos e ácidos, intestinos regulares, mente aguçada, boa memória, sono moderado e profundo, fala aguda e cortante.
- Personalidade: os Pitta podem tornar-se irritáveis e abusam da crítica consigo mesmo e para com os outros com comentários mordazes, donos de temperamento ciumento e agressivo, um tanto fanáticos se permitirem, deveriam evitar sentimentos de raiva e frustração.
- Propensões: poderão sofrer de doenças cardíacas, problemas digestivos, inflamações, úlceras.
- Dieta recomendável: açúcares, leite, manteiga, arroz, massas, pão, vegetais de folhas verdes.
- Exercícios: corrida, alpinismo, natação.

DOSHA KAPHA

- Elementos dominantes: água e terra.
- Sua falta: provoca fraqueza.
- Atuação: fornece força, resistência, firmeza ao organismo.
- Características principais: quem é dominado pelo Dosha Kapha possuem ossatura grossa, costumam ser pesados,

com apetite médio, preferência pelos sabores picantes, amargos ou ácidos, bebem pouca água, pouca atividade física, memória de longo prazo, fala lenta e monótona, intestinos regulares, apreciam calma e muita tranquilidade, não apreciando atividades físicas, de sono pesado e prolongado.

- Personalidade: são calmos, afetuosos, perdoam facilmente, são corajosos e de personalidade forte, emocionalmente estáveis, não se irritam com facilidade mas nunca esquecem após assimilar informações, de temperamento apegado, sua fé costuma ser estável inclusive nos contratemplos.
- Propensões: um tanto preguiçosos, sonolentos, têm tendência a engordar e crises de depressão pelo apego demasiado a pessoas e bens materiais, podendo Ter sinusites, diabetes e alergias.
- Dieta recomendável: consumir alimentos quentes e temperados, pimenta, gengibre (se a saúde permitir), vegetais de folhas verdes.
- Exercícios: ginástica aeróbica, musculação, remo e todos os vigorosos.

Conselhos complementares à saúde, para qualquer tipo físico:

Sono: procurar dormir de forma tranqüila, se possível no mesmo horário, a noite inteira, evitando com isso perda de peso e enfermidades. O sono interrompido provoca problemas gástricos; dormir em demasia chega até a desenvolver problemas mentais; dormir sem horário fixo pode causar perda de apetite, febre, sinusite e dores de cabeça. No verão, sonos diurnos são salutares. Massagens com óleos aromáticos também são indicados.

Banho: alongar o corpo logo após acordar, espreguiçando-se bastante. Banhar-se iniciando com água morna e terminando com água fria, numa temperatura que não seja excessiva para o organismo frente àquela do meio-ambiente/estação do ano.

Refeições: relaxar o máximo possível ao alimentar-se, procurando um ambiente tranqüilo e com tempo suficiente para uma mastigação completa. Evitar beber água antes ou depois da refeição.

Exercícios e massagens: exercitar-se conforme seu tipo físico e fazer massagens, indicadas pela bibliografia:

- da cabeça para os pés: crianças e pessoas fatigadas.
- Pés para a cabeça: pessoas obesas.
- Coração: *nunca* deve ser massageado.
- Cabeça: com óleo de amêndoas.
- Corpo: óleo de gergelim (verão) e de mostarda (inverno)

Para uma massagem rápida: massageie cabeça, nuca, coluna, sola dos pés.

Jejum: alimentar-se sempre acumula resíduos no organismo. O ideal é, em um dia tranqüilo como um fim de semana, ficar-se

durante o dia começando com um copo de água quente, mel, limão e água, com moderação (evitar-se saciar a fome com água). Evitar banhos, passeios, viver momentos de ansiedade, relaxar o máximo que puder. Quando quiser terminar o jejum, alimente-se com comidas leves.

Inevitável citar, ainda nesse capítulo e com óbvia influência indiana pela formulação de sons, sílabas e palavras com o objetivo de cura, a pesquisa de sete anos de uma terapeuta paulista (2) que causou-nos profunda impressão à época pois, tão intrigante quanto as descobertas, vimos uma correlação entre doença e causa de reais subsídios e muito úteis ao cacique umbandista frente aos queixumes de um consulente, podendo com isso ter mais um recurso para análise do surgimento das moléstias. Evitando-se citar o uso de mantras por dispormos de outra metodologia

(2) Anexo especial publicado pela Revista Destino – Editora Globo, agosto de 1993, através de consultoria dada pela terapeuta Elaine Blach.

de trabalho - através de consultas com os guias e oferendas -, faremos breve tabela baseada nesse estudo, de forma sintética, que será deveras útil.

PROBLEMAS DE ESTÔMAGO, indicam pessoas que não sabem como lidar com problemas e expor verdadeiramente seus sentimentos, inclusive aqueles de contrariedade. Sentem-se vulneráveis diante alterações de vida como

novidades, que encara como um perigo à sua segurança. Por isso, inconscientemente, tornam-se possessivas e ciumentas de coisas e pessoas, com medo de perdê-las nessas mudanças de vida. Dificuldade de expressar-se. Timidez e mau humor.

PROBLEMAS CARDÍACOS, surgem em pessoas com dificuldade em controlar a ira e compreender a limitação de cada um, inclusive as suas, não conseguindo relaxar jamais. Irritações, descontroladas, poderão vir a ter acessos de cólera através de atitudes violentas ou mesmo no silêncio, repleto de raiva por não sentirem-se capazes de modificar as coisas. Geralmente surgem de ódios reprimidos.

PREGUIÇA OU FADIGA CONSTANTE, é sinal de que sentem-se contrariadas na execução de tarefas que consideram enfadonhas ou desagradáveis, não sentindo prazer naquilo que sentem-se obrigadas a fazer. Indica necessidade de mais tempo dedicado ao lazer, na tentativa de tornar as horas de atividade menos insuportáveis.

ENXAQUECAS E DORES DE CABEÇA, indicam impossibilidade de lidar com situações novas, que desanimam frente a obstáculos e, principalmente, têm uma visão pessimista tendo enorme dificuldade de alterar os pensamentos negativos por positivos e alegres. Pessoas deprimidas e angustiadas.

FIBROMAS e nódulos uterinos indicam um profundo sentimento de mágoa pelo desprezo ou repúdio vindo de companheiro ou familiares. Pessoas

deprimidas e com sentimento auto-destrutivo por não sentirem-se amadas pelos que as rodeiam.

PROBLEMAS NO FÍGADO, surgem de sentimentos punitivos contra si mesmo por acreditar ter feito algo errado e que se arrepende amargamente. Pode ser indicativo também de soberba e mania de grandeza.

CÓLICAS INTESTINAIS indicam dificuldade de libertarem-se de situações insuportáveis, pessoas ou atitudes por considerá-las perniciosas à sua vida. Desespero por não livrar-se delas.

INSÔNIA indica medo de perder o domínio de situações sem conseguir organizar a sua vida como gostaria, não conseguindo relaxar nem mesmo nas horas de repouso. Insegurança, dificuldade de autocontrole, compreensão equivocada da morte e medo dela.

INFECCÕES várias é sinal de repressão exagerada nos sentimentos agressivos que deveriam ser melhor trabalhados, aborrecimentos de difícil solução ou de convivência com eles.

PRESSÃO ALTA indica autocontrole excessivo, tendência e tentar dominar pessoas e situações, dificuldade em liberar a agressividade.

PRESSÃO BAIXA indica carência de afeto na infância, insegurança, apego ao passado em demasia, sentimentos de solidão, indecisão, abalam-se com freqüência.

TUMORES são resultado de choques emocionais que geraram dores profundas. Sentimento de culpa e remorso.

PROBLEMAS NOS RINS, é sinal de dificuldade em fazer-se amigos e problemas vários derivados de relacionamentos.

PROBLEMAS NOS OLHOS é decorrência de medo de encarar-se como se é, como as pessoas são ou os ambientes como se apresentam. Fuga em aceitar sua índole e seus defeitos. Se glaucoma, há a permanência de rancores passados, sem conseguir perdoar. Medo de encarar o mundo como ele é.

OSSOS E SEUS PROBLEMAS é resultado da rebeldia em aceitar as regras impostas, luta por libertar-se da opressão decorrente de normas disciplinares não aceitas, quem sabe promovendo uma nova maneira de viver. Há também insegurança e falta de firmeza.

DORES NOS OSSOS assemelha-se ao problema generalizado nos ossos por ambas serem resultado da dificuldade de libertar-se de pessoas ou situações autoritárias, de difícil diálogo e profunda opressão mental.

OBESIDADE, relaciona-se à carência afetiva. Desejo de ser amado e aceito como se é, incluindo-se algum sentido de rejeição pelos seres amados à sua volta.

DOENÇAS NOS OUVIDOS, mostra-se como desejo de fugir às perturbações de um ambiente, de desobedecer às ordens recebidas. Pouca paciência em escutar os outros.

PRISÃO DE VENTRE crônica indica pessoas que sofrem pelo apego demasiado à tudo que a cerca, bem como sofrimento nascido de esquecer-se de si mesmo para ajudar os outros, até mesmo prejudicando-se.

TOSSE e seus acessos, indica pessoa nervosa, tensa, irritada em não poder manifestar-se como gostaria.

DOENÇAS NAS PERNAS que provocam imobilização ou dificuldade em andar demonstram que há medo de encarar-se problemas na vida, medo do que virá pela frente por situações vividas na infância. Amarração para agilizar soluções ou planos.

HEMORRÓIDAS, retenção de raivas reprimidas que não conseguem ser colocadas à tona, passado doloroso que não consegue ser esquecido, repressão.

NÓDULOS GENERALIZADOS, depressão profunda decorrente de se ser obrigado, pela família, pais ou necessidade, de exercer uma certa profissão.

Se o leitor observar bem, a maioria das doenças manifestam-se por frustrações aos quais não podemos vencer, não conseguir externar nossa natural agressividade, raiva, incômodos por convenções sociais ou familiares, não termos possibilidade de escolher nossos caminhos. Ou seja, a partir de alimentarmos sentimentos de ódio ou revolta por tempo indeterminado, esse auto-envenenamento mental provocará a maioria das doenças surgidas dentro de nosso próprio psiquismo; em suma, queremos com isso dizer (e confirmar o que já diziam os espiritualistas do mundo todo) é que nós mesmos (e não outrem) provocam a maioria dos males que surgem em nós mesmos. Deus nos deu o melhor e forças para vencer as dificuldades; nossa incapacidade por medo, covardia, preguiça, acomodação, desejo de progredir na vida material a qualquer custo, ignorando aspectos interiores derivados de nossa própria consciência trazidos dessa e de outras reencarnações passadas é que são o verdadeiro demônio interior a provocar o real inferno que muitos vivem. Acreditando-se ou descrendo na reencarnação (algo ainda muito “esotérico” por muitos), basta que analisemos nosso íntimo e, claramente, teremos uma análise real de nossas próprias dificuldades, índole, como realmente somos.

O umbandista vive e convive esses conceitos diariamente nas centenas e centenas de terreiros espalhados pelo país e agora pelo mundo, através dos queixumes de sua assistência. É vital que conheçamos o mecanismo das doenças, simples manifestação surgida *a partir de uma alma doente*. E a melhor maneira de tratá-las sem, contudo, ignorar a atuação médica e psiquiátrica necessárias em muitos casos pelo avançado estado de desenvolvimento dos males cujo tratamento, em última instância, poderá vir a ser cirúrgico ou alopático em curto prazo.

Em nosso ponto de vista porém, ninguém dá uma clareza mais exata do mecanismo das doenças do que o mestre Ramatis em seu *Fisiologia da Alma*

(3), obra ímpar por natureza e ainda não igualada pela escrita ou psicografia de vários autores.

Espírito ligado ao Povo do Oriente, mais especificamente à Índia, desapegado à essa ou aquela religião, foi muito incompreendido pelos adeptos do Espiritismo que, justamente por não defender-lhe *exclusivamente* as idéias discorria largamente sobre magia, feitiço e outros temas considerados tabus dentro de sua bibliografia. Traremos, a partir de agora, algumas de suas explicações que trarão luz aos conceitos incorporados em nossas casas e nossos dirigentes.

E por que estamos falando de doença: como surge, como alastra-se, como curá-la? Apenas considerando-se o aspecto terapêutico? Tenho visto não uma, nem duas casas, mas muitas que não discutem esse tema. Ainda apegados ao conceito católico de “pecado”/paraíso, esse último apregoando ser a vida pós-morte um local aonde todos viram anjos perdidos sobre nuvens em um ócio eterno a tocar lacrimosas harpas, não conseguem entender o surgimento das doenças em si e nos seus irmãos de fé criando quadros de revolta lastimáveis, com mortes extremamente dolorosas, eivadas de imprecações de revolta por “sentirem-se abandonados” pelos nossos guias que “deveriam” amparar-lhe e, com certeza, curar-lhe o corpo. Nenhuma

(3) Fisiologia da Alma, de Ramatis, psicografado por Hercilio Maes, Ed. Freitas Bastos. religião pôde alastrar seus conceitos de pós-morte e reencarnação sob o domínio de uma Igreja que, em seus concílios, proibiu a abordagem do tema excomungando quem desses assuntos falasse. O nosso mundo ocidental/católico desconsidera essa realidade milenar falada por quase todas as religiões do mundo inteiro, em todos os tempos, secando o veio do entendimento, criando a leva de criaturas cegas, materialistas, revoltadas, violentas que pululam nos guetos de nossas cidades a atacar-se uns aos outros sem perceber a grandeza do ensinamento de Jesus quando corrigiu Pedro por ter agredido um soldado, dizendo-lhe que se ferimos com ferro, com ferro haveríamos de ser feridos. Eis a velha lei da natureza de Ação e Reação sendo apresentada de forma simples mas tão pouco compreendida, citada nos púlpitos como se fosse apenas uma imagem sagrada ocorrida há quase dois milênios, sem lá muito valor intrínseco nas suas entrelinhas.

Para prosseguirmos, é imprescindível que saibamos alguns conceitos básicos:

REENCARNAÇÃO - ato de nascer novamente em novo corpo, unindo-se a esse desde sua formação no útero feminino. Devido as circunstâncias, esquecemos parcialmente do que fomos em vidas anteriores, do que fizemos, de nossos afetos e desafetos, do que nos comprometemos com nossos guias a fazer. Dizemos *parcialmente* porque trazemos conosco nossas lembranças íntimas, nossa índole, nossos instintos, nossas predileções, nossos dons que, sob uma análise parcial, logo temos uma clara idéia de todos os fatos anteriores à essa vida, bem como promessas feitas. Quanto mais evoluídos espiritualmente, teremos maior compreensão e lembranças do passado em nosso íntimo pela maior sensibilidade que dispomos.

PERISPÍRITO - forma simplificada de conceituar o corpo semi-material (formado a partir das energias/fluidos do *mundo que iremos reencarnar* e do dito plano espiritual) que agrega-se ao espírito. É com ele que o espírito costuma tornar-se visível aos médiuns videntes para ser percebido; graças a ele também é possível o espírito manifestar-se diretamente no plano físico através dos inúmeros fenômenos paranormais/mediúnicos. Esse corpo é chamado de *duplo ou duplo etérico* em outras escolas espiritualistas. Quanto mais evoluído for um espírito, menos denso será seu perispírito, mais plástico (pode assumir a forma que quiser pela sua maleabilidade), mais fácil e mais longe será sua locomoção.

CORPO - invólucro do espírito, elo de ligação temporário que ele se vale para atuar diretamente no mundo de energias mais densas que chamamos mundo físico. Apesar da hereditariedade, o corpo físico é plasmado (desenvolve-se, compõe-se) ainda no corpo da mãe a partir da composição do perispírito daquele que vai nascer. Em outras palavras, o perispírito é a matriz do corpo que teremos.

ESPÍRITO – princípio inteligente cuja formação deve-se ao Criador. Forma absolutamente imaterial e tão sutil que, para reencarnar, necessita revestir-se de um perispírito para agregar-se a um corpo físico. Para o reencarnacionista, é ele a verdadeira fonte da inteligência sendo o cérebro apenas um órgão complexo mas, ainda, apenas o órgão de um corpo. Isso explicaria a recomposição do cérebro após traumas como sua parcial destruição em acidentes porque, verdadeiramente, quem transmitiria o pensamento seria o espírito que é indestrutível e eterno. Ao ser criado, nasce “simples e ignorante” e dotado de “livre-arbítrio”; ou seja, para evoluir terá de adquirir experiência através de inúmeras reencarnações e, ao mesmo tempo, terá a possibilidade de escolher seu próprio caminho não sendo jamais dirigido mas, eventualmente, aconselhado pela sua própria consciência ou pelas entidades superiores. Esse estado primeiro, quando ainda não temos sabedoria plena no processo de evolução do nada à angelitude infinita, praticamos atos por ignorância ou mesmo tentando burlar as leis universais de Deus crendo ser isto possível: o livre-arbítrio utilizado sem critérios (eis o que convencionou-se chamar “mal”) produz uma reação de igual força contrária que conduz ao repensar, ao retorno às leis naturais. Todos os seres vivos, desde a pedra até os anjos, passam pelas reencarnações até chegar *próximo* a perfeição (impossível chegar-se até ela, já que somente Deus é perfeito); assim os minerais, animais, plantas evoluirão tornando-se homens que, muito além, serão um dia anjos. Não necessariamente, portanto, para se ser um espírito, o indivíduo precisará ter morrido. Concomitantemente, há aqueles que já morreram e dessa forma estão desprovidos de corpo físico: chamamos simplesmente de *espíritos, desencarnados, mortos*. À categoria dos que estão utilizando-se temporariamente de um corpo chamamos de *vivos, reencarnados*.

MAL – para o espiritualista, para o reencarnacionista (inclusive os umbandistas) **o mal não existe**. Sendo Deus perfeito, obviamente não poderia ter criado algo tão imperfeito como o próprio mal. Seria apenas um estado temporário, fruto da ignorância das leis naturais pelos indivíduos na tentativa de burlá-las ou, ainda, atuação da Natureza com fins de sua renovação vista por nós como algo maléfico (erupções, temporais, enchentes, etc.). Aliás, o mal é apenas uma questão nossa de ponto de vista: quando um mundo de extingue poderá ser um mal para seus habitantes; para Deus seria a transformação da matéria envelhecida por um mundo novo, mais aperfeiçoado. Para regular automaticamente tais atitudes nossas e de seu Universo, Deus criou a lei universal de Ação e Reação: à toda ação nossa ou de sua Obra, num todo, corresponderá uma reação de igual intensidade contrária. Assim, todo o Universo (inclusive nós) se auto-regula.

RESSURREIÇÃO – ato de voltar à vida no mesmo corpo, após sua morte. Não confundir-se com catalepsia ou letargia, doença atribuída ao caso de Lázaro, acordado pelo magnetismo extraordinário que dispunha Jesus. É um conceito impreciso pela incompreensão médica da época, bem como interpretação posterior dos textos bíblicos (4).

FLUIDOS – termo adotado por Allan Kardec para designar, em sua época, a mistura de energias que transformam-se umas nas outras e decompõe-se em escala quase infinita desde aquelas que usamos diariamente em nosso plano físico (energia solar, calorífica, elétrica, etc.) até aquelas não detectadas ainda por instrumentação de laboratório chamadas, vulgarmente, de “espirituais”. Em nosso

trabalho, preferimos adotar o termo “energia” em vez de fluidos para designar a mesma coisa.

MUNDO MATERIAL, PLANO FÍSICO – Chamamos assim tudo aquilo que é captado *pelos nossos cinco sentidos*. De enormes limitações (basta conhecer a sensibilidade do ouvido e sentidos dos animais), seria apenas energia condensada de pouca durabilidade, pouco plástica, muito limitada em relação às ditas espirituais.

MUNDO ESPIRITUAL – tudo aquilo que pertence ao grupo de objetos, seres, energias que não são captáveis pelos nossos sentidos ou mensuráveis pelos nossos instrumentos. Tem uma graduação quase infinita desde os mais densos (mais materiais ou parecidos com esse plano) até os mais sutis, imperceptíveis até pelos médiuns (sensitivos) mais adestrados. Por ser menos denso é, naturalmente, infinitamente mais maleável (plástico) permitindo ser alterado até pelas ondas de

(4) Recomendamos a leitura de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Alan Kardec como obra de apoio.

nosso pensamento. Nele, em suas mais diferentes graduações, habitam os espíritos conforme sua formação íntima: os mais evoluídos, menos materializados, habitam planos igualmente menos físicos; os mais ligados à energias mais próximas à matéria habitam planos intimamente mais “pesados”.

DIABO – Demônio, Satanás ou o nome que lhe dêem as diferentes bibliografias, como indivíduo ou “anjo decaído” não existe, condenado ao fogo eterno e terrível rival de Deus que, em muitas vezes, iguala-se em poder. Trata-se apenas de um nome coletivo para designar as vastas falanges de espíritos revoltados, incapazes de compreender as leis naturais (sendo assim, divinas), embrutecidos em sua própria ignorância ou uma alegoria da dualidade existente entre espírito/matéria. Deus, sendo perfeito, não poderia criar ser tão imperfeito e, sem piedade, condená-lo ao fogo eterno sem volta (lembramos a “Parábola do Filho Pródigo” aonde Jesus tenta explicar que o Criador é infinitamente piedoso e espera pacientemente pelo amadurecimento de seus filhos, bem como seu retorno à razão). Na figura do Diabo, como ser único, centralizamos nele nosso estado temporário de ignorância, apego demasiado aos instintos em detrimento à inteligência, apego à matéria como se fosse a única forma de energia que existe, nossa infantil tentativa de escapar e ser mais espertos do que o Criador burlando-lhe suas leis igualmente perfeitas. *Se um homem tem piedade de seus filhos, o quanto será Deus em sua misericórdia conosco*; como poderia, então, Ele ser tão pequeno de alma e condenar um filho à impiedade eterna? Ou ter um rival de igual poder, disputando-lhe a soberania? Teríamos então *dois deuses* em vez de um?

INFERNO, CÉU – são os locais descritos pelas entidades, por intuição de médiuns, ou mesmo através dos sonhos em visita às regiões para aonde os espíritos vão após a morte relatados por todas as religiões, em todos os tempos. Essas regiões, construídas e delimitadas pelas mentes superiores servem para abrigar os espíritos em seus mais diferentes graus de compreensão e aperfeiçoamento moral. As regiões infernais, como lugar de penitência eterna não existem para o espiritualista/reencarnacionista que vê Deus como um ser infinitamente bom, sábio e misericordioso desejando que seus filhos possam evoluir e serem felizes como toda a sua Criação. Prefere-se os termos *Purgatório, Umbral, Maus Caminhos (Ona Buruku)* para designar as regiões sombrias; *Céu, Colônias Espirituais ou Aruanda* para designar as regiões de trabalho e progresso pois, ociosidade, não faz parte de qualquer princípio evolutivo. Fala-se que as regiões sombrias, até mesmo pela sua baixa densidade vibratória, está muito próxima ao orbe terrestre de matéria igualmente densa.

Se o leitor (bem como o médium umbandista) não tiver conseguido apreender esses conceitos, tendo-os discutido algum dia em suas vidas, é impossível prosseguirmos no desenrolar de nossas explicações. Perguntariamos como ser possível trabalhar durante anos a fio no mediunismo sem saber o que são os nossos guias, quem seria os Orixás, porque alguns sofrem determinados males e outros não, porque temos a família que temos, qual o valor de uma oferenda, porque nascemos como somos, porque morremos e, principalmente, o que acontece depois da morte. Quantos médiuns desconhecem esses princípios sem concatenar as idéias, incorporando lá sabe o quê por toda uma vida de trabalho!

Tentando simplificar-se em rápidos conceitos a obra citada de Ramatis, explica-nos que em suas várias reencarnações, o espírito vai agregando em seu perispírito energias tóxicas produzidas pelo desequilíbrio mental e emotivo precisando ser expurgadas quando tornam-se impecilho de ascensão a níveis mais elevados ou quando tornam-se excessivas constituindo verdadeiras anomalias no corpo espiritual. A forma encontrada para tanto é através do retorno à vida corpórea, através do mecanismo da reencarnação onde o corpo carnal, pela sua textura energética pesada, serve como verdadeiro ímã, um “alambique” drenando para si essas toxinas pouco a pouco. Depois de certo tempo aparecerão as doenças, resultado dessa drenagem, bem como as sensações de dor e sofrimento, resultado dessa operação de expurgo.

Da mesma maneira, as entidades trabalhadoras das regiões conhecidas por cemitérios ou *calunga pequena* especializam-se na retirada gradativa dessas energias altamente destrutivas de nosso organismo espiritual, carregando consigo, “grudando-as” nesses charcos de decomposição de matéria em um dos locais mais “pesados” de nosso mundo. Eis o trabalho grandioso de nossos Exus, Pombagiras sob a proteção do Orixá Omulu/Obaluaiê (Xapanã) levando agregado em seus perispíritos ainda muito ligados à matéria, um pouco de nosso “carrego” aliviando nossos carmas (somatório de nossas boas ou más atitudes em várias vidas). Devido essas características, nossas entidades dizem que “incorporar Exu faz a vida tornar-se menos sofrida”. Ao desatento, poderá parecer uma frase cercada de oco misticismo; na realidade é a expressão de conceitos bem mais elaborados mas, como sempre, traduzidos na simplicidade típica de nossas entidades de Umbanda.

Prosseguindo-se, Ramatis dá-nos breve idéia da origem de muitas das moléstias surgidas em nosso corpo: para ele, o sentimento de crueldade produz os sintomas das paranóias, esquizofrenias, psicopatias sádicas em seus portadores; os problemas de esterilidade e impotência, bem como outras deformações na genitália, é resultado da luxúria colocada como um altar em vidas anteriores; os sentimentos de cólera e outras paixões violentas conduzem à formação da epilepsia, convulsões. Os mendigos de hoje são os poderosos, os avarentos e ladrões do passado; as inteligências brilhantes dedicadas à pilhagem, à política com fins pessoais em detrimento das populações necessitadas produzem os oligofrênicos; os retardados mentais são os inteligentes que prejudicaram muitos, os viciados nos mais diferentes tipos de drogas.

O acúmulo surgido de estados de mentalização deplorável em pronunciar pragas, enviar-se feitiços de magia negativa, julgamentos injustos, maledicência, calúnia, afetam o campo celular do homem reduzindo-lhe a bioenergia, lesando-lhe a estrutura. Surge o temido câncer que vai corroendo o corpo gradativamente, em verdadeira decomposição orgânica. Por isso dizemos que o câncer é doença comum nos sacerdotes de magia negativa dessa ou outras vidas pregressas e que vemos, de forma tão comum, ocorrer. Tanto é que surgiu o dito de que “câncer é doença de bruxos” devido sua incidência. Hoje encontramos também a AIDS, forma famélica de autodestruição provinda dos excessos dessa e outras vidas.

Como evitar, como reduzir as doenças em nós?

Como dar luz aos médiuns revoltados pelo surgimento de moléstias em si perguntando como eles, logo eles, ficaram doentes?

Como alterar a mentalidade de religiosos que acreditam ser as doenças fruto apenas do feitiço mágico?

Somente através da compreensão de tudo o que falamos até então para exprimir, ao doente, quais os motivos de encontrar-se no atual estado. Tirar-lhes das mentes de que é “a ira de Deus” caindo pesada sobre si, que Ele é injusto, que só recebeu ingratidão dos guias.

Nossa religião, pelo seu caráter universalista, é capaz de ministrar conforto tornando o doente forte o suficiente para - quem sabe - até reverter, retardar, reduzir, aliviar a sintomática das moléstias sem jamais chocar-se contra a Medicina tradicional, em um trabalho paralelo à essa.

A única forma de diminuir (ou até eliminar em certos casos) a doença é através da **alteração urgente de nossa forma de pensamento**. Os otimistas, os alegres, os eivados pela mais autêntica fé, os motivados são justamente aqueles capazes de desintegrar (ou minimizar) as doenças causando, muitas vezes total espanto aos médicos que tiraram-lhes a esperança de cura pelo adiantado estado em que se encontravam. Isso será possível através da mediunidade sadia, através da caridade desinteressada que versa no mais autêntico amor fraterno, nas trocas (imantação) feitas pelas oferendas, pelo carreio por nossas entidades. Podemos atestar por nossa vitória pessoal quando a Medicina não encontrou soluções, ser possível retardar, reverter tal situação através do comprometimento espiritual na mediunidade caritativa, no desejo de viver para cumprir uma obra, pela fé em Deus, em nossos Orixás, nossos guias, na crença de ser possível vencer sempre.

Outrossim, apesar dos costumeiros reclames da Medicina erudita vendo-nos como “curandeiros” ilegais no pior sentido da palavra, por nossa atuação em trabalhos visando curar (ou amenizar) os males dos milhares que buscam as nossas casas em busca de algum lenitivo, talvez esqueçam das dimensões continentais de nosso país aonde, em seu interior, a única alternativa sejam os recursos centenários de nossas benzedeadas, raizeiros, ervateiros, parteiras, curandeiros e médiuns quando, todos os dias, fazem seu trabalho minorando o sofrimento de nosso povo cuja maioria não dispõe dos recursos das capitais nos poucos equipados hospitais da Previdência Social. A Umbanda, respeitada como deveria ser em suas tradições pela preservação de uma cultura popular e histórica dos povos que formaram o Brasil, faz um trabalho social de grandes proporções nos focos violentos das regiões metropolitanas minadas por pessoas sem perspectiva alguma de vida, sem esperança, sem infra-estrutura, sem escolas (a maioria tendo apenas os primeiros anos do curso de primeiro grau), submetidas por gerações de criaturas atiradas ao vício, tráfico de drogas, alcoolismo, violência doméstica, na pior das marginalidades não permitindo o alçar de vôo à dignidade de uma cidadania produtiva. Nesses lugares, com toda a certeza, não será encontrado um médico, um assistente social ou psicólogo à disposição mas com certeza haverá modesta casa de Umbanda, ou até àquelas dedicadas à Quimbanda e Candomblé, desacelerando esse processo degradante, suprimindo essas deficiências lutando ainda contra os absurdos de uma mídia atrelada à outras religiões cujo objetivo é aumentar seus quadros de freqüentadores às custas de denegrir nossa ritualística, ignorando mordaz os direitos constitucionais que permitem espaço a todos os pontos de vista em matéria de crença.

Nesse desatino sem lei, sem respeitabilidade, onde as portas são tão estreitas para nós, eis que assistimos finalmente uma tradicional casa de Candomblé de Salvador (BA), no mês de dezembro de 1998, ser tombada como patrimônio histórico. Eis que graças a Deus e a todos os Orixás, vemos o reconhecimento das autoridades governamentais aos cultos afro-brasileiros e nossas tradições.

Quem sabe possa, ainda nessa reencarnação, ver alguma coisa mudar em relação ao tratamento que recebemos...

MAGIA XAMÂNICA NAS AMÉRICAS E EUROPA

“Não há rei que não tenha um escravo dentre os seus antepassados. Não há escravo que não tenha um rei entre os seus.”

Helen Keller, escritora norte-americana

É embaraçoso, lastimável, o desinteresse histórico promovido pelas grandes potências mundiais de tradição colonizadora em renovados impérios, no estudo dos continentes africano e americano, mais detalhadamente nossa América do Sul e Central. Assistimos sua desintegração cultural cada vez mais profunda na tentativa de sobreviver à voracidade de uma economia mundial globalizada descaracterizando-as diariamente, não lhes dando a menor atenção. Sufocados nessa voracidade, esquecem suas origens imitando os gestos dos povos mais ricos, gostos, moradias, linguagem, música sem tempo de registrar, de recordar seus antepassados, de saber quem são.

Nossa indignação é fácil de compreender. Para o leitor observar nosso ponto de vista, há alguns dias assistindo à emissora educativa do Governo tivemos a oportunidade de ouvir os irmãos Villas-Boas contando suas antigas aventuras, desbravando os sertões desse país há uns cinquenta anos atrás. Desconsiderando-se estar o Brasil naquele tempo jungido a uma política mundial de pós-guerra na época do desbravamento desses homens notáveis, assistimos a um amigo deles, pessoa influente em sua cidade, presenteando-os de coração aberto com diversos “achados”. Eram autênticas cerâmicas marajoaras de enorme antigüidade como atestaram os sertanistas tendo junto um outro mimo: uma cartilagem fossilizada de um ser pré-histórico. O amigo contou aos irmãos que o povo, naquele sítio arqueológico, pisara, quebrara, espalhando o restante achado, sabe-se Deus aonde.

Essa é uma amostragem infeliz do que estamos tentando expor. Se fosse em qualquer outro país “civilizado” veríamos essas cerâmicas cercadas de cientistas datando-as, catalogando sua procedência. Quem sabe estariam sobre um pedestal em um museu reeducando o público. Logo ao saber da existência da ossada, cientistas e paleontologistas isolariam o sítio e fariam o mesmo. Se fosse na Europa, América do Norte, servindo de estudos ao exterior.

Não estamos tentando dizer que o trabalho dos irmãos Villas-Boas em resguardar, reunindo esses objetos, não mereça crédito. Mas da falta completa do interesse de todos.

O elemento europeu, cujos benefícios foram tantos, também foram capazes de acabar com a cultura africana e civilizações americanas em seu afã colonialista de absorver-lhe as riquezas no menor espaço de tempo, a partir do século 16. As narrativas do que fizeram Pizarro e Cortéz deveriam ser lembradas nos bancos escolares em seu inenarrável barbarismo frente às civilizações notáveis americanas como aprendizado a não se repetir, quando receberam o repúdio, inclusive, de seus contemporâneos. Vários autores somam-se em afirmar que o fanatismo imperialista islâmico foi uma chaga aberta na África de proporções irreversíveis; o negro norte-americano, como exemplo, acredita ter ascendência nessa origem, ignorando suas raízes animistas como se elas nunca tivessem existido; talvez envergonhe-se delas. Já nos Estados Unidos, o famoso General Custer vangloriava-se do que fizera a chefes indígenas e à tribos inteiras dizimando-as em carnificinas pavorosas. Ainda hoje as populações indígenas do Brasil prostituem-se à beira de estradas, contaminando-se com doenças venéreas e outras ainda piores como a AIDS, envergonhando-se de seus rituais, língua, cultura apesar, hoje, dos esforços governamentais em deter esse decurso sob a pressão da opinião pública mundial. Incluiremos aqui a desumanidade de matar nossos animais selvagens levando-os como produtos exóticos para fora do país através do cruel contrabando, em condições onde a maioria chegam mortos; atropelados nas auto-estradas, mortas várias espécies aquáticas pelo lixo atirado aos cursos dos rios.

Fazendo pesquisa nas regiões metropolitanas em torno dos grandes centros urbanos, as populações de baixa renda conceituam que “mato é lixo”, “bicho do mato deve ser morto, seja ele qual for” sem a mínima noção de respeito, piedade, até responsabilidade com o meio-ambiente quando afirmam: “bicho nada sente e Deus, quando criou o homem, o fez para habitar a terra, governá-la e ter domínio sobre todas as coisas, inclusive animais”. Nessa interpretação duvidosa de textos bíblicos, caberia acrescentar que sendo o homem inteligente, mais responsável ele é sobre os seres desprovidos dessa mesma inteligência e *proteger a Natureza se crê ser Deus o Criador de tudo isso*.

Nós, caciques, temos o dever de repassar à assistência e ao grupo de médiuns esses conceitos de vital importância a todos os cultos afro-brasileiros sendo ainda mais grave por crermos ser os reinos da Natureza a moradia dos Orixás buscando recarregar nela/neles nossa força vital na entrega de oferendas, trabalhos complementares, no amaci, em todos os nossos rituais. Isso é básico.

Não bastasse, desprezamos os ritos ancestrais de nossas benzedoiras (quicá milenar), o conhecimento das ervas aprendidos dos caboclos, nossa maneira de dançar e cantar, até o muxoxo presente em nossas expressões, típico costume africano. Mas não ficaremos aqui. Na África, como observa Antônio Marcondes de Moura em entrevista à revista Planeta, para a maioria das populações desse continente hoje em dia, tudo isso é “lixo antigo”, “coisa de avó do interior”. Sem qualquer tipo de exagero, ignoramos que *há mais de 40.000 ervas catalogadas com propriedades medicinais e apenas 1100 delas foram realmente estudadas pela moderna Farmacologia* (1). A mesma população que despreza tais conhecimentos por achá-los “chazinho, recurso de pobre” esquece dos interesses da poderosa indústria farmacêutica multinacional quando adentra nossas florestas falando com nossos indígenas, tentando desvendar-lhe sua medicina rudimentar mas nem por isso primitiva no sentido pejorativo dado à palavra, sintetizando em modernos laboratórios as propriedades curativas de nossas plantas. O mesmo faz hoje a maioria das universidades federais em seus laboratórios de pesquisa espalhados em cada estado do país. Como já é praxe, veremos os ditos “urbanos” maravilhados com os novos medicamentos porque vêm em sedutoras embalagens, vendidos com preços exorbitantes no comércio das sofisticadas farmácias em bairros nobres de nossas capitais. Ah, se soubessem que atrás desse “novíssimo” medicamento, com ampla mídia, poderá estar a figura de um pajé que usa, há várias gerações, o princípio ativo daquela planta curando toda a sua tribo...

Vivenciamos recentemente o caso de uma pessoa de nosso grupo mediúnicos encontrando-se com esteatose no fígado, sentindo fortes dores no abdômen. Após detectado pelos médicos através de ecografias, exames de sangue, o Caboclo Ventania de nossa casa receitou-lhe um chá que deveria ser ingerido ao menos uma vez ao dia, composto de três ervas. Em um mês, após o tratamento do “caboclinho de Umbanda” o problema havia desaparecido, as dores sumido, o fígado estava no tamanho normal para a surpresa da médica que perguntou-lhe qual o tratamento alternativo feito, fazendo anotações. A única observação feita pelo Caboclo, foi o consumo do chá por tempo indeterminado para eliminar de todo a depuração do órgão.

Não somos contra o progresso inevitável, não estamos indo contra a classe médica, os problemas governamentais de um país agravados pelo tamanho de nosso território. Somos contra aquela ignorância cheia de malícia, a frieza de alma, o preconceito, a falta de referência, o descaso. A falta de empenho em querer conhecer e melhorar o que se pode fazer.

Mesmo com todo esse desprezo na atualidade, as Américas produziram no passado civilizações eminentes, comparáveis apenas àquelas desenvolvidas nas margens do Nilo.

Há duas teorias modernas sobre a origem de nossos ameríndios,

- (1) Revista INCRÍVEL, Ano II, n. 15 – Novembro de 1993, pág. 76 e 77. Bloch Editores.

de pele amarela. A primeira, seria a passagem de povos asiáticos (esquimós) saídos da Sibéria Oriental, atravessando o estreito de Bering há mais de 12.000 anos, na época das glaciações. Acreditam os arqueólogos que o mar teria descido naquela ocasião permitindo o encontro físico entre a Ásia e o Alasca, na América do Norte, servindo de ponte entre os dois continentes. A prova disso encontra-se na etnia amarela e a semelhança lingüística entre a língua esquimó e as faladas nessas regiões.

A segunda, mais recente, é a possibilidade dos primeiros habitantes terem sido africanos. Para o antropólogo Walter Neves, a prova mais contundente é o estudo de 50 crânios encontrados em Lagoa Santa (MG) e na Colômbia que apresentam traços negróides. Os esqueletos mais antigos da humanidade vêm da África atestando que a *humanidade começou ali* e, conseqüentemente, povoou todos os continentes. Para Neves os africanos saíram de sua pátria, dirigiram-se ao Oriente Médio, passaram dali à América pelo estreito de Bering e desceram por ela, espalhando-se. Isso em tempo muito anterior, há 100.000 anos atrás. Por volta de 7000 A.C. teriam sido eliminados pelos asiáticos que disputaram-lhes as terras (2).

Quem sabe essas migrações expliquem as semelhanças entre os continentes envolvidos, deixando os estudiosos atônitos, e as similaridades entre rituais mágicos, pirâmides e tudo o mais. Pensamos o quão tolas são as teorias de supremacia racial ariana, sabendo-se que todas as raças derivam de uma única: *a negra*, cujos vestígios sobre a Terra remontam de uns 200.000 A.C. Idéias perniciosas, arraigadas na mentalidade popular dos quatro cantos do globo, geradoras de grupos violentos, radicais, como a deplorável KU-KLUX-KHAN nos Estados Unidos ou os NEO-NAZISTAS, filhos do pós-guerra. Nesses países, caldeirão vivo de intolerância, recordamos que produziram a maioria das igrejas evangélicas cujas prédicas estão repletas de aversão à presença dos espíritos de nossos ancestrais, Caboclos e Pretos-Velhos, vistos com pilhéria em seu comportamento nos terreiros. Associam-nos à idéias de pobreza, escravidão, creditando-se a eles o papel de liderança em seitas “primitivas”. Assim fala o pastor a uma platéia que, em grande parte, anseia por alguma ascensão social. Apurando-se a vista, o próprio pastor muitas vezes é mulato ou negro e sua platéia formada de gente igualmente mulata, negra, cabocla como na verdade é o povo brasileiro. Tais incoerências repetem-se nos comentários desairosos dos espíritas (kardecistas) que classificam nossos passes como “*passé castanhola*” ridicularizando o gesticular de nossos guias, talvez esquecendo-se dos comentários

infelizes de Allan Kardec em seu “Obras Póstumas”, quando diz que “O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino” (3), prosseguindo em seu ponto de vista. Não invalidando a obra ímpar desse autor, basilar para qualquer religião aonde impera o mediunismo, deveríamos não endeusar seus líderes considerando seus comentários verdadeiras leis, nem ridicularizar tanto as demais cujas atividades tem um determinado fim, sob desculpas frágeis que Kardec era um homem do século 19. Todas as religiões têm seus telhados de vidro, seus santos de barro em andores delicados porque não foram criadas pelo próprio Deus mas pela própria Humanidade, devendo ser analisadas com mais critério, menos maledicência, mais cuidado pelos seus sectários de bom-senso. A humanidade mudará o dia que souber olhar para o lado com tolerância.

- (2) Revista SUPERINTERESSANTE, ano 12, n. 9 – Setembro de 198 – pág. 42 e 43. Editora Abril. Descobertas recentes provam que o modelo Clóvis, válido por seis décadas está sendo redescutido, datando-se esse período como muito anterior.
- (3) “OBRAS Póstumas”, de Allan Kardec, Instituto Difusão Espírita, 2. Edição, Março de 1993, pág. 165.

Nossa grande preocupação é conchamar um resgate à cultura negra dando-lhe o devido valor, lutar pelo reconhecimento da Umbanda como uma religião séria e dona de uma origem respeitável, provar que ela está aí para desempenhar seu papel na evolução espiritual da Humanidade. Nenhuma religião, nenhum líder ou fundador são donos da verdade: todas elas estão aí para atender aos anseios humanos e tentar, cada uma em seu caminho, alcançar a Deus. Sem adendos de que algumas chegarão primeiro, pois tal comentário é capcioso em demasia.

O próprio Espiritismo concorda ter sido Allan Kardec, em antigas reencarnações, *um líder religioso druida*. Nascidos na Europa, em alguma parte da Inglaterra, da Islândia, Irlanda, França e regiões circunvizinhas, os druidas eram sacerdotes nacionalistas, *manipuladores das forças da Natureza* em muitos aspectos semelhantes aos sacerdotes dos cultos afro-brasileiros. Insignes conselheiros de seu povo, detentores das leis, professores e curadores (xamãs). Mulheres ou homens poderiam ascender no sacerdócio especializando-se na clarividência, sua maior especialidade, por longos anos a fio. Como não desempenhavam meras atividades religiosas, mas políticas também, entraram em confronto direto com Júlio César em 100 A.C., pois defendiam a nação gaulesa independente.

Tanto os druidas quanto os sacerdotes celtas conhecidos como *gutruates* tinham um bom relacionamento entre si, protegendo-se mutuamente nessas regiões bárbaras e inóspitas.

Os celtas, cujo perfil trouxeram-nos os relatos dos seus conquistadores romanos, teriam influência das culturas etrusca, grega, persa e orientais, observáveis em suas intrincadas mandalas, espirais complicadas e formas sinuosas, em sua maravilhosa joalheria, armas e escudos, arte cerâmica. Os celtas também eram muito supersticiosos, bons fiéis, crendo haver presságio divino em toda a parte prestando-lhes atenção.

Esses presságios eram analisados por seus sacerdotes que também distribuíam talismãs, faziam ritos para aplacar a fúria dos deuses devido os malefícios decorrentes de atitudes desabonatórias entre seu povo. O fogo era sagrado, ramos de visco traziam cura e fertilidade. Os pântanos eram agourentos (o mesmo crê os africanos) que criam ser ali local de encontro de espíritos, muitos deles mortos tragados na lama nesses pontos.

Algumas fontes creditam aos druidas/gutruates a crença monoteísta. Discordamos em parte, pois os dados históricos registram a presença de vasto panteão de deuses agrupados desordenadamente com formas curiosas, para não

dizer estranhíssimas. Os sacerdotes eram escolhidos entre membros da nobreza, ocupando cargos muito elevados, oficiando cerimônias em clareiras das florestas junto à fontes, ao carvalho (sua árvore sagrada: como os africanistas têm a gameleira branca, nós umbandistas a acácia negra/jurema, mangueira ou figueira) ou ainda perto dos fossos cheios de esqueletos (nós usamos a calunga pequena, o cemitério, para trabalhos eventuais de saúde). Os druidas e os gutruates costumavam *fazer sacrifícios humanos*, atirando os corpos nas águas, enforcando, queimando criminosos ou prisioneiros de guerra, provavelmente. O suicídio “honroso” era estimulado e a morte em batalha comum, quando os guerreiros matavam sua mulher e filhos juntos com ele, para não cair em mãos inimigas frente à iminente derrota. Quando morria um chefe, sua companheira era assassinada para partilhar seu navio enterrado ou queimado em cerimoniais.

Previam o futuro observando os movimentos da Natureza: o vôo dos pássaros, seu cantar, cujos estudos levavam mais de vinte anos de memorização facilitada através do recurso da rima. A nudez também era sagrada, atraindo a proteção divina sobre si; não foi uma nem duas vezes que os soldados romanos eram aterrorizados por uma horda de ferozes guerreiros desnudos que enfrentava-os, de peito aberto, sem atemorizar-se com as pesadas armaduras de seus inimigos.

Tanto destemor devia-se à crença da bem-aventurança que teriam, após a morte, se morressem lutando. Para eles, tal fato garantiria a entrada aos planos superiores em um paraíso regado a grandes festas, boas lutas e o conforto da companhia de lindas ninfas que iriam distrair seus momentos de tédio.

Mas nada causava mais temor aos romanos do que a crença de que a cabeça humana, mesmo após decepada, sobreviveria à morte do corpo. Durante as batalhas, as cabeças dos seus inimigos eram cortadas, penduradas às selas dos cavalos como um macabro troféu. Embalsamadas tardiamente em óleo de cedro, decoradas em ouro e transformadas em copos-caveira, algumas delas eram penduradas em altos postes, pairando nos umbrais das portas das residências, aldeias. Costume considerado bárbaro, deriva da idéia de que ela seria capaz de falar, mover-se, cantar e afastar o mal sendo tema freqüente na arte por esse motivo. Imputavam-lhe também o valor de afastar os vermes dos celeiros e, quem sabe, tenham lhe dado muitas outras qualidades que ainda não sabemos.

Lembramos ao leitor que nós, pertencentes aos cultos afro-brasileiros temos a crença, de forma menos brutal mas muito própria da simplicidade de expressão dos povos distantes de nossa “civilidade”, ao creditar-se à cabeça ao centro, ao elo de ligação com a força comandada por nosso Orixá que focaliza-se no chakra coronário e entrada, através dos rituais de amaci/obori, de reenergização do organismo físico-espiritual num todo. O mesmo afirma outras doutrinas esotéricas ou mesmo ao Espiritismo ao afirmar que, em um ponto qualquer do crânio, estende-se o chamado *cordão umbilical*, o *cordão de prata* que liga o espírito ao corpo físico, passível de ser observado durante o fenômeno de desdobramento presente nas incorporações ou mesmo durante o sono físico nos processos de projeção. Caberia, nessa oportunidade, até mesmo uma menção ao Orixá Oxumarê, a serpente e todas as formas similares de ligação, senhor do cordão umbilical, o arco-íris, que liga o mundo que conhecemos aos céus na sabedoria africana.

Através das emigrações a outros povos e continentes, os descendentes dos conquistadores romanos levaram o costume, originário da crença celta, da prática de pendurar-se caveiras de bois e outros quadrúpedes nas porteiras de nossos sítios para afastar o mau-olhado, os maus espíritos, o azar. Indo mais além, creditamos que no somatório de pensamentos (egrégora) de todas as pessoas que crêem ser verdadeira essa antiquíssima superstição, haja neutralização imediata de idéias danosas no simples vislumbrar de uma singela caveira. Mas perguntamos: até onde, visto sob a ótica de nossas entidades, haja real fundamento nesse costume? Não seria pretensão pseudo-intelectualidade desprezar-se, pelo simples ato de chamá-la tola superstição, ignorar sua antigüidade e eficácia? Quem sabe se o magnetismo encontrado ainda em velhos ossos seja capaz de manter longe formas ou energias prejudiciais a nós?

Sairemos da Europa a partir daqui, enveredando-se nas matas densas das Américas para observar sua magia xamânica, sua pajelança cujos veios a Umbanda preservou em seus atos religiosos até nossos dias.

A primeira civilização apareceu na América do Sul, resultado da aglomeração de pastores-coletores na região que abrange o Sul da Colômbia ao Chile, incluindo-se território amazônico. Logo os xamãs passaram a reunir-se formando uma casta sacerdotal governando os demais habitantes dando-lhes o feitiço de um pequeno reinado no primeiro momento, mas logo em seguida agregando mais territórios conquistados até formar vasto império. Escolheram como capital a cidade de Cuzco, bem como construíram cidades extraordinárias como Machu Picchu que atrai, em nossos dias, levadas cada vez maiores de turistas intrigados pela sua arquitetura diferente. Esses povos foram rebatizados posteriormente de *incas*.

Os incas governaram soberanos durante quinhentos anos seu império, fundado pelo mítico Manco Capác, considerado seu primeiro rei. Cortado por todos os lados por estradas e pontes prênseis percorridas por mensageiros a pé permitia ao imperador saber de tudo o que se passava em seus domínios ou, quem sabe, enviar tropas com fins de apaciar focos de rebeldia.

Seu imperador intitulava-se “inca”, divino filho do Sol governando um estado teocrático, detentor do poder religioso, senhor de todo o ouro produzido no país já que o mesmo era a materialização dos raios solares e símbolo de fartas colheitas de dourado milho.

Habilíssimos astrônomos, calcularam o solstício de inverno (ponto que o Sol está mais distante da Terra e, portanto, acreditavam ser necessário chamá-lo de volta) em 24 de junho quando, então, o imperador presidia ao festival *Inti Raymi* cuja reconstituição ocorre anualmente até nossos dias no Peru, razão para fomentar o turismo nessas terras. Nesses dias havia farta distribuição de comida e bebida ao povo, com espetáculos públicos de sacrifícios humanos em massa ao deus-Sol (hoje substituído pela morte de um llama) com a entrega de seus corações ainda pulsantes à divindade, bem como também broas de milho feitas com o sangue de recém-nascidos. Curiosamente, faziam a leitura do futuro pelas vísceras das vítimas recém-sacrificadas à semelhança de vários povos do Oriente cujo costume foi repassado a gregos e romanos.

Pouco sabemos com certeza dos incas, já que desconheciam a escrita. Mas sabemos que eram ótimos agricultores com campos irrigados à beira dos montes, como já mencionamos excelentes astrônomos com cálculos precisos, ourives estupendos com verdadeiras obras-primas expostas em grandes museus, ceramistas que desconheciam o torno. Como arquitetos e construtores deixaram à posteridade as ruínas de Cuzco e Machu Picchu para atestar-lhes o engenho do uso das “juntas vivas” que permite um encaixe quase perfeito entre as pedras de suas paredes.

Esse povo ao mesmo tempo requintado e sangüinário, semelhante aos seus vizinhos americanos, deixaram sua marca com certeza aos povos ao redor quando, infelizmente, não puderam guardar sua ciência. É certo, porém, que tiveram seu momento histórico.

Partindo agora para a América Central encontramos nela os *maias* cujo apogeu ergue-se no primeiro milênio A.C., bem como os *astecas*, povo autóctone do México, cujo apogeu ocorre no século quinze da era cristã.

Como puderam os maias, sem um poder centralizado, suplantar até mesmo seus vizinhos sul-americanos, os incas? Tiveram várias cidades bem organizadas, arquitetos, construtores estupendos que desconheciam ferramentas de metal sendo capazes de construir pirâmides de até 70m de altura. Foram também hábeis ourives, artesãos e astrônomos com observatórios posicionados precisamente em relação às constelações. Intrigante, sem nenhuma explicação por hora, são as semelhanças entre os povos da América Central e os antigos egípcios onde ambos construíam pirâmides, com fins religiosos relacionados aos astros e adereços inquietantes como, por exemplo, o toucado da deusa da fertilidade totonaca, Chalchiuhcihuatl, que lembra por demais a coroa da rainha egípcia Nefertiti e brincos redondos, à moda dos povos do Nilo (4).

Seus estudos levaram ao conhecimento do movimento dos planetas, ao calendário solar de 365 dias e outro, de 584 dias, pelos parâmetros de

Vênus e, ainda, um terceiro de 260 dias. Escreviam com hieróglifos, semelhante aos egípcios, deixando até nós seus livros sagrados sendo que, infelizmente, a maioria foram queimados pelos espanhóis invasores em 1541. Na verdade, os maias aprimoraram uma cultura já existente na região, a dos *olmecas* que valerá breve comentário à parte.

Repentinamente, os maias desapareceram após a conquista espanhola. Ninguém sabe ao certo, mas cogita-se que tenham acabado com a nobreza e retornado silenciosamente às suas aldeias. Há um relato de que já em 761 houve uma guerra civil estimulada pela falta de água e superexploração das reservas florestais.

Acreditavam os maias, à semelhança dos modernos estudos astrológicos, que o mundo passaria por ciclos de 52 anos quando ao final de um deles o mesmo poderia desaparecer sob forças caóticas, devendo ser aplacadas com muitos sacrifícios (com esses cálculos previam o fim do mundo, na visão maia, entre 2011 ou 2012, tempo aproximado pelas diversas doutrinas espiritualistas/esotéricas como período de transformação da Terra). Ora, para tanto faziam freqüentes sacrifícios, em uma verdadeira obsessão por sangue de inúmeros cães, perus, iguanas. Mas chegou um tempo que o clero achou ser essas oferendas muito pouco aos deuses, adentrando em expedições às aldeias vizinhas fazendo escravos, prisioneiros de guerra, até mesmo comprando filhos ilegítimos para alimentar as hecatombes ministradas pelo *nacom*,

(4) Escultura da deusa no Museu Nacional de Antropologia, México.

agarravam as vítimas e um terceiro, o *xamã*, o *chilam* que entrava em transe e profetizava durante a cerimônia. Não será necessário dizer que tais orgias sangrentas, verdadeiro balde de Danaide, causavam a indignação dos seus vizinhos que viam seus filhos arrebatados a esses rituais, odiando-lhes a conduta, desejando seu fim. Aterroriza a qualquer um esses relatos do frenesi de sacrificar tudo o que viam pela frente a deuses famélicos ou, quem sabe, ao mesmo tempo criando temor àqueles que os cercavam. Sabemos das conseqüências do que chamamos hiperaxé, do “esquentar chão”, do culto ao sofrimento (próprio das magias negativas que utilizam-se desse recurso), do descontrole quase histérico de seus sacerdotes que, em vez de solucionar problemas, traziam consigo a alma sofredora dos infelizes sacrificados que certamente os obsedavam e, consigo, o ódio daqueles que viam seus parentes mortos diante tamanho genocídio sem fim. Mas se isso já fosse muito, a obsessão não acabava aí. Os sacerdotes auto-mutilavam-se também para untar, com seu próprio sangue, objetos sagrados.

Seus deuses somam-se à 166 divindades sendo alguns deles velhos, jovens, bissexuais. Conheciam um deus supremo, inventor da escrita, das artes e ciências de nome Itzamná e sua esposa, a deusa lunar Ix Chel, senhora da tecelagem, da medicina e dos nascimentos. Mas, sem dúvida, o deus mais cultuado era o misterioso Kukulcán ou Quetzalcoatl, a serpente emplumada, senhor dos templos e da cidade de Chichen Itzá, personificação da estrela d'alva (o planeta Vênus) e que descia dos céus nos equinócios de 21 ou 22 de março e o de 22 ou 23 de setembro, período aonde equivalem os dias e as noites. O alinhamento de seu templo era impressionante demonstrando o altíssimo saber nas áreas de matemática e astronomia: nesses dias, a determinada hora, criava-se uma sombra ondulante que cortava as escadarias do templo: era Quetzalcoatl, o deus serpente, que descia dos céus escorregando até o solo. Não lembra um pouco aqui, Oxumarê?

Acreditavam os maias que a terra seria plana, sustentada por quatro deuses – os Bacabs – que erguiam os treze níveis das diferentes camadas do céu. Ou quem sabe, talvez, seriam quatro árvores de cores e aspectos diferentes, personificando os quatro pontos cardeais (Norte era branco; Sul, amarelo; Leste, vermelho e Oeste, preto). Outra versão ainda conta-nos de que a terra era sustentada por um crocodilo gigantesco que boiava, plácido, num tanque de lírios. Mas sempre o céu, em todos os relatos, seria uma serpente.

O culto aos mortos, um dos focos de maior interesse para nós, era intenso entre os maias. O povo era enterrado no pátio de sua própria residência

cercado de objetos sagrados, bastante comida e uma conta de jade; os nobres eram cremados e faziam pequenos templos sobre seus túmulos. Eram realistas ao crer que a grande maioria não iria para um bom lugar após a morte, muito pelo contrário. Todos habitavam as regiões sombrias que tinham *nove* níveis (5) que deveriam ser percorridas pela alma para ganhar seu repouso eterno, cujas entradas eram cavernas. Até seus reis iam também para essas regiões, mas sempre conseguiriam escapar e tornar-se estrelas.

Tal culto permaneceu no imaginário popular do México até hoje, aonde encontramos curiosas festividades de finados com total desassombro à presença de espíritos e símbolos da morte que iremos, mais adiante, relatar.

No aparecimento do povo asteca, já no século 14 nômades saíram da região do noroeste do México instalando-se ali, fundando a cidade de Tenochtitlán que daria origem à atual capital desse país. A centralização dos clãs, cada qual com seu deus, centralizavam-se na figura do imperador, sempre escolhido na mesma linhagem. Trinta e oito províncias eram altamente desenvolvidas na

(5) O número nove está associado, em várias culturas, à quantidade das esferas celestes e aos círculos infernais. No Budismo, nove são os Céus e nove são as Fontes (mundo dos mortos). Na obra de Dante, é o número do Céu. Em toda a mitologia centro-americana e indígena, também é a quantidade dos céus aonde gravita o Sol. Encontramos o mesmo entre outros povos asiáticos. Entre os africanos, na mitologia iorubá, nove são os espaços do além subdividido em planos (nove Órun). (Dicionário de Símbolos).

agricultura, metalurgia, arte plumária, máscaras e objetos de adorno como as famosas caveiras humanas incrustadas de pedras preciosas (representação do deus da riqueza, Tetzacalipoca). Os seus palácios suntuosos recobriam-se de coloridos afrescos e belos hieróglifos causando espanto pelo seu requinte quase rococó. Imagina-se o estupor do europeu invasor, sua ambição e inveja a tantos tesouros artísticos, ignorados pela sede de ouro que tinham sempre em demasia.

Mas nada causou mais espanto ao europeu do que assistir aos sacrifícios asteca aonde mais de *vinte mil vítimas* foram contabilizadas em uma única cerimônia, oriundos de tribos inimigas ou até amigas, com fins de aplacar aos deuses nas sérias crises econômicas que já passavam nesses dias. Nelas o choro das crianças levadas ao altar era indício das gotas abundantes de chuva que verteriam sobre a terra quando, então o deus da chuva Tatloc garantiria boas colheitas. É notório que esses abusos também provocaram a ira de seus vizinhos que no século 16, conseguiram ser um dos fatores para exterminar um império de mais de onze milhões de súditos.

Entre os astecas, as forças da Natureza eram cultuadas pelo seu povo, cada uma associada a uma divindade. Assim, havia um deus do milho, um deus do mar, deus das artes e primavera, do sol nascente, da lua cheia, do amor e muitos outros como já citamos. Sua religião era maniqueísta, na crença de um poder do bem versus um poder do mal que deveria ser aplacado. Criam também em Quetzalcoatl, a serpente emplumada dos maias, senhor da abundância da vegetação, senhor do vento e da luz. Seu irmão gêmeo era o senhor da morte e “ressurreição”, Xolotl. Mesmo com um panteão enorme de deuses, veneravam o Sol como divindade máxima, com o nome de Tonatiuh que sempre lutava contra sua contraparte, Xiuhtecutli, a Noite.

Como os maias, os astecas acreditavam em eras de 52 anos e que o mundo acabaria em uma delas. Coincidentemente, acabaram na quarta era.

Intrigante, é o assunto referente aos olmecas, povo anterior aos maias cuja cultura serviu-lhes de referência. Os olmecas, traduzindo-se quer dizer “habitantes da terra da borracha” e os chavins adoravam um deus-jaguar, senhor das florestas, cujo nome não chegou infelizmente até nós. Cogita-se que uma mulher tenha copulado com um desses felinos, dando origem ao seu povo (encontramos aqui, de certa forma, analogia com o mito de Rômulo e Remo, fundadores de Roma sendo aleitados por uma loba). Para ele sacrificavam vítimas humanas, praticavam o canibalismo ritual e talvez decepassem cabeças. Aliás, o crânio é tema freqüente em toda arte mesoamericana. Perguntamos aqui, nesse mar de horrores, se o verter

sangue fosse a única garantia de acesso à proteção divina, esses povos não teriam desaparecido.

Os estudiosos comentam sobre o culto ao *nagual* (alter-ego animal) incorporante em seus sacerdotes ou em crianças. Esse alter-ego seria manifestado como jaguar incorporante ou viria já em hereditariedade nas crianças que apresentavam determinadas características (imagens as mostram com sinais no corpo lembrando uma pegada desse animal, suas orelhas em pequenas protuberâncias na frente), talvez tivessem alguma doença que afetava o sistema nervoso apresentando agressividade semelhante a de um felino ou, quem sabe, apenas essas imagens seriam a forma juvenil do deus aonde eram freqüentes nos lares. Seria um protetor doméstico? Como todas as religiões guardam analogia entre si, passamos a crer ser realmente as incorporações tão comuns no meio afro-brasileiro, na figura dos ditos “Exus de limpeza” ou entidades similares, conforme seja a nomenclatura que lhes dê.

Todas as culturas ditas “primitivas” conhecem o uso de drogas alucinógenas ou estimulantes com fins religiosos, mas não como vemos em nossa sociedade, com vistas de apenas usufruir do prazer em dosagens altamente concentradas e danosas ao organismo. Os incas e seus descendentes mastigam folhas de coca para suportar a altitude e o mal-estar que ela provoca. Conheciam o uso de cactos alucinógenos e o veneno extraído de sapos com uso medicinal ou litúrgico. Não é novidade para ninguém o uso de tais drogas em todos os povos indígenas de ponta a ponta das Américas e demais continentes. Pelo uso moderado de seus pajés e sacerdotes, favorecem o desdobramento mediúnico aos planos chamados “espirituais”. Essa expansão da mente criou, no entanto, no início do século seitas esotéricas dirigidas por “grandes magos” cujas experiências com drogas pesadas são visíveis em suas pinturas, comportamento, em delirantes paramentos levando-os, fatalmente, ao descrédito e ao fim inevitável que a dependência química provoca. Tais necessidades, pelo nosso atual conhecimento de suas conseqüências, são perfeitamente dispensáveis, inúteis até pelo *desenvolvimento mediúnico prévio* feito em nossos terreiros.

Reminiscência da cultura asteca, presente no México de hoje, é o culto aos mortos, comemorado no dia de finados. As grandes oferendas aos antepassados virou uma grande festa, aonde enfeita-se os túmulos ou altares domésticos com o *zempasuchil*, um tipo de cravo alaranjado cuja flor é dedicada aos mortos desde a época pré-colombiana, doces com o formato de caveiras, motivos fúnebres muito bem decorados, pães, chocolates, pamonhas, fotos, placa com o nome do defunto, velas enfeitadas pelas mulheres, muita água porque crêem na volta deles com muita sede caminhando sobre a trilha de pétalas preparada para encontrarem o retorno. Forma-se alegre procissão de gente fantasiada de caveiras, com música e risos, recobrando os túmulos de oferendas durante toda a noite até o dia amanhecer. Essa festa estranha para a maioria dos turistas, demonstra a visão do mexicano, desde suas origens, de como encarar os mortos e aprender a conviver com eles sem medo. As crianças, os “angelitos” mortos, recebem homenagem especial à parte, no dia primeiro de novembro com doces, flores e brinquedos.

Já os indígenas das Américas merecem nossa especial atenção, pelo simples fato do seu comparecer em nossos terreiros de Umbanda como entidades protetoras trazendo consigo sua enorme cultura baseada em rituais, conhecimento de ervas e chás – bem como sua correta mistura, domínio sobre obsessores e tantas outras qualidades que bem sabemos.

Uma das tribos que causa maior perplexidade desde sua descoberta em torno de 1796 quando o padre John Evans viveu 6 meses com eles e atestou-lhes a realidade de existirem, são a dos índios Mandan, de Dakota do Norte-Estados Unidos. Eram índios de pele clara, louros ou ruivos, olhos azuis, pacíficos e hospitaleiros vivendo na mesma terra, sem nomadismo. Construíam casas de pedra, tijolos, revestidas de barro, tinham hábitos monogâmicos (menos chefes, pajés), tratavam bem suas mulheres adorando um deus principal e os fenômenos da Natureza. As explorações de 1805 concordam que talvez fossem descendentes dos dez barcos que saíram de Gales do Norte em 1170, com fins de achar terras além do oceano, liderados pelo príncipe Madoc (filho de D'Owen Guynned, rei desse país). Infelizmente, todos morreram de varíola e os 31 restantes foram escravizados. Apenas

restou esse relato. Porém, abre-nos portas para a possibilidade de intercâmbio entre Europa e América desde tempos imemoriais cuja magia, foco de nosso interesse nesse trabalho, torna-se palpável (6).

Chegando finalmente em nosso país, vamos nos debruçar sobre como agem e pensam algumas de suas tribos indígenas. Há alguns pontos em comum. Todos os índios brasileiros não namoram antes do casamento, como fazemos em nossa sociedade com traços daquele amor romântico do século 19: *eles acreditam que já viriam a essa vida interligados por um plano superior bastando apenas unir-se no momento certo*. Aliás o sexo pré-marital é um tabu, bem como beber álcool, roubar ou matar. Não há homossexualismo, nem superioridade entre homens e mulheres: cada um simplesmente conhece sua tarefa naquele grupo social executando-a o melhor possível. As crianças não são oprimidas a determinados comportamentos, crescendo livres e felizes em suas brincadeiras apenas sendo exigidas quando atingem sua maioridade. Convivem com a Natureza sabendo que são partes dela: consideram até mesmo os animais, em alguns mitos, como seus ancestrais ou parentes. Alguns índios, no passado teriam se transformado em papagaio, mandioca, sapos, estrelas, Sol e Lua. E nós, quais os ensinamentos dados por nossa “indefectível” religiosidade? Que Deus criou o mundo exclusivamente para nós como se fosse um parque de diversões, aonde podemos usufruir de tudo como quisermos, sem nenhuma responsabilidade sobre ele. A interpretação do “Crescei e Multiplicai-vos” e o

(6) Revista Planeta, n. 12, dezembro de 1995. Editora Três.

“Habitateis toda a terra” foi levada até as últimas conseqüências por nós cujos resultados estão aí para quem quiser ver.

Os Carajás, do rio Araguaia, contam-nos que Deus, chamado por eles Kananciué, criou a terra e tudo o que nela existe. Jogou para cima uma cuia de água e criou o céu, a “casa da chuva”. Criou a fauna e do peixe aruanã fez brotar o homem. Formou as estrelas e pediu ao urubu-rei que as pendurassem nos céus. O Sol é um índio que tem um cocar mágico quando, durante o dia, coloca-o na cabeça e sai flutuando com ele. À noite perambula no mundo, como homem comum. Observa-se nesse mito que o ser humano foi criado a partir de um peixe, merecendo a veneração dos índios por essa razão; o Sol era um homem comum podendo ser encontrado em qualquer parte.

Entre os Caiapós, repete-se o tema dos vários céus superpostos de onde teriam os índios descido por uma corda (7) para habitar a terra.

Os Yanomamis têm uma visão poética da morte, sendo a Lua uma aldeia redonda para onde os espíritos sobem até ela pela fumaça de sua cremação.

Os Bakairis contam terem descido dos céus porque lá morreram muita gente (através de uma plataforma do lado da terra). Foi aí que o céu ficou leve, flutuando para fixar-se na abóboda celeste. Para eles o mundo dos espíritos é aqui mesmo, expandindo-se do Leste (nascer do Sol) ao Oeste (poente) (8).

Para os Bororós há três céus: um branco, que seriam as nuvens, “Casa dos Espíritos Maus”; um vermelho, a “Casa dos Bons Espíritos” e outro, para além do céu, de cor azul: “Casa do Pai e Mãe dos Espíritos Ancestrais”.

Os Tapirapés, à semelhança dos Bororós, acreditam haver ao Oeste a “Casa dos Ventos”, para onde vão os espíritos terríveis *curarem-se* para só depois voltarem ao Leste. No céu de cor branca mora uma velhinha, Imará (a avó do mundo) de onde ela urina em uma peneira fazendo a água molhar a terra. Muitas vezes a velha é perturbada pelos Topy que sobem da caverna aonde moram na terra, velejando em uma canoa de fogo provocando chuvas, trovões e relâmpagos por onde passam, obrigando-a a mudar-se temporariamente para o Céu Azul.

A alma dos homens, quando estão vivos, chama-se *i-ynga* habitando seus ossos, possuindo uma cor escurecida. A alma dos mortos é radiante, chamada *invuera*, saindo do corpo quando se morre ou se está muito doente. O pajé (panché) tem sua *invuera* (veja que não é a *i-ynga* dos homens comuns) saindo durante o sono físico indo encontrar-se com os outros espíritos; poderá ir também até

os céus de Imarai em companhia dos Topy, que são espíritos perigosos (perguntamos, não seriam os nossos Exus?). Poderá subir pela via-láctea (a “Estrada dos Pajés”) ou escalar uma escada de flechas pendurada no céu. Por sinal, nunca um pajé chegou ao Céu Azul. Somente ele controla as forças da Natureza com fins de beneficiar seus semelhantes, sendo pago com bens ou até esposas. Para eles as águas, minerais, animais e plantas também têm alma mas são frágeis, pois morrem e desaparecem.

Os espíritos das florestas necessitam de oferendas, pois comem e bebem como qualquer um. Bem como os espíritos recém-mortos, as *invuera tapirapé*, as *kuní karajás* e as *mekarô kaiapós* que também necessitam alimentar-se, mas por poucos dias após a morte. Por isso os índios põe comida nas sepulturas.

Todas as *invuera* temem o fogo e fogem dele. Seria o mesmo que a ionização do ar, tão temida por nossos Exus, ainda tão presos à matéria?

Os Tucanos, do Rio Negro, são temidos pelos brancos pois podem causar-lhes doenças se desejarem. Trabalham muito com *objetos de cera*, simpatias propiciatórias, usam o arco e a flecha liturgicamente sob o som dos maracás - seu mais poderoso instrumento. Conta-se que um pajé um dia teceu uma peça de fibra de palmeira, com um tubo elástico (o *wãs`ti*) pendurando-a ao lado de um casal que cometia adultério. Ambos ficaram presos como cães (9).

(7) Repete-se aqui o mito do deus Onúris, do Egito e Orunmilá, entre os iorubás

(8) Eis a mitologia egípcia repetida por um povo americano.

(9) Lembramos aqui do mito de Hefestos (Vulcano), que com seu engenho e magia, prendeu sua esposa infiel, Afrodite (Vênus) e seu amante Ares (Marte) em uma rede de ouro. Nota da autora.

Após esses dados, é impressionante a maneira singela de como os índios percebem as mesmas realidades espirituais que nós, médiuns de qualquer religião que trate das comunicações entre o espiritual e o plano físico, percebemos, comentamos e estudamos. Relacionam, à maneira egípcia, o mundo dos espíritos com os pontos cardeais do Sol nascente e poente. Os “espíritos terríveis” curam-se (em vez de serem condenados a uma eternidade de suplícios) podendo depois subir à planos melhores. Subdividem os céus em planos (três, *um terço de nove*). A alma dos vivos (sua bioenergia) é densa, “escura” residindo no corpo do indivíduo sendo seu espírito, já liberto, luminoso e livre como concebemos. Os Topy seriam assemelhados aos nossos Exus, psicopompos e mensageiros, terríveis se maltratados. Há a necessidade de oferendas para alimentar os espíritos da Natureza e os mortos recentes, os outros seres vivos (ou inanimados como cremos) têm sua alma.

Todos, em qualquer lugar, falamos das mesmas coisas...

A MAGIA NA EUROPA MEDIEVAL ATÉ NOSSOS DIAS

“Aqueles que falam com inteligência devem afirmar-se no que é comum a todos.”

Heráclito

Para mostrar um quadro simplificado com o objetivo de rápida compreensão ao leitor, talvez apenas simpatizante, teremos de viajar no tempo desde cem anos antes do nascimento de Jesus até o início de nosso milênio para termos breve idéia de como o europeu age frente aos seus propósitos mágicos e quais são as razões de seu pensar.

Como vimos em capítulos anteriores, o Antigo Egito fôra alvo da veneração dos povos de seu tempo do mesmo modo que a Índia ou o Tibete despertam o mesmo fascínio em nossos dias como centro místico, religioso, da mais profunda espiritualidade humana por excelência. É compreensível pois, naquela época, ter o Egito recebido a visita de vários estudiosos das mais diferentes nacionalidades (interessa-nos os gregos e romanos pelo escrito legado) que tentaram decifrar-lhe a

sabedoria encoberta pelo véu do segredo, em sua intrincada simbologia, seus conhecimentos científico e esotérico que pairavam nas mãos de um clero silencioso, desconfiado, centralizador.

Esse clero, ávido por riquezas entregues por gerações de faraós em suas expedições militares, viu-se enfraquecido quando o Egito foi conquistado pelo macedônio Alexandre Magno cujo cobiçado trono egípcio entregou a um de seus generais iniciando a dinastia ptolomaica, de traços e cultura helênicos, cuja representante mais célebre (e última governante) encontramos na legendária Cleópatra cujas tentativas, de todas as maneiras possíveis ao seu alcance, tentaram preservar sua terra da leva dos inquietos conquistadores romanos. Esses reis de origem européia, bons comerciantes e navegadores em suas raízes, abriram o comércio para a entrada de seus parentes além Mediterrâneo, cujo alcance ao poder econômico foi rápido alterando a atuação do sacerdócio tendo de permitir, a contragosto, aceitar estrangeiros em suas iniciações e mistérios como encontramos nos relatos de Plutarco – homem de vasta cultura, sacerdote de Apolo – deixando-nos o notável trabalho intitulado “Os Mistérios de Ísis e Osíris”, leitura obrigatória a todos os espiritualistas trazendo sempre, como se novidade fosse, luzes tanto a egiptólogos quanto esotéricos.

Após Cleópatra, o Egito (já sob jugo romano) passou a influenciar a religiosidade de seus conquistadores implantando o culto de vários deuses egípcios (damos destaque à Ísis) bem como a construção de templos na capital romana, incluindo-se várias outras divindades de outras províncias subjugadas cujo destaque absoluto encontramos no culto ao deus solar persa Mitra cujo maior benefício foi alterar o pensamento do Ocidente desde então. Como todos os mitos de origem ariana, o mito egípcio de Ísis e Osíris fala-nos da morte do bondoso deus, da procura dolorosa de sua esposa aos pedaços do corpo espalhados pelo mundo pela maldade de Seth (eis aqui a dualidade bem/mal), do nascimento miraculoso de seu filho Hórus após a morte do pai, da *ressurreição* posterior do deus e sua apoteose ao ascender ao trono do comando espiritual do mundo dos mortos. No calendário egípcio básico de 360 dias, justamente os dias extras coincidiam a partir de *25 de dezembro* (próximo ao solstício) como a data consagrada a Osíris e aos seus festivais religiosos em comemoração ao seu sacrifício pelo resgate da Humanidade, o sofrimento dos seus familiares divinos (paixão), sua *ressurreição* gloriosa. Tinha, por todas essas características, profundo apelo popular.

Já o deus persa Mitra era, à semelhança de Osíris, o grande juiz dos mortos prometendo a imortalidade aos iniciados em seus mistérios. Dualista, era o grande senhor da Luz (associado ao Sol pelos romanos) em permanente luta contra as forças das Trevas tendo de ser vencidas *no final dos tempos*. Alguns, inclusive, associam o banquete sagrado de iniciação (a ceia mitríaca) à ceia eucarística. Seus ritos iniciáticos eram feitos em criptas ou grutas, onde seus santuários eram subterrâneos (os *mithraeum*). Seu culto foi difundido em todo o império, com enorme aceitação.

Essa mistura de culturas tão diferentes encontrou, em Alexandria (capital do Egito nesse período), um solo fértil dando origem ao *Gnosticismo*, a primeira grande vertente mística do mundo Ocidental.

O Gnosticismo era uma doutrina única reunindo em si mais de *setenta seitas diferentes* de origens helenística (grega orientalizada), judaica e cristã primitiva subdividindo-se em várias correntes e escolas. Os gnósticos traziam em si a herança ariana ao serem profundamente maniqueístas crendo haver o mal centralizado na matéria e todo o bem no espiritual, à semelhança da religião de Zoroastro com seu deus mais conhecido, o já citado Mitra. O objetivo seria encontrar o conhecimento completo (*gnose*, do grego “conhecimento”) cuja busca seria permanente. Sua filosofia e mistérios, repetindo-se ao acervo deixado pelo Egito, eram marcadas por complexas simbologias intransponíveis ao curioso à primeira vista, reunindo simultaneamente símbolos gregos, judaicos, latinos e orientais servindo de base à Cabala (pronuncia-se Cabalá), berço cultural das mais modernas escolas esotéricas e espiritualistas.

A Cabala judaica acredita que a Bíblia guarde em seus textos toda uma reinterpretação mística através de suas letras e números, essa última fruto da doutrina pitagórica. Estudaria também uma vasta relação hierárquica entre anjos e

demônios, dando-lhes nomes e fisionomia adotadas até nossos dias no mundo cristão, judaico e islâmico. Dela também credita-se o desenvolvimento do tarô (com seus 22 arcanos maiores, relacionados aos 22 caminhos da Árvore Sefirótica ou da Vida) mescladas ao que chamam de *Tábua Esmeralda* de Thot. Mas cremos ser a maior contribuição da Cabala o estudo das classificações angélicas e a atuação de Deus na Criação do mundo físico e moral. O grande livro cabalístico é o *Zohar*, cuja divulgação ocorreu no ano 1300 por toda a Europa abrindo-lhes as portas para a expansão do vasto conhecimento judaico, herdado dos anos de cativo ou em seu êxodo pelo mundo.

Esse era o caldeirão vislumbrado pelo Cristianismo nascente, quando de sua implantação. Precisaria no primeiro momento destruir as seitas gnósticas cujo poder influenciaria demais o pensamento popular, ainda mais com a disseminação que já tinha o culto de Mitra. O mesmo acontecia ao judaísmo recusando-se à submeter-se às leis dessa Igreja primitiva que impunha-lhe goela abaixo um Messias não reconhecido como tal, bem como tolher sua Cabala. O Evangelho sofria inúmeras e consecutivas traduções suspeitas, cujos tradutores alguns alcançaram as benesses de elevar-se ao grau de *santos*. Nessas versões encontramos um Jesus remodelado por tantos vernizes sobrepostos, semelhante a um desses semideuses arianos em seu ciclo de ressurreição, morte (paixão), semelhante em tudo a Osíris, Adônis e ao próprio Mitra, incluindo-se muitos outros similares. Seu nascimento cercou-se estranhamente de elementos fantasiosos, tornando às turras um humilde filho de carpinteiro, nascido em uma manjedoura, em um autêntico vencedor das trevas em tudo igual ao seu arquirival Mitra. Até mesmo o maniqueísmo gnóstico, trazido originalmente do culto desse deus, foi realimentado *sine qua non* na condição se o indivíduo não fosse iniciado (batismo) e ser bom crente, haveria de ver-se após a morte nos suplícios de um eterno inferno ou em um paraíso igual àqueles já encontrados nas mitologias arianas.

Cruelmente, os primeiros cristãos, de vítimas nos circos romanos para o deleite do populacho, agora tornavam-se algozes violentos obrigando, de forma prepotente sob as piores penas, o implantar à ferro e fogo sua religião aos outros. Ignorando, reinterpretao a seu bel prazer os trechos evangélicos de amor e perdão, viram-se na condição de novos imperadores do mundo na figura teocrática de um papa, que dizia-se descendente espiritual de Pedro e uma Igreja dominadora cujos confessionários permitiam um controle absoluto de como pensavam seus súditos.

Já chegamos na Idade Média e a Igreja, finalmente, conseguiu implantar-se soberana, dizimando toda e qualquer seita que não reconhecesse seu poder (como os druidas, por exemplo, nas lendas de Arthur) reinterpretao o mitraísmo nas promessas de Paraíso ou Inferno em ardilosos demônios trazidos alguns da Cabala, proibindo a disseminação e leitura dos clássicos queimados em praça pública, fomentou a perseguição aos judeus por não aceitarem seu Messias, a ciganos que tinham seu próprio pensamento e origens orientais, subjugou reis ao seu domínio, pôs papas execráveis no trono de São Pedro (basta conhecer-se a história da família dos Bórgia), centralizou o ensino em si, favoreceu a ignorância em todos os sentidos. O Diabo foi elevado às alturas como um ser real, aberração criada por um Deus tão imperfeito cujo maior erro foi de não prever as conseqüências de seu ato "criador", coroando tamanha sandice na feitura de um rival capaz de fazê-lo tremer nas pernas, distorcendo-se grosseiramente a idéia cabalística de Samael, o anjo da destruição, como aquele responsável em destruir velhas formas. Vindo já das doutrinas arianas dualistas, encontrou fértil imaginação no povo que, até nossos dias, ainda não conseguiu libertar-se desses mitos estimulados por uma Igreja (e igrejas) insistente em afirmar sua veracidade. Ora, como sempre foi e continua sendo, nada vendeu mais estimulando um comércio por trás disso do que o medo do Diabo e, pelo visto, muita gente ainda não dormirá alimentando tais idéias.

Como a ignorância é a mãe de todos os vícios dentre essas a superstição infundada, o auge da Idade Média é chamada de Idade das Trevas, sangrenta caça às bruxas, busca do poder temporal do mundo através da nebulosa Santa Inquisição dizimando milhares de judeus, ciganos e livres-pensadores tendo, no perfil maquiavélico de Tomás de Torquemada, o mais fanático de todos os inquisidores.

Esse estrangulamento foi como o represar das águas de um silencioso oceano que carcomia sua saída, pois nada consegue tolher o pensamento humano. Homens sábios encontraram guarida no poderio islâmico, de pensamento científico muito mais aberto, com sua química embrionária conhecida como Alquimia e outras nas áreas de Astronomia, Matemática, Geomancia (aparentada com o I-Ching chinês e o Jogo de Ifá africano).

Finalmente veio o frescor do Renascimento, movimento cultural, estético, filosófico que relia os clássicos redescobrimdo-lhes o conteúdo já esquecido, remodelando a ciência européia cujos primeiros mártires foram queimar nas fogueiras da Inquisição. Nele veio Galileu (somente agora, no século vinte, o papa João Paulo II reconsiderou a decisão da Igreja na época, tirando-lhe a excomunhão!), Copérnico e seu heliocentrismo. Lutero, espírito ímpar, remodelou a Igreja criando a sua própria com clareza de idéias. Leonardo Da Vinci criava, aos borbotões, as mais notáveis invenções já apontando aos séculos posteriores seu vigor. Giordano Bruno um dos primeiros a romper com os conceitos aristotélicos considerando o universo infinito, morrendo queimado e torturado pelo Santo Ofício. Michelangelo, Bernini, o *quattrocento* que recorda-nos as curvas de Tintoretto, Caravaggio e os muitos relendo a estética clássica. As amarras tinham sido cortadas e a Igreja, sob o golpe fatal na doçura de Francisco de Assis, começou a decair em seu poder quase diabólico que extrapolou, em muito, qualquer fronteira do aceitável.

Infelizmente a Idade das Trevas tinha deixado seqüelas incuráveis na Europa e no pensamento popular. Em pleno século 19, Kardec viu seus livros queimarem em praça pública por membros da Igreja em um auto-de-fé consolidando ainda mais o Espiritismo na Europa. Mas às vezes as coisas são saem como planejado. Em vez de conseguir fazer desaparecer a feitiçaria popular, a Igreja acabou, com seu estrangulamento cultural, fomentar um clima supersticioso alarmante, em surtos histéricos/obsessivos estimulados na figura de um Diabo com seus asseclas temíveis, o aparecimento de obsessores nos conventos como incubos e súcubos que subjugavam a sexualidade do sacerdócio, a negação total do sexo como parte da Natureza que tornou os estudos freudianos um marco, uma bruxaria perversa levando aos altares sacrifícios de crianças indefesas fazendo-nos crer que foi nesse período a sedimentação, no mundo Ocidental, da mais terrível magia negativa feita por populações ignorantes, supersticiosas, reprimidas e profundamente más.

Essa histeria patológica, esquizóide e paranóica, criou um bruxismo alicerçado a elementos mal-interpretados, disseminados pelos ciganos vindos do Oriente, conhecimentos cabalísticos/judaicos bem como uma magia européia perdida em elementos intraduzíveis, simbologia confusa compreensível apenas aos seus criadores em um labirinto de pseudo-cultura e sapiência metafísica cujos adornos barrocos não escondem uma busca frenética de algo que nem seus magos sabem ao certo.

Nesse clima dá-se o surgimento das primeiras escolas esotéricas na Europa, já em nosso século.

Observamos que muitos de seus fundadores foram alçados ao patamar de verdadeiros magos, inquestionáveis, extraordinários. Contudo, suas histórias individuais não são muito felizes, quando seus objetivos primeiros tomaram um rumo muito diferente da proposta original. Outros deliraram tanto em suas fantasias que não podemos afirmar até onde estiveram certos, até onde errados, até onde começa os delírios de drogas pesadas ingeridas em grande quantidade (uns morreram de overdose), ou até onde foi a inveja de seus detratores.

Como comprovação do que dizemos, comentaremos suas biografias.

Conta-se que o Conde de Saint-Germain fôra notável charlatão, dizendo-se ter 200 anos de idade. Entre maravilhas, dizia ter conhecido Cristo e seus apóstolos pessoalmente, tinha poderes alquímicos. Seu livro, voltado ao ocultismo, chama-se "A Mais Sagrada Tripla Filosofia".

Eliphaz Lévi Alphonse Louis Constant (1810-1870) teve uma vida aventureira e um tanto irresponsável, um casamento infeliz, criou como novidade a "Lei de Correspondência" já encontrada na Cabala, invocava espíritos como Apolônio de Tiana, sem sucesso. Seus escritos merecem uma leitura cuidadosa, mas não

crédula de aceitá-las ao pé-da-letra como verdades absolutas. Mas notamos em Lévi a tentativa sincera de redimir a magia cerimonial como algo sério, numa época quando ninguém aceitava, tendo o caráter de criticar duramente os excessos de seus contemporâneos com justiça. Seu maior mérito, portanto, é ressuscitar conceitos em época de total descrença.

Muitas sociedades secretas afloraram uma atrás da outra com nomes supostamente sacros como “Obra de Misericórdia”, “Igreja do Carmo”, “Igreja Metropolitana da Arte de Jesus, O Diretor”, “Sociedade Para Reparação das Almas”, “Rosacruz Católica”, “Rosacruz Cabalista”, tendo elas notáveis magos negativos na direção nas figuras de Joséphin “Zar” Peladan, Pierre-Michel Vintras, Joseph-Antoine Boullan, Aleister Crowley, Estanislau de Guaita e merecedor de especial atenção, Austin Spare.

A relação das aberrações atribuídas a esses nomes vão de narcisismo extremado, criação (e interpretação) personalíssima de ritos antigos, tradução de textos de origens duvidosa ou fantasiosa, “milagres” sangrentos como cálices transbordando sangue, perversões sexuais extremas, crença de fazer-se sexo com espíritos (inclusive o de Cleópatra), bestialismo, exorcismos estranhos, hóstias feitas com fezes humanas, assassinatos rituais, uso de drogas pesadas e, para finalizar com chave de ouro, a feitura de “orações misteriosas para acompanhar a masturbação”, obras de “arte” psicodélicas sob inspiração “divina” ou, ainda, assassinatos entre si atribuídos à bruxaria (1).

Muitas pessoas deixaram-se seduzir por suas figuras de vestuário extravagante, aspecto andrógino, modo de falar convincente. Muitos livros, revistas e até grupos consideram-lhes “grandes magos” como o sempre citado Aleister Crowley. Entre a relação de extravagâncias desse último constam as acusações de satanismo, pornografia (autor de livros como o célebre “Manchas Brancas”), traidor de sua pátria durante a guerra de 1914-1918, insaciável atleta bissexual, proxeneta vivendo do lucro de suas mulheres e toxicômano de heroína. Autor do “Livro da Lei” reconhecia que “apesar de ter escrito dois longos comentários sobre o texto, *admitia que não compreendia algumas partes do mesmo*” (grifo nosso).

Essa leva de curiosos magos tiveram uma grande função: a primeira, trouxeram à baila o assunto misticismo e a curiosidade pública; a outra, serviram de exemplo para novos líderes e organizações místicas cuja autenticidade merecem respeito como os modernos rosacruzes e a Golden Dawn.

Do aspecto compenetrado dessas últimas escolas, a Umbanda

(1) Dados e trechos extraídos de “Magia”, de Francis King, Edições Del Prado e o “Manual do Feiticeiro”, edições Planeta de março de 1996.

retira seu veio esotérico dentro dos conceitos atribuídos à Numerologia, uso correto das cores e pedras, a Cabala, práticas de adivinhação, compreensão e emprego de materiais em seus ritos, relação possível entre ciência/religião, em série outra encontrando eco no Africanismo e Espiritismo, religiões irmãs.

Não se pense, a essa altura, estar a magia do Ocidente eivada de fanáticos, magos de palco, adoradores das forças atuantes da magia negativa. Muito pelo contrário. Há muita coisa a ser lida e muito bem aproveitada, até mesmo considerar a coragem desses homens e mulheres aventurando-se a quebrar normas em uma época puritana distante de uma ética “mágica”. Posteriormente, muitos bons médiuns passariam a resgatar a religiosidade do Oriente trazendo-a aos países materialistas da Europa, destronando um arianismo preconceituoso, provando haver “muito mais coisas entre o céu e a terra” do que acordar, comer, dormir, reproduzir-se e ser “bonzinho” esperando-se, após a morte, uma eternidade de ócio tocando harpa sobre as nuvens. Nessas promessas já ultrapassadas, não nos admiramos em ver tantos atirando-se ao satanismo no desespero de encontrar-se, ao morrer, nessas condições.

Ao médium umbandista, na tentativa de prover uma relação permitindo um conhecimento geral, indicaremos abaixo organizações e celebridades sempre citadas em outros trabalhos:

HELENA BLAVATSKY – Nasceu na Rússia em 1831, filha de nobres. Já aos vinte anos separou-se de seu marido, o general Nicephore Blavatsky de 70 anos. Em 12 de agosto de 1851, passeando por Londres com o pai, encontrou-se com homens ilustres do Nepal vindo em sua direção. Dentre eles havia um hindu, reconhecendo nele o homem que aparecia sempre em seus sonhos, falando com ela desde a infância. Emocionada voltou a procurá-lo. Ele orientou-lhe sobre sua missão, quais tarefas fazer.

A partir daí começou uma peregrinação por todo o mundo procurando antigas cidades, entender mitos, comunidades, museus, mosteiros, pelas Américas, passando sete anos no Tibete aprendendo junto aos seus Mestres. Em 1875 fundou, junto com o coronel Henry Steele Olcott, a *Sociedade Teosófica* em Nova Iorque com a tarefa de resgatar o que chamava de *Sabedoria Arcaica para o Ocidente*. Seu objetivo era trazer à tona uma orientação completa (moral, ética, intelectual, espiritual) sem ligar-se à nenhuma religião. Devido a oposição violenta do puritanismo vigente e doutrinas materialistas ortodoxas viu-se obrigada a transferir a sede da Sociedade para a Índia com muitos discípulos. Escreveu livros como *A Doutrina Secreta*, *Ísis Sem Véu*, *A Chave da Teosofia*, *A Sabedoria Tradicional* e muitos outros. Inclui-se também o texto extraído de várias palestras e artigos para o jornal da Sociedade.

Faleceu em 1891 muito pobre, com poucos amigos.

ROSACRUZES – Segundo a lenda, o surgimento dessa organização atribui-se a um suposto Christian Rosycross (ou Rosenkuetz) nascido na Alemanha em 1378 e morto em 1484, cujo túmulo foi reaberto cento e vinte anos depois segundo folhetos do século 17. Atualmente é conhecida pelo nome de *Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz (AMORC)*.

Um desses folhetos encontrados chama-se *Fama Fraternitatis* e foi traduzido em várias línguas influenciando diretamente magos, cabalistas (“que pensavam mais em símbolos do que em palavras”), mas também a maçonaria do século 18, bem como todos os ocultistas depois de 1850. Influenciou a criação de várias outras facções que intitulavam-se também “rosacruz” e a *Ordem do Amanhecer Dourado (Golden Dawn)* que, inclusive, também usavam o símbolo de uma cruz com a rosa, preso ao peito. Na verdade, a AMORC é uma sociedade atemporal e desenvolvida há muito mais tempo.

Outros dizem ser a origem dos rosacruz remontando aos conceitos desenvolvidos e disseminados pelo faraó Amenófis IV (Akhenáton) que teria sido Mestre da *Grande Fraternidade Branca*.

A ordem ramificou-se pela América em 1694, cuja sede ocidental fica nos Estados Unidos. Ao Brasil veio em 1956.

Acreditam no desenvolvimento das faculdades anímicas e mediúnicas do homem relacionando-as a conceitos científicos (leis cósmicas e naturais). Crêem na imortalidade da alma; seus membros só podem fazer o *bem, para colher o bem*. Seus membros mais antigos foram pessoas notáveis como, por exemplo, o físico Newton. Estudam alquimia entre outros assuntos esotéricos desenvolvendo-os, preocupando-se em trazer seus benefícios aos seus componentes.

Poucas são as oportunidades para que os leigos possam entrar em suas *lojas* e observar suas reuniões. Abominam a crença politeísta, a magia negra, mas toleram todas as religiões que assim pensam. Influenciou diretamente a doutrina Espírita e, conseqüentemente, a Umbanda.

GOLDEN DAWN – A Ordem do Amanhecer Dourado (Golden Dawn) foi criada a partir da tradução de um “precioso manuscrito cifrado” encontrado numa livraria inglesa em 1884 pelo clérigo Woodford. Esse manuscrito teria sido decifrado e ampliado por Samuel Liddel Mathers que, com William Wynn Westcott,

fundaram o “Templo de Ísis-Urânia da Ordem Hermética do Amanhecer Dourado” em 1888.

Sofrendo enorme influência dos conhecimentos rosacruzes, no início a Ordem preocupou-se apenas em estudar e fazer iniciações. Mais tarde Mathers, sob a “inspiração de Chefes Secretos – super-homens na evolução” passou à magia prática.

Os manuscritos chamados “Pergaminhos Voadores” ensinavam o uso das cores como portais capazes de ligar a matéria ao espírito, cujas chaves eram os *tattwas*, figuras geométricas coloridas que lembram as mandalas orientais. Desenvolveram talismãs e suas respectivas magnetizações, retorno à magia egípcia, invocações e busca de “revelações ocultas” entre suas preocupações. Entre seus membros mais conhecidos destacam-se W.B. Yeats, Algernon Blackwood, Austin Spare, Arthur Machen e Allan Bennet.

GRANDE FRATERNIDADE BRANCA (PONTE PARA A LIBERDADE e SUMMIT LIGHTHOUSE) – A primeira surgiu na década de 50 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 1972. A Segunda surgiu em 1958 e veio para o Brasil em 1990. Essas duas sociedades preocupam-se em divulgar as idéias de uma organização espiritual intitulada *Grande Fraternidade Branca*, cujos Mestres viveram na Terra continuando a preocupar-se com a evolução da consciência humana no planeta.

Vítima de sua própria imperfeição trazida de outras reencarnações menos felizes, a Humanidade estaria vivendo o que chamam de *Era da Liberdade* (iniciada em 1954 a perdurar até 3954) cujo objetivo será a purificação num todo, sob a competência de um espírito chamado *Saint-Germain*, tendo revelado ter sido em outras vidas São José, Santo Albano e Cristóvão Colombo.

Os outros mestres principais seriam: El Morya, Lanto, Rowena, Serapis Bey, Hilarion, Nada e, por último, Saint-Germain.

ALLAN KARDEC – Pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, nascido em 1804 de família ilustre. Tornou-se um educador respeitado, escritor de Gramática, Matemática e Reforma Educacional. Céptico, assistiu a uma sessão em 1855 onde escutava-se barulhos e mensagens de “espíritos desencarnados” impressionando-o tanto que passou a estudar seriamente o assunto. A partir de então passou a receber mensagens transmitidas por espíritos em vários médiuns diferentes, cuja coerência entre si fez com que codificasse as mesmas em vários trabalhos publicados entre 1855 e 1869. O Espiritismo formulou-se como uma doutrina racionalista presa às idéias científicas aliadas às leis de reencarnação e carma, essas ordenando a inter-relação entre os planos material e físico, prática da caridade, aperfeiçoamento dos fenômenos ditos mediúnicos.

A partir da criação da Sociedade Parisiense dos Estudos Espíritos pôde granjear respeito e adeptos em todo o mundo influenciando todo o pensamento de nosso século. Hoje a doutrina espírita conta com milhares de adeptos e simpatizantes em todo o mundo.

EDGAR CAYCE – Um dos mais conhecidos sensitivos. Nasceu em 1877 nos Estados Unidos e freqüentou a escola até os 15 anos. Foi notável como curador cujos milhares de casos são catalogados e registrados na *Association for Research & Enlightenment* fundada em 1936, criada para coletar dados sobre o clarividente.

Como vidente reuniu premonições que ocorreriam entre 1936 a 1998. Entre elas: as duas guerras mundiais, a morte de presidentes norte-americanos, a quebra da Bolsa de 1929. Para 1998, Cayce previra o ressurgimento da Atlântida

que reapareceria após 12.000 anos; desaparecerá do mapa a Califórnia, parte do Japão e as cidades de Nova Iorque e Veneza. Muitas outras catástrofes foram previstas com antecedência como o aparecer de muitas terras no Atlântico e Pacífico, alteração profunda da temperatura da Terra pela inclinação de seu eixo, desmoronamento das Américas devido a devastação de florestas onde, ainda, “muita coisa desaparecerá e outras tantas virão à luz”. Segundo Cayce, ele reencarnaria em 2100 quando “todas as criaturas da Terra estariam vivendo em perfeita harmonia”. Até agora, a maioria das suas profecias foram comprovadas. Algumas ainda, em outras datas, poderão vir a acontecer.

TEMPLÁRIOS – Era uma ordem militar e religiosa com sede em Jerusalém (aonde protegiam o Santo Sepulcro) pelos idos de 1118, obrigando seus membros a fazer votos de pobreza e castidade. Fundada por Hugo de Poiens e Geoffroi de Saint-Omer com o nome de *Ordem dos Cavaleiros do Templo*, eram monges-guerreiros cujas ordens só eram conhecidas pelo grão-mestre e o papa. Desenvolveram vários métodos de produção, administrativos, aumentando a riqueza da Ordem sob doações particulares e heranças, criando postos bancários, financiando vários reis. Esses, sob o poder dos Templários por não pagar suas enormes dívidas, auxiliados pela Igreja, conseguiram destruí-los submetendo seus membros a torturas e confissões fazendo-os jurar relacionar-se com o Diabo. A figura mais notável foi a de Jacques de Molay, Grande Mestre dos Templários, queimado vivo em 1314 sob cruéis acusações.

Dos Templários surgiu a nova Ordem de Cristo pelos idos de 1300, financiando as grandes descobertas portuguesas pelo fato desse país ter sido o único refúgio que tiveram na Europa, evitando sua extinção.

ALQUIMISTAS – A Alquimia é uma das três ciências ocultas (as outras são Astrologia e Magia) originando a moderna Química, Física, Farmácia e Ciências Médicas. Descobriram várias substâncias, a subdivisão da matéria e sua transformação. Muitos sábios estudaram a Alquimia desenvolvendo-a por séculos.

Os alquimistas acreditavam ser possível duas transmutações: a da matéria e a espiritual. A primeira baseia-se na crença da Pedra Filosofal (ciência de transformar qualquer matéria em ouro), o Elixir da Longa Vida (retardando a velhice e a morte), dar-se vida à matéria, o estudo das substâncias e suas relações entre si. A segunda, que a alma, como uma pedra bruta, passaria a ser lapidada a um nível de consciência mais elevado (evolução).

Muitos desses primitivos cientistas sucumbiram sob acusações de heresia e tortura.

ROGER BACON – Padre (frei) franciscano e um dos maiores estudiosos do Ocultismo na Idade Média, no século 13. Aperfeiçoou a Alquimia, tornou-se mestre em ciências exatas, em letras, homem erudito e o primeiro a comentar a obra de Aristóteles. Propôs o método experimental, a organização das ciências, comentou sobre os erros do calendário juliano, observou várias leis da Física Ótica, proclamou o “amor ao saber” que ia contra o capítulo do Gênesis (Velho Testamento, na Bíblia). Foi acusado como sacrílego pela própria Igreja que servira, preso até o ano de 1292 quando morreu.

ERNESTO BOZZANO – Um dos maiores pesquisadores das Ciências Psíquicas de nosso século. Reuniu uma vasta biblioteca sobre o assunto investigando, continuamente, os fenômenos espirituais valendo-lhe inúmeros livros e artigos em todo o mundo. Após tanto tempo, concluiu ser a vida após a morte um fato

incontestável. Morreu em 1945 influenciando, sobremaneira, as doutrinas espiritualistas que encontraram nele um aval para suas idéias.

Muitos outros nomes ficaram para trás, todos dignos de menção como Tomaso Campanella, Giordano Bruno, Bernard Trevisan, Emmanuel Swedenborg, Eusapia Paladino, Goethe, Camille Flammarion, homens e mulheres dedicados ao estudo do oculto, das ciências relacionadas à magia e ao espírito, bem como alguns deles médiuns extraordinários. Impossível é relacioná-los todos pois descaracterizaria o aspecto sintético de nosso trabalho ao médium umbandista.

Em nosso século, é possível distinguir perfeitamente na Europa seitas destinadas ao satanismo (magia negativa, “magia negra”) e aquelas dedicadas ao aprimoramento dos estudos do sobrenatural. Com o advento da Metafísica, a atual Parapsicologia, elevada ao grau de ciência séria pelo meio científico, passamos do simples campo da suposição para o da comprovação evoluindo consideravelmente dia-a-dia.

O fenômeno PSI dentro da Psicologia e a criação de escolas racionalistas-científicas como a Espírita tornaram o fenômeno mediúnic ou anímico tirados do campo da trucagem barata, dos floreios ditos “cabalísticos” (traduzindo-se, incompreensíveis recheados de estranhos simbolismos), do mero charlatanismo narcisista, para a abordagem simplificada, racional, científica, experimental. As investigações tomaram conta da Europa e Ásia (em destaque Inglaterra e países antes atrelados ao comunismo) financiados com verbas governamentais há mais de 50 anos, destacando-se as figuras de William James, Oliver Lodge, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, criação de vários jornais especializados como o americano *Journal of the American Society for Psychical Research*, *Jornal of Parapsychology* e o veículo inglês publicado pela sociedade citada.

Para quem quiser saber mais a respeito do assunto, recomendamos a leitura em *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro* de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, publicado pela Editora Cultrix, mostrando-nos o que era feito em matéria de pesquisa até a década de setenta nos países comunistas, *divulgável ao público*.

Magia, atualmente, é sinônimo de simplicidade e eficácia. Sob o crivo de conceitos científicos que servem-lhe de apoio. Se ciência é o estudo das Leis da Natureza e essa é obra de Deus, para nós ambas caminham lado a lado confortavelmente.

Umbanda, mesmo sob as mais antigas tradições, também pode ser ciência.

A UMBANDA FRENTE AO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus.”

Paulo aos Romanos 8:14

Creemos ser o fanatismo uma das piores chagas da Humanidade, assemelhando-se à pesada âncora; não permitindo ao pensamento deslocar-se, sujeitando-se, à primeira tempestade dos problemas naturais da Vida, naufragar. O mesmo ocorre com a fé cega nunca questionando nada, acomodada. Também frente à primeira dificuldade, vai à pique na alma presunçosa de julgar-se cheia de toda a verdade do mundo.

Tanto a Umbanda, Candomblé e Cultos de Nação em geral têm enfrentado, desde a chegada dos primeiros escravos, os rótulos mais desabonatórios possíveis em relação ao exterior de seus cultos e fundamentos pelas mais diferentes religiões. As revistas, jornais e televisão, quando emitem ou publicam inverdades sobre nossas casas, recusam retratar-se simplesmente ignorando-nos, como se não fôssemos milhares de indivíduos ligados direta ou indiretamente aos nossos cultos. Quando a roça de Candomblé, tombada em dezembro de 1998 pelo patrimônio

histórico foi efetivada, apenas um canal de televisão comentou o fato sendo, no dia seguinte, totalmente ignorado pelos jornais. Nossos filhos ainda temem mencionar, em suas matrículas nas escolas, qual é a religião praticada em seus lares. Batizamos ou casamos nas igrejas porque nos ensinam, desde jovens, que os nossos rituais nada valem como efetivos. A sacratíssima Constituição Federal menciona ampla liberdade religiosa mas, na hora de garantir nossos direitos, as portas de nossos representantes se fecham.

Eis a amarga realidade vivenciada por nós, bastando olhar para os lados.

Nos últimos tempos surgiram, em profusão, grupos fundamentalistas bíblicos que tem usado interpretações particulares em favor de suas idéias divulgadas em grandes veículos de comunicação de massa, francamente agressivas contra as nossas, evitando trechos inteiros da Bíblia se for conveniente. Acreditamos ser necessário ao umbandista, africanista ou simpatizante ter argumentos quando inquirido, sabendo defender a fé pela qual optou.

Relataremos, a seguir, fato ocorrido em nosso templo merecendo uma citação. Durante nossas aulas de desenvolvimento teóricas, passamos a tecer comentários baseados em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec sobre como deveríamos interpretar a Bíblia, aprender a decifrar-lhe os ensinamentos citando trechos. Ignorávamos estar entre nossos médiuns um antigo membro de um desses grupos fundamentalistas, anteriormente. Lá pelas tantas, nosso amigo descontrolou-se em um surto quase histérico causando-nos um susto precisando, com muito jeito, ser contido. Copiou, trêmulo, nossas citações jurando procurá-las na Bíblia. Contou-nos a esposa muito descontente, estar nosso amigo por uns quinze dias descontrolado, com o livro na mão em discursos domésticos quase fora de si. Um de nossos médiuns (que havia pertencido à doutrina espírita e conhecia o livro que adotáramos – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”) fez-lhe uma visita tentando acalmá-lo, provando que “não tínhamos parte com Satanás”. Nosso amigo retornou, agora calmo, mencionando nunca ter ouvido tais trechos encontrando-os realmente na Bíblia, fazendo-o meditar sobre nossos pontos de vista. Perguntamos: **como** esses grupos repassaram seus conceitos, ao nosso irmão e aos milhares que freqüentam seus cultos, para dar motivos a esse comportamento esdrúxulo? Ele, com certeza, não é um caso único como todos sabemos.

Muitos desses fundamentalistas têm a mais absoluta certeza da Bíblia como a palavra literal de Deus. Lembramos que Deus, *em punho*, não escreveu o livro com seus “dedos” divinos. Pessoas, como nós, escreveram e nós, pobres mortais, estamos sujeitos ao erro por mais inspirados, por mais fidedignos sejamos. A arte cinematográfica engravou na mente popular, através do filme “Os Dez Mandamentos” com Charlton Heston fazendo o papel de Moisés, que raios caíram na pedra e cinzelaram-na escrevendo, linha a linha, as Leis. Não imagine o leitor quantas pessoas crêem piamente nessa imagem! Moisés, criado como príncipe no Egito, educado para ser excelente legislador, naturalmente inspirado e *sob a pressão dos costumes do seu tempo*, criou suas leis a ser dirigida ao seu povo. Não discutimos o valor, o conteúdo do Decálogo por considerá-lo extraordinário, atemporal, mas nem por isso Deus o escrevera por si mesmo. É urgente o mínimo de bom senso.

Estudiosos falam-nos dos *Comentadores*, os *verdadeiros escritores da Bíblia*, considerando-se terem vivido em época muito posterior aos fatos ocorridos.

Os Evangelhos, por exemplo, são livros originariamente escritos em *grego* (não aramaico, a língua de Jesus e seus discípulos), atribuídos a quatro autores diferentes: dois foram apóstolos de Jesus (Mateus e João), um deles foi discípulo de São Paulo (Lucas) e o último, discípulo de São Pedro (Marcos). Ou seja, os dois últimos *ouviram falar* de Jesus, não vivendo próximo ao Mestre: ora, dizendo-se “ouvindo falar” traduzimos como ter escutado de um terceiro, interpretado segundo seus conhecimentos da época. Poderiam ter feito o que todo o mundo faz, quando isso ocorre: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. O primeiro Evangelho a ser escrito foi o de Marcos... *setenta anos após a morte de Jesus!* Mateus e Lucas *após* esses setenta anos. João foi *cem anos depois*. Como vemos, em setenta anos já não seria possível os Evangelhos serem escritos por contemporâneos de Jesus pelo simples

fato de que, quando Jesus os conheceu, já eram adultos. Somados a esses setenta anos já estariam os ditos autores senis ou já mortos! Se considerarmos a média de vida da época, quando todos morriam relativamente jovens...

Qual conclusão chegaremos?

Os autores dos Evangelhos eram *seguidores*, *discípulos* dos supostos autores, ouvindo deles as histórias contadas sobre o Mestre ou, até quem sabe, gente do povo adotando-lhes o nome ilustre com fins de credibilidade. Tanto é verdadeiro, que utiliza-se os subtítulos de “Evangelho *Segundo* São Mateus”, “... São Marcos” e demais. Ninguém, portanto, em sã consciência, poderá jurar ser esses textos irretocáveis.

Os estudiosos, inclusive àqueles ligados à Igreja sabem disso mas dão validade a esses quatro evangelistas porque “Mateus”, “Lucas”, “João” e “Marcos” relatam praticamente as mesmas histórias e máximas de Jesus. Daí esses quatro serem intitulados de *Sinópticos*, devido a semelhança guardada entre si. Analisados, “João” é o mais espiritual de todos, com uma abordagem muito particular. Mas, nesse último, o autor faz importante revelação: “*Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem.. Amém..*” (João 20:25).

Tirando-se a figura singular de Jesus e o deslumbre de suas mensagens, tudo o mais são cogitações, interpretações atreladas à época em relatos sujeitos a análise menos literal.

Traduções posteriores foram feitas sob a ótica de uma Igreja nascente precisando afirmar-se em um mundo há milênios pagão, onde ninguém poderá afirmar que sejam *absolutamente fiéis ao texto original*. Ignora-se os quase oitenta, repetimos, oitenta evangelhos apócrifos como o “Evangelho de Tomé”, de Pedro, Tiago, Maria, “Evangelho Secreto de Marcos”. Classificados de “fantasiosos” foram completamente excluídos pelo Papa Gelásio I em 600 D.C. Novamente perguntamos: tirando-se os floreios da dita “fantasia”, será que não teriam fatos relevantes a contar?

Quanto a concepção e o nascimento de Jesus, todos sabemos ter ocorrido pelas vias normais, já que Deus criou suas Leis na Natureza obviamente perfeitas. Quem cria pudores sujeitos ao tempo e regionalismos é a Humanidade, não seu Criador. Confirmando-se, encontraremos em Paulo aos Romanos 1:3 : “Acerca de seu Filho que nasceu da descendência de Davi *segundo a carne*”. O mesmo encontramos em outros trechos.

Muitos pensam que tais observações poderão invalidar o perfil de Jesus. Como profeta, o Mestre excede todos os relatos dos demais profetas em sabedoria, capacidade mediúnica (“milagres”). Porém ler tacanhamente a Bíblia, em nossos dias, é um absurdo sem precedentes feito apenas por pessoas desinformadas!

Raros são aqueles conhecedores do qual a Bíblia *não estaria completa*. Aonde foram parar os “Livro das Guerras do Senhor” (citado em Números Cap. XXI), o “Livro dos Justos” (citado por Josué), “Os Grandes Feitos de Salomão”, “As Visões de Ado Contra Jeroboão”, “História” (por Isaías e Osias), “Sermões de Hireano”(citado em Macabeus Cap. I) e muitos, muitos outros mais?

Outra alegoria belíssima, mas fantasiosa, é a presença dos personagens Adão e Eva. Em tudo contraria a moderna ciência, bem como as descobertas de Darwin em seu “Origem das Espécies”. Obrigaria a destruição de todos os museus do mundo que guardassem fósseis de nossos antepassados aparentados com o macaco. E mais, quem era a mulher de Caim? Quem foi Lilith? Como Caim foi expulso e encontrou populações mais adiante, onde “conheceu sua mulher”, quando só haveria seus pais como progenitores (Gênesis 4:17)? Outra alegoria é aquela referente à Arca de Noé. A mesma arca é encontrada nas mitologias de várias religiões semíticas absorvidas pelo povo hebreu em suas peregrinações como escravo nessas terras (1). O mesmo dizemos do Dilúvio presente em quase todas as religiões, em seus mitos. Aliás, como poderia caber os milhares de milhares de casais, somente de insetos, dentro de uma arca? Não há “milagre” capaz de dar suporte a tal relato como absolutamente verdadeiro.

Será, até hoje, ninguém percebeu que os textos do Velho Testamento referem-se a um *único ponto de vista*? O dito “povo escolhido”, o povo

hebreu, fala de suas proezas de maneira pessoal, como vítima na maior parte das circunstâncias, nem sempre sendo verdadeiro. Ninguém lembra do outro lado, dos oprimidos pelo “povo de Deus” quando Saul dizima aldeias inteiras. Quando Deus ordena o roubo dos bens egípcios na ocasião do Êxodo (e o “Não Roubarás”, do Decálogo? Valerá apenas entre seu povo?). Encontraremos tantas contradições, merecendo uma novíssima releitura. Esses surtos patrióticos, elevados a grandes feitos, encontram no Novo Testamento uma parada obrigatória: Jesus, quando cura o criado do centurião prova, a todos os presentes, que Deus não escolhe facções, mas sim aqueles dotados da mais pura e verdadeira fé (Mateus 21:43 e 8:5,13; Lucas 7:1,10).

Em precioso artigo do escritor espírita Cristovam Marques Pessoa no jornal *Mundo Espírita* de maio de 1984, fala-nos do absurdo de haver *quarenta* medições diferentes de tempo em datas e idades presentes na Bíblia, conforme compreendia cada *comentador*. A uniformidade do tempo e como medi-lo é coisa atual, não sendo bem assim na antigüidade. Alguns teólogos, para explicar as disparidades, atribuem às diversas cronologias adotadas às fases lunares, entre muitas outras. Isso explica as extravagâncias memoráveis comentadas a seguir.

Assim, em Gênesis, Adão teria vivido 930 anos. Sete (filho de Adão), 912 anos. Enos (filho de Sete), 905 anos. Quenã (filho de Enos), 910 anos. E o memorável Matusalém, que viveu 969 anos! E ainda comenta o autor do artigo: “Todavia, ainda assim há desacerto, pois alguns dos primeiros descendentes de Adão, isto é Quenã, Maalalel, Jared e Enos se casaram (gerando filhos) com a idade bíblica de 70, 65 e 90 anos respectivamente, teriam tido filhos com a idade de 5 e 7 anos, e assim por diante, o que é impossível”.

(1) Conta-nos a mitologia sumeriana, muito anterior à bíblica, que o maior dos deuses chamado Enlil, desgostoso com a Humanidade, decidiu causar-lhe uma inundação fazendo-a desaparecer da face da Terra. Mas o deus Ea, apiedando-se, resolveu salvar ao velho Ut-Napishtim. Inspirou-o em sonho a construção de um enorme barco, pondo um casal de cada animal existente. Durante seis dias a chuva abundante caiu e, no sétimo, o velho pôde descer à terra com os bichos. Qual a diferença entre Noé e o velho sumeriano? (Mito extraído de “Lenda Feita de Pedra” de Rubens de Azevedo, Editora do Brasil S.A.). Encontramos a mesma temática no mito de Deucalião e Pirra (Grécia), Caldéia (Xisusthrus), China (Peirun), Índia (Vaivásvata), Escandinávia (Bergelmir), Colômbia (Bochica), Incas (enviado pelo deus Viracocha), Brasil (mito tupi com o herói Tamandaré e esposa, escapando ao subir na copa de uma palmeira).

Tais extravagâncias, em contagem de tempo, também são vistas em textos de outras civilizações, como nos relata Cristovam quando oito reis antediluvianos sumérios contabilizariam a incrível soma de 241.200 anos de reinado! Uma outra versão rival, por sua vez, somou os reinados de dez reis sumérios em 456.000 anos.

Quanta gente acredita sem pestanejar, repetindo mecanicamente aos gritos, serem verdades incontestáveis apenas porque estão “na Bíblia”! Ressaltamos as mais recentes descobertas científicas como a necrópole egípcia de múmias do povo (Revista SUPERINTERESSANTE, março de 1998) reiterando que, naqueles tempos, as pessoas morriam muito cedo por qualquer doença, em torno de cinqüenta anos. Viver-se, portanto, um pouco além dessa idade já seria um prodígio como no caso do faraó Ramsés II, falecido na generosa casa dos oitenta. Mas viver 969 anos...

Há passagens muito contraditórias. Uma delas é quando Deus (em pessoa) ordena a prática da Lei de Talião (Olho por Olho, Dente Por Dente) em Êxodo 22:17. Por que então Jesus, seu próprio Filho, iria desabonar as ordens de seu próprio e indefectível Pai quando ensina-nos : “Perdoar Setenta Vezes Sete”? O próprio Jesus discute essa legislação “divina” quando diz ser Moisés (e não Deus) o autor, pois o fizera por causa “da dureza de seus corações” referindo-se ao povo hebreu. Outra questão seria: porque as mulheres fundamentalistas bíblicas são obrigadas a vestir-se

exclusivamente com “moda feminina”, se fingem ignorar ao homem a proibição de não cortar o cabelo e a barba como prevê em Levítico 19:27? Machismo dos interpretantes? Mas “não está na Bíblia”? Outra coisa, o que é “moda feminina” no século vinte/vinte e um? Ou todas nós, mulheres, deveremos nos vestir à moda de antes de Cristo com os tecidos da época?

Se seguem tanto à risca os mandamentos bíblicos, porque não obedecem a todas as proibições do Levítico? Porque “são costumes antigos”? Mas “não está na Bíblia”?

Aonde está o Deus de Amor, de Jesus, quando Ele é pródigo em maldições pavorosas como em Levítico 26: 14,46? Aonde está o Deus de todas as nações, como vivencia Jesus na parábola do bom samaritano, quando ordena ao povo de Israel submeter a todos os povos a ferro e sangue em Deuteronômio 7: 16,18? Aonde está o Deus da parábola do filho pródigo, quando ordena a morte sem dó nem piedade aos filhos indóceis e rebeldes pelo apedrejamento em Deuteronômio 21: 18,21? E poderíamos citar uma relação interminável de vilanias, estupros, roubos sacramentados, rapto de mulheres, barbarismos.

Os fundamentalistas condenam tanto o sacrifício animal feitos por nossas religiões irmãs (a Umbanda não *tem essa tradição* em seus fundamentos originais) mas encontramos diversas passagens na Bíblia como àquela do filho de Abraão; quando Maria e José levaram ao templo, para sacrifício, um par de rolas ou dois pombinhos consagrando seu filho primogênito em Lucas 2:24; em Êxodo 20:24; Êxodo 29: 10,21; Levítico 1; defumações em Êxodo 30: 1,7 ...

Muitos profetas, sob transe, eram bem vistos por todos, consagrando-se ao ofício “mediúnico”, se pudermos assim chamar, como a profetisa Ana, filha de Fanuel em Lucas 2:36,38. A profetisa Miriam, irmã do próprio Moisés. Porque nossa mediunidade, quando profetizamos também, é vista como maldita? No final dos tempos nossos filhos e filhas também não profetizariam em grande escala? E se usarmos os jogos como meio de profetizar?

Processos mediúnicos como profetas, invocações de mortos, aparições de “anjos”, avisos, pululam pela Bíblia de ponta a ponta...

Mas o grande chavão usado pelos fundamentalistas é quando estaríamos condenados pela imortalidade devido a prática da necromancia, prática condenável no Velho Testamento. Mas o que fez Jesus quando deparou-se com Moisés e Elias (*espíritos de mortos!*), transfigurando-se e travando conversação, provando com isso a imortalidade da alma e a possibilidade de comunicação entre vivos e mortos em Marcos 9: 1,4; Mateus 17: 1,3 e Lucas 9: 28,30? Aliás, Jesus fez ou não a primeira sessão espírita, a primeira gira de Umbanda com seus antepassados? Se Jesus é nosso exemplo maior, ele abriu-nos essa possibilidade... como se novidade fosse.

Iremos, nesse capítulo abster-nos de falar sobre reencarnação, a existência ou não de Satanás porque, em nosso trabalho anterior tivemos ampla abordagem (2), bem como recomendamos como obra de apoio o excelente “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec com valiosas citações bíblicas e sua devida discussão.

Deixamos claro nosso desejo de não ridicularizar a Bíblia, considerando-a falsa. Seu conteúdo, tirando-se essas contradições, é belíssimo. O Novo Testamento, com as passagens de Jesus, inesquecível. Mas precisamos lê-la com critério, fazendo comparações aqui e ali não permitindo à outras religiões dizer absurdos sobre nossos cultos porque, no frígir dos ovos, todos os “sepulcros caiados” não entrarão no Reino dos Céus, nem aqueles sempre gritando aos quatro ventos “Senhor, Senhor”. *O que vale mesmo são os frutos das boas obras*, como encontramos na passagem de Jesus frente à figueira estéril.

Para todos os “juizes” acusando-nos de dedo em riste sermos “adoradores do Demônio”, responderemos mansamente com a passagem de Mateus 12: 24,28: “E se Satanás expulsa a Satanás, está dividido contra si mesmo; como subsistirá, pois, o seu reino?”

Somos mais de 60 milhões de indivíduos nesse país, ligados à Umbanda. Merecemos ser ignorados?

(2) Ver “Umbanda: Crença, Saber e Prática”, da autora, por essa editora.

A UMBANDA E SUAS DIRETRIZES BÁSICAS

*“Vela grande não me ilumina,
toco de vela me iluminou...”*

Sabedoria presente em estribilho de ponto
dedicado ao Povo de Exu

Nenhum autor poderá dar uma palavra final determinando o que se pode e o que não se pode fazer, na Umbanda. Nenhuma religião, mesmo as mais tradicionais, é estanque. Fazem parte de um processo dinâmico evoluindo (e esperando), melhorando, adaptando-se aos novos tempos e costumes. E porque isso ocorre?

O que é mesmo uma religião?

A maioria delas atribui a si uma fundação/formação por um ser enviado pelos Céus, “ditada por Deus”, os textos mestres sendo “encontrados misteriosamente” expressando a palavra literal divina, indiscutivelmente. Na realidade, quando uma religião surge em determinado momento, expressa o desejo de um grupo social em ser aceito por outro grupo preponderante pela exclusão do primeiro em seus cultos. Ou quando seu fundador (ou grupo) quer centralizar em si o poder e torná-la meio de atuar sobre os seus. De forma mais clara, *Deus é o mesmo: as religiões são invenções humanas.*

Vejamos alguns exemplos. Moisés, criado na corte faraônica como um príncipe e um legislador natural de competência, encontrou um povo hebreu unido apenas pela religião comum. Mas politicamente descentralizado e, portanto, fraco, suscetível a ser escravizado a qualquer momento por não possuir um exército efetivo, nem um governante central. Acostumado a um Estado teocrático, com a figura do faraó sendo o representante do deus na Terra e, muito ambicioso, centralizou em si o poder e os “ditames divinos” punindo, com mãos-de-ferro, um povo dolente pelos repetidos ciclos de escravidão. Proibiu ainda mais o mediunismo para não aparecer mais “inspirados por Deus” além dele o que, verdadeiramente, não surtiu muito efeito porque ninguém consegue tolher o ciclo natural das coisas. Jamais questionando a grandeza espiritual desse homem, não podemos esquecer do seu papel político e sua enorme sagacidade para tudo acontecer a contento. Moisés era um homem inspirado, mas ainda assim um simples ser humano com todos os seus erros (1).

Maomé encontrou as tribos de seu povo dispersas, sob crenças múltiplas. O povo de Meca rejeitou-o como líder desde o princípio obrigando-o a conquistá-la através das armas em 630 D.C., quando, finalmente pôde obter o controle religioso e político nas mãos. Maomé foi um guerreiro que, *sob inspiração* “recebeu” os ditames do Alcorão; para os muçulmanos o livro é a palavra literal de Deus. Discuti-la é morte certa.

Mesmo sujeito às milenares tradições, o Japão viu sua religiosidade alavancada a um Xintoísmo Estatal com a figura central do imperador, visto como um deus vivo entre seus súditos.

No filme “Contato” estrelado por Jodie Foster (2), vemos o dilema atual entre religião e ciência em um país como os Estados Unidos, mesmo sujeito à linguagem cinematográfica. Escandaloso saber que há muitas escolas em vários estados americanos proibindo qualquer alusão à obra “A Origem das Espécies” de Darwin por considerá-la uma heresia, de igual maneira mencionar qualquer nova descoberta fóssil comprovando o parentesco existente entre homem e primata.

(1) Recomendamos a leitura da obra psicografada “O Faraó Merneptah”, pelo espírito Conde de Rochester, Editora Lake.

(2) Nesse mesmo filme, encontramos um diálogo inesquecível quando a personagem da atriz citada considera uma quase demência acreditar-se em Deus, para ela simples utopia. Respondem-lhe: “Você considera demente 95% da população mundial, índice esse de pessoas que acreditam Nele de formas diferentes?”

Nesses lugares ministra-se que a Humanidade começou com Adão e Eva. Isso às vésperas do segundo milênio! Concomitantemente, os fundamentalistas bíblicos conhecidos como “Testemunhas de Jeová” mencionam em seu livro “O Homem Em Busca de Deus” (edição de 1990) à página 332 (aliás, apesar de nossa discordância, excelente trabalho de pesquisa) que: “*O mais severo golpe contra a religião, sem dúvida, foi a teoria da evolução. Em 1859, o naturalista inglês Charles Darwin (1809-82) publicou seu livro Origem das Espécies e apresentou um desafio direto ao ensino bíblico da criação por Deus. Como reagiram as igrejas? De início, os clérigos da Inglaterra e de outras partes condenaram a teoria. Mas, a oposição logo se desvaneceu. Parecia que as especulações de Darwin eram exatamente a desculpa que procuravam muitos clérigos que secretamente entretinham dúvidas. Assim, já nos dias de Darwin, “a maioria dos clérigos refletivos e expressivos tinham chegado à conclusão de que a evolução era inteiramente compatível com o entendimento esclarecido da escritura”, diz a Enciclopédia de Religião (em inglês). Em vez de vir em defesa da Bíblia, a cristandade cedeu à pressão da opinião científica e seguiu o que era popular. Assim, ela minou a fé em Deus. – 2 Timóteo 4: 3,4.*” Diremos o quê, depois disso? Acabemos com a Paleontologia, com os esqueletos dos dinossauros, do Homem de Neanderthal, de Lucy, as flechas de sílex? Os museus e todos os seus acervos?

As religiões exprimem a selvageria humana da intolerância, do cerceamento, do pecado vigiando-nos dia e noite, dos homens-deuses, dos pergaminhos misteriosos traduzidos por super-homens. De um Deus criado à

semelhança humana: ciumento, rancoroso, imperdoável. Tão diferente daquele tonteando-nos com o tamanho das galáxias em seu bailar, sob leis estupendas! Do autor dos ciclos perpétuos das estações! Da simetria das folhas! Da comoção causada pela perfeição graciosa do filhote, da criança risonha, da morte e da transformação natural após ela! O que fizeram com Deus!

Até a dita mais aberta das religiões, a doutrina espírita, fecha-se em um casulo a resmungar “Fora de Kardec Não Há Salvação”, considerando as demais fruto de “primitivos e ignorantes”...

Cada pessoa procura a religião, de acordo com seu próprio perfil. Os intolerantes procurarão adorar a Deus de forma intolerante. Os materialistas procurarão uma religião “que lhes dê retorno financeiro”. Os pesarosos procurarão aquelas acusando-os de “pecadores em busca do arrependimento”, tendo crises permanentes de *mea culpa*. Os desejosos de ascensão a bons cargos seguirão a fé do dono da empresa ou da maioria dos seus colegas, para ser “conveniente”. Quem deseja encontrar carentes de companhia e de bom poder aquisitivo, procurará os encontros de fiéis aonde quer que seja. Os criminosos “arrependidos” erguerão alto a Bíblia para obter alguns privilégios na sociedade, até encontrarem-se do lado de fora das grades.

Esses perfis, essas religiões, é que fazem tantos abandonarem qualquer forma de busca espiritual caindo no abismo do ateísmo, cujo fim do túnel aponta para a mais triste das desesperanças.

O ser humano precisa de esperança para viver. A falta de perspectivas afunda a mais forte das almas.

Eis o lado negativo das religiões onde, insistimos, é criação humana e não divina. Mas há o lado positivo em *todas elas*, simultaneamente.

Nos capítulos anteriores abrimos a possibilidade de conhecer, desde a civilização egípcia até as contemporâneas, o conteúdo de todas elas. Quais seus ritos, como via o pós morte, seu mediunismo. O encontrável depois da morte física. Nosso objetivo foi atingido quando *mostramos que todas diziam a mesma coisa*, mascarada por ideologias ou figurações míticas respeitando a região, o tempo, a cultura do meio onde foram criadas. Lá vemos os médiuns, pajés, xamãs curando doenças com métodos similares. Surgem as visões, os transes onde os guias (muito semelhantes entre si) vêm trazendo suas mensagens. A reencarnação é uma constante, já amplamente digerida por todas as mentalidades: menos a nossa direcionada pelos parâmetros ditados pelos concílios católicos. Deparamo-nos com nossos Exus, mensageiros suscetíveis, precisando ser bem tratados para poder direcionar nossas vidas. A todo o momento, o conhecimento do Candomblé, de nossa africanidade ancestral, encontra similitude de ponta a ponta do globo dito nas mais diferentes línguas. Todos fazem oferendas, usam defumações. Fazem suas “rezas fortes”, seus ofós ritmados seguindo a frequência inspirada pelas entidades para encontrarmos o acesso a elas. As forças da Natureza, dirigidas pelos Orixás (ou pelo nome que se queira dar a eles), sempre esteve ao nosso lado, invocada para sanar nossos males nas trocas matéria/matéria. Lá estão os amuletos e talismãs, baterias imantadas com fins de, ao contato conosco, auxiliar no equilíbrio de nossa própria bioenergia.

E qual o papel da Umbanda, no rol de todas as religiões?

Nascida de um processo natural, simultâneo portanto, da rebeldia das iaôs quando não mais aceitavam a impossibilidade da chegada dos espíritos de seus ancestrais, nas rodas do tradicional Candomblé, para conforto do público freqüentador, nasceu o Candomblé de Caboclo já trazendo consigo a maleabilidade congo-angola, a entrada de homens como membros, da nomenclatura e princípios nagô, da pajelança ameríndia, do Espiritismo, da cultura popular de origem européia. Mas como todo processo dinâmico, não há data precisa para seu início nem poderemos dizer quem foi o primeiro guia incorporado em fulano ou beltrano; certo há duas coisas: o incidente ocorrido em Niterói com o Caboclo das Sete Encruzilhadas como marco inicial de uma nova religião organizada (a Umbanda), fixando-lhe seus princípios; a segunda, por concordância de vários autores, os primeiros a vir foram os Caboclos, posteriormente Pretos-Velhos/Crianças (Linha das Almas) e, mais tardiamente, Exus.

Todas as nações expressam seu subconsciente coletivo nas religiões adotadas. Lá estão seus desejos, aspirações, conceitos próprios de moralidade sintetizados em seus mitos. O Brasil, pela sua diversidade étnica aparentemente incompatível entre si, acabou fundindo-se em um tipo muito complexo onde o pesquisador estrangeiro não consegue apreender-lhe suas incríveis diferenças regionais guardando similaridades importantíssimas para qualquer estudo pois, justamente, são esses pontos de interseção as chaves do caráter do povo brasileiro. E são esses pontos aqueles capazes de desenhar, ininterruptamente, a mais nacional de todas as religiões: a Umbanda.

Nela vemos, desde a letra de nosso hino com os ditos “Umbanda é paz e amor”, o caráter pacífico de todo o nosso povo que jamais abraçaria uma doutrina guerreira, bairrista, intransigente. Em todos os cultos afro-brasileiros, muito incompreendidos por isso, encontramos a tolerância típica da cultura negra tratando o homossexual com respeito em uma das pouquíssimas religiões a permitir-lhe o acesso e crescimento dentro do quadro hierárquico. Não poderíamos deixar de citar a presença da mulher em nossos terreiros e roças liderando a maioria dos templos, lugares esses aonde não será vista como portadora das piores maldições por ser a grande responsável pela queda da Humanidade, nos mitos arianos. Aparece aqui e ali o desaparego do índio, do negro aos bens materiais fazendo nossa religião simples e, igualmente, desaparegada praticando a caridade em pontos de socorro espalhados por todo o país. Nos Exus encontramos nosso perfil boêmio, sensual na figura de velhos malandros povoando nossas antigas noites quando ainda vivos e, nem por isso, deixando de ter sua oportunidade adquirindo “perdão no Além” através do trabalho de auxílio. Qual a religião que eleva ancestrais tão simples, como antigos escravos ou índios, à categoria de verdadeiros santos a povoar-lhe os altares? Somente um povo como o brasileiro seria capaz de tratar dos tipos excluídos do seu grupo social esquecendo o preconceito, quando, por sua vez, encontraríamos na maioria dos povos a perseguição gratuita. Quem teria esse desaparego resultante de condições seculares (desde o “descobrimento”) mínimas de sobrevivência fazendo-o ter como único luxo apenas o absolutamente necessário, moldando-lhe extraordinária solidariedade? Esse respeito à todas as raças por reconhecer em suas veias todas as cores? Esse povo produziu a Umbanda, religião tipicamente brasileira que, para entendê-la em sua estrutura, é vital conhecer a formação íntima de nossa nacionalidade com o fim de evitar-se as comparações menos felizes sempre girando em torno de uma pretensa “impureza” no respeito às tradições, por ser a grande responsável por deturpar-lhe os princípios (ditas geralmente pelos “puristas” dos cultos afro-brasileiros, puritanos, “intelectuais” parciais, acadêmicos sem sensibilidade) aprendendo a libertar-se das amarras do convencionalismo rotulador deixado pela herança européia. E, nem por isso, nosso próprio povo muitas vezes não consegue compreender-lhe a grandeza ao envergonhar-se dos seus povos ancestrais, bem como da religião mais parecida com sua fisionomia, crivando-a de impropérios.

Como já dissemos, a Umbanda faz parte de um processo dinâmico com o aumento das cidades e regiões metropolitanas cujos centros encontramos, cada vez mais, casas luxuosas para cultos-espetáculo com a presença predominante de Exus, inversamente proporcional aos rituais em torno dos Pretos-Velhos, Crianças (Yori) e Caboclos. No interior, ocorre justamente o oposto pelo conservadorismo referente às antigas tradições (os primeiros terreiros) de origem. Nessas regiões com destaque ao culto a Exu, passaram a ser incrementadas a partir das últimas décadas (anos setenta, recente portanto) ficando sem parâmetros anteriores para a adoção dessas entidades, passando a honrá-los com sacrifícios animais à semelhança dos Orixás africanistas, colocação de inhálas (as “partes portadoras de axé”) adornadas com a plumagem das aves de cores algumas vezes não correspondentes às entidades (algumas casas usam até aves brancas, sob a alegação de que a entidade “alimentar-se-ia” com a energia dispersa do sangue no sacrifício), promovendo com tudo isso uma terrível confusão entre o Orixá Exu (3) com o nosso Exu de capa e cartola, esses últimos chamados por muitos dirigentes como “Energias da Natureza”, conceito atribuído geralmente aos primeiros. Veio junto o péssimo hábito da postura de carcaças nas encruzilhadas por temor de ingerir a carne sacrificada à uma força tão caótica (e perigosa), equivocadamente. Mas o pior, para os

conhecedores dos cultos afro-brasileiros, é a postura de materiais e sangue na cabeça dos médiuns em ritos nas encruzilhadas para “consagrá-la a Exu” contrariando-se todo e qualquer princípio do que é *ori* e Orixá. Essa última prática cria a leva de médiuns muito mal informados (e mal direcionados pelos seus dirigentes) dizendo-se ser “de cabeça de Pombagira” ou de “Exu” como se isso fosse possível: e, surpreendentemente quando inquiridos, dizem que “se Bará (Exu, Orixá) pode ser o dono da cabeça de alguém, Exu de Umbanda também pode”.

Essas “invencionices” dos mais jovens, vendo-se de repente trabalhando com Exu - mas sem qualquer tipo de informação anterior - tem criado mal-estar em toda a nossa religião por essas razões e muitas outras, acabando por não serem aceitos seus templos, caciques, médiuns e fundamentos. Essa desagregação não havia nos primórdios quando haveria certa convivência de idéias bem como na aparência exterior dos templos. Criou-se, a partir de então, um separativismo estranho entre aqueles que sacrificavam *qualquer coisa* a Exu em *quantidades absurdas*, dando-lhes primazia nos cultos (ignorando a presença das outras Sete Linhas), fazendo o bem ou o mal se pagos fossem, pintando de negro ou vermelho as sempre alvas paredes de todos os templos afro-brasileiros, transformando-os em verdadeiros cabarés do século passado, em castelos vampirescos, passando a sedimentar-se em um grupo à parte auto-intitulando-se em uma nova modalidade como “*Exubandeiros*”, “*Quimbandeiros*”.

Apesar de nossa discordância pessoal alicerçada em tudo o que sabemos sobre as origens africanas e da própria Umbanda, os ditos “Exubandeiros” não foram criados por acaso. Aliás nada surge do nada. Com a vinda gradativa dos Exus nas sessões para “fazer a caridade” ao lado dos Caboclos e Pretos-Velhos, viu-se a enorme aceitação do público com “as novas entidades” que eram muito francas, com todos os defeitos humanos e linguagem popular, dotados de grande força de ação e respeitabilidade pelo temor que impunham. Ora, o público teve a oportunidade de pedir-lhes o bem e o mal (coisa inadmissível para uma outra entidade de Umbanda) podendo usufruir da liberdade em dizer-lhes qualquer coisa porque eram humanizados e entenderiam seus pedidos, principalmente aqueles amorais. Para terem a autonomia no agir de acordo com a índole de alguns dirigentes e o público freqüentador que nem sempre tem o melhor dos instintos, teriam de desligar-se da submissão à autoridade dos Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças (Yori). Nesses lugares

(3) Segundo Wilton do Lago Vialle (Babalorixá Ominarê) em *Candomblé de Keto (Alaketo)*, página 31, 5ª. Edição, Editora Pallas. Não empregamos o termo Bará para designar o Orixá Exu por ser apenas um de seus atributos, apesar do uso corrente em nosso Estado (a autora).

sem normas éticas, costumando ser “pagos” regiamente pelos “serviços” que fazem, sempre exigentes em todos os sentidos, lugares esses em que seus médiuns nunca incorporam outros guias a não ser eles, nós e diversos outros autores chamaram-lhes “Quimbandeiros” (e não Exubandeiros, pois a terminologia não se popularizou), praticantes da “Quimbanda”, para diferenciá-los das casas praticantes da Umbanda mais ligada ao seu núcleo original. Voltando-se um pouco mais atrás, veremos o conceito do *bhut* indiano: quem ele é, por quem e para quê são invocados. E, se corretamente apaziguados, o bem que poderão trazer à toda a comunidade. O mesmo já conhecia o africano centralizando no Orixá Exu todos esses conceitos, dando-lhe a primazia dos sacrifícios, no seu *padê*, em todos os rituais, na buscando de maximizar resultados em todos os seus trabalhos. Sem dúvida, o Exu de Umbanda, representante da força do Orixá de mesmo nome em nossa religião (destaca-se aqui seu lado *eborá*, violento, delicado de lidar-se sem conhecimento) também deveria ser drenado, direcionado para a melhora de todos, apaziguado sem tirar-lhe a força para demandar em defesa do grupo. Mas isso não acontece. Esses babalorixás, influenciados pelo culto de Nação concomitantemente à Umbanda, costumam dizer que o caráter de Exu é como o de: “uma criança, precisando ser (re)educada para executar tarefas”. Eis um conceito correto pois, como uma criança, estaremos orientando um espírito muitas vezes necessitando um direcionamento humanitário para evoluir como ser, porém acabamos atraindo *quiumbas* (obsessores) trazendo

consigo espíritos violentos e ignorantes servindo-os como asseclas de seus crimes, afastando espíritos mais evoluídos como os Caboclos e Pretos-Velhos cuja elevada moralidade nunca permite serem levados pela malícia dos solicitantes, mesmo abandonando-nos em momentos de crise (4) . Em outras palavras, estaremos entregando nossos pescoços a malfeitores, cercando-nos dos mesmos que, quando não pudermos mais pagar-lhes os caprichos, a volta conosco será inevitável e a pior possível. Cada um planta o que colhe e cada um procura seu semelhante. Essa é a pior das realidades a comentar.

Passam a orientar o Exu de Umbanda, o “Exu de Tronqueira” como dizem outros autores, ensinando-lhes a utilizar como material de trabalho o melhor e mais luxuoso, ignorando quando passa-se por crises financeiras será impossível dar-lhes o de costume (por isso temos a orientação de fazer todos os Exus de nossa casa “nascer” com marafo e coisas simples) . Muitos dizem que, quando bem tratados, nunca deixarão passar seu médium por qualquer problema. Eis um dos mitos criados pela imaginação das pessoas não correspondente à realidade: como dissemos no trabalho anterior, se fosse assim um dirigente nunca ficaria doente, morreria, teria dissabores. Verdadeiro é que nossos problemas cármicos serão reduzidos (ou eliminados) em muito quando trabalhamos e fazemos nossas obrigações com respeito, no prazo correto. Vamos dar um exemplo prático. Determinado Exu, quando passou a comunicar-se, exigiu sacrifício de no mínimo sete aves anuais, boas bebidas, bons charutos em uma relação considerável do melhor para trabalhar, “não se vender” a outrem por melhores ofertas, abrir caminhos, enfim, *cumprir seu dever*. O que fez o cacique ao escutar-lhe? Explicou-lhe o sistema daquele terreiro, quais suas posses, limitações para fazer cumprir determinações de seus dirigentes espirituais (*diga-se caboclo*) e que *deveria aceitar uma contraproposta*: teria oferendas mensais para compensar a abstinência do sangue animal, usaria cachaça (marafo) como bebida (eventualmente outra melhor como em festas ou visitas, por exemplo), charutos simples e, quanto mais trabalhasse na caridade, mais receberia “agradados” das pessoas felizes pelas graças alcançadas. O Exu adorou a idéia, comprometeu-se a si e suas falanges no compromisso, jurou absoluta fidelidade à casa cumprindo há vários anos (sob várias demandas), à respeitar as diretrizes dos guias luzeiros bem como as

(4) Inúmeras vezes assistimos babalorixás/ialorixás, médiuns outros de orientação “espírita” caírem no descrédito popular, mais cedo ou mais tarde pela orientação tomada. Lamentável, mas recente, um caso de ganância excessiva explorando sua mediunidade, outro pelos excessos junto à Quimbanda, ambos com enorme repercussão regional e nacional. Fazem-nos refletir sobre nossa insistência constante em certos pontos de vista. (a autora)

solicitações do dirigente. Alguma novidade aqui? Nenhuma. *Todos os Exus*, quando chegavam as primeiras vezes nos terreiros, vinham humildes, bebendo marafo no chão (sem taças de vidro ou cristal), *sabendo respeitar comando*. Que tipo de Exu é esse agora que faz o que quer, não tem qualquer limite, não respeita ninguém? É a mesma entidade que dizem “ter muita luz”? Alguém “pode ter luz” sem inteligência, disciplina, bons sentimentos, obedecendo hierarquia espiritual? Parecem mais garotos mimados, moleques irresponsáveis do que “guias de luz”. E os dirigentes, como os classificariamos ao permitir-lhes tais liberdades?

Mas a maior dificuldade dos novos caciques é **como** fazer um Exu sem sangue, bem feito e com até maior força ou, se for possível, acostumar o seu no novo sistema fazendo-o rejeitar o sacrifício dado anteriormente. Para isso é preciso aprender *fundamento* dando-nos base para permitir tais trocas, sem qualquer perigo, muitas vezes ditos nas entrelinhas de *bons autores* ou nas meias-palavras de antigos babalorixás ou caciques experientes. Um desses ótimos autores fala-nos o seguinte: **“Remarquemos a mais que, especificamente no Ebo de seu Ìpâdé, Imolê Êxú não recebe sangue animal e sim a sua essência transmutada em Epô/Azeite-de-dendê. Assim, não é correto afirmar-se que ele se compraz com sangue animal, só porque, por ter direito à primeira porção de cada sacrifício, por vezes receba também sangue animal. E, isto, nem sempre dado que os Terreiros mais tradicionais muitas vezes fazem o primeiro sangue dos sacrifícios ser vertido na Ilê/Terra, em um**

pequeno buraco especialmente a isto destinado, em lembrança de que na Terra está o início, o meio e fim de toda a Vida.” (5). Os grifos são nossos.

Ora, se as correntes africanistas do Candomblé sabem disso em relação ao Orixá, nós da Umbanda, que não trabalhamos com o sangue animal, não sabemos disso? Não sabemos que todos os *Êjé Pupo* (“Sangue Vermelho”), dentre os nove tipos de sangues diferentes poderão ser trocados entre si, com o mesmo efeito, com o mesmo poder? Muitos virão a alegar que *por tradição*, aprenderam assim em suas casas de origem no trato com Exu. Mas será não haver outras alternativas? Será impossível uma troca de sangue anterior por algo até “mais forte”? Faremos as seguintes perguntas, algumas comuns no dia-a-dia de nossos templos:

1. Você está acostumado a dar canjica branca a Oxalá e aprendeu assim em sua casa de origem. Chega um freqüentador ou médium desesperado, com a necessidade urgente de “arriar” uma oferenda ao Orixá e ambos, você e ele, não têm dinheiro para comprar a canjica (ou não encontrou em lugar algum). O que faria? Deixa de auxiliar a pessoa ou troca de elemento?
2. Hipoteticamente, você é um africano cuja aldeia está passando fome, tendo consumido todos os animais de sua criação. Ou, ainda, encontra-se em uma longa jornada, com poucos recursos precisando oferecer um sacrifício urgente a determinado Orixá até mesmo para chegar são e salvo. O que faz?
3. Está chovendo muito forte necessitando entregar uma oferenda, em determinado reino para favorecer um negócio que será concluído no outro dia, à primeira hora da manhã. Qual sua atitude?
4. Você é cacique, tem seu terreiro construído na Argentina, Uruguai, Europa ou Estados Unidos e não encontra dandê em nenhum lugar. O que faz?

(5) “Ifá: O Ôrixá do Destino”, de Ivan Horacio Costa (Mestre Itaoman), 1ª. Edição, página 62, Ícone Editora Ltda.

5. Você não lembra mais como se faz determinado trabalho para solucionar um problema e ele, novamente, se repete precisando uma solução rápida. Desiste?

Cinco perguntas tão simples, até corriqueiras. Creio não ser necessário entrar-se nos detalhes de cada uma. Todavia, se o dirigente ou médium mais experiente não souber como resolvê-las, é necessário urgentemente redefinir até onde aprendeu. Ninguém deve se envergonhar por não ter aprendido: mas na consciência de desconhecer, ter humildade de refazer pontos de vista. Ainda mais quando lembramos amontoar-se vidas em nossas portas urgindo por socorro.

Convêm-se mencionar (apesar do *absoluto segredo* que todo o fundamento deve ter), um exemplo simplificado de feitura de Exu *sem sangue animal* que seja *comprovadamente eficaz*, com fins de registro. Segue o seguinte roteiro básico:

1. Deve-se “plantar”, assentar o Exu em sua tronqueira (casinha, casinhola) unicamente àqueles que já tenham terreiro aberto ou estão **na iminência de abrir**. Nenhum médium deverá ter

“casinha” na frente da sua residência “por ter”, “para dizer-se cacique”, “para poder dar oferendas em um lugar específico”. Uma tronqueira plantada **serve para centralizar ali o axé de um terreiro inteiro**, receber nela **as oferendas, velas, marafo de todos os filhos da casa** indistintamente (inclusive aqueles que já sejam coroados –tendo sete anos de feitura com todos os amacis, cruzamentos e outros trabalhos designados pelos guias). Salientamos que, justamente **na união de todos os Exus dos médiuns** naquele ponto, será a garantia da força de uma casa, unidos com os Exus Principais [os Exus do(s) cacique(s)], **únicos a terem “plantado” seus fundamentos ali**, permitindo-se no máximo aos demais terem as imagens “cruzadas” dos seus guias na mesma.

2. Quando um médium estiver distante do axé da casa (em viagem, residindo muito longe com difícil acesso) poderá acender sete velas com uma garrafa de marafo ao seu Exu em um cruzeiro (evita-se porta de cemitério ou seus cruzeiros) **desde que já incorpore com segurança e tenha certo tempo de feitura para não ficar com carregado extraído desses lugares**, geralmente atulhado ou ponto de convergência de trabalhos maléficis, redemoinho de forças negativas. De qualquer forma, tomar um banho de descarrego **antes e depois** da entrega. Recomendação útil também é deixar um copo de água pura no portão de sua residência, tampado com um papel ou pano branco que, antes de entrar e de costas para a rua, atra-se o líquido por sobre o ombro implorando que nada o acompanhe ficando consigo de ruim. A mesma recomendação dá-se ao ir incorporar em qualquer casa de religião pois, nem sempre, os visitantes ali estarão verdadeiramente equilibrados para o trabalho.
3. Quando o médium residir próximo, visitando regularmente o terreiro, designe um dia com o cacique para acender suas velas, dar um marafo, um cigarro ou charuto ao seu Exu **na tronqueira de sua casa de religião** (não em outra ou qualquer outro lugar). Sendo ali o ponto de convergência de todos os Exus da casa, todo o médium deverá ter consciência que, em qualquer religião devido a soma dos pedidos e dos pensamentos, **só a união fará a força** (lembramos aqui as palavras de Jesus quando disse haver **dois ou mais reunidos** em seu nome, ele estaria ali presente). Tal atitude tem duas vantagens: **garante reforço ao axé do terreiro e dá mais eficácia aos pedidos feitos pelo médium**.
4. Pressupondo-se que o futuro cacique tenha todos os anos de feitura sendo médium com entidades muito seguras, coisa mínima de se exigir convenhamos, o Exu (ou Pombagira) incorporará dizendo quais os itens deseja constar dentro do fundamento, negociando como deseja receber suas oferendas daí por diante. **Aí será o momento de fazê-lo trocar o sangue animal por outro Êjé Pupo, por mais insistente seja ele (ela)**. Também, nessa ocasião, explica-lhe sua subordinação a um Preto-Velho ou Caboclo respeitando-lhe as ordens, **não podendo fazer nada sem vigilância sobre si**,

*dedicar-se ao bem, demandando em defesa somente quando os guias superiores autorizarem. E como todo o Exu “nasce” rebelde, aprender a obedecer à orientação dos dirigentes (pois será muito comum, como crianças, terem crises para obter o que desejam). Mas tendo-se pulso firme, logo estarão “na doutrina da casa” obedientes, fortes, leais. Orientados assim poderemos garantir com a mais absoluta certeza, de que jamais **se venderão** à outra oferta, por mais generosa seja. Por sinal, não foi uma nem duas vezes, nossos Exus incorporaram, debochando muito em sua linguagem típica, contando-nos “comer e beber” às custas de outro pensando obter-lhes os serviços e a quebra de seu caráter.*

5. *Recomenda-se a colocação do fundamento em alquidar de barro ou outro vasilhame desse material (terra solidificada, terracota) chamada por outros de “tabatinga” porque, em caso de mudança de imóvel ou ampliação de casinha (tronqueira) será possível “levantar-se” o mesmo facilmente, evitando-se a imantação direta no solo. Aliás, **todo o fundamento de Exu deve tocar a terra**, de onde extrairá seu axé. Quem conhece os ritos ligando-nos às “mães-feiticeiras”, ao Orixá governante dessa Linha, sabe fazê-lo corretamente (4).*

6. *Um Exu ou Pombagira jamais deverá ficar “solteiro” em sua tronqueira. Em outras palavras, os Exus detêm aquela energia bipolar citada em capítulos anteriores em várias culturas, qpresentando, quando unida à sua contraparte, equilíbrio. Será comum um dirigente ter apenas **um Exu (ou Pombagira)***

(6) Recomendamos a leitura dos trabalhos de Orlando J. Santos publicados por essa editora, bem como aqueles editados pelo autor de forma independente. Quanto ao governante da Linha de Exus de encruzilhada, cremos ser o Orixá Exu, por várias afinidades/similaridades existentes entre ambos; para os Exus de cemitério Omulu/Obaluaiê . Porém, de acordo com a maioria dos autores, consagram-na apenas ao segundo ou associam-no à Linha de Pretos-Velhos. (a autora)

de Lei assentado com seu fundamento e, na parte superior, uma imagem **simplesmente cruzada** do “esposo” ou “esposa” espiritual dele (somente o Exu, ou outro guia de Umbanda poderá dizer **quem será** essa entidade e inspirar **qual** imagem adquirir). Menos comum é quando o dirigente tem **ambas as entidades** como seus protetores simultaneamente: nesses casos, dependendo da orientação espiritual, o segundo poderá ter seu fundamento “plantado” ao lado do outro (porém cuidadosamente separados, respeitando-se o fundamento de “fechamento” de terreno).

7. *Nunca “assente”, “plante” um Exu se não “irá cuidar dele”, dando-lhe semanalmente bebidas, velas e oferendas no dia certo, **a não ser que chova ou seja ainda dia claro** quando, então, será prorrogado. Essa é uma força perigosa de ser lidada, havendo grande responsabilidade espiritual no trato com muitas falanges comprometidas, às vezes por uma*

simples garrafa de marafo, a outros espíritos deixando de obsidiar ou prejudicar alguém à pedido de nossos Exus de Lei convidando-os a sorver com eles. Quem tem preguiça, quem acha que “o Exu me entende” e “até nem gosta muito de velas” é um excelente candidato a receber o choque de retorno por manusear energias sem critério.

8. Não é a quantidade de itens nem seu custo que garantirá a força de um fundamento. **É a compatibilidade** em relação ao trabalho e aos locais onde o Exu comande. Mas para isso acontecer na prática, somente com a relação dada pela própria entidade.
 9. Convencionou-se ser as encruzilhadas em forma de cruz, chamadas de “abertas”, dominadas por Exus de índole masculina e aquelas em forma de tridente, femininas. Para o Orixá, em sua origem africana, as mesmas em forma de tridente seriam seus verdadeiros reinos conhecidas como **Orita Meta** e daí, pessoalmente, entregamos aos Exus em qualquer cruzeiro, **desde seja ali seu domínio** (nem precisaríamos mencionar haver aqueles de beira de praia, cemitério, etc.). Outro desejará sua oferenda em cruzeiro próximo à cemitério (lomba); ciganas poderão querer em cruzeiros de praia, praças, estradas de terra, cruzeiros simples ou “de lomba” conforme o tipo de trabalho e o(s) “esposos(s)” que tenha (5).
- (5) No caso de Pombagira, ela irá **associar-se** a sete falanges com seus respectivos líderes espirituais, tendo muitas vezes um deles como **seu principal assessor**. Apesar do apelido de “marido”, “mulher” e “esposos”, não deverá ser interpretado literalmente. Curioso, nunca vimos um Exu de índole masculina associar-se a sete falanges dirigidas cada uma por uma Pombagira; notamos, ainda em reuniões com diversos Exus, que as entidades “femininas” dessa linha de trabalho recebem deferências como se tivessem hierarquia maior em relação aos demais. Seria regra ou exceção? (A autora).
10. **Não é ético** um dirigente “assentar” um Exu em outro terreiro de um “filho” seu ou de um cacique amigo sem liberá-lo aos seus cuidados, “prendendo-o a si”, “à sua mão”. **É de igual forma irresponsabilidade do cacique liberar um médium para abrir um terreiro se ele não encontra-se plenamente capacitado. Portanto, nada justificaria prender um Exu “à sua mão” a não ser má-fé; outrossim, se estiver prestando um serviço ou favor, o mesmo também não se justifica se aquele outro não está preparado para ocupar o cargo.** Conhecemos casos lamentáveis de médiuns verem seus Exus “casados” com o Exu do dirigente na tronqueira, impossibilitando sua saída da casa se assim desejarem; conhecemos também sacerdotes fazendo sacrifícios com animais exóticos quando ninguém sacrifica (em casas de Quimbanda) impossibilitando ao médium trocar de casa já não ser possível, em outros lugares, dar-se a oferenda pelo qual o Exu já “estará acostumado” criando com isso inúmeros problemas. São atitudes vergonhosas devendo ser controladas.

11. O uso de bebida alcoólica deve ser **muito bem controlado** pelo cacique. Os médiuns novos, com entidades não muito firmes **não devem usá-lo sob nenhuma alegação**, já que o Exu ainda não está volatilizando todo o teor alcoólico. É notório, quando há um Exu bem incorporado, não deixar hálito, cheiro ou tontura no médium após sua desincorporação. O álcool bem utilizado por bons médiuns e Exus firmes serve para queima de fluidos pesados dos ambientes e assistência através da evaporação pelos poros do médium. Essa é uma das razões porque não se deve proibir o uso do álcool, mas controlá-lo com o máximo rigor. O dirigente deverá ter sensibilidade em perceber se há médiuns alcoólatras que têm como objetivo freqüentar sessões apenas para beber mostrando, em poucos minutos, estar sedado sob os efeitos da bebida provando, com isso, não haver ali nenhum Exu incorporado. O mesmo não se justifica com seu uso pelos tamboreiros. Na realidade, permitir bebida alcoólica em uma gira apenas às entidades; nem em festas permite-se seu uso à assistência. **Sessão é sessão; bar é bar.**
12. Gira (sessão) de Exu não é boate, cabaré, local de encontros, ponto para extravasar desejos mais íntimos, nossa sexualidade (ou homossexualidade) de forma agressiva ou cômica. **Aconselha-se ao dirigente criterioso orientar e revisar a confecção do uniforme de cada médium para não ocorrer surgirem fantasias de carnaval do tipo “drag queen”, excesso de transparências, fendas sugestivas, decotes generosos demais, vestuário inadequados para a idade.** Dependendo da casa, é aceitável o luxo e o bom-gosto que, em qualquer época, sempre obedece à regras de conduta e respeitabilidade. O mesmo dizemos do uso de palavrões da parte de alguns Exus: **nada** justifica tal prática.
13. **Nenhum Exu gosta de trabalhar sob luz forte, flashes, luzes de filmagem.** Não se explicam Exus posando risonhos para fotografias sem esconder o rosto, fazendo “giras” ao meio-dia sob o sol em beiras de praia ou outros locais, aceitando televisões acesas ou qualquer outro foco intenso de luz sobre si. Em adendo, **eles poderão incorporar em qualquer dia e hora, entretanto escolherão um local sob penumbra, de portas e janelas bem fechadas, seja qual Exu for.**
14. **Não se faz giras de Exu fora do terreiro.** Para isso ele foi construído, enterradas seguranças e fundamentos para, justamente, garantir a preservação dos médiuns e assistência naquele local. **A não ser, sejam levados pontos de firmação, imagens imantadas, tomando-se todas as precauções conhecidas pelos caciques. Não é aconselhável mostrar os Exus em público, justamente àqueles que jamais pisariam em um terreiro de Umbanda, detestando nossa religião por motivos particulares.** Todos os nossos rituais sempre primaram pela sobriedade, uso de roupas brancas, abstinência de álcool, uso controlado de fumo nos

cruzamentos de mata, mar e cachoeira quando, então, o povo assistirá encontrando-se em lugares públicos. Há muito preconceito ainda quanto aos nossos Exus, devendo ser quebrado na segurança de nossas casa evitando-se a violência de algum fanático contra nós.

15. Por razões unicamente magnéticas, de afinidade e polaridade, excluindo-se qualquer teor preconceituoso, **um homem masculinizado jamais conseguirá incorporar uma Pombagira**, a não ser que suas preferências sexuais sejam ligadas ao mesmo sexo. Todavia uma mulher, homossexual ou não, **poderá incorporar um Exu ou Pombagira**. Isso simplesmente é um fato de consenso geral, cujas explicações só encontraremos no bloqueio psicológico masculino ou na ciência voltada à explicação dos fenômenos mediúnicos.

16. As oferendas à Exu de tronqueira podem ser muito variáveis, de casa para casa, de Exu para Exu. **Nenhum Exu, mesmo que tenha o mesmo nome padrão, irá “comer” o mesmo conteúdo de outrem**. Realmente importante, para o Exu ser “bem alimentado” dentro da Umbanda (sem sacrifício animal) precisará **conter uma das três substâncias básicas, no mínimo**, conhecidas pelo Africanismo desde seu berço na África. Dependendo de “onde” o Exu venha, qual as falanges agregadas a ele, poderá pedir genericamente marafo, farinhas (destaca-se a de mandioca), azeite de dendê, pimentas (malagueta, “dedo-de-moça”, da costa), charutos (ou fumo picado), **nunca sal**. Algumas Pombagiras pedem mel, outras mel e dendê juntos, cigarros em vez de charutos (outras querem o segundo), champanhe ou filtrados em vez de marafo. Os Exus ciganos apreciam frutas (destaca-se a maçã), vinhos tintos licorosos, moedas, bijuterias vistosas, tecidos finos em forma de lenços, vidros de perfumes geralmente adocicados ou florais intensos,

gotas de perfume na bebida (6). Alguns outros pedem pedaços de carnes assadas **(sempre ouvimos nunca oferece-las cruas para não ser despertado o desejo de sangue em sacrifícios)** com os mais variados temperos (menos o sal, como já dissemos), esqueletos de peixes (ossos vários), uns **tolerando** o perfume de alho e cebolas, outros de forma alguma. Dentro desses preceitos, cada Exu dará sua receita personalíssima **consistindo segredo** entre ele e seu dirigente. **As cores dos uniformes variam muito**, contudo há aquelas usuais: Exus ligados à cemitério usam muito o preto, o prata e os tons roxos/lilases; os Caveiras usam muito o preto e o branco (alusão ao osso), com detalhes em vermelho. Os Exus de cruzeiro (de rua) dão destaque ao vermelho ou ao vermelho/preto. Muitas Quitérias vestem-se totalmente de lilás ou roxo. Algumas Pombagiras “da noite” usam o azul marinho e o prata. **Nunca, porém, fogem desses padrões** com a utilização de cores claras em tons rosas, azuis, amarelos, verdes-água, escuras em tons marrom, beges, alaranjados. A única exceção encontramos nos Exus ciganos usando todas as cores em floreados, combinações, completamente metálicos

(ouro, prata) da cabeça aos pés. Não seguem exatamente um padrão. A cultura cigana **abomina o preto, em cor predominante.**

17. Com o fim de evitar-se constrangimentos aos médiuns, caciques visitantes e assistência (contrariando-se o que é feito na grande maioria dos terreiros) **fazer-se sessões de desenvolvimento em dias separados** fechadas ao público, quando todas as entidades e Exus receberão a doutrina da casa, sendo liberados somente após constatar-se, com toda a segurança possível, haver reais condições de dar-se um passe, uma mensagem, comportando-se com comedimento dentro dos padrões daquela linha de trabalho.

18. Não deve ser motivo de preocupação ao médium iniciante, como seu Exu irá “riscar” seu ponto, consultando vários autores com o fim de ser “o mais correto possível”. Os livros de pontos “riscados” apenas servem como parâmetro, nada mais. A maioria dista muito ao que vemos na prática riscados na maioria dos terreiros, bem como as estranhas tabelas de horários, dias, “graus”, pontos cardeais, estando muito longe do nosso dia-a-dia.

19. Nenhum modelo preestabelecido serve para a feitura de uma tronqueira, mas há alguns parâmetros sempre repetidos:

- dar-se preferência aos materiais de barro (telhas, piso, tijolos);
- ficar sempre na frente dos terreiros (não importando se esse foi construído nos fundos da moradia, por exemplo);

(6) Em “Mistérios do Povo Cigano” de Ana da Cigana Natasha e Edileuza da Cigana Nazira, publicado por essa editora, encontraremos mais referências.

- dentro dela, fazer um (ou dois, se forem assentados “o casal” pelos motivos já explicados) buracos ou nichos que caibam o fundamento, revestindo-se as paredes de concreto; importante, é deixá-los sem o piso (**tocando o solo**, direto na terra), “fechados” pelos Caboclos ou Pretos-Velhos para não contaminar todo o terreno com seu magnetismo;
- sobre os nichos construir o altar, fechando-o na frente com uma cortina, para torná-lo discreto aos olhares dos leigos;
- a tronqueira será totalmente fechada, evitando-se qualquer entrada de luz diurna;
- o “fundamento” não será tampado, “abafado”, já que o mesmo fica discretamente posto atrás da cortina;
- Exu de Umbanda, apesar das similaridades existentes entre eles e o Orixá de mesmo nome, normalmente não apreciam água, sal, pólvora, substâncias estranhas. Não trabalham com esses materiais. Não entram em seus fundamentos;

- Pinta-se exteriormente de qualquer cor, mas dá-se preferência ao vermelho para as portas (frente e verso) e paredes internas;
 - Geralmente “firmam” sua radiação sobre uma tábua com seu ponto riscado, na cor da pomba de sua preferência. Cravejam-na em certos pontos pelo próprio Exu, com vários materiais: sete ponteiros, sete ferros afiados, punhais, garfos, conforme orientação exclusiva da entidade;
20. Exu não embala crianças, não amamenta, não troca fraldas porque essa Linha, pelo alto teor vibracional de uma criança e pelas suas proteções, afasta-os recusando a dar-lhes passes, indicando-as aos Caboclos e Pretos-Velhos. E mesmo sendo o médium filho de entidades maternais como Iemanjá ou Oxum, não terá afinidades com crianças quando incorporado com Exu. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Nada justifica também uma entidade avisar que “o cavalinho vai ao toalete fazer isso ou aquilo”, cozinhar, lavar a louça, executar tarefas rotineiras. Um guia em Umbanda virá, pedirá seu material aos cambonos (**para isso, entre outras funções, eles servem**), não abrirá ou fechará portas, não deixará seu médium sentir tontura, controlará a vontade de ir ao toalete durante a incorporação, não terá sono, fome, ter crises de choro, histeria, nunca controlará pagamentos de mensalidades ou outros valores, não acenderá luzes, não mexerá em aparelhos domésticos, não fará “sala” (nem comerá bolinhos) com os visitantes. No máximo pegará um charuto e pedirá que o acendam, podendo também acendê-lo em uma vela se quiser, indicando sempre seus gostos à cambonagem
21. **É de praxe e um dos padrões mais antigos da Umbanda, logo após a ida de todos os Exus, a chegada de um Caboclo para dar o encerramento das giras.** Para dar mais autoridade aos seus Exus, muitos caciques esqueceram esse fundamento cuja observância sempre garantiu o bom andamento dos trabalhos desde seu início. Nesse instante, reabre-se a **cortina do congá fechada durante as giras de Exu** (em respeito aos Orixás por serem espíritos quimbandeiros), nas quais o horário poderá ultrapassar a meia-noite.
22. Como sempre repetimos, Exu ou qualquer entidade está inclusa em uma das Sete tradicionais Linhas de Umbanda, mesmo sendo considerado um espírito quimbandeiro (faz o bem ou o mal conforme a orientação dada). Nenhuma linha de trabalho pode orientar-se sozinha sem obedecer a uma hierarquia espiritual, nem ser autônoma. **Isso poderá ser tudo, menos Umbanda.**
23. Exceto nas giras de desenvolvimento, cada sessão será dedicada **a apenas uma Linha de trabalho.** Estranhíssimo, são os cruzamentos de mar (com o Povo d’Água, considerados também Caboclos) terminar com animada gira de Exus **sob o sol da manhã ou do meio-dia. Não são feitas giras de Exu em outro lugar que não seja o terreiro, e sempre à noite.**

Temos recebido muitas perguntas de como uma casa de Umbanda deveria ser, como identificá-la. Quais são seus requisitos básicos. Vejam bem: estamos tratando de Umbanda, não as atuais casas “cruzadas” onde não sabemos quando começa a primeira e o culto de Nação da segunda; não falamos também de Quimbanda, de Macumba, Catimbó ou seja lá quais modalidades forem. Falamos de Umbanda, aquela presente nas primeiras casas atualizada com as giras de Exu porque, em nossos dias, ignorar-lhes a presença é enganar-se a si próprio. Muitos novos caciques abrem suas casas mas não sabem ou não aprenderam como tratá-los. Iremos, portanto, apresentá-la sinteticamente:

- Dedicar-se à caridade, não devendo cobrar valores consideráveis por trabalhos, feituas, quaisquer que sejam. Mantém-se de donativos, mensalidades dos médiuns e assistência (quando há associados à casa), venda de chás, velas, guias, medalhas, imagens. Frente à necessidade de fazer-se oferendas é solicitado o material a ser utilizado e o custo do transporte, onerosos às vezes como o deslocamento ao mar, cachoeira ou outro reino solicitado pelas entidades.
- O cacique terá sua renda própria ou profissão garantindo sua sobrevivência, não necessitando usar os recursos do terreiro que, geralmente, mal cobre suas próprias despesas. O trabalho em Umbanda não absorve tanto tempo em dedicação exclusiva como muitas outras religiões, incluindo-se Candomblé e Cultos de Nação exigindo esses a dedicação integral dos seus sacerdotes. Na Umbanda há dias certos para esse ou aquele trabalho, essa ou aquela sessão.
- **Não há argumento para o uso do sangue animal na Umbanda (incluindo-se aqui Exus).**
- Presença de um altar (congá, peji) com imagens sincréticas de santos católicos ligados a Orixás, Caboclos, Pretos-Velhos, Povo d'Água, Povo do Oriente, Crianças (Yori). Variam muito de casa para casa. Algumas, por orientação das entidades, usam imagens de Orixás paramentados como no Candomblé, um de nossos veios mais importantes.
- Há a presença de fumo e bebidas alcoólicas várias usadas ritualisticamente apenas pelas entidades incorporadas com fins de limpeza espiritual do ambiente. Para não haver interpretações dúbias, algumas casas abstêm-se de apresentar o consumo de bebidas frente à assistência.
- Uso de guias (colares) *variam muito* de templo para templo, na dependência de como trabalham ali seus guias, se a casa liga-se mais ou menos aos cultos de Nação, como era a casa de origem dos caciques, se ela prende-se mais ao que convencionou-se chamar de Umbanda Esotérica (mais ligada à escola de Matta e Silva), às diversidades das regiões brasileiras. *O número de guias usados por cada médium também não prende-se à quantidade*, devendo-se ao menos consistir nas seguintes mínimas:
- **Guia das Sete Linhas de Umbanda:** consistindo de sete contas (cada segmento) nas cores *branca (Oxalá), azul claro (Iemanjá) , rosa (ou roxo, para Linha de Almas/Pretos-*

Velhos/Yorimá), marrom (Xangô), amarelo claro (Crianças/Ibejis/Erês/Yori), verde (Oxóssi), vermelho (Ogum). **Apenas nessa guia, as Sete Linhas usam essas cores (tiradas da Umbanda Esotérica) quando resumem-se em apenas uma única cor.** Não veremos nunca uma guia de Ogum, por exemplo, toda confeccionada na cor vermelha. Dessa forma, *sintetizou-se em sete cores básicas os sete tradicionais* segmentos de nossa religião. *Essa guia sempre será aquela que as entidades indicarão como primeira segurança a usar como proteção para a assistência, bem como obrigatória a todos os médiuns, seja de que casa for ou qual coroa pertencam.*

- **Guia da Casa de Origem:** se a casa que deu origem ao terreiro pertença à Iemanjá, por exemplo, tanto o cacique quanto os médiuns deverão honrar sua ancestralidade utilizando-se de uma guia azul clara, de contas brancas translúcidas, de conchas ou um cordão de pérolas, conforme a orientação do templo.
- **Guia da Coroa Espiritual do Terreiro:** os caciques e os médiuns deverão utilizar uma (ou mais guias) dos Orixás (ou Caboclos, Pretos-Velhos) dirigentes espirituais do terreiro. Por exemplo, se a casa for de Ogum e Oxalá, todos deverão ter uma guia de cada um deles. Se a casa for da Cabocla Jurema, todos deverão usar uma guia da cabocla. E assim por diante.
- **Guia dos Orixás (e passagens) de Cada Médium:** se o médium ou os caciques vieram de um culto de Nação e conhecem seus Orixás protetores (eledá, ajuntó e passagens) *podem e devem usar uma guia para cada um deles nas cores da Umbanda.* O mesmo dizemos se um cacique **tem a faculdade** de saber quais são eles com precisão através dos jogos esotéricos, indicando-os aos seus médiuns. Ou, se nenhuma das afirmações anteriores tem respaldo, o cacique e seus médiuns deverão usar, *no mínimo*, uma guia da entidade principal de cada médium, protetora na Umbanda.
- **Guia da Entidade-Chefe na Umbanda:** nos casos quando o médium já sabe por quem é comandado em Umbanda (qual seu guia principal), usar uma guia dessa entidade. *Nem sempre o Orixá do eledá do médium corresponde à mesma linha que pertence o guia principal de Umbanda.* Assim, um filho do Orixá Ogum, comandando a sua cabeça, poderá ter como guia principal um Caboclo da Linha de Xangô, por exemplo, mesmo quando ambos guardem antagonismos nos mitos e rituais, provando-se com isso que em Umbanda tais incompatibilidades são conciliáveis na prática *apenas nesses casos*, destacamos.
- **Guia de Exu:** se a entidade ainda não deu seu nome, nem sua “receita” particular de como será feita sua guia, usar aquela que abrange todos os Exus de Umbanda: sete contas pretas e sete contas vermelhas. Será “cruzada” pelo Exu ou pelo Caboclo do cacique.
- **Guia do(s) Padrinhos Espirituais da Casa:** há casos que os guias-chefes indicam ser a casa protegida por entidades que

intitulam-se seus “padrinhos espirituais”, guardando enorme simpatia aos caciques e ao seu grupo podendo ser um Caboclo, Preto-Velho ou até um Orixá. Porque isso ocorre às vezes, somente através das simpatias existentes entre os espíritos que fogem à qualquer indicação ou tabela pré-estabelecida. Quando isso ocorrer, todos deverão usar uma guia consagrada ao(s) ditos “padrinhos espirituais”.

Eis as guias indispensáveis tanto a caciques quanto médiuns em qualquer terreiro. A seguir, faremos breve relação de guias e suas cores na Umbanda, culto de Nação e Candomblé, comparativamente. Em negrito, corresponderá às cores adotadas pela Umbanda:

Branca leitosa: para Oxalá em todos os cultos afro-brasileiros. Não recomenda-se a guia branca *transparente*, estranho às origens africanas do Orixá.

Azul Clara: leitosa ou transparente para Iemanjá na Umbanda, Candomblé e Nação. Outros usam o branco translúcido para ela por assemelhar-se a gotas d’água. Há outros que utilizam-se de pérolas, conchas. No culto de Nação há maneiras diferentes de confeccionar-se suas guias, conforme sua qualidade especial.

Verde Folha: para Oxóssi e alguns Caboclos dessa linha. No Candomblé, azul celeste. No Culto de Nação, azul escuro, rosa e branco em contas alternadas.

Marrom: para Xangô e alguns de seus Caboclos. No Culto de Nação e Candomblé, suas guias são vermelha e branca (seis contas em cada segmento), ou contas de coral vermelho. No Culto de Nação também é uma das cores de Obá, em múltiplos de sete.

Amarelo: em diversos tons, guia de Oxum. O mesmo no Culto de Nação (usando-se também branco ou vermelho junto) em tons diversos e feituradas, conforme sua qualidade especial. No Candomblé, amarelo ouro translúcido.

Rosa ou Roxo: Linha das Almas (Pretos-Velhos), incluindo-se o rosa como cor do Povo do Oriente. Há também guias para eles em vários tipos de sementes, lágrimas-de-nossa-senhora, preta e branca (sete contas de cada cor). Roxo e branco são as cores da Iemanjá “velha” (Naná), no Culto de Nação, em múltiplos de oito; na Umbanda, no resto do país, mais aproximada ao Candomblé, é a cor dessa Orixá. Toda roxa será para Omulu (Xapanã “velho”) em múltiplos de nove ou sete na Nação e Umbanda local. Rosa também é uma das cores de Obá, no Culto de Nação.

Vermelho: presente nas guias de vários Orixás. **Na guia de Ogum**, costumam dar-lhes na Umbanda guia vermelha e branca e, a mais comum de ser encontrada: **verde, vermelha e branca** (sete contas de cada cor). No Candomblé, a guia de Ogum é azul escuro (azulão), e no Culto de Nação vermelha e verde em contas alternadas.

Guia toda vermelha, pertence ao Orixá Exu no Culto de Nação (aqui chamado “Bará”), ou vermelha e preta alternadas no Candomblé para ele.

Vermelha e preta alternadas são as cores de Obaluaiê (dito “Xapanã Jovem”), no Culto de Nação. Pela sua “ausência” na Umbanda, costumamos usar essa guia para o Orixá, ou toda confeccionada na cor roxa.

Vermelha e branca alternadas são as cores de Iansã/Oiá no Culto de Nação e Umbanda local. No Candomblé também usa guia em contas de coral vermelho.

Compostas:

Vermelha/Preta: em sete contas cada segmento, é a guia básica para Exu. Se em contas alternadas, a Umbanda local utiliza para Omulu/Obaluaiê (ou roxo).

Verde/Vermelha/Branca/Azul: em sete contas cada, pertence a Ogum Beira-Mar (ou Ogum Marinho). Com alguma variação, poderá ser a de Ogum Sete-Ondas.

Verde/Vermelha/Branca/Amarela: em sete contas cada, pertence a Ogum Iara. Outros pedirão nas cores verde e branca.

Verde/Vermelha/Branca/Preta: em sete contas cada, pertence a Ogum Megê. Semelhante (com algumas alterações) poderá vir a ser as cores da guia de Ogum Naruê.

Verde/Vermelha/Branca: com a cor branca predominante, pertence à Ogum Matinata e, em sete contas cada segmento, a cor padrão para todos os Caboclos dessa Linha.

Azul/Rosa/Branca: em sete contas cada, pertence à Yori (Cosmes, Erês, Crianças, Ibejis). No Culto de Nação, sua guia será de todas as cores (menos preto) em contas alternadas.

Verde/Amarela: em sete contas, é comum à muitas caboclas chamadas Jurema. A maioria dará sua “receita” para o médium, dependendo de seus cruzamentos e afinidades.

Vermelha/Branca: por não haver guia específica para Iansã na Umbanda, usa-se àquela usada no Culto de Nação em contas alternadas. Em seis contas cada, alguns dão à Xangô pelos mesmos motivos. Em linhas gerais, com sete contas cada pertence à Ogum na Umbanda, no resto do país.

Marrom/Branca: toda marrom ou em seis, doze contas cada, pertencerá à vários “Xangôs” como Alafim, Alufã, Aganju,

Djacutá, “da Pedreira” entre muitos outros Caboclos. Os ditos “velhos” como Agodô e Caô poderão pedir toda a guia marrom escuro ou em contas alternadas branca e marrom. Xangô Abomi poderá pedir sua guia, incluindo contas azuis claras. Cada Caboclo dará sua receita particular.

Verde/Branca: em sete contas cada, pertence ao Caboclo Urubatã e outros ligados (devido o ori do médium) à Oxalá. No culto de Nação, em sete contas cada segmento ou alternadas, é a guia de Ossãe.

Merece comentarmos que, naquelas Umbandas distanciadas do Candomblé, ignora-se muitos Orixás como Oxumarê (alguns, mal informados, relaciona-o à algum tipo de Oxum!), Obá, Logunedé, Nanã, Iroko (Tempo), Euá, Omulu/Obaluaiê, Ossãe, Ifá (*pessoalmente*, consideramos um Orixá). Isso não quer dizer ignorarmos suas presenças, apenas porque a Umbanda classifica tudo em “sete” (inclusive a existência de Sete Orixás). Não poderíamos, então, venerar individualmente Oxum, Iansã porque estariam inclusas na Linha de Iemanjá. Os guias, Orixás são escolhas pré-firmadas no plano espiritual, muito antes da construção física do terreiro e independe de nossos conhecimentos ou predileções pessoais.

Por todas essas razões, Umbanda deve ser muito bem conhecida antes de fazê-la, nos seguintes parâmetros básicos:

- ***Prioritário é o maior conhecimento possível sobre o uso litúrgico das ervas, principal fonte de axé para a Umbanda, servindo de base para todos os rituais e fundamentos de qual linha for. Esse desconhecimento tem criado casas e dirigentes que vêm-se obrigados a usar o sangue animal por ignorar outras feitura que não seja à semelhança dos vários cultos de Nação (ditos por nós genericamente de Africanismo), com entidades “feitas” estranhamente à moda de Orixás nessas religiões. Pela total ausência de critérios na escolha de ervas, como observamos em nosso Estado, por exemplo (a maioria delas atribuída a esse ou aquele Orixá pelo frágil critério da coloração de suas flores), usamos os do Candomblé que copia os mais antigos conhecimentos africanos das mesmas.***

- *A Umbanda é sincrética por formação e natureza, com a presença de várias religiões como a Católica e seus santos, altares, defumações, sacramentos; literatura espírita (kardecista) como principal fonte intelectual dos fenômenos mediúnicos e em certos trabalhos de cura, adaptados em algumas casas; Orientalismo esotérico com o uso de cores, pirâmides, cristais, imagens e entidades protetoras (espíritos de antigos orientais); pajelanca com o uso da fumaça de charutos para limpeza psíquica, folhas em remédios e purificação, instrumentos musicais como maracás e tambores nos rituais (encontramos também no xamanismo africano); Africanismo com a presença de Orixás invocados com seus nomes nagô e Deus com nome congo/angola (Zambi), mitos, regência nos reinos da Natureza e pessoas, oferendas e semelhança na maioria dos rituais.*

- **Uso do branco nos uniformes e cor predominante nos templos**, à semelhança do Candomblé. Um dos mais tradicionais uniformes consiste em túnicas que vão quase até os joelhos para as mulheres (jalecos de médico) e calças compridas e o mesmo para os homens, em túnicas mais curtas. Por influência do primeiro, muitas casas estão adotando os axós, descaracterizando aquele perfil que sempre encontramos nos templos mais antigos.
- Na Umbanda não há discriminação social, racial ou sexual. Pede-se contudo moderação de costumes por tratar-se de um centro religioso.
- Os cânticos (pontos cantados) sempre são em português, com inclusão de algumas palavras de origem africana ou indígena, salvo algumas exceções.
- A Umbanda mais tradicional (aquela mais ligada ao Espiritismo porque, na época da fundação de seus primeiros templos o Africanismo era contravenção, duramente perseguido) não usa tambores ou outros instrumentos musicais como maracás, agês (aguês), agogô. Atualmente observa-se maior tolerância. Os tambores são tocados com as mãos, sem o uso de varetas.
- Dentre todos os Orixás, Oxalá ocupa papel de destaque por ser o grande **patrono da Umbanda** citado em inúmeros pontos cantados e em seu próprio hino. Abaixo dele estariam os demais Orixás, guias, protetores, santos vistos como espíritos de luz, alguns incorporantes e protetores.
- As entidades, mesmo os Orixás, falam diretamente com o consulente. Aliás, em nosso Estado os Orixás do culto de Nação dão consultas e passes ditos “axés”, “assagéu” em muito diferente do Candomblé tradicional.
- Há sessões específicas para Caboclos e Pretos-Velhos. Atualmente há aquelas para Exu, Povo do Oriente (com curas), de médicos espirituais e desobsessão (semelhantes às espíritas) em alguns templos.
- Faz-se sessões comemorativas (festas) aos Caboclos, Pretos-Velhos, Crianças (Yori), alguns Orixás e, hoje, Exus, com a costumeira distribuição de doces e comidas à assistência, mas sempre com o fim de dar consultas e fazer a caridade ao povo.
- Acredita-se que os Orixás são representados (alguns poderão vir) na forma de Caboclos ou Pretos-Velhos unicamente, por misericórdia no consolo ao sofrimento da população.

- **É abominável a feitura de um trabalho destinado ao mal** de uma pessoa ou grupo, na Umbanda. Até mesmo o irascível Exu de tronqueira sujeita-se à essa norma podendo apenas praticar a justiça de retorno sob a supervisão dos espíritos superiores a ele.
- O guia-chefe de uma casa de Umbanda sempre será um Caboclo ou Preto-Velho **incorporante no(s) dirigente(s)** tendo hierarquia mais elevada diante todos os demais. Nenhuma entidade poderá apresentar-lhe insubordinação ou desrespeito. **Por isso, a missão de dirigir uma casa de Umbanda não é para aqueles que querem ser caciques sem haver o respaldo espiritual para tanto.** Dessa forma, ser cacique é uma missão dada anterior ao seu nascimento com a aglomeração de guias espirituais em sua coroa com determinada hierarquia e uma tarefa imposta muitas vezes pela dor, porque a maioria não deseja tanta responsabilidade. **Eis um dos motivos porque há tantos péssimos caciques e casas fracassadas** pela insistência de gente despreparada.
- Um médium apenas será considerado “pronto”, apto a quaisquer trabalhos e, quando for sua missão, abrir um terreiro quando completar sete amacis anuais consecutivos, cruzamentos de mar, mata e cachoeira, **ficando ainda sujeito à avaliação do dirigente.**
- Uma corrente mediúnica deverá, para estar completa, no mínimo ter sete médiuns. Na prática, às vezes o número será menor exigindo que o dirigente observe não ocorrer sobrecarga provocando um desequilíbrio no axé do terreiro.
- Como já dissemos anteriormente, uma das atitudes mais tradicionais na Umbanda é a **chegada do Caboclo principal (ou outro designado pelo cacique) após uma gira de Exus para dar o encerramento.** Isso não diminui a autoridade, nem desmerece a Linha de Exus.
- Conforme a orientação que dê o cacique e os guias da casa, poder-se-á liberar o uso de cores e acessórios na gira de Exus quanto ao vestuário dos médiuns. Algumas casas, entretanto, adotam apenas o uso do branco dentro de suas giras.
- A feitura de um congá de Umbanda segue algumas normas. Sempre será construído voltado para a **entrada** do terreiro (observa-se o mesmo nas Igrejas) e nunca será construído piso sobre ele para **ninguém andar em cima** das imagens e fundamentos ali firmados. O mesmo dizemos que não deverá passar rede de esgoto, fossas debaixo dele, nem ser construído interligado a um banheiro. As mesmas normas seguem a construção das tronqueiras de Exu.

- Sempre **deveria** haver sessões de desenvolvimento vetada ao público para educar o médium e a entidade, antes de liberá-los para consultas e passes. A ausência desse encontro tem criado médiuns descontrolados e entidades sem parâmetros que rebaixam o nome de nossa religião.
- Há excursões anuais, com todo o grupo mediúnic, para a ida ao mar, mata e cachoeira para cruzamentos, sujeito às posses do terreiro e a distância dele em relação a esses reinos. Sempre há alternativas para minimizar o problema.
- Com a condição única de que **o dirigente tenha o dom**, é perfeitamente aceitável que se faça jogos esotéricos (cartas, runas, cristais, Numerologia, tarô, I-Ching, etc.) na busca de respostas às mais diversas questões da casa ou trazendo recursos para o fundo comum do terreiro, evitando a incorporação a todo o momento para questionar as entidades de como fazer-se isso ou aquilo (muitos dirigentes, pela falta dessa qualidade ou por não aceitar os jogos em sua casa criaram esse hábito, em uma dependência atroz, extremamente cansativa e desgastante). Na Umbanda, apenas por respeito ao Africanismo e suas origens, não joga-se búzios. As casas mais tradicionais não utiliza-se de jogos e os desconsideram (7).

(7) Segundo Orlando J. Santos em “Candomblé Ritual e Tradição”, 1ª Edição, dessa editora, na página 69 : “No meu ponto de vista, Ifá é o mesmo que se consulta através das cartas, palitos, pêndulos, dados, etc. É como se fossem ramificações de Ifá. Se olharmos por esse ângulo, Ifá é muito vasto.” Concordamos com o autor, já que em nosso ponto de vista, nenhum Orixá guarda exclusividade à uma única religião.

- Não há sessões de caridade ao público com Linha de Crianças (Yori, Erês) ou Povo d'Água. Os primeiros, por “mais luz que tenham e disciplina” segundo alguns, são incontroláveis; os segundos já trabalham inclusos na Linha de Caboclos, com nomes genéricos de Oxum, Iansã, Iemanjá, Janáina, Sereia do Mar, Jandira entre muitas e seus guardiães, os Ogum Beira-Mar, Iara, Sete-Ondas.
- As decisões de uma casa sempre centralizam-se na figura do cacique, não havendo o preconceito se homem ou mulher. Como em todos os cultos afro-brasileiros, o dirigente coordena a direção material e espiritual, a não ser que o terreiro seja uma sociedade legalmente firmada, com sua diretoria. Mesmo assim, o comando espiritual lhe competirá dando a palavra final em todas as questões.
- Os rituais sempre serão feitos **dentro das dependências** do terreiro, a não os trabalhos de mar, mata e cachoeira exigindo, normalmente, que se vá nos reinos dos Orixás. A Umbanda não faz giras em encruzilhadas, cemitérios e outros locais estranhos.

- Pelo próprio princípio do que é Orixá e como ele atua no corpo humano, **a cabeça de um médium (ori) sempre será dedicada a ele/ela.** Nunca pertencerá a um Exu de Umbanda (ou Pombagira) e outras entidades, com exceção de Caboclos e Pretos-Velhos que **representarão o Orixá (eledá)** do mesmo na Umbanda.
- Na chegada dos Caboclos (incluindo-se as caboclas do Povo d'Água) e Pretos-Velhos serão fornecidas tábuas (ou outro material) para que riscuem seus pontos com pomba. Algumas entidades riscam no piso (pessoalmente, não apreciamos essa alternativa para o público não pisar sobre eles desmanchando-os, apesar de ser assim em sua origem jeje). Os Exus não riscam ao chegarem, apenas o fazendo sobre objetos, portas quando solicitados. Criança (Yori) não tem ponto particular.
- Há comportamento padrão para cada classe de entidade em Umbanda no riscar de pontos e seus elementos, preferências de bebidas, fumo, modo de agir e manifestar-se.
- Nunca uma entidade de Umbanda cumprimenta tronqueira ou pontos riscados para firmação nas portas feitos por Exu, ao chegar. Já o Exu **deve cumprimentar** o congá (mesmo com as cortinas cerradas), a tronqueira do dono da casa (se estiver em visita ou festa) e a porta (à sua falange que aguarda na rua seu comando).
- A bebida alcoólica principal da Umbanda é o marafo (cachaça) usada **por todos os Exus indistintamente**, alguns Caboclos e Pretos-Velhos. Segue-se a cerveja branca de Ogum (**Exu não bebe cerveja**, em respeito ao Orixá e seus Caboclos), cerveja preta para Xangô, champanhes ou filtrados para Iansã e Pombagiras, vinhos para Oxóssi (alguns Ogum também bebem e Pretos-Velhos).
- Há iniciações semelhantes ao Africanismo (amaci, obori) e sacramentos como aqueles da Igreja (batismos, casamentos). Em caso de morte são feitos rituais lembrando as "encomendações de alma" por padres, muito mais simples do que os rituais africanistas.
- A Umbanda crê na sobrevivência da alma após a morte mantendo sua individualidade, na reencarnação progressiva (não metempsicose), em vida inteligente habitando todo o Universo, em um Deus único, nos Orixás como intermediários entre Deus e os homens sendo igualmente espíritos de luz (ancestrais ou provindos já evoluídos de outros mundos), na incorporação como meio de ligação entre os ditos mortos e vivos, na magia como meio de manipular as forças da

Natureza em benefício da Humanidade, na caridade e na feitura apenas do bem como lei maior, na ausência do Diabo como entidade única, na ausência de Inferno como prisão eterna, no direito inquestionável do livre-arbítrio de cada ser vivo, compatibilidade entre ciência e religião, lucidez e maleabilidade de idéias agregando outras religiões.

- *A entidade do(s) dirigente(s) sempre serão as primeiras a incorporar em uma gira e as últimas a desincorporar, seguida de caciques visitantes e demais médiuns, quando for o caso.*

Apresentamos alguns itens pertinentes aos nossos rituais, mas já enraizados na Umbanda dando-lhe a fisionomia própria que tem. Naturalmente, deixamos de apresentar esse ou aquele tema, contudo demos uma relação dos seus aspectos mais importantes.

Pensamos haver insignificâncias do tipo se o terreiro usa cocares em seus Caboclos ou não, usa este ou aquele uniforme, essa ou aquela guia (colar), se riscam seus pontos em tábua ou laje de barro, começa com este ou aquele ponto cantado, essa ou aquela prece. O aspecto exterior, em um pequeno detalhe, não invalida todo um trabalho servindo apenas de razão para fuxicos de gente desocupada. Dentro daquilo que apresentamos nesse capítulo, entretanto, não poderemos destoar tanto de seus parâmetros centrais, encontráveis na maioria das casas sérias de ponta a ponta desse país.

Destaque absoluto encontraremos no perfil do cacique ou dirigente: urge que conheça o Candomblé (e os Cultos de Nação regionais) o mais profundamente possível, seus bons escritores para saber tratar do Orixá; urge conhecer o uso das folhas para atuar nas forças regidas por eles. Sem isso, impossível fazer-se Umbanda. Sobre os livros, antigamente muitos torciam os narizes ao classificar aqueles apreciadores da boa leitura como “religiosos de livrinhos”, em tom pejorativo; hoje, com o avanço da Informática e da Internet, não poderíamos praticar uma religião à moda da Idade da Pedra. Bem selecionados, é a melhor arma a dispor na condução de um terreiro.

Baseados no que já foi apontado por outro autor, tendo a preocupação de indicar o que se deve e o que nunca se deve fazer em uma casa de culto afro-brasileiro (8), faremos um resumo sintético para ser possível um cacique de Umbanda conduzir, de forma simples (ou quando talvez desconheça os princípios do Candomblé, muito útil a nós), o axé de seu terreiro fazendo-o alcançar a plenitude do êxito na maioria dos seus trabalhos:

- Evitar-se fazer amacis durante o ano inteiro, à medida que entre médiuns para a casa. Aglomerá-los por afinidade de Orixás em dois trabalhos, por exemplo, em uma data certa no ano. Até lá fazer-se cruzamentos no mar, mata e cachoeira para reenergizá-los.
- **Todo o trabalho consome energia.** Muitas incorporações, até diárias, não é sinal de sucesso de uma casa. Desgasta o médium, favorece a quebra de energias, a entrada de obsessores e todos os problemas decorrentes. Escolher **dias certos sendo sempre pontual** é prioridade para firmar a presença dos espíritos superiores que também tem outros compromissos além de estar 24 horas ao nosso lado.

- Troca de substâncias e materiais incompatíveis com certas falanges e Orixás, tornando-se quizilas (quijilas). Todo o cuidado sempre será pouco.
- Fazer oferendas e rituais demais. Nas casas de Quimbanda, onde fazem sacrifício animal, há o péssimo hábito de *sacrificar animais em grande quantidade* acreditando, com isso, ter mais axé. Tal prática é conhecida como “esquentar chão”, tremendamente perigosa porque vai acumulando energia até, como tudo que é represado, liberta-se em total descontrole. O desandar logo será sinal do início desse processo. O mesmo vale para simples oferendas.
- *Conhecer muito bem as atribuições de cada Orixá e saber invocá-los no momento certo e da maneira correta.* Isso é mais difícil do que parece.
- Descuido, preguiça, desrespeito no trato de todos os objetos de culto e, principalmente, na troca das oferendas periódicas para Exu (de Umbanda); esquecimento de promessas e oferendas “deixando para amanhã” o que deveria ser feito com urgência. Conforme disse-nos um filho de nossa casa: “Deve-se aprender a lidar com oferendas, não se pensando que é comida para cachorro”. Bela verdade.
- Esquecer, negligenciar o Orixá Exu no início de todos os rituais e oferendas, principalmente aquelas feitas no final do

(8) Ver “Os Orixás e o Segredo da Vida – Lógica, Mitologia e Ecologia”, de Mario Cesar Barcellos, Ed. Pallas, 1991.

do ano garantindo grande parte do axé do terreiro durante o próximo período. Muita gente esquece dessa máxima africana: **Èxù ò jírè ó?** *Exu, você amanheceu bem?* Se compreendessem a grandeza desse Orixá e o que poderá ocorrer com no destrato com ele, nunca esqueceríamos.

- Deve-se tomar certos cuidados ao fazer-se amacis de marido e mulher juntos, nem fazer amaci de cônjuge quando se é cacique (além do distúrbio de axé, é *falta de ética ter-se domínio sobre o ori do companheiro*). Não sendo a busca de um compromisso sério, nunca deverá haver relacionamento sexual entre caciques e filhos, nem entre irmãos da mesma casa.
- Presença de médiuns alcoolizados ou usuários de drogas, com profissões ligadas à criminalidade. **Primeiro deverá tratar-se, depois servir como intermediário aos guias e Orixás.** Ser médium exige responsabilidade e o mínimo de equilíbrio emocional.

- Cada casa mantém-se como pode, geralmente com donativos, pequenos valores na feitura de oferendas e trabalhos. *Religião ou ser religioso não é comércio*; deve-se ter sensibilidade para perceber que uma casa cresce materialmente muito pela *vontade de nossos guias*, e não com a nossa habilidade em saber explorar a boa-fé dos outros. Outro engodo, é crer-se em uma caridade vazia, extremada, improdutiva como pensam muitos, que uma casa manter-se-á de pé, funcionando, sem nenhum recurso material.
- Sujeira, desleixo, abandono à manutenção do terreiro. O certo deveria ser nossa casa de religião mais cuidada do que a nossa moradia, já por ser ela o centro de convergência de nossos guias e protetores. A falta de limpeza material faz acumular fluidos deletérios no ambiente, presença de formas-pensamento daninhas, até doenças já presentes no seu aspecto espiritual antes de manifestar-se entre nós. Muitos desconhecem a capacidade da água carrear mais do que a poeira no chão...
- Todo o material das oferendas (destacamos, **as ervas litúrgicas**), devem ser pedidos e utilizados apenas **na medida do necessário**. Respeito ao seu reino, é um dos desejos de Oxóssi e Ossãe.
- O uso de bebidas alcoólicas deverá restringir-se às entidades dentro do terreiro. Como já dissemos, casa de religião não é bar.
- **O resguardo talvez seja o item mais importante no mediunismo da Umbanda** e, acrescentaríamos, no Candomblé, Cultos de Nação, em todas onde tratamos de lidar com energias. *Esse cuidado aumenta, em muito, o percentual de êxito em todos os rituais e trabalhos.*
- Todo o dirigente deve alimentar-se com moderação no dia de sessão, dando preferência às carnes brancas, comidas leves e nada de álcool. Desde a véspera nos trabalhos mais importantes como amacis, cruzamentos. *Preferir morar próximo ao terreiro* para, diariamente, circular em seu axé fazendo suas preces matinais. Orientados por nossos guias, todo o cacique deverá tomar um banho pela manhã (com vias a atender a todos durante o dia) com sabão da costa, sabão de coco ou até um sabonete comum, desde que tenha sido cruzado por uma entidade. O ideal é ter-se um companheiro na tentativa de buscar um equilíbrio sexual, emocional e, quando possível, viver em um ambiente moderado.
- Um terreiro é um templo. Não é lugar para calendários com fotos inadequadas, pôsteres de cantores populares, varal, despensa para velharias, moradia, sala de bate-papo, luzes de discoteca, música ambiente popular, barzinho e lancheria, local de encontro. Se não vemos tais coisas em

uma Igreja ou qualquer outro lugar, porque em nossas casas?

- Repassar o comando dos trabalhos do terreiro a qualquer médium, ou qualquer um estranho àquela casa.
- Há um tempo certo para uma oferenda permanecer “comendo” no congá e um tempo certo para despachá-la. O relaxamento de um e outro em vez de fazer bem provoca justamente o contrário.
- Um dirigente **tem a obrigação** de manter a disciplina dentro de um terreiro porque, uma de suas principais tarefas, é *preparar o ambiente para a chegada das entidades e Orixás que deverão encontrar tudo já organizado*. Bom senso, educação deverão ser suas qualidades, bem como ser bom articulador para evitar confrontos.
- No caso de morte ou doença prolongada do dirigente, iniciar de imediato todas as medidas cabíveis evitando a quebra do axé do terreiro e o desequilíbrio dos médiuns.
- Um médium de Umbanda saberá respeitar os reinos da Natureza onde concentra-se a energia dos Orixás e seus elementais, evitando arrancar plantas e folhas que não serão usadas repondo o que for possível, não sujar os rios e mares, fazer queimadas, matar animais e insetos sem razão (acrescentamos aqui a caça “*por prazer*”), poluir os ares. **Toda a religião afro-brasileira, inclusive a Umbanda, é ecológica.**
- Na Umbanda não há trabalhos “estranhíssimos” intitulados “Aprontamento de Caboclos”, “Levantamento/Abaixamento de Guias”, “Erguimento de Império de Exus”, e muitas outras invencionices já vistas por nós.
- Espera-se que um dirigente de Umbanda tenha **coerência**. Deverá verificar muito bem, antes de fazer um trabalho, se o solicitante **merece** a graça, se **os Orixás concordam** e os guias. Vemos, muitas vezes, em um dia *pedir misericórdia* e no outro, diante das circunstâncias, *pedir justiça contra ele*. Mexer em axé desse jeito só poderá causar distúrbio no terreiro e na vida pessoal do cacique. Engana-se também que, mais cedo ou mais tarde, os guias não irão cobrar essas atitudes tanto do sacerdote quanto da “suposta” vítima.

Terminando-se esse capítulo, fomos várias vezes inquiridos por vários caciques desejosos de pôr um cartaz, no vestiário dos médiuns, onde seriam encontradas algumas regrinhas como lembretes, servindo para organizar a casa. Após alguns anos de experiências muitas delas ruins, aperfeiçoamos os dizeres e, agora, já repassamos à terreiros amigos com excelentes resultados. Eis as “Dez Regras Gerais Para Todos os Médiuns”:

- 1ª. - O Médiun não poderá ter três faltas seguidas **sem justificativa**.
- 2ª. - Qualquer indisciplina às determinações do(s) cacique(s) frente ao corpo mediúnico ou assistência terá por pena a **suspensão** ou **expulsão definitiva**, conforme a gravidade do ato.
- 3ª. - O médium deverá usar o **uniforme padrão** do terreiro, não outro.
- 4ª. - O médium **não poderá freqüentar ou encomendar trabalhos em sessões de magia negra (negativa)** em outros terreiros sob pena de **expulsão** se comprovado for. O corpo mediúnico será comunicado primeiro da decisão e seus motivos.
- 5ª. - É absolutamente proibido fazer-se amacis em outros terreiros, junto com o dessa.
- 6ª. - Ninguém fará o **uniforme de Exu** sem pedir orientação do cacique primeiro.
- 7ª. - O médium deverá trazer o material usado pelas suas entidades e colaborará com o fundo comum (almoxarifado) do terreiro.
- 8ª. - As sessões de desenvolvimento são obrigatórias para todos os médiuns, não importando se é médium antigo, cacique em outro terreiro ou ocupe qualquer outro cargo.
- 9ª. - O médium saberá que deverá comparecer ao amaci e outros trabalhos de importância com **abstinência sexual de 24 horas (de qualquer tipo), alimentar (cuidados) e banhos prévios de descarga**. Nenhum médium poderá alegar desconhecimento dessas regras básicas.
- 10ª. - O médium não poderá freqüentar as sessões se:
 - usar **drogas** quaisquer;
 - ingerir álcool regularmente ou nos dias de trabalho;
 - exalar maus **odores** por falta de higiene ou doença infecciosa;
 - ter **doenças infecciosas**, incluindo-se **fortes resfriados**;
 - **menstruação hemorrágica** nos dias de trabalho;
 - **gravidez** após o terceiro mês de gestação. Nas sessões de Exu não poderá frequentá-las desde o início, logo que tiver a certeza;
 - **promiscuidade sexual** de qualquer tipo;
 - **discutir, abalar-se profundamente ou brigar** nos dias de trabalho;
 - **vestuário chamativo ou inadequado** para um centro religioso, incluindo-se entidades.
 - **falta de equilíbrio emocional** no trato com o público.

A UMBANDA – AS MODALIDADES ENCONTRADAS

“*Ai de vós, doutores da Lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam.*”

Lucas 12:52

A Umbanda, desde o início do século com o incidente em Niterói (RJ), nunca esteve padronizada apesar dos queixumes unânimes de seus médiuns e freqüentadores quando deparam-se com grupos mal formados, mal dirigidos, mal assessorados. Agregando inúmeras federações espalhadas por todo esse país, muitas delas com fraca (ou nenhuma) efetiva representatividade, muitos de seus diretores procuraram-nos reclamando nunca, jamais tenha sido feita uma “codificação” como ocorreu com o Espiritismo que segue as obras de Allan Kardec, guardando um perfil característico para essa doutrina. Muitos anos de pesquisa, visitando muitos terreiros, vimos que apesar da falta de diretrizes houve uma sedimentação, um consenso silencioso mantendo muitas boas casas funcionando semelhante às outras, *existindo uma codificação oral* encontrável em todas elas simultaneamente. Ocorre porém, com a chegada das giras públicas de Exu, ter havido uma enorme confusão pela falta de trabalhos anteriores para servirem de modelo provocando, com isso, a urgência dos caciques em organizar esses trabalhos como pudessem.

Por tratar-se de entidades “quibandeiras” (podendo fazer o bem ou o mal conforme a orientação dada), em vez de *moldá-los à Umbanda* permitiram que eles, erroneamente, *moldassem a Umbanda* à sua vontade, ordenando e encabeçando terreiros. Nesse instante houve um rompimento interno, passando a *codificação oral* a não valer para atendê-los, criando uma Umbanda muito distanciada daquela que apresentamos nesse trabalho. Formaram-se às pressas e toscamente, terreiros de Umbanda “Cruzada” onde seus Exus recebiam sacrifícios animais (cujo único parâmetro era o Africanismo) com suas inhálas (partes portadoras de axés), cabeças, patas, penas deixando atônitos membros da Nação e Candomblé (vendo entidades serem “feitas” como Orixás) e, muito mais escandalizados, os médiuns de Umbanda tradicional que não entendiam mais sua religião. Tirando-se os caciques que tinham a boa intenção de acertar (de forma discutível), vieram uma leva enorme de médiuns não se sujeitando à orientação de suas casas de origem, pois já não encontravam a “orientação” desejada, passando ao péssimo hábito de *criar suas próprias regras*. Instalava-se o caos dentro da Umbanda.

E as federações, reclame de todos, o que fizeram? Encolhidas com o enriquecimento desses novos caciques trazendo “novidade” à avidez popular, não quiseram indispor-se com a assertiva de que a Umbanda não tem um órgão ou dirigente central para exprimir suas normas. Omissos, todos nós sem distinção, aplaudimos na frente o que comentávamos escandalizados por trás, endeusando esses caciques quando então passamos a ver ruir, um de cada vez, ao escândalo de ver-se em programas de televisão, nos jornais, nas rádios como gente da pior espécie, magos de magia negativa, ridículos e mal-afamados. Como já diziam os antigos, “Há males que vem para o bem”. Como a AIDS soube controlar os excessos da liberdade sexual não trazendo felicidade a ninguém, essa mídia ajudará a reafirmar a Umbanda no melhor construído por ela oficialmente nesse século.

Nossa primeira experiência com Exu foi muito útil para moldar nosso terreiro, podendo ser um dos muitos relatos descritos nesses programas de televisão trazendo o testemunho de pessoas exploradas denunciando “nossa” religião. Em vez de abandonar “nossa” religião, mais força deu-nos para ser um dos muitos lutando pela sua recuperação, *antes que ela termine*. Em vez de sentirmo-nos ofendidos, deveríamos agradecer por isso.

Colega de trabalho comentava-me, diariamente, não entender como eu trabalhava há tantos anos na Umbanda e passava por tantos problemas sem

vislumbrar solução. Nem entendia essa resignação demasiada, acreditando estar “abafada” pelos desafetos por longo tempo. Dizia estar muito bem, em uma casa “forte” cuja resposta eram as sucessivas promoções recebidas, enquanto eu amargava por anos a mesma tarefa. De tanto falar, de tanto passar tristezas, reconheci haver algo em suas palavras. Dirigi-me a essa casa procurando algum socorro.

Corrente com muitos médiuns, assisti à minha primeira gira de Exu. *Levada à uma saleta à parte*, onde minha colega desempenhava a tarefa de cambona, o Exu “Seu Sete” da Mãe Fulana de Oxalá pressionava seus clientes, assustando-os muito, *tendo a liberdade de pedir o que quisesse*, à vontade. Ali fiquei durante quase um ano, pagando-lhe *metade* do que recebia como funcionária no Banco, indo para a conta corrente da Mãe Fulana para cobrir os inumeráveis trabalhos que não tinham mais fim.

Nesse período presenciei várias vezes o Caboclo Ogum Megê incorporar, enfurecido com a direção da casa e com o dito Exu que estaria extrapolando em muito sua liberdade de agir. Logo depois vinha ele, dando gargalhada, debochando da orientação do Caboclo, distraindo os presentes com seus trejeitos malandros. Ninguém escutava o Caboclo, dizendo “andar muito rabugento”. Ficava tudo por aí.

Nesse terreiro de Umbanda “Cruzada” com o Culto de Nação e Exu nasceu minha Pombagira, passando a receber orientação para minorar-lhe a rebeldia, talvez agravada pelo lugar onde manifestara-se pela primeira vez.

Passou-se meses, quando recebi a notícia: perdia o cargo no serviço da pior maneira possível. Apavorada, pela manhã, bati à casa de Mãe Fulana para saber o que estaria acontecendo, se havia meios de contornar tamanha desgraça. Recebeu-me um pouco contrariada pelo sono, dizendo-me que trouxesse determinada quantia para um “galo” para Ogum, ordenando-me assistir ao “trabalho”. Meia hora depois voltava em pânico, dando-lhe o resto de dinheiro do mês.

Nesse dia, a mãe de minha colega, pessoa muito honrada, comentou-me do horror de ver-me nessas condições, em trabalhos espirituais intermináveis e aumento de problemas. Alguns dias depois, após a gira, perguntei à Mãe Fulana quando faríamos o trabalho para Ogum: olhou-me de soslaio, resmungando à cambona não haver nenhum trabalho para fazer.

Era a gota d’água. Retirei-me da casa para nunca mais colocar ali os pés, contando aos Caboclos de meu terreiro de origem todo o acontecido nesses meses, na outra casa freqüentada simultaneamente. Riram, dizendo-me agora ter aprendido uma lição. Em breve haveriam de reerguer-me, *pelo pagamento de um toco de vela*. Essa é a mesma lição que hoje tentamos repassar ao leitor.

Alguns anos depois, recebi de surpresa um telefonema dessa colega. Contou-me saber de nosso desenvolvimento como escritora e ser um dos caciques de nosso terreiro, muito surpresa com o progresso. Disse-me ter abandonado a casa de Mãe Fulana, apavorada com muitas coisas que vira ocorrer. O terreiro também sofrera inúmeras punições bem como a queda dessa cacique, atribuindo tudo à Ogum Megê, o “rabugento que nunca aceitara a malandragem do Seu Sete”. Queria vir para o nosso terreiro, fosse aonde fosse. Sabíamos como nossa amiga pensava, estando acostumada a um tipo de trabalho (inclusive com sacrifício animal), e não acreditávamos ser capaz de sair repentinamente dali adaptando-se ao nosso, muito diferente ao de Mãe Fulana. Explicamos muito bem, ao que ela entendeu.

Não perdemos a fé, nem saímos para um programa qualquer, difamando toda uma religião *por ter passado uma experiência ruim*, considerando-se os casos verídicos (não os atores contratados para atuar frente às telas). Muitas *outras situações piores passaram-se conosco*, servindo-nos hoje para *atestar* tudo o que escrevemos com a maior tranqüilidade de espírito.

Partindo daqui, somos capazes de classificar a Umbanda praticada recentemente em quatro grandes grupos simplificados, com caracteres em *linhas gerais*, com seus prós e contras, todas dizendo-se *fazer a mesma coisa*:

1. UMBANDA CRUZADA COM NAÇÃO

Nessa Umbanda Cruzada mistura-se, à primeira vista, os Cultos de Nação (Candomblé, Batuque (RS), Xangô (Alagoas, Sergipe, Recife e Paraíba), Tambor de Minas (NE) à Macumba carioca, ao Canjerê (Macumba baiana ou mineira), ao Catimbó/Jurema (Pernambuco) conforme a região, tornando-se muito difícil saber onde uma começa e a outra termina, incluindo-se as opiniões de seus dirigentes a respeito de vários conceitos como o que é Orixá, quem é o Exu de Umbanda, tirando da Umbanda sua autonomia (as questões mais importantes são lançadas a resolver pelo Africanismo e seu jogo de búzios) entre outras questões. Há dias consagrados às sessões de Umbanda, outros para Culto de Nação. Nesses locais, por princípio, deveriam haver dois salões distintos (um para cada religião), pois acredita-se que o Orixá não aceite o consumo de álcool no local de culto. Pelo custo, encontramos apenas uma separação incompleta havendo dois pejis, cada qual consagrado a uma das religiões.

Normalmente, em dias de Umbanda nada é cobrado da assistência, mas isso não é regra. Conhecemos casas onde tudo é gratuito nesses dias, outras tem preços diferenciados de consulta conforme a hierarquia do terreiro (com os caciques será mais caro), outras cobram consultas apenas em dias de Exu.

As oferendas são muito assemelhadas às “oferendas de frente” (ebós) dos Orixás, dadas aos Caboclos, Pretos-Velhos representantes dos mesmos, incluindo-se os Exus que recebem as mesmas aves, quatro-pés (cabritos) na mesma quantia, aspectos de feitura e rituais básicos da Nação.

Os médiuns não costumam passar por nenhum treinamento prévio, antes de iniciar as consultas à assistência. Notado os primeiros sintomas de mediunidade, faz-se rapidamente os rituais de iniciação, ficando-se por pouco tempo nas giras “segurando” a corrente (semi-incorporado, apenas trocando energias com o corpo mediúnico), logo indo dar consultas e passes. Em outras casas, apenas os guias dos caciques dão consultas ou “conforto” falando à assistência com isso controlando o fluxo de trabalhos a fazer (algumas vezes em sala isolada), o que prejudica em muito o desenvolvimento dos médiuns que nunca têm a oportunidade de ver suas entidades atuando plenamente, no máximo caminhando através do salão, trocando idéias entre si e com a camonagem.

Altera-se o vestuário, sendo comum o uso de cocares, mocassins, roupas e tangas de indígenas, capacetes e armaduras para Caboclos de Ogum, chapéus de palha e roupa de trabalhador rural para Pretos-Velhos, coroas (não adês) para caboclas do Povo d’água, axós em vez dos uniformes comuns da Umbanda nas mulheres, roupas luxuosas para Exus. Algumas casas preocupam-se, inclusive, de fazer tendas dentro dos salões e casinhas de sapê com a intenção de “receber” as entidades.

Em cultos “cruzados” como o Omolocô, percebemos haver gira (xirê) de Orixás com rezas em nagô no início dos cultos. Na metade, eles “sobem” seguindo-se a gira de Umbanda, incluindo-se aqui Exus.

Em todos esses lugares, a característica mais marcante e comum é o sacrifício animal como único meio válido, “mais forte” de atingir-se a força dinâmica dos Exus.

Nessas casas notamos ser comum haver mais médiuns do que assistência (salvo dia de gira de Exu), nunca sendo numerosa.

Existe uma certa antipatia à presença de pessoas estranhas vistas com desconfiança nesses grupos, à doutrina espírita (kardecista) considerada elitizante, havendo maior aproximação ao Catolicismo com seus dogmas e distanciamento pleno das doutrinas orientais/esotéricas.

Não há muito diálogo, nem explicações entre cacique (chamado aqui de “pai” ou mãe-de-santo”, babalorixá ou ialorixá por considerarem o título de cacique de Umbanda “menor”; em outras regiões do país com o absurdo título de babalaô e, o ainda pior, “babalaôa”) (1) com seus médiuns, orientados a repetir o que vêem “porque assim o cacique aprendeu”, repetindo o sistema de grande parte dos cultos africanistas.

2. QUIMBANDA

Segundo vários autores, o culto aos mortos na África não separava os eguns (espíritos de mortos) em categorias de “bons” e “maus” da forma como isso ocorreu no Brasil (na expressão máxima do desespero dos escravizados invocando forças para derrubar seus algozes), cujo foco foi o Rio de Janeiro entre os negros bantos que desenvolveram um sistema (chamado vulgarmente *Macumba*) denominado Quimbanda (do kikongo, “feiticeiro”) dominado pelos Exus. Invocados para o mal (em vez do bem) desde o início, passaram a separar-se cada vez mais da Umbanda, formando Sete Linhas, com Sete Falanges próprias, adotando o sacrifício animal e magia negativa de tal forma estranho às suas origens que convencionou-se dizer não serem as costumeiras entidades ali presentes mas sim ferozes *quiumbas*, espíritos sem luz, respondendo nesses trabalhos.

Foram tantas as diferenças entre Umbanda e Quimbanda, que seus dirigentes passaram a incorporar a nomenclatura de *quimbandeiros*, praticantes confessos da magia negativa, com grande aceitação nas capitais e regiões metropolitanas das grandes cidades, aumentando consideravelmente.

Particularmente, não aceitamos esse separatismo em nossos dias excluindo os Exus *da Umbanda*, invocando-os

- (1) Os babalaôs eram sacerdotes de Ifá, o Orixá da Adivinhação, e subdividiam-se em várias classes. Não incorporavam (ficando em leve transe). Relata-se *já terem desaparecido no Brasil*. Escolhidos desde crianças (7 anos) pela sua inteligência, através da anuência dos Orixás (sendo alguns de famílias nobres), levavam toda a vida especializando-se no jogo de Ifá (Opon, com cocos de dendê ou o opelê Ifá), controlando todos os cultos e objetos sagrados, tinham conhecimento amplo de ervas medicinais e feitura de remédios, controlavam os sacrifícios propiciatórios, defendiam as populações de feitiços fornecendo-lhes assistência e amuletos, conheciam profundamente os versos que contam as lendas sagradas. Tinham o dever de preparar, antes de sua morte, uma criança para substituí-lo. Podiam

casar. Viviam da mendicância, sem poder estabelecer valores pelos seus jogos (isso não impedia que se tornassem ricos), sendo *absolutamente proibida a inclusão de mulheres*. (Nota da autora)

como deveria ser desde o princípio, para melhorar as condições do grupo e assistência. Todavia as injustiças sociais ainda promovem a existência de uma Quimbanda distorcida, usada por uma grande maioria para promover uma justiça discutível, fruto às vezes de mentalidades desequilibradas no afã de destruir a qualquer custo. Como já dissemos a Quimbanda, nos moldes apresentados, utiliza-se apenas (ou dá destaque absoluto) à Linha de Exus, dedicando seu terreiro a eles com os nomes “Ilê do Exu Fulano”, e seus dirigentes (chamados pais, mães-de-santo, nunca caciques) dizendo-se filho dos mesmos.

Nela poderá haver (ou não) o Culto de Nação concomitantemente. Costuma-se tratar Exu na hierarquia de um Orixá, excluindo a presença de Caboclos, Pretos-Velhos, muito menos Crianças (Yori).

Alguns dirigentes transformaram os terreiros em ambientes reproduzindo cabarés do século passado, um bar (ou boate), congá com santos católicos fechados com cortina no dia da sessão e altar para o Exu do dirigente (e seus companheiros espirituais) no salão tendo, às vezes, destaque sobre os demais com grandes imagens e nichos decorados. Se o Exu é cigano, montam tendas, grandes almofadas em tudo lembrando um acampamento desse povo nômade.

Há predomínio do *preto* nas vestes em muito luxo e vermelho. Permitem-se cantar melodias de canções populares que não são os tradicionais pontos de Exu, podendo ser músicas boêmias ou flamencas.

Os Exus não são servidos por cambonos, como caracteriza-se a Umbanda, mas há balcões aonde pedem *o tipo de bebida de sua preferência, marca, gelo* e outros itens que não vemos em qualquer outra linha de trabalho.

São pedichões, pedem oferendas caras e tem absoluta autonomia no que dizem ou fazem. Muitos deles contam mentir descaradamente com fins de adquirir bens, usufruindo de oferendas do seu agrado, perdoados pelos presentes que dizem ser “é coisa de Exu, eles são assim mesmo”, sem chamar-lhes a atenção.

Nota-se um comportamento mais solto, mais desinibido dizendo palavrões e nas atitudes, dançando muito sem preferir dar consultas ao público.

Há abundância de bebida alcoólica (não é controlada), há liberdade de cobrança e limites frouxos.

3. UMBANDA CRUZADA COM QUIMBANDA

Classificamos assim a tendência atual crescente na maioria das casas de Umbanda que não querem fazer exclusivamente a Umbanda tradicional, permitindo a vinda de Exus *de forma controlada*. São casas trabalhando com a Umbanda Tradicional em dias escolhidos, tendo sessões de Exu em outros, onde percebemos um rígido controle imposto pelos Caboclos e Pretos-Velhos comandantes dos terreiros.

É comum o uso do tradicional uniforme branco nos dias dedicados a outras entidades (algumas casas só usam esse

uniforme, outras usam axós) e, nos dias de Exu, é dado a liberdade de usarem seus uniformes, adereços, maquiagem com moderação. Uma das regras impostas é o uso controlado do álcool quando cada entidade recebe sua porção, não se usando o sacrifício animal e a prática da caridade.

Nessas casas os trabalhos costumam ser gratuitos ou cobrados pequenos valores com fins de suprir custos de transporte, gás de cozinha e manutenção do terreiro.

Notamos haver, em alguns templos, sessões de desenvolvimento de médiuns destinadas à prepará-los para dar consultas, criar comportamento-padrão nas entidades, desinibi-los, orientá-los; pratica-se o estudo de outras doutrinas e religiões sem conflitos.

Em alguns terreiros, pela aproximação à doutrina espírita, há dias dedicados à sessões de desobsessão, ministram aulas dominicais aos jovens, encontros da infância e juventude, cuidado com crianças, entrega de ranchos aos pobres e outros serviços.

Não há junto o Culto de Nação e o dirigente é chamado de “cacique”, “diretor espiritual” podendo ou não residir junto ao terreiro, exercendo outras atividades para seu sustento já que não dedica tempo integral à ela.

Na frente há “casinha” de Exu (tronqueira), alguns outros tem a “Casa das Almas”, sala de chão batido enterrado fundamentos, dedicadas aos Pretos-Velhos nos fundos.

Acreditamos, pela gratuidade dos trabalhos, ser a razão da assistência numerosa e o corpo mediúnico geralmente em torno de vinte médiuns, em média.

Estimula-se o diálogo entre médiuns e dirigentes, muito por influência da doutrina espírita, podendo alguns médiuns dirigir setores administrativos do terreiro descentralizando tarefas da figura do cacique.

4. UMBANDA TRADICIONAL (“LINHA BRANCA”)

Notamos a gradual extinção dessa modalidade, rareando as casas que mantêm essa tradição. Dizemos infelizmente, porque é uma das mais antigas e tradicionais formas da Umbanda assim estabelecida pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Muito próxima ao Catolicismo popular e Espiritismo, prosseguem na gratuidade absoluta dos trabalhos, sobrevivendo seus terreiros às custas de eventuais donativos espontâneos, colaboração dos médiuns e por um quadro de sócios onde inclui-se a assistência.

Sob hipótese alguma, não se faz o sacrifício animal. As oferendas costumam ser muito simples dirigidas mais às entidades do que aos Orixás, usando bebidas alcoólicas específicas como item nas mesmas. Alguns Caboclos e Pretos-Velhos costumam beber marafo, cervejas ou vinho em pouca quantidade.

Outras casas aproximam-se mais à uma linha “esotérica” abolindo os congás, imagens (usam luzes e cristais), praticando muito o estudo, guardando muita proximidade ao Espiritismo.

Alguns terreiros dedicam dias para a Umbanda de Caboclo e Preto-Velho e outros “para mesa branca”, como são chamadas as sessões de cunho espírita.

Há o domínio absoluto do branco nas roupagens assemelhadas aos aventais (jalecos) de médicos, com o nome do médium e o brasão da casa. Não se usa axós (roupas “de baiana”, usadas no Culto de Nação), nem se usa tambor na maioria dos terreiros.

Em alguns locais, dá-se passagem aos Exus *apenas nos dias de desenvolvimento, ou em portas fechadas, sempre vetado à assistência* que desconhece sua presença como trabalhadores. Vêm apenas para limpeza do ambiente, falando pouco. Usa-se pouco álcool nesses dias.

Não há “casinha” ou tronqueira de Exu na frente do templo. Algumas têm no fundo uma “casa de firmação” chamada “Casa das Almas” dedicada aos Pretos-Velhos.

Entoa-se apenas os tradicionais pontos em português de Caboclos e Pretos-Velhos que dirigem as sessões de caridade. Algumas vezes fazem trabalhos para Povo do Oriente, muito semelhantes às sessões espíritas com a incorporação de “médicos” que dão passes e ministram chás.

Nunca uma gira é dirigida por Yori (Crianças) nem, Povo d’Água (considerados Caboclos) exclusivamente, nem há sessões de caridade com essas Falanges.

Muito apegada aos Catolicismo, pratica batismos e casamentos muito semelhantes a esses sacramentos.

Usa-se o termo “cacique”, diretor espiritual, dirigente para o responsável pelo terreiro (nunca pai ou mãe-de-santo), escolhido para substituir o dirigente anterior falecido, sendo raras as casas regidas pela hereditariedade.

Naturalmente, poderá nessas quatro categorias encontrar-se característica de uma em outra. Fica claro porém, como limites, haver sacrifício animal *apenas na Quimbanda e Nação*, não sendo feito nas duas categorias restantes (Umbanda Cruzada com Quimbanda e Umbanda Tradicional). Em todas elas, essa é a característica mais marcante, comum e de consenso geral (apesar da opinião pessoal de um ou outro sacerdote discordando conosco).

Não discordamos da Quimbanda e seus dirigentes, mesmo fazendo deliberadamente o mal, acreditando haver em todas elas a função de trabalhar com diferentes grupos de pessoas (considerando-se sua evolução espiritual). Ao fazer o bem e o mal, aprendem a conhecer os dois lados da moeda e suas conseqüências inevitáveis. Contudo, discordamos da tentativa de confundi-la com a Umbanda *como se ambas trabalhassem da mesma maneira*, e com o discurso de que o *Exu antes era marginalizado pela Umbanda Tradicional*, abrindo-lhe agora espaço para atuar. Muitos **fazem Quimbanda, mas não gostam de ser chamados quimbandeiros. Querem ser chamados de umbandistas** ou, quando lhes convêm buscando prestígio em constrangedora falta de retidão, dizem ser pais-de-santo de Nação ou Candomblé já que muitos no meio consideram a Umbanda “menor” que as outras, como discutimos longamente em nosso livro anterior. Nesse “salta de cá para lá” confundem os leigos e pior, a imprensa, que acusam os umbandistas de encher as encruzilhadas com “lixo”, invadir a propriedade privada (os cemitérios) com giras nesses lugares, de sacrificar sem piedade os animais, fazer barulho com tambores em uma relação infundável. Nós, verdadeiros umbandistas na categoria que escolhemos, saímos perdendo em toda essa discussão... ninguém gosta de ser acusado por coisas não feitas.

Deprimente é abriremos um jornal como o *Correio do Povo* em Porto Alegre (RS), do dia 30.12.1998 à página 6, com os dizeres “Faxina Completa na praia de Ipanema”: “O lixo à beira da água inclui latas de bebidas, garrafas, oferendas dos praticantes da umbanda, troncos e galhos carregados pela correnteza” (sic). Nossas sagradas oferendas **são lixo**. Sentimo-nos uma leva de criaturas praticando uma religião que **faz lixo**. Essa é a opinião da imprensa, nas emissoras de televisão com pessoas, acredita-se, conhecedoras da legislação por terem nível superior, esquecendo deliberadamente desses dois artigos:

“É inviolável a liberdade de consciência e de crença sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida na forma da Lei, a proteção aos locais de culto e as suas Liturgias”. Artigo 5.º Inciso VI da Constituição Federal.

“O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.” Artigo 215 Inciso 1.º da Constituição Federal. (2)

Eis o quadro encontrado, de forma lamentável. Vergonhosa não para nós, mas para aqueles detentores da palavra, da informação ao grande público.

Como comentávamos, há regiões com essa ou aquela modalidade em profusão. Um exemplo a citar é a região metropolitana de Porto Alegre (RS), com amostragem feita por nós, onde vê-se reinar absoluto o Culto de Nação (Batuque) puro, mesclado ou praticando junto a Quimbanda, com grande improvisação dos dirigentes. Citando-se essa região (e quem sabe abrangendo todas as capitais brasileiras), as casas mais tradicionais com a maioria dos pais-de-santo mais respeitados aglomeram-se nos centros das capitais com grandes templos, originários dos focos de tradição africana de Pelotas e Rio Grande. Não obstante, nota-se uma grande quantidade de negros e seus descendentes nos subúrbios e cidades-dormitórios sem uma reconhecida proveniência de feitura respeitáveis, “antigas”, criando inumeráveis terreiros clandestinos não filiados à federações mais sérias (aquelas exigindo declaração e atestado de origem) descumprindo quesitos básicos, misturando rituais, fazendo “filhos” que nem sabem dizer “de qual nação pertencem”. Talvez pela falta de recursos dessas regiões mais pobres, a Quimbanda tenha reinado soberana tentando suprir a justa revolta dessas populações sem nenhum amparo ou proteção, estranhando muito quando aparecem alguma casa de Umbanda tradicional ou “cruzada” havendo, à primeira vista, a crença de não serem capazes de suprir suas necessidades.

Eis a importância de nosso trabalho em registrar *como se faz* Umbanda, como trabalhar com ela, qual sua “força” prática, antes que as injustiças forcem o crescimento demasiado dos piores aspectos dado à Quimbanda, engolindo-a.

Na realidade, a **Quimbanda não nasceu para fazer o mal**. Está sendo assim explorada pela triste realidade que vivemos. Cremos, em vez de irmos na mesma direção, tentar sustar essa torrente de magia negativa mal empregada cujo fim não trará benefício a alguém no final das contas, empregando-se uma força para fazer o *que queremos* fingindo jamais colhermos seus resultados. Como sempre perguntamos, valerá a pena? Será válido pagar seu preço?

Unanimidade encontramos nas críticas às novidades trazidas por esses dirigentes, muitos deles querendo ultrapassar o outro em originalidade ignorando por completo que uma religião afro-brasileira *faz-se por tradição*, sempre. Há muitos outros aspectos negativos merecedores de nossos alertas, em todas elas. Já encontramos terreiros *sem congá*, ponto de convergência de qualquer casa de tradição africana. Contrariando-se a radiestesia, vimos casas de Exu (tronqueiras) construídas sobre fossas ou com rede de esgoto sob seu piso. Saletas de encontros clandestinos feitas sobre o salão enquanto corria, embaixo, as giras. Relações incestuosas entre dirigentes, médiuns. Exus segurando microfones em duetos admiráveis com os tamboreiros, mostrando os dotes de canto “de seu cavalinho”. Exu incorporado tirando

a pele de animais ou, lá pelas tantas, pegando o tambor prosseguindo a cantar na gira *incorporado*. Exus que, enchendo a boca de bebidas, destrói um vestido de uma

(2) Artigos publicados na capa do Jornal U&C – Umbanda, Candomblé e Magia, de São Paulo.

visitante bem aprumada ou queimando, inadvertidamente (maliciosamente) com o charuto/cigarro as vestes de outrem. Pombagira incorporada, muito atenta às travessuras do esposo “do cavalinho” com as jovens, durante festas e giras. Danças quase pornográficas entre dirigentes e filhos/filhas do terreiro. Jovens travestidos de Pombagira com vestuário ridículo; senhoras além da conta. Meninas “incorporadas” com péssimas atitudes. Tais coisas acontecem *em todas as religiões*, à sua maneira. Temos o dever, contudo, de mostrar nossos erros com fins de acelerar reparos urgentes. O leigo, a assistência está cada vez melhor informado, observando muito bem, comentando, dilacerando toda uma religião pela imprudência de alguns.

Muitos perguntarão: existe, afinal de contas, Quimbanda bem feita? Sim, há muitos dirigentes empenhados em fazê-la corretamente, dentro daquilo de melhor que ela se propõe a fazer. Todos esses erros vêm a acontecer pela *falta de preparo anterior* do futuro sacerdote, de saber valorizar um templo no conceito mais amplo da palavra, de temer abusar dos Orixás e guias. Quanto mais pessoas enxergarem isso, mais pessoas cobrarão justiça de todos nós. A religião cresce e nós cresceremos juntos.

Contatando com o público, aprendemos muitas coisas. Inclusive a jamais confiar, à primeira vista, no que falam para nós ou para nossas entidades. Em uma dessas oportunidades chegou uma jovem ao nosso terreiro dizendo-se “ter todos os axés, feitura e preparos até mesmo com a leitura dos búzios” do Culto de Nação. Logo percebemos que “a pronta” desconhecia até a cor das velas de cada Orixá, tinha (pelo lado da Umbanda) uma Pombagira tão “bem feita” que sequer falava, tinha a filha de dois anos já “incorporando” e “com tudo na cabeça”. Outra, que deu-nos memoráveis lições de paciência, vinha de um terreiro “com vinte anos” de experiência, entre outras coisas, dizendo-nos que nossos guias ordenaram “fazer um trabalho *contra alguém*”, quando queria. Claro que sabíamos ser isso impossível porque nossos guias não fazem “trabalho *contra alguém*”. Aprendemos, principalmente com as más experiências, a nunca nos fiar de um rosto sorridente e amável: um cacique *tem a obrigação de desconfiar sempre, pôr tudo à prova e só liberar alguém quando esse estiver apto plenamente*. Se todos, todos os futuros médiuns e assistência, fossem mais desconfiados, certificando-se muito bem aonde estão entrando, nunca aconteceriam tais coisas. Jamais mencionaríamos essas tristes lições. **O público precisa começar a exigir o melhor**; para isso estamos nós (e tantos outros) aqui para que conheçam nossa verdadeira religião, como ela deveria ser. Escolham seu caminho.

Muitos pensarão que somos exigentes demais, ser algumas questões nossa opinião pessoal, condenando essa ou aquela prática. Quem dera, para muitos, poder comprovar isso. Se acham assim, tudo começou em uma noite em Niterói (RJ), exatamente no dia 15 de novembro de 1908 quando um rapazinho franzino, com apenas 17 anos, de nome Zélio Fernandino de Moraes foi levado à Federação Espírita acometido de misteriosa paralisia, sem explicação médica. Assistindo às normais incorporações de espíritos obsessores e sua devida evangelização, viu-se repentinamente incorporado. Levantou-se dizendo: “Está faltando uma flor”, saindo porta afora retornando com uma rosa, pondo-a no meio da mesa. Imediatamente, para confusão geral (até hoje nossas entidades são tratadas nesse meio *como obsessores*) os médiuns passaram a incorporar Pretos-Velhos e Caboclos, sendo expulsos pelo dirigente.

Zélio, incorporado, respondeu-lhes: “*Se julgam atrasados esses espíritos dos índios... será uma religião que falará aos humildes simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados e desencarnados*”. Falou também que no outro dia, à noite e em sua casa, *uma nova religião estaria nascendo*.

No outro dia às 20h, na Rua Floriano Peixoto 30, no bairro das Neves, em Niterói a sala encontrava-se lotada, incluindo-se membros da Federação Espírita reunidos para assistir o que vinha pela frente. Zélio incorporou o *Caboclo*

DAS SETE ENCRUZILHADAS (chamado assim porque “*não haveria caminho fechado para ele*”) passando a dar as normas dessa nova religião:

- 1) **Caridade, com base no Evangelho.**
- 2) **Sessões das 20 às 22h.**
- 3) **Todos vestidos de branco.**
- 4) **Atendimento gratuito.**

Foi fundada nesse dia a primeira casa de Umbanda com o nome (Tenda) Nossa Senhora da Piedade e, antes do término dessa primeira gira, veio o Preto-Velho Pai Antônio e, cinco anos depois, o Caboclo Orixá Malé, hábil em desmanchar trabalhos de magia negativa e curar obsessados. Vinte e sete anos depois, em 1935, já havia sete templos. Trinta e um anos depois foi fundada a primeira federação.

Diamantino Fernandes Trindade relata-nos em seu “Iniciação à Umbanda Volume II”, que o jornalista Ronaldo Linares procurou (com muitas dificuldades) Zélio quando ainda era vivo (muitos já o consideravam morto ou uma invenção do povo) conseguindo gravações, fotos e vasto material biográfico. Nesse livro encontramos a *única fotografia* já vista por nós do fundador da Umbanda.

Conta-nos Linares, ter sido o Caboclo das Sete Encruzilhadas, em uma encarnação anterior, um frade de nome *Gabriel Malagrida* que previra o terremoto de Lisboa em 1755. Traz ainda outra preciosidade: algumas frases ditas pelo Caboclo firmando as bases da Umbanda:

1. “*Vim para fundar a Umbanda no Brasil, religião de Preto-Velho e de Caboclo, que haverá de harmonizar o mundo no final do século*”.

Perguntamos, será apenas nós insistindo tanto na figura do Caboclo e do Preto-Velho como lideranças espirituais em nossa religião? A Umbanda veio para harmonizar ou criar mais desavenças, através de trabalhos direcionados à magia negativa feitos por tantos dizendo-se “umbandistas”?

2. “*... Amanhã estarei na casa deste meu aparelho, simbolizando a humildade e a igualdade que devem existir entre todos os irmãos, quer encarnados, quer desencarnados.*”

Se deve imperar a *igualdade* entre todos, deverá haver segredos guardados a sete chaves pelos dirigentes, nunca sendo ensinados à título de doutrina aos seus médiuns? Pode, em uma casa de Umbanda, haver discriminação social, racial ou sexual entre seus filhos quando **todos** mereceriam evoluir espiritualmente em seus caminhos?

E a *humildade*, então? Poderá haver caciques prepotentes jamais estudando (porque “tudo sabem”), casas luxuosas, separativismo entre dirigentes em disputas sem sentido? Um cacique poderá julgar-se maior e melhor do que os demais?

3. “*Meus irmãos: sejam humildes. Tragam amor no coração para que a vossa mediunidade possa receber espíritos superiores, sempre afinados com as virtudes que Jesus pregou na Terra, para que os necessitados possam encontrar socorro nas vossas casas de caridade. Aceitem meus votos de paz, saúde e felicidade com humildade, amor e carinho.*”

Eis a Umbanda como *religião cristã*, seguindo o evangelho de amor de Jesus. *Todas as casas deveriam ser voltadas para a caridade*, não tornando-se um comércio e fonte de viveres para dirigentes e médiuns.

Torna o Caboclo a pedir *humildade*, pregando que o amor deverá residir entre seus trabalhadores. Amor induz união com todo o corpo mediúnico sem distinções, à pontualidade, não faltar às sessões pelo amor às pessoas que buscam socorro, não invejar as qualidades dos outros médiuns, dedicação sincera e entrega plena.

Médium de Umbanda deve preparar sua gama de sentimentos para ter condições de tornar-se instrumento dos espíritos superiores e não de *quiumbas* idólatras de sexo, dinheiro, sofrimento alheio, vícios presentes em tantos terreiros que dizem praticar a Umbanda.

4. *“Nossa Senhora da Piedade, pois assim como a imagem de Maria ampara o seu filho nos braços, assim também serão amparados todos os que aqui vierem.”*

Eis as palavras do Caboclo quando perguntado qual seria o nome da primeira tenda de Umbanda. Deixa aqui bem claro o aspecto de amor e amparo incondicionais que a Umbanda deve ter, em verdadeira abnegação e caridade, bem como seu aspecto sincrético.

Como estaremos errados se, dentre as normativas que tanto insistimos, tentamos apregoar justamente as diretrizes deixadas pelo inesquecível Caboclo das Sete Encruzilhadas? Quem poderá praticar uma Umbanda “à parte” do conteúdo trazido por nosso reconhecido fundador espiritual?

Sobre a autoridade indiscutível de nossos Caboclos, certo dia em uma consulta ao Caboclo Ventania, perguntei-lhe sobre o trabalho de ronda feito por alguns “Oguns”. Como era e qual sua importância em nossos trabalhos. Respondeu-me de forma objetiva, como é de praxe em seu caráter:

-“Filha, os muitos Caboclos que fazem a ronda em um terreiro comparam-se a porteiros.”

- Desculpe-me, mas não entendi.

- “Escute-me, filha. Ogum representa na espiritualidade a honra, a palavra dada, a alma inabalável, o heroísmo de entregar a si próprio em benefício de uma comunidade. Suas falanges são formadas por entidades de grande desapego, encarregadas em trabalhos de enorme responsabilidade exigindo mais do que os valores da inteligência pois, diante de dificuldades, não se pode pensar nos perigos iminentes atirando-se à mais pura coragem e fé inabalável em Deus. Por isso, os muitos Caboclos que fazem o trabalho de ronda são justamente aqueles que permitem a entrada e saída de entidades espirituais aos nossos terreiros, transparentes em suas intenções ao seu golpe de vista. Valem-se até da força, na companhia de ferozes elementais, servindo para impor o respeito a muitos desordeiros, zombeteiros, violentos desejosos de adentrar os limites de nossos templos para destruir-lhes os trabalhos de caridade destinados aos obsedados que ali buscam consolo. Filha, eles são como porteiros cuja maior virtude é a incorruptibilidade. Já pensou se esses porteiros fossem corruptos?”

Perguntamos, como poderemos chegar a esses Caboclos distorcendo-lhes os trabalhos, as diretrizes primeiras dadas por suas falanges, inventando rituais, dando autoridade a quem não tem?

Ficarão ao nosso lado apoiando tais arbitrariedades?

A UMBANDA E SUA MAGIA

“Os povos da África, com seus conhecimentos sobre magia, se aproximam de uma verdade transcendente que nos escapa.”

Jean-Pierre Bayard, folclorista.

Cada pessoa escolhe sua religião conforme seus anseios, seus pontos de vista, sua maneira de viver e enxergar o mundo. Ao nosso ver, a Umbanda traz inúmeras vantagens:

- *É a única religião desprovida de preconceito racial*, ensinando aos seus adeptos a respeitarem-se mutuamente, de verdade. As demais pregam, mas não cumprem o papel de *transformadoras* no modo de pensar de seus freqüentadores. Já ao chegarmos veremos os altares repletos de imagens de negros escravos, índios, brancos, santos católicos, Orixás.
- *Não apenas prega, mas vivencia a tolerância religiosa*, sendo ela mesma formada por várias religiões.
- *Despe-se do preconceito sexual*, onde a mulher não é vista como inferior, “indutora do pecado”, reeducando seus adeptos a respeitá-la como igual (ou superior) em nossas casas, encontrando-as dirigindo em grande maioria (poucas religiões permitem o comando feminino ou tê-las em seu quadro de sacerdotes). O mesmo dizemos do homossexual, motivo de crítica por encontrá-los tantos nos cultos afro-brasileiros, *já que quase todas as religiões os expulsam*, os vêem como desprezíveis, “doentes”, perniciosos, não permitindo seu crescimento espiritual. Nela, todos podem ascender à direção de um terreiro, *contanto que tenham qualidades pessoais e anuência dos guias para isso*.
- Permite maleabilidade aos seus adeptos, com poucas proibições religiosas (àquelas ligadas à liturgia).
- Homens e mulheres, independentes de raça, podem ser inclusos em seus quadros de médiuns. Crianças a partir de 14 anos, antes em casos raros.
- Seu cacique, seu dirigente espiritual, não é visto como um semideus, um “abençoador”, incorporando a própria Divindade. É apenas um médium munido de autoridade para comandar um centro religioso.
- Apesar do pouco apoio, mantêm-se em uma caridade produtiva auxiliando populações carentes em todos os pontos do país, em grande escala. Não é gananciosa, havendo apenas a cobrança de pequenos valores *desde que revertam para a sociedade integralmente*.

- Todos os espíritos vêm para dar consultas em um consolo direto, caso a caso. Não dá mensagens impessoais, nem seus guias (e Orixás) isolam-se do público. Há participação.
- Sua iniciação é simples, dependendo do axé do indivíduo, bem como os compromissos junto ao terreiro. Em algumas religiões o compromisso é diário, impedindo seus dirigentes e médiuns de exercer profissões, de manter sua vida pessoal pela exclusividade exigida diariamente.
- Através da presença dos Exus e Pombagiras (*na dependência da índole dos dirigentes, seu grupo e a permissividade dada a eles*), ensinam aos seus médiuns e freqüentadores de nossos terreiros como lidar com sua sexualidade de forma salutar, bem como vivenciar sua liberdade individual com responsabilidade.
- Lida com magia positiva, abominando a magia negra (negativa), buscando trazer benefícios, defesa e bem-estar à comunidade, aos seus membros e público freqüentador. A magia negativa não faz parte das bases da Umbanda.

Outrossim, notamos logo à primeira vista que nossos terreiros são freqüentados em grande parte por mulheres. Uma minoria de homens. Por que isso ocorre?

O público brasileiro, masculino, em sua grande maioria não acredita em magia, muito menos em Umbanda ou qualquer outra religião que trate com “espíritos”. Pela educação católica patriarcal, mais notável no interior, vemos desde cedo rodas de homens contando (a título de pilhéria) histórias de fantasmas, assombrações, mulas-sem-cabeça e, no Sul, as inevitáveis histórias de jesuítas que teriam enterrado tesouros de suas Missões, sob a vigilância eterna de Boitatá. Educados por sua família a resolverem seus problemas sozinhos, tornam-se individualistas, cépticos, escondendo um certo receio de encontrar um dia “as tais assombrações das histórias” pela frente, vendo delatados seus “casos extraconjugais” ou vida pregressa pelas entidades em público, temendo nossa feitiçaria disfarçando com ares arrogantes. Nesse misto de medo e crença, geralmente pedem às suas esposas e namoradas que “resolvam os problemas para eles nos tais terreiros”, mas sempre preferindo não pisar em nossos templos. É muito comum também sermos envolvidos em maledicência, descrédito, *justamente por isso*.

Dizemos isso para despertar a compreensão do leitor ao problema por nós enfrentado, o preconceito, a inveja pelo progresso material decorrente do trato correto com os Orixás por vizinhos e parentes, nosso equilíbrio familiar conquistado à duras penas, o ódio pela nossa presença no bairro exigindo ao sacerdote dos cultos afro-brasileiros mais do que talento para a função. É preciso sangue frio na certeza de termos escolhido a religião certa, contudo muito mal compreendida pelo grosso da população, sem nenhum apoio, abandonada à sua sorte.

Há alguns dias, cacique amiga relatou-nos interessante caso. Residindo na região metropolitana (onde há grande imigração de pessoas de origem interiorana em busca de melhores condições de vida), compraram seu terreno construindo bela e confortável casa (fruto dos esforços de seu esposo como hábil mecânico de automóveis), tendo a graça de possuir filhos saudáveis, harmoniosa convivência familiar sem brigas. Passou a ter amizade com simpático vizinho que, logo ao chegar, cedeu-lhe ajuda para começar as obras.

Inocente, contava-lhe os planos de como construiria sua residência tendo seu terreiro aos fundos. Logo observou começar alterações no ânimo dos novos amigos.

Iniciaram os apelidos, a maledicência, resultado da inveja aos bens materiais adquiridos sob suadas prestações e a felicidade doméstica. Disfarçados

à frente com sorrisos, iniciaram verdadeira campanha contra a família. A cacique e sua família afastaram-se do convívio, isolando-se naquela comunidade.

Meses se passaram quando a mulher procurou a cacique relatando-lhe seus problemas. Desconfiava da fidelidade do marido, falava que bebia ocasionalmente provocando terríveis conflitos, da rebeldia dos filhos, da sua insatisfação pessoal traduzida pelo ciúme que tentava provocar no marido quando piorava ainda mais os comentários dos vizinhos sobre si. Pedia ajuda.

Apiedada, a cacique convidou-a a assistir alguns trabalhos e procurar trazer o marido em dia de gira de Exu, segundo ela mais recomendável na solução do caso. Impossível, disse-lhe ela. Ele não acreditava e achava os Exus “uns diabos”, “coisas do Inferno”, “satanases”. Depois de um tempo pôde a mulher trazer o marido muito a contragosto, junto dela uma fotografia do homem. Os Exus fizeram “o trabalho” para ele, usaram a foto, mostraram-lhe que só faziam o bem.

O marido, ao ver a realidade das comunicações, passou a ver a cacique e “seus diabos” como um grande perigo pois poderiam “falar demais”. A mulher, já confusa por natureza, passou a ouvir as “ordens” do marido proibindo-lhe freqüentar o terreiro, nem mesmo conviver com a cacique. Para piorar a situação, o homem passou a ir na Quimbanda onde os “Exus” (na verdade quiumbas), sequiosos de oferendas e maledicentes, passaram a dizer que “o trabalho tinha sido para o mal de ambos, inclusive o uso da fotografia”, exigida a partir de então de volta à cacique, ininterruptamente. Não precisamos contar o resto. Mais tarde esse complicado casal viram sua situação financeira melhorar, deixaram as brigas de lado, mas nunca atribuiriam isso ao “perigoso trabalho”, muito menos “aos diabos” da cacique...

Com essa história, por sinal muito comum, vemos duas coisas: em primeiro lugar, o tipo de situação lidada por nós e o sangue frio exigido dentre as qualidades mínimas para se ser um cacique. Em segundo lugar, **nunca um dirigente pode ser raivoso, colérico, temperamental**. Se assim for, frente a pessoas tão complicadas, até mesmo perversas, seu primeiro impulso será **fazer um feitiço para derrubar ela, sua família e o que estiver pela frente**. Agindo assim terá dado abertura à sua própria queda, de seu axé e de sua casa pois, a essa altura, não interessará a opinião dos Orixás tentando demover-nos das idéias de vingança. *E isso jamais pode acontecer!*

Dirão muitos que “jogam primeiro” para saber se podem ou não podem fazer tais trabalhos, exigindo “justiça”. *Mentira*, porque no ímpeto da raiva, ninguém joga. O mesmo diremos daqueles caciques que não fazem feitiços, mas saem pela vizinhança falando ou criando boatos para prejudicar qualquer um. Lembramos ser o dono da palavra (escrita ou falada) o justiceiro Xangô e ele é infinitamente correto em suas decisões. Da mesma forma, depois da tolice feita, será impossível amansá-lo, “adoçá-lo”, pois um justiceiro sempre será incorruptível, imparcial. *Cuidado!*

Ainda não bastando, é repulsiva, antiética, deprimente a atitude de muitos sacerdotes dos cultos afro-brasileiros. Costumam, para “roubar” médiuns ou clientes de outras casas por interesses financeiros, inveja de outros dirigentes ou até tentar ser “mais espertos” que seus antecessores (como se eles não pudessem ver), talvez até por motivos torpes mentir, criar defeitos nos trabalhos alheios, inventar boatos sem o menor respeito por seus antigos caciques, se assim julgar “conveniente”. Eis uma das piores vergonhas enfrentadas por nós, não acontecendo em outras religiões. Vejamos bem: na Igreja Católica tudo passa sob o critério de sua pesada hierarquia, sendo tudo discutido antes de tomar-se uma decisão; assim, todos se autoprotegem. Entre os evangélicos, não importando qual igreja for, reúnem-se em bancadas de deputados eleitos por seu grupo para que votem leis que os favoreçam. Todos se respeitam, *menos nós entre nós mesmos*.

Outro aspecto importante, não condenamos quem faz Quimbanda, pois cada um deve ser livre para escolher seu caminho. Todavia, é muito desagradável sermos acusados das atitudes e rituais pertinentes a ela quando, na imprensa em geral, tratam a todos genericamente como “umbandistas”. Não sacrificamos, não colocamos corpos de animais nas ruas, nem fazemos “cruzamentos” em vias públicas. Ninguém gosta de ser rotulado por coisas não feitas. E mais,

julgamos inaceitável que isso aconteça pelo *comprometimento que a imprensa teria de dizer somente a verdade* nos veículos de comunicação.

Nossa esperança é quanto mais pessoas souberem julgar nossos terreiros, até conhecendo nossas faltas, saberão exigir uma Umbanda bem feita dentro de seus limites, forçando mudanças urgentes no perfil de muitos dirigentes. Assim, pelo saber religioso de seu povo, isso já acontecia no interior da África desde remotos tempos.

Raras são as pessoas cientes do requinte cultural atingido pelos povos africanos. No mundo inteiro há um consenso de considerá-los brutos, ignorantes, violentos, passionais, primitivos. Em nenhuma escola fala-se da Nigéria com reinos bem organizados, das construções de Zimbábwe, dos reis africanos em suas cortes sofisticadas, dos jogos extraordinários e seus adivinhos, seu conhecimento de ervas e da Natureza, sua teologia magnífica. Somos praticantes de uma religião “primitiva”, dentro do que há de pior incluso nessa palavra. Durante décadas o cinema, a televisão solidificou a imagem do africano atacando expedições como selvagens, colocando o “bem-intencionado” branco em grandes caldeirões como ceia em rituais canibais. Lá vinha o pajé ignorante ajoelhar-se frente ao palito de fósforo aceso pelo “salvador” branco que vinha libertar o amigo.

Foi assim e ainda baila na mentalidade coletiva essas imagens. Agora, depois de fomentar ainda mais o abandono mundial legado à África atirada às lutas internas pelas diferenças entre suas nações, assistimos em filmes como “Epidemia” estrelado por Dustin Hoffmann a figura do feiticeiro africano como alguém sábio e conhecedor profundo dos mistérios das matas. Mas já é tarde demais. O coletivo já assimilou o incorreto, o malicioso, o preconceituoso sem dar ouvidos à razão.

O Espiritismo, por sua vez, criou a tese de que tudo baseia-se “na força do pensamento”. Se você pensa, você consegue. É muito difícil explicar à alguém vindo dessa doutrina que o pensamento pode ser reforçado por elementos materiais servindo de âncoras, de focos aspergindo fluidos à pessoas e ambientes, de veículos físicos capazes de *fixar a força do pensamento* nesse plano mais denso. Esses veículos da atuação de nossa vontade no mundo material chamamos **objetos mágicos**, eles serão nossos *instrumentos*. Para nós **magia** é o conhecimento profundo de como atuam esses endereços-vibratórios, esses objetos mágicos no plano físico; magia também é o conhecimento de como agem, como intercambiam os elementos, saber invocar e trabalhar com seus elementais, ter ciência das trocas possíveis com o que convencionou-se chamar *oferendas*. Como sempre dizemos, a quem desconhece nossos rituais e sua importância, **a Umbanda trabalha com magia**. Não basta o pensamento, nem as boas intenções para mover as forças, algumas quase materiais, que manipulamos. **Um bom cacique, um bom dirigente deve ter o máximo conhecimento de magia, de como lidar com seus objetos mágicos**. Quanto mais ele conhecer **a si próprio e seus guias**, bem como procurar obter permanentemente o maior conhecimento possível da magia africana e européia (já que suas aplicações são quase infinitas) **melhor ele será**, sendo capaz de **atingir os propósitos mágicos** ao qual se propôs a executar. **A Umbanda**, bem como todas as religiões de origem africana, **é feita de minúsculas sutilezas**.

Para muitos em consulta, surpreendem-se pela singeleza quase pueril de nossos guias, às vezes intraduzíveis no primeiro momento, creditando a eles pouca luz, esclarecimentos, “falta de cultura”. Quem os conhece, sabe perfeitamente que não. As respostas costumam ser afirmativas ou negativas com clareza, mas quase *sempre cifradas pela linguagem figurada*, típica de nossas entidades. Para quem desconhece essa particularidade, lembramos ser característica dos espíritos oraculares, como já acontecia com a Pitonisa de Delfos na Grécia ou até no distante Tibete com suas “adivinhas” consultadas pelo próprio Dalai Lama servindo-se delas em suas previsões (1) tão usual em tantos outros lugares, exigindo aos sacerdotes especializados saber interpretá-las corretamente ao solicitante. Com essa linguagem aparentemente “simples” demais, nossos guias ensinam a atribuição dessas falanges bem como *a exclusiva particularidade de cada coroa, de cada médium*, de maneira a tornar-se inesquecível.

Voltamos a dizer, *cifradas* não quer dizer responder em uma língua só entendida pelo próprio guia porque ninguém entende; *cifrada* não quer dizer

(1) Entrevista concedida ao programa dominical Fantástico, exibido pela Rede Globo de Televisão, em 07.03.1999.

respostas do tipo “O que tem de ser, será” porque, se for para ouvir resposta tão vaga, a consulta será inútil.

Creemos ter usado clareza. Eis porque todo e qualquer livro de ebós, de simpatias são muito úteis, mas servem unicamente *como exemplos*, de modelos para conhecer-se esse ou aquele elemento. Um “trabalho” que funciona maravilhosamente para um, poderá ser ineficaz feito por outra pessoa. Eis porque sempre explicamos que feitiço, “trabalho” afro-brasileiro não é “receita de bolo”, bastando seguir as regras passo a passo: um iniciado, um mago, um sacerdote saberá isso. Cada um terá “mão” para diferentes especialidades.

Redundância inevitável, é o fato de ser todo o axé **cumulativo**, crescente à medida que o tempo passe e **façamos todos os cruzamentos sem interrupção**. O **tempo mínimo**, observado pelos vários anos de trabalho somados às mensagens de nossos guias, são **sete anos de trabalhos de mar, mata e cachoeira**, incluindo-se aqui os amacis. Ora, ninguém poderá dizer-se “pronto”, capacitado para abrir um terreiro e intitular-se cacique sem antes cumprir essa **exigência mínima**, ter o aval dos guias (geralmente *insistem* na abertura de um novo terreiro, que o médium aceite a missão do cacicado) sem aprender todos os rituais em minúcias, oferendas, possíveis alterações no conteúdo das mesmas, lendas e Orixás, incorporar as *linhas básicas* (Caboclo, Preto-Velho, Exu e Crianças/Yori) e outras complementares, assentamentos cabíveis, conhecimento de ervas e suas combinações, pontos cantados e riscados, nomes e particularidades das entidades (o que elas fazem e o que elas não podem fazer), conhecimento teórico, conhecimento prático através da *experiência e profunda observação* de médiuns em uma gira, ter iniciativa na solução de problemas gerais, perfil de dirigente, trato cortês com o público, vontade de aprender sempre com humildade. E talvez o mais importante: **ter axé**; dom intransferível, sem preço, dado diretamente por Zambi (Deus).

Diríamos, aqui tudo enfeixando, que **não há médium de Umbanda sem os sete trabalhos de mar, mata e cachoeira**. Esse é o primeiro passo, a “alfabetização” de um médium em nossa religião. Antes, impossível sem exceções porque, por mais dons se tenha, ninguém nasce sabendo todas as coisas. Nada se cria do dia para a noite.

Seria impossível falarmos de nossa magia sem explanar mais sobre os elementais, os ditos “espíritos da Natureza”, servos fiéis de nossos Orixás. O melhor trabalho, pela grandeza de aproximar todas as religiões tornando-as subordinadas à lei universal de Amor, encontramos no livro “Iniciação-Viagem Astral” psicografado por João Nunes Maia, pelos ditames do espírito Lancellin. Nele, no capítulo “Educando Sempre”, encontramos o grupo liderado pelo espírito Miramez, juntamente com o autor espiritual, em densa mata à procura de medicamentos astralinos para cura de doentes. Citamos o seguinte trecho:

“Notei, então, certos movimentos no ar. A lua cheia estava alta no céu e os braços verdes das árvores não interrompiam seus raios, que iluminavam o chão. Tornei a observar, no silêncio que nos emprestava meios de melhor análise, e vi seres pequeninos, como se fossem chuva, dando-nos a impressão de que saíam do interior da árvore em questão. Pulavam em cima de Kahena, brincando com seus cabelos, montavam cavalinho em seus ombros e em seu nariz. Ela, sorrindo, os abençoava a todos, em uma gratidão indescritível. As encantadoras criaturinhas passaram a festejar Miramez, subindo em sua cabeça e descendo em seus cabelos como se estivessem em um parque de diversões. Tornavam a subir e a descer beijando suas faces, pendurando-se em suas mãos, entrando e saindo em seus bolsos, naquela ventura de estarem gozando as maiores delícias da vida.

Miramez suspirou fundo, dizendo a Kahena, com tranqüilidade:

- Louvado seja nosso Pai! Em toda a Sua criação existe quem vele por ela. Nós devemos fazer o mesmo, por onde andarmos. Que Deus abençoe sempre estes irmãozinhos!

Kahena fez um gesto, e dos seus lábios saiu determinado som. Eles se recolheram, mas, antes me olharam desconfiados, sem me tocar; observaram uma corrente que eu trazia pendurada no pescoço, cuja efigie era de Santa Blandina, mártir gaulesa cristã, que viveu no segundo século do Cristianismo. Minha mãe era sua devota e me entregou a ela como afilhado, por me salvar de uma febre maligna, em um arrojo de fé e promessa que ela fizera. Eles ficaram encantados com a pequena medalha, que deixei mais exposta, em vista do interesse que eu notara por parte deles.”

No capítulo seguinte, encontramos a explicação de Miramez à pergunta de Lancellin, quem seriam essas estranhas entidades:

“- Fiquei muito intrigado com aqueles seres que vieram ter conosco diante daquela árvore, pelo chamado de Kahena. Eles vos festejaram com tamanha alegria, mas mostraram-se desconfiados comigo. Quem são eles e por que procederam assim?

- Meu companheiro, a obra de Deus é cheia de segredos, aos quais vamos tendo acesso à medida que evoluímos. Assim como todos nós, já passaste por vários estágios, ocupando lugares diferentes na criação; no entanto a escola é a mesma. No futuro, aqueles seres irão ocupar o lugar que tu desfrutas hoje. Somente o tempo tem o segredo desse avanço. Aquelas pequeninas criaturas evoluem e prestam um grande serviço à natureza. Eles agitam, de vez em quando, a seiva das árvores e conhecem a natureza das mesmas na sua profundidade, mas obedecem a um ser maior, como se fosse um deus para eles, tanto que, quando eles admiram qualquer peça que usamos e desejam usá-la, podemos notar que eles desaparecem e, daí a instantes, ressurgem usando o objeto almejado. É que eles vão ao Espírito-deus, e ele cria uma réplica perfeita para eles. São crianças espirituais que querem para si quase tudo o que vêem. Para que possas ser amigo deles, não basta apenas olhar, nem pedir ou Ter espírito de domínio; tens que ir ao Espírito-deus, que os comanda, para que ele promova a ligação afetiva entre ti e aqueles irmãozinhos, por meios que ainda desconhecemos. Para que possas vê-lo, é necessário subir até a sétima frequência. Tudo o mais aprenderás com a prática.”

Eis aqui os elementais, aqueles que manipulam “as forças” chegadas até nós ao invocar recursos na Natureza através do veículo de nossas oferendas. Ao chegarmos ao local, entregaremos materiais compatíveis, simpáticos, aos espíritos elementais que ali habitam ao mesmo tempo alimentando-os (sorvendo as energias do material entregue), pondo objetos (bijuterias, pentes, espelhos, medalhas, etc.) para agradá-los, invocando-os através de nossas preces e pontos cantados (princípio da sintonia, vibração). Conseqüentemente, o Espírito-deus seria o Caboclo responsável, talvez até um Orixá, senhor daquele reino e seus trabalhadores (2). Estamos - ou não - todos falando das mesmas coisas, com nomes e linguagens diferentes?

Consideramos, também, uma irresponsabilidade criminosa invocar esses pequenos espíritos, infantis, inocentes em sua evolução, para atender a pedidos veiculados ao mal, às vinganças pessoais. Qual será nossa punição? Qual nossa responsabilidade, por envolver essas criaturinhas em nossas perversões? Acham mesmo que o Espírito-deus (Orixá) permitirá que seus serviçais cometam atrocidades? Quem, verdadeiramente, irá atender-nos nesses desvarios?

Ainda citaremos alguns trechos dessa obra. Lancellin conta-nos sobre a presença dos Caboclos *boiadeiros* e seu amoroso trabalho na proteção dos rebanhos contra o ataque de entidades vampírescas:

“Haja o que houver, nas horas de alegria ou de dor, de paz ou de aflição, Kahena está sempre trabalhando. Enquanto estávamos dando atenção aos diretores daquela comunidade rural, ela, Celes e Fernando estavam colhendo o magnetismo animal que se irradiava em torno do rebanho tranqüilo, para ser aplicado

(2) *“na terra de Keto não existe Caboclo. Porém, no Brasil o Caboclo é um elemento nosso, ao qual respeitamos e admitimos como Orishá”. Babalorixá Ominarê em “Candomblé de Keto (Alaketo), 5ª. edição, dessa editora, página 41. Concordamos com o autor, cujo conceito de Orixá desenvolvemos em nossos trabalhos anteriores (a autora).*

onde houvesse necessidade. Ali estava um grande suprimento de energia, por isso várias entidades se mantinham em vigilância. Determinados tipos de espíritos procuram se aproximar dos animais para sugar esse tesouro da natureza e, por vezes, conseguem o seu intento. No entanto ali estava sendo dobrada a vigilância.

O que me intrigou bastante foi ver uma tribo de índios, homenzarrões com mãos grossas, que, quando foram chegando com os guias espirituais, montaram os bois, nas vacas, com todo carinho, alisando-os com as mãos, naquela linguagem peculiar a eles, demonstrando aos animais amizade, com gritos animados e até beijando-os. Olhei para Miramez e solicitei sua opinião.

- Lancellin!... Esses são os recursos de Deus, em favor da criação. Esses índios que vemos não perceberam a nossa presença. A preocupação maior para eles é o dever, e foram adestrados para esse serviço de olhar as manadas contra os vampiros das trevas. Nesse campo, eles são terríveis, mas obedientes ao comando.”

Para aqueles que não entendem a atitude de nossas entidades, novamente aqui Lancellin explica-nos o motivo pelo qual nossos Caboclos emitem estranhos assobios durante suas giras nos terreiros:

“Retiramos do ambiente dois obsessores terríveis, que ficavam espreitando à espera de alguma invigilância, para armar a maior perturbação possível.

Vi Kahena meio agitada. Ela escapou por minutos da nossa companhia e emitiu um assobio estridente, em escala difícil de atingir. No mesmo instante apareceu um grupo de índios de estatura descomunal. Eles agarraram os dois sem querer ouvir nada e desapareceram com eles em um átimo de segundo. Kahena nos esclareceu:

- Quando o amor não é entendido, usa-se a energia. A força do bem deve ser respeitada imediatamente.”

Nessa obra de cunho **espírita**, novamente encontramos outros trechos que explicam o trabalho especializado de nossas falanges, de nossos guias e Orixás, indo em concordância com todos os nossos pontos de vista como esse, seguindo abaixo:

“Os mares são divididos, assim como a Terra e o ar, as plantas e os animais, e em cada divisão há um plano de assistência infalível por ser de ordem divina. Nos oceanos, desde o protozoário à baleia, não falta a proteção dos espíritos encarregados desse labor por Deus.

As montanhas, campinas, lavouras, cerrados, matas, horticultura, floricultura, pecuária, tudo recebe as bênçãos de Deus, através dos espíritos adestrados neste ramo de operação.

O ar e o fogo têm suas falanges que os orientam; as chuvas, até mesmo as tempestades, limpam a natureza carregada de magnetismo inferior plasmado na atmosfera pelo próprio homem, que descuidou da higiene mental.

A natureza está em fúria, no dizer de muitos, principalmente no tocante a terremotos, está respondendo ao homem que a irrita com a química mental distonante, a imprudência, o ódio, a prepotência, as guerras fratricidas e o egoísmo desmedido.

Os trovões e os relâmpagos são desintegradores de miasmas que se acumulam como nuvens na atmosfera terrestre, que têm sua filiação profunda nos sentimentos inferiores dos homens, principalmente no abuso do sexo, gerado por uma filosofia de deturpação de tão elevado atributo.

Queremos que todos saibam que os espíritos assistem em todos os lugares, muito mais do que se pensa, mas nunca fazem o que o homem tem que fazer

por si mesmo. A cada um de nós, encarnado ou desencarnado, foi reservado um dever, e só a nós compete realizá-lo para o nosso benefício e para a felicidade de todos.”

Pergunta-se porque somos dardejados continuamente por todas as religiões, se elas, em suas entrelinhas, seriam a nosso favor, compreendendo nossas tarefas, nossa magia, nossos rituais, os espíritos ligados a nós?

A UMBANDA, SEUS RITUAIS E OBJETOS MÁGICOS

“As religiões se aproximam, no silêncio dos anos, sem que os homens, em sua maioria, dêem por isso. Elas tendem a se fundir, tendo como princípio somente o bem e, como necessidade premente, difundir as verdades espirituais.”

Lancellin

Vimos, nos capítulos anteriores, das semelhanças entre as religiões, encontrando em quase todas elas o tema do mediunismo e da reencarnação como coisas simples, corriqueiras, bem resolvidas; da presença dos espíritos na Natureza e qual sua utilidade na Criação; da presença de Orixás e seus elementais; dos parâmetros similares existentes na Umbanda. Se existe ou não magia sem trespassar detalhes desnecessários no momento pois todos “deverão percorrer seu caminho de Santiago” para tornar-se um verdadeiro médium. Poderemos transmitir conhecimento mas, infelizmente, nunca experiência.

Para o umbandista, a **água** (*omi*) é um dos elementos mais sagrados na Natureza, um dos principais *objetos mágicos* em nossos rituais. Lá vemos nossas quartinhas - em casas com influência nagô - onde maceramos os amacis posteriormente, em alguns terreiros cheias de água, no simbolismo espírito (a água), matéria (o vaso, o corpo). Lá encontramos em nossos congás uma taça cheia de água pura, quebrando energias pesadas, preciosidade capaz de acalmar a força dinâmica dos Orixás, fertilizando tudo o que toca, sagrada principalmente quando for água da chuva (*omi átó*, “sêmen do céu”). Exu (Orixá) necessita de água entre seus elementos, inclusive em seu padê para ser apaziguado, erguendo seu lado *irunmolé* (já nossos Exus de Umbanda não apreciam, pelo tipo de energia que manipulam). Lá os Pretos-Velhos ensinam em suas mandingas pôr-se, atrás das portas, um copo de água açucarado com mel. A água é o veículo para retirar o sumo das folhas no amaci e, sabemos, mais do que isso. Vertemos água para nossos ancestrais como a oferta mais sublime, desde a África, homenageando também nossas *mães-feiticeiras*, fonte de axé a fluir da terra. Como faz o cigano, jogamos objetos em água corrente para quebrar feitiços negativos ou pomos oferendas flutuando, na esperança de serem levadas ao seio das nossas Orixás. Há milhares de aplicações, originárias da África, do Candomblé e Cultos de Nação locais, da magia européia.

A água, esse plasma divino, fonte de toda a vida nesse planeta, é um poderoso *solvente* utilizado pelos espíritos como auxiliar na desintoxicação de corpos astralinos (perispíritos) e físicos (soma) através da ingestão de chás especiais, absorvidos pelos nossos poros nos banhos de descarrego/propiciatórios. Poucos são aqueles que conhecem o uso de chás como meio de auxiliar na preparação do médium antes de alguns rituais afro-brasileiros, cujos dados preciosos encontramos em algumas fontes originárias do Candomblé. Em seu aspecto purificador, presente na maioria das religiões, encontramos esse trecho do Rig-Veda que traduz todo o seu poder:

“... Vós, as Águas, levai daqui esta coisa, este pecado, qualquer que ele seja, que cometi, esse malfeito que fiz, a quem quer que seja, essa jura mentirosa que jurei.”

Quantas vezes ouvimos comentários detratando-nos, quando nossas entidades ensinam em nossos terreiros lavar-se as casas com águas destinadas à sua purificação com sal grosso e certas ervas com os dizeres que não são

práticas “cristãs”, que são “supersticiosas”, “infundadas”, “coisa de gente sem recursos” em adjetivos não muito honrosos. Esquecem das mensagens de André Luiz que explica longamente ser a água capaz de atrair em suas moléculas diversos miasmas cuja presença poderia causar-nos distúrbios em nossos lares. O mesmo dizemos dos *sais e ácidos* (incluímos aqui o sal grosso) capazes de reter eletricidade desintegrando formas-pensamento infelizes, doenças espirituais a rondar-nos, modificando ambientes tornando-os insalubres à espíritos perversos. Como dizer que nossas práticas não são cristãs, quando João Batista batizava com água homens e mulheres (incluímos aqui o próprio Jesus) às margens do Jordão, em autêntico amaci, à moda daquelas paragens? Como seríamos felizes se pudéssemos ver, com olhos de espírito, as energias espargidas pela fé de nossas irmãs, filhas-de-santo do Candomblé, na Lavagem do Bonfim com suas águas de cheiro?

Quantas pessoas ainda olham de soslaio, a atitude dos médiuns espíritas estendendo suas mãos sobre copos e garrafas de água (hoje as igrejas evangélicas fazem o mesmo) para imantação? Em nossas palavras, aqui não seria um ritual “mágico”, tendo a água a função de “objeto”? Qual a diferença, a não ser nomenclaturas para a mesma coisa?

Na obra “Francisco de Assis”, o espírito Miramez conta-nos lindíssima passagem sobre as entidades que povoam as águas, lembrando aqui o perfil de nossa Iemanjá:

“Francisco levantou-se com os discípulos, abençoando em despedida os peixes, que pulavam como se quisessem acompanhar o protetor dos animais. Um Espírito das águas, com porte de rainha, avançou em direção ao Santo de Assis, beijou-lhe as vestes, deixando nelas um saldo de amor e gratidão, na qualidade de perfume, cujo aroma inebriante todos sentiram. Esse aroma impregnou-se às vestes de todos por semanas a fio, como lembrança de uma festa diferente: uma festa de Amor em plena natureza.”

É reenergizando-nos à beira das águas que fazemos nossos cruzamentos anuais de mar e cachoeira, trabalhos aparentemente simples à primeira vista, mas cujos resultados sentimos de imediato pelo refazimento de forças consumidas durante todo um ano de árdua dedicação aos nossos terreiros. Não muito diferente de uma gira, com um pequeno congá improvisado com algumas imagens escolhidas, forma-se uma roda de médiuns aonde, se à beira do mar, invoca-se Iemanjá, as Iabás e seus guardiães, os Oguns que vibram nas águas. Se nas cachoeiras faz-se trabalho similar, invocando-se Oxum, Xangô, Oxóssi e todos os Caboclos de mato ocorrendo, logo após, as respectivas incorporações desses guias em seus médiuns. Fazem-se os cruzamentos com pomba, mel *ou dendê* conforme o Orixá da pessoa, banha-se as cabeças com água da cachoeira (outros dispensam a água do mar substituindo por guaraná ou champanhe – *ambas não recomendamos porque nem sempre tais bebidas são compatíveis com o eledá do médium*), entregam-se barcos repletos de oferendas nas ondas, recobrem-se de oferendas o local *sempre tomando-se o cuidado de tirar-se alguidares, vidros, plásticos, sacolas e tudo o mais que não se degrade na Natureza*, vindo a poluir o meio-ambiente.

Incompreendidos somos também pelo uso de **bebidas alcoólicas** (*otim*) como componente em nossas oferendas, rituais, consumido pelas nossas entidades. Lembram apenas das histórias da presença de quiumbas, disputando os odores extraídos de obsedados em mesas de bar da pior categoria, esquecendo-se que *tudo, em excesso, poderá vir a ser fonte de vampirismo* como a citar o sexo, a alimentação, a falta ou sono demasiado, linguagem e formas de pensamento, dinheiro, poder, dentre milhares de situações da vida humana diária. Poucos sabem da volatilização pelos poros do médium, durante o transe, queimando todo e qualquer fluido pesado oriundo da assistência normalmente perturbada à procura de auxílio, não deixando quaisquer resquícios no corpo físico do médium após sua desincorporação. Para o africano, o vinho-de-palma (aqui trocado pelo gim ou cachaça) era uma das opções de sangue branco existente na natureza, força ativa e geradora, riquíssima de axé. Para os egípcios, gregos e vários povos arianos a bebida seria capaz de elevar a alma ao mundo dos deuses, creditando-se a ela o poder de afastar a alma

do corpo em desdobramento durante seu efeito; entre os vietnamitas e chineses atrai a fertilidade com a união entre todo o grupo. Jesus “bebia e comia” entre os publicanos, transformava água em vinho sendo, por tais atitudes, muito mal interpretado pelos seus contemporâneos por comportar-se como um homem comum. Não somos a favor do alcoolismo, muito pelo contrário, mas não seremos tolos em desconsiderar o álcool como item importantíssimo em toda a magia africana.

A **pemba** (*efun*), cujo pó é um dos mais poderosos veículos de axé, desenha pontos invocando falanges e entidades à semelhança dos jejes ou budistas no outro extremo do mundo. Pela pemba ralada com outras substâncias, fabrica-se os famosos pós usados pela magia africana com os mais diferentes e curiosos fins, assoprados nos ambientes, ralados sobre líquidos ou alimentos, em banhos, contudo muito pouco conhecidas outras utilizações pela Umbanda, limitando-se a usá-la somente para riscar-se pontos ou raspá-las sobre imagens, já que trata-se também de uma das formas de *sangue branco*, *funfun* na Natureza, um dos substitutos do sangue animal em nossos rituais. Talvez com a aproximação da Umbanda ao Candomblé em muitos estados brasileiros (onde não houve intercâmbio cultural entre ambos), ou quiçá a leitura sistemática, comparativa, de seus caciques permitindo aprendizado, aumente as possibilidades do uso da pemba em nossos terreiros. Não usamos pemba preta.

O **azeite-de-dendê** (*epô*) é praticamente indispensável em todos os rituais afro-brasileiros, como sangue vermelho na Natureza (*ejé pupo*) propondo-se a substituir o sangue animal ao ser vertido sobre oferendas, imagens, nos cruzamentos. O azeite, de um modo geral, é um elemento quente, dinâmico, fertilizante, guardando em si características purificadoras repetidas no rito do batismo, na unção dos reis ao serem coroados (I. Samuel, 16:13; Isaías, 11:2), fazendo uma ligação aos planos mais superiores da existência. O dendê, azeite de origem africana, é substância compatível aos Orixás guerreiros, “de frente”, permitindo ativar seu axé direcionando-o no atendimento aos nossos pedidos. À Oxalá, substitui-se o dendê (quizila desse Orixá) por manteiga de karité ou **ori** (*ôri*).

A **farinha** (*iyéfun*), em todas as civilizações agrega em si todos os alimentos por ser básica em todas as mesas nos quatro cantos do globo. Traz em si a classificação de sangue preto da Natureza (*ejé dudu*), não importando sua procedência se feita de mandioca, trigo, milho, arroz, *apesar das preferências de algumas entidades que afirmam haver diferenças entre elas*. Muito usada, misturada a outros ingredientes, como alimento a vários Orixás. Incluiríamos aqui o **inhame**, espécie de raiz semelhante à mandioca, da importância que damos ao trigo para o africano.

O **fumo** (*ásâa*) em rolo ou na forma de charutos (ou cigarros) são usados por nossas entidades sem tragar sua fumaça, assoprando-a sobre o consulente. Essa prática tem relação igual a um *passe de sopro*, contendo em si o axé do guia, do médium, fluidos benfeitores extraídos dos reinos da Natureza e plano espiritual num todo, transmutando sua essência na planta volatilizada pela sua queima. Segundo Ivan H. Costa, o fumo entregue em oferenda à Exu (Orixá) provocaria sua restituição ao plano físico, ao solicitante, de todas as melhores coisas já entregues a ele em oferendas. O fumo em rolo é entregue a vários Orixás e Caboclos ligados às matas, principalmente.

Os **búzios** (*owó*, *eyó*) eram usados na África como moedas, presentes como *elemento mágico* de fortuna e prosperidade em várias oferendas, entregues a todos os Orixás. Apreciados por Exu (Orixá) em grande quantidade, também usam-nos nossos Exus de Umbanda que atribuem o mesmo significado a eles, bem como considerá-los uma forma de “osso” por tratar-se de calcário restante da morte do molusco, em seus fundamentos. Usados em jogos pelos Africanistas, muitos caciques jogam moedas comuns para diferenciar-se dos primeiros guardando, entretanto, semelhanças às regras dos jogos dos primeiros.

O **fogo** é muito empregado em rituais ligados ao Povo Cigano, apresentando-se também na chama das velas. Elemento, nos mitos, de Xangô saindo de sua cabeça, expelido por Exu, presente na forja de Ogum. Purificador como a água, permite, através do manuseio de nossas entidades, elevar ao campo astral os pedidos escritos em papéis, queimados em chamas. Com a **pólvora**, ambos provocam a destruição de formas astrais negativas produzidas por pensamentos daninhos ou

baixa feitiçaria, expulsando espíritos obsessores que queixam-se de “dores, ferimentos” causados pela sua queima. Nossos Exus, até mesmo pela densidade de seus perispíritos, trabalham com fogo dizendo controlar seus efeitos, mas jamais com pólvora pelas razões apresentadas.

O **obi** e o **orobô**, poucos usados na Umbanda, são muito oferecidos a todos os Orixás, sendo o primeiro mais usado em adivinhação no Candomblé. Sabe-se que substituem o sangue animal com perfeição.

Carvão ou cinzas, considerados sangues pretos da Natureza, prestam-se como excelentes meios de absorção de fluidos pesados dos ambientes. Geralmente aconselhado seu uso pelos Pretos-Velhos, devem ser colocados alguns pedaços flutuando em um copo de água. Quando afundam, já estarão saturados de maus fluidos. Cinzas aparecem, como o pó de pemba, para serem aspergidos nos locais. Porém, nesse caso, geralmente com fins maléficos.

Flores são oferecidas a todos os Orixás, como uma das oferendas mais delicadas, mais apreciadas pelas entidades, sempre com fins benéficos. Há algumas preferências: rosas ou cravos brancos, lírios brancos, copos-de-leite (alguns dizem ser de Egun), palmas brancas, crisântemos brancos para Oxalá; as mesmas flores para Iemanjá, incluindo-se aqui hortênsias azuladas, flores de erva-de-santa-luzia, marianinha; margaridas, palmas amarelas, margaridas-do-campo, lírios amarelos, crisântemos amarelos, rosas amarelas, flor de girassol para Oxum; rosas vermelhas ou róseas, brinco-de-princesa, crisântemos avermelhados, palmas vermelhas, suspiro vermelho para Iansã; cravos vermelhos, antúrios vermelhos e outras flores “masculinas” nessa cor para Ogum, Xangô e Exu (Orixá); orquídeas, íris, flores “trepadeiras” para Omulu/Obaluaiê e, quando arroxeadas, também de Nanã.

As humildes **velas**, tão desprezadas às vezes pela imponência de algumas oferendas são, na verdade, as melhores ofertadas aos Orixás. Pequenos focos de energia quando queimadas, são absorvidas pelas entidades e elementais cuja sintonia também traduz-se em suas cores, outro elemento importante em magia. Esotéricos afirmam que há nela uma oferta de cada um dos quatro elementos: ar (ar quente em torno da chama), fogo (chama), água (parafina líquida), terra (parafina sólida). Em Umbanda, não usamos velas pretas em nossos trabalhos, *com exceção* àquelas entregues para homenagear a Linha de Exu e, ainda, *de conformidade com as exigências da entidade*.

As **cores** e os **sons** são freqüências pelas quais entramos em contato com determinadas falanges, invocando-as, concentrando sua energia em objetos pelo uso da cor (sintonia). O conhecimento delas é um dos requisitos mais importantes dentro da magia universal.

A **Lua** e o **Sol** imantam a terra com sua energia permanentemente, exigindo que haja conhecimento de como aumentar o potencial energético das oferendas (respeitando-se certas fases lunares e horas do dia) em sua feitura; hora de “entrega” delas nos reinos, *conforme o Orixá venerado*; horário e período para coleta de ervas; execução de rituais; tempo para *incorporação* de entidades (mais problemática a Linha de Exus, como já vimos antes).

O **sino**, a **sineta** em todo o mundo, em todas as civilizações, imitam a freqüência de sons das falanges superiores provocando, a nível etérico, o contato, a chamada delas ao nosso mundo físico, exercendo, por isso, a criação de um ambiente puro, limpo, afastando a presença de espíritos inferiores. Os guizos ou os pequenos sinos amarrados ao corpo em tornozelas, nas pulseiras ou pelo chocalhar delas na Índia, entre ciganos, no budismo, na África, podendo-se dizer unânime em qualquer lugar do mundo, são conhecidas como instrumento *mágico* para contatar com o mundo dos mortos, atraindo-lhe as benesses.

A **pimenta-da-costa** (*ataré*) exerce uma ação reativante em vários trabalhos, normalmente relacionados ao Orixá Exu ou sua Linha na Umbanda. Na falta dessa pimenta, *algumas vezes* podemos substituí-la pela malagueta (verde) ou pela variedade dedo-de-moça (vermelha, grande).

O uso do **mel puro** (*ôym*), de modo contrário à pimenta ou o azeite-de-dendê, exerce uma ação calmante, suavizante, e raras vezes *misturados na mesma oferenda*. Alguns Orixás aceitam-no como material compatível, outros são provocados por ele. Os Orixás que aceitam-no, são: Oxalá (pouco), Iemanjá, Oxum,

algumas vezes (dependendo do “trabalho”) Iansã, Oxóssi e suas caboclas, Ossãe. Pessoalmente, não adotamos mel para outros Orixás para alcançar-lhes misericórdia. Em alguns trabalhos é possível substituí-lo por **açúcar**, com o mesmo efeito.

O **sal** é muito conhecido em toda a magia afro-brasileira, com diversos fins. Misturado à água do banho é um dos melhores veículos de “descarrego” (na verdade, é reativante), indo também como tempero para alguns Orixás (para outros, é quizila substituindo-o por mel ou dendê apenas). Em algumas magias aparece também como elemento *conservante, mantenedor*.

Os **ovos** são excelentes substitutos do sacrifício animal em muitos trabalhos, respeitando-se o número de elementos conforme o Orixá (ou entidade) a recebê-lo. Em Umbanda, não devem ser empregados em outros rituais como amacis por exemplo, na crença trazida do Africanismo que seja impossível firmar “alguma coisa na cabeça” sem algum tipo de sangue animal por considerar o axé das folhas “mais fraco” (*ignoram com isso que acabam atestando ser a religião que professam menos “forte” que as demais afro-brasileiras, porque essa utiliza apenas a flora, o sangue vegetal*). Isso é desconhecer o potencial existente na Natureza, desconsiderar nossos princípios básicos dados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, desacreditar nossa capacidade mágica.

As **folhas** são o instrumento *mais importante* em todos os cultos afro-brasileiros, sedimentado pela frase: *Kosi ewé, kosi Orisá* (“Sem folha, não há Orixá”) repetida em um sem-número de trabalhos, por vários autores. Para o Candomblé e Cultos de Nação sem haver o *mieró*, o *abô*, é impossível a feitura de um Orixá mesmo que haja o mais belo quatro-pés para sua feitura. Quando bem conhecidas em seu aspecto litúrgico, medicinal, venenoso pelo sacerdote, permite a abertura quase infinita de possibilidades mágicas como misturadas ao pó de pomba e assopradas na direção (alvo) desejado; bebidas, ingeridas nos alimentos em forma de pó, chás, ervas piladas, queimadas ou secas; envolvendo “trabalhos” ou oferendas; esfregadas sobre objetos; misturadas ao sabão, usadas em banho; em infusão no álcool podendo ser bebidas, postas em oferendas, esfregadas sobre a pele; como tempero em alimentos a ser consumidos durante rituais favorecendo-lhe os resultados; atiradas ao chão dos terreiros para garantir-lhes a proteção em certos trabalhos e rituais, ou mesmo postas sobre as portas, paredes. Eis alguns poucos exemplos de sua aplicação.

Filhos das cidades que somos, mal sabemos o nome dessa ou daquela planta para uso medicinal, limitando-nos a considerar tudo o que cresce nos campos como “mato”, lixo, lembrando em muito a sabedoria inclusa no mito de Orunmilá e Ossãe quando o primeiro ordena ao segundo que limpasse suas terras, aprendendo com esse que tudo serviria para algum propósito. Na ignorância nossa, induzida pela cultura consumista, aprendemos que basta irmos ao médico, à farmácia e tudo estará resolvido. Por um lado verdadeiro, por outro absurdo. Para o africano, até o desprezível capim tem sua aplicação. E nós, umbandistas? Ainda continuaremos a dizer, induzidos por algumas pessoas, que nosso trabalho não é lá grandes coisas porque não sacrifica animais?

Qual a tenda, qual o terreiro que lembra, uma vez ao ano pelo menos, antes da feitura dos amacis, de homenagear Ossãe, o Orixá *dono das folhas*? Usamos todo o tempo o material de seu reino... e nunca lembramos, justamente dele!

Ossãe, filho de Oxalá e Nanã, é irmão de Oxumarê, Xapanã (Omulu/Obaluaiê) e Euá. Apesar de ser masculino, no Sul é dito como fêmea; preferimos a primeira versão pela sua origem africana e consenso no resto do país. Como Orixá sempre presente ao ar-livre, é companheiro inseparável de Oxóssi nas matas; como feiticeiro, conhecedor de todas as poções mágicas feitas com suas folhas, é conselheiro de Orunmilá. Ao umbandista, distante do Candomblé e “preso” às sete linhas de Umbanda, lembram apenas de Oxóssi como senhor absoluto das florestas, campos agrícolas e hortas esquecendo-se por completo de Ossãe, o verdadeiro senhor das folhas. Sem ele, impossível extrair-se das plantas suas propriedades. Sem ser invocado corretamente tornam-se ineficazes todos os rituais, em qualquer culto afro-brasileiro. Sem Ossãe não há medicina, pesquisa, ciência, remédio, cura, feitiçaria: não há religião.

Ligado às mães-feiticeiras, traz sobre seu cetro a forma de um pássaro para que todos lembrem seus extraordinários poderes mágicos induzindo, a quem o vê, o temor e o respeito. Orixá misterioso, solitário, protege a todos que entram nas matas respeitosamente; pune quem a destrói por irresponsabilidade. Muito antes da chegada dos africanos ao Brasil, os indígenas já conheciam Ossãe, visto como vulto temível, atraindo o azar com quem se deparasse, chamada aqui de Caapora. Índia com cabeça enorme, da altura de uma criança, perigosa, percorria as matas fumando um pequeno cachimbo, com uma única perna cujo pé seria virado para trás. Quem visse seu rastro iria em sentido contrário, perdendo-se para sempre na floresta.

Não se sabe ao certo, mas constata-se que pelo século 18 tenha surgido o Saci Pererê no folclore brasileiro absorvendo o mito da Caapora, trazendo consigo já a influência negra com seu barrete mágico, semelhante à Exu, com descrição semelhante à Aroni, companheiro de Ossãe e ao próprio Orixá. Como o Brasil tornou-se um dos países mais miscigenados do mundo, torna-se difícil dizer exatamente onde começa ou termina a influência de mitos externos na formação de seu folclore.

Outro Orixá esquecido pela Umbanda é Exu. Em nosso meio há uma confusão enorme, por influência dos Cultos de Nação, em confundir o Orixá de mesmo nome aos trabalhadores de sua falange, incorporantes em nossos trabalhos. Muitos médiuns e sacerdotes, quando perguntados, não sabem definir um e outro dizendo ser tudo a mesma coisa; grave é quando confundem ambos com o “diabo” ou “os diabos”. Dirigentes antigos temiam tanto nossos Exus que proibiam-lhes a chegada nos trabalhos expulsando-os, logo ao seguir de sua incorporação, como se fossem criaturas indesejáveis. Outros fazem o sinal da cruz quando são mencionados, outros atribuem essa ou aquela desculpa para não permitir-lhes a vinda até nossos dias. Eis um dos piores absurdos em nosso meio cuja ignorância, aos poucos, vão desatando as amarras do velho maniqueísmo ariano incluso e apregoado pela maioria absoluta das igrejas que nunca o abandonam por várias razões estritamente pessoais.

Vamos relatar nosso caso, somando-se a outro como exemplos de vivência. Antigamente, apesar de nossos mais contundentes esforços, tínhamos sérias dificuldades na entrega de oferendas quando a maioria não surtia os efeitos desejados por mais amor, por mais cuidado que tínhamos em sua feitura. Como não perdíamos a fé, coisa que facilmente acontece nas almas fracas, sabíamos que algo não estaria certo, haveríamos de saber as razões algum dia. Anos se passaram.

Como no Sul desconhece-se a sabedoria dos Odus e do Jogo de Ifá (muitos sacerdotes dizem ser o jogo local de búzios de caráter “intuitivo” a mesma coisa, *pois esse nem meridilogun seria*) ninguém havia conseguido dar-nos uma resposta positiva. Aliás tínhamos aversão à Numerologia, considerando os números simples grandezas matemáticas e nada mais. Até o dia que, em meio a muitos contratemplos, conhecemos alguém do Candomblé cuja sabedoria abriu-nos portas grandiosas a novos caminhos. Analisando-nos, surpreendeu-se com o resultado, atribuindo todos os nossos fracassos a uma simples prática que nunca havíamos feito: *Exu (Orixá), senhor das primícias em todas as oferendas, nunca havia sido lembrado!* Esse era o motivo! Quantos caciques de Umbanda passam pelo mesmo problema, ou até outros assemelhados, faltando uma pequena luz, uma pequena brecha, para desaguar de maneira tranqüila todo o seu potencial religioso no auxílio das multidões que nos procuram.

Tudo isso porque tivemos uma formação, em nossa casa de origem, de jamais lembrar-se de Exu (Orixá) e seus serviços por considerá-los forças caóticas, perigosas, violentas, brutais, “diabólicas”. Ficou incutido de tal forma em nossa ritualística que jamais teríamos encontrado a solução dessa charada, de resposta tão óbvia!

E, mais tarde, encontramos querida amiga, igualmente cacique com o *mesmo problema*, onde repassamos nossa experiência e indicamos soluções. Infelizmente, sua formação católica impediu-a de abrir a mente para considerar “o Bará” um Orixá, detentor de uma força da Natureza e não sinônimo de “diabo” fálico, “credo-em-cruz” e lá sabemos mais quantas bobagens incutidas nas pessoas. Recusando-se a represar essa energia, sua vida pessoal prossegue um caos, seus

trabalhos espirituais são reduzidos à metade, à cada visita são relatados enormes sofrimentos.

Quando os primeiros europeus chegaram à África, escandalizaram-se com as imagens de portentoso falo ereto de Exu (Orixá) e seus montículos sagrados, considerando-o uma blasfêmia. Profundamente marcados pelo puritanismo vitoriano espalhado pela Europa e suas colônias na América, solapado pelo escravagismo aviltante, essas populações nunca aceitariam uma divindade, um Orixá sexualizado, senhor da força germinativa da Natureza, como algo sério. Para piorar-lhe a imagem, o negro, desesperado em seu sofrimento atroz, passou a invocar todos os Orixás para vingar-lhe as ignomínias de ver suas filhas atiradas ao prazer dos senhores de engenho e seus capangas, seus filhos igualmente violentados em sua dignidade sofrendo os rigores do chicote até a morte, a fome, o medo, o total desespero. Exu (Orixá) deixou de ser sinônimo de fartura e felicidade: passou a receber nos cruzeiros de chão batido oferendas para destruir os algozes. Exu passou a ser o grande vingador dos negros em terra estrangeira, estando aqui firmada a Quimbanda, a macumba pesada, último recurso de livrar-se das barbáries.

Logo chegaria aos ouvidos “dos sinhozinhos” que Exu haveria de castigá-lo pelos desmandos; os resultados mostraram-lhe ser verdadeiro. O pavor passou pelas gerações seguintes e contaminou a mentalidade popular. Como não havia santo católico “traquinas”, *pelo medo que o negro queria induzir no branco* conhecendo sua índole, passou a sincretizá-lo com o diabo cristão. Com o único propósito de apavorar, criar pânico, no branco cruel. Foi uma arma silenciosa, extremamente eficaz por muitos anos, evitando muitas lágrimas nesse povo tão injustamente maltratado.

Esperteza, desejo de sobreviver. Mas a década de sessenta, com a liberação sexual, já se passou e hoje podemos falar sobre todas essas coisas abertamente.

Em primeiro lugar, na cultura negra *não há diabo* como ente único, maligno, “anjo decaído”, *muito menos inferno como região de castigos eternos*. Eis aqui um mito ariano, ausente nas demais religiões do mundo que não sofreram sua influência. Para o africano há maus espíritos, sofredores, habitantes de regiões sombrias mais parecidas com o Purgatório cristão do que o Inferno, propriamente dito. Eles reencarnam, geralmente no mesmo núcleo familiar.

Em segundo lugar, para o africano o ato sexual é tão comum, tão banal, quanto qualquer outra atividade da Natureza. Em muitas outras culturas, o ato de comer à mesa é infinitamente mais obsceno do que o sexo em si. Não há atitudes de vergonha, pudor, falso moralismo. Sua dança e música sempre foram livres causando distúrbios na “moral e bons costumes” dos descendentes de europeus que, por sua vez, eram promíscuos freqüentadores dos piores cabarés. A sexualidade do negro sempre foi festejada pelo simples motivo de *ser autêntico*. E eis uma das melhores heranças deixadas por ele ao povo brasileiro (não deixaríamos aqui de saudar a cultura indígena), considerados pela maioria como um povo sensual apenas porque sabe expressar isso com naturalidade.

O ogó (o cetro mágico de Exu) ou as imagens de falo ereto é a materialização de tudo o que dissemos até aqui. Erguer-lhe homenagens seria pedir virilidade aos seus homens para serem capazes de gerar filhos saudáveis; ter uma criança saudável era o maior presente que um africano poderia desejar dos céus. Seria pedir potência aos machos dos rebanhos para aumentar a fartura nas mesas. Era pedir germinação nas lavouras para garantir boas colheitas, pedir boas estações garantindo, na época certa, fertilidade. Era rogar pela renovação das boas coisas, perpetuamente. O Orixá, coordenador dessa força inerente na Natureza, é Exu. Dizer que ele não existe, que não deve ser reverenciado, é o mesmo que negar a realidade de todas essas boas coisas desejadas por qualquer um. O órgão sexual masculino é apenas um símbolo para esse potencial regenerativo na simplicidade da expressão africana.

Esse Orixá não coordena apenas a fecundação na Natureza, expandindo suas atribuições até a formação de mundos espalhados pelo Universo. Ele é tão poderoso que precisa ser represado, apaziguado, talvez representando uma das forças mais incontroláveis conhecidas pela grandeza de sua manifestação: eis porque

dizem ser ele, em linguagem simples, incerto, melindroso, perigoso. Convenientemente manipuladas, são um recurso inesgotável de axé.

Como disse maravilhosamente outro autor, Exu é o grande relações públicas coordenando a comunicação entre todos os planos espirituais, (incluindo-se o universo físico), buscando e trazendo tanto as mensagens de Zambi (Deus) traduzidas por Orunmilá aos homens, quanto levar as oferendas aos pés de todos os Orixás (aliás, diz-se que apenas Deus pode controlá-lo, tamanho seu poder). Eis porque dizem ser ele o senhor da rapidez, do movimento porque, para transitar pela infinitude dos espaços só poderia ser alguém muito veloz. Na sabedoria dos pontos cantados, quando homenageia-se seus representantes na Umbanda, diz-se “Salve o Povo **de Exu, sem Exu não de faz nada**”. O povo canta, mas não compreende.

Nos mitos, há duzentas divisões do mesmo Exu original, espalhadas por todas as partes. Duzentos era o mesmo que infinito, na linguagem africana: dizendo-se assim traduzimos não existir lugar, não existir espaço algum onde não haja a presença de Exu. Ele é onipresente, infinitamente poderoso e *controlável*, se bem compreendido seus fundamentos. Concomitantemente, esse Orixá só poderia coordenar os locais de grande fluxo de pessoas, onde haja permanente trânsito: esse domínio só poderia ser as encruzilhadas, ponto de interseção de todos os caminhos que muito bem ele conhece em seu contínuo deslocamento. Eis também os mercados públicos (também ponto de troca de riquezas), avenidas centrais, bancos comerciais, bolsa de valores, estádios. Por ser o grande comunicador, é responsável pelo bom entendimento na política, no comércio, na tribuna, no ensino. Por ser o fecundador por excelência, é o senhor da moeda e da riqueza. Esse é Exu, o Orixá.

Causa pânico em muitas pessoas conseguir diferenciar o Orixá formador dos mundos, do Orixá (*eledá*, dono de cabeça) ou das passagens em nosso corpo, do Exu que vem na Umbanda. Vamos estabelecer a seguinte relação abaixo na esperança de auxiliar a compreensão de nossos médiuns:

- Na Natureza há a força germinativa, fecundante presente em todas as coisas. Como força ou energia *ela não tem personalidade própria, não é um ser vivo ou divindade*. É um material que precisa ser manipulado.
- Quem manipula essa energia *não pensante* é Exu, chamado aqui de Imolê Exu Yangí, porque não teria vivido na terra como um homem, tendo sido enviado por Zambi (Deus) para criar o universo físico. Ele não é um Orixá (ancestral divinizado, antigo rei ou rainha africano), mas sim um Imolê, um arcanjo ou como queiram chamar, enviado com uma missão definida à Terra. *Jamais incorpora em algum médium*.
- **Nesse caso**, como Exu não teria reencarnado entre nós já tendo vindo “pronto” para essa missão por ordens de Zambi (Deus), *não foi um antigo rei ou rainha africano endeusado após sua morte*. Conseqüentemente podemos dizer que não há um Orixá (ancestral divinizado) comum, comandando todos os demais abaixo dele em hierarquia como acontece com Xangô ou Iansã, por exemplo.
- Aqui entram os donos de cabeça, *os eledás* ou “passagens” . Todos eles são Orixás (ancestrais divinizados) tendo vivido entre nós sendo, hoje, “espíritos de luz”, nossos protetores, desempenhando o papel de “anjos-da-guarda” conosco. Todos trabalham para Imolê Exu Yangí e manipulam a energia coordenada por ele. A partir daqui, *incorporam*.
- Em Umbanda, Imolê Exu Yangí e seus Orixás são *representados* pelos inumeráveis espíritos que trabalham sob

suas ordens, podendo manipular a mesma energia original sob a permissão dos primeiros: são eles nossos Exus de Umbanda e Pombagiras, de capa e cartola, em nossas giras.

Nessa ordem decrescente, em outra linguagem, o presidente seria Imolê Exu Yangí, senhor das energias da fecundação do planeta (*não é incorporante*); seus senadores são os Orixás que recebem genericamente o mesmo nome do seu presidente; abaixo, nessa classificação, entram nossos Exus, os vereadores subordinados aos primeiros, que igualmente recebem o mesmo nome *porque todos trabalham no mesmo campo, com o mesmo material*. Em decorrência dessa lógica, explica-se as *afinidades* existentes no consumo de oferendas entre todos eles, *já que todos acabam manipulando a mesma energia*. Eis porque o Orixá Exu aprecia bebida alcoólica “quente”, farofa com dendê, tem seu assentamento na rua (à parte) e guarda quase todas as mesmas quizilas de nossos Exus de Umbanda, seus subordinados. Talvez, em decorrência disso, essas semelhanças fomentem ainda mais a confusão na maioria que não procura *pensar* religião; eis porque devemos tentar estabelecer critérios dentro de uma racionalidade bem fundamentada em suas origens, permitindo-nos encontrar razões para a prática vivenciada e que, com toda a certeza, cada qual tem sua resposta.

Depois disso tudo, surgirá a seguinte pergunta: mas quando entrego oferenda para Exu (Orixá) estarei alimentando um Exu de Umbanda?

Quando entregamos uma oferenda para um Orixá, ele irá analisar nosso pedido e redistribuirá o axé a seus elementais para que nossa petição se cumpra, se assim julgar correto. *Quem sabe, talvez, chegue até a um simples Exu de Umbanda que irá fazer cumprir as ordens recebidas de seus superiores*.

Quando entregamos algo a um Exu de Umbanda, um Exu específico, estaremos invocando aquela linha que se identifica com o nome padrão de Tranca-Rua, Mangueira, Pelintra ou seja ela qual for. Eles trabalharão para nós, *com permissão superior* (talvez um Caboclo ou Preto-Velho), e talvez nem chegue o axé da oferenda aos pés do Orixá se assim julgarem os guias de maior hierarquia. Tudo isso é muito relativo, dependendo do teor de nossos desejos.

Agora, se um Orixá ou Exu de Umbanda forem invocados para fazer o mal de alguém ou grupo, é claro que não participarão espíritos de luz. Responderão quiumbas (espíritos ignorantes, sem luz, obsessores), podendo até tomar o nome de entidades respeitáveis para lucrarem com o teor da oferenda, para conquistar adeptos que lhes paguem regamente os serviços, divertindo-se com a desgraça alheia. Imolê, Orixá ou Exu de Umbanda verdadeiros são todos *positivos*, com grandeza de caráter e não mesquinhos pedichões de oferendas sem critério de justiça.

O cacique perguntará como represar essa energia ao seu favor e de seu grupo, atraindo para si as benesses desse grandioso Orixá.

Como já explicamos, *jamais esquecer* dele, em primeiro lugar. Esse cuidado é tão grande que valeu uma máxima africana, que diz: *Bi Á Bá Rúbo, Ki Á Mú Texú Kuró* (“Quando são oferecidos sacrifícios, a porção que pertence a Exu deve ser separada para ele”). Antes de qualquer sessão, antes de qualquer ritual, antes de qualquer coisa entregar-lhe uma pequena oferenda, ao menos, para garantir o sucesso de qualquer empreendimento. Antes de comprar um imóvel, alugar, comprar um bem, antes até de procurar um emprego acender sete velas nas cores vermelha (ou vermelha/preta, no resto do país) em um cruzeiro, *no mínimo*. Tudo sairá facilitado após essa lembrança.

E, antes de qualquer sessão (menos gira de Exu, é claro) entregar-lhe um *padê* para amainar sua força caótica, atraindo as melhores graças no decorrer dos trabalhos.

O *padê* de Exu (Orixá) consiste de quatro elementos que nunca poderão faltar para “acalmá-lo”. Como nos diz Ivan H. Costa na obra já citada: “*O ebó é constituído de elementos materiais muito simples, mas de profundo significado, ao contrário do que se vê “despachado” pelas esquinas de nossas cidades, e quase não guarda relação alguma com o seu significado original*”.

Infelizmente, como querem alguns sacerdotes e médiuns “florear” o que não pode ser alterado, inventando bobagens inúteis resultando em nenhum efeito! Eis aqui os elementos indispensáveis:

- a **água** (*omi*), destacando-se a água da chuva;
- **azeite-de-dendê** (*epô*), um dos melhores substitutos do sangue animal;
- **bebida alcoólica branca** (*otim*), destacando-se a cachaça (marafo), gim ou outra;
- **qualquer farinha** (*iyéfun*), sendo a mais comum a de mandioca.

Poucos sabem explicar porquê colocam ou encontram sempre uma quartinha destampada com água na entrada dos terreiros. Lembramos ser a água a mais nobre de todas as oferendas, atraindo consigo a bênção, o lado pacífico e benfeitor de todos os Orixás como elemento fecundante da terra. Com essa quartinha, cheia de água limpa, coloca-se o vasilhame no meio da roda de médiuns.

À parte, em um pequeno alguidar de barro, faz-se uma farofa gorda (farinha de mandioca ou de milho com azeite-de-dendê) com algumas gotas de cachaça. No meio coloca-se uma vela vermelha (ou vermelha e preta) acesa, ao lado da quartinha.

Todos os médiuns farão uma roda em torno do alguidar e da quartinha, cantando o ponto, sob o som da sineta tocada pelo cacique:

*“Saia daqui Aluvaiá, que aqui não é o seu lugar
Saia daqui Aluvaiá, que aqui não é o seu lugar
Eu não quero ver-te aqui, na casa de (...)
Eu não quero ver-te aqui, na casa de (...)”*

No espaço entre parênteses, substitui-se pelo nome do Orixá patrono do terreiro, do Caboclo ou do Preto-Velho. Após, a quartinha volta para a entrada do terreiro sem haver necessidade de trocar a água (apenas no próximo encontro). A farofa com a vela acesa irá para a tronqueira dos Exus, *representantes do Orixá* em nossos trabalhos, sendo despachada um dia antes da próxima sessão. Muitos pensarão que Aluvaiá é nome de algum Exu de Umbanda, sem saber que é o nome do Orixá no culto angola (origem principal da Umbanda) ou porque, como foi parar a oferenda na tronqueira, pertencerá a algum Exu nosso. Nada disso. É oferenda para o Orixá, afastando seu lado *eborá* de nossos terreiros.

Antes de encerrar esse capítulo, outra confusão é *para quem* será entregue a cabeça de um iniciado, no ritual do amaci. Uns pensam que é para o Caboclo, outros para o Preto-Velho. Os menos informados, atiram-na para um Exu de Umbanda, como se esse pudesse “segurar” a cabeça de alguém. A cabeça de um indivíduo, em qualquer culto afro-brasileiro, **só poderá pertencer a um Orixá**. Mesmo que, logo após a colocação do líquido, do cruzamento com pemba, mel (ou dendê, nunca ambos simultaneamente) incorpore o Caboclo ou Preto-Velho *representantes do mesmo*, o *ori*, o chakra coronário sempre pertencerá unicamente ao Orixá “de cabeça”, “o eledá”. Para quem andam entregando a cabeça de nossos médiuns, contrariando todo o princípio mais elementar da religiosidade africana?

A UMBANDA E A ANÁLISE DOS MITOS

“Exu pode ter matado um pássaro ontem,
com uma pedra que jogou hoje!”
Sabedoria Iorubá

Aqui enfeixamos todos os capítulos anteriores, encerrando por ora, nossa abordagem. Nos primeiros capítulos aprendemos *como é* o mundo, sua magia, a crença quase unânime na reencarnação, na presença dos Orixás com outros nomes, a utilização dos mesmos instrumentos mágicos, com mínimas variações. Tudo isso para vermos ter a Umbanda, filha de todas as cores, resgatado em seus terreiros a magia milenar de todos os povos em um único processo. A Umbanda, como uma grande encruzilhada, aprendeu a observar a movimentação em todos os sentidos encontrando e adotando seus pontos de convergência de forma harmoniosa.

Tivemos a oportunidade de estudar diversas mitologias, tornando-se hábito resgatar de suas entrelinhas as sutilezas de seus ensinamentos. Estudar um mito é como praticar o velho jogo de procurar os sete erros: à primeira vista parecerá um simples quadro, sem maiores atrativos. Quanto mais analisado, mais encontraremos detalhes nunca vistos antes e mais: à medida que amadurecemos, a abordagem também muda tornando-se mais profunda. Um mito, na verdade, é a manifestação mais sublime da expressão de um povo trazida das profundezas de sua alma; em seus mitos conheceremos seu subconsciente coletivo, seus anseios, seu modo de ver a si mesmo e o mundo que o cerca. Quando falamos de religião africana, estamos tratando de *mitos*.

Os folcloristas dividem as histórias em quatro grandes grupos:

- **Fábulas** retratam histórias fictícias em versos, cujos personagens são animais que falam e pensam como seres humanos. Ao final, geralmente guardam alguma filosofia. Os africanos apreciam muito utilizar a figura da tartaruga como um ser dotado de grande inteligência e muito esperto.
- **Contos** são histórias romanceadas, sem precisão de local, tempo, com personagens irrealistas. Os *contos de animais* são de conteúdo idêntico à fábula, só que escritos em prosa.
- **Lendas** retratam personagens e acontecimentos históricos, tomando vulto com o imaginário popular.
- **Mitos** tornam os *personagens históricos em divinos*, sendo suas histórias povoadas de acontecimentos extraordinários.

Eis porque tratamos, na maioria das religiões, de *mitologias* porque a maioria das histórias escondem atrás de si um personagem histórico, real, que viveu e amou entre nós. Tão notável foi em vida que as populações passaram a adorá-lo como um deus após sua morte (geralmente em circunstâncias miraculosas), elevado em apoteose ao reino dos deuses ou escondida, em segredo, uma origem divina ou a proteção de uma divindade.

Esses heróis ou heroínas passaram a receber culto e templos dedicados à sua memória tornando-se divindades tutelares. Diferentemente dos inacessíveis deuses, teriam simpatia pelo seu povo e continuariam a lutar, no além, pela sua proteção, comovendo-se pelos seus apelos por guardar em si traços de humanidade. Eis porque *todos os povos* têm seus heróis divinizados, homens e mulheres de bravura, sabedoria, alguns guardando poderes mediúnicos (ou

paranormais, como queiram) em vida. Tais personagens recebiam na Grécia e Roma o título de *semideuses*, já que seriam fruto dos amores divinos com mortais, na tentativa de explicar seus atributos: a bravura de Enéias, herói da guerra de Tróia, explica-se por ter como mãe a deusa Afrodite; Aquiles era filho de Tétis, deusa do mar; a beleza de Helena ou a força descomunal de Hércules (Hércules) deve-se que ambos são filhos de Zeus. Já a inteligência de Ulisses deve-se à proteção de Atenas (Minerva); Páris de Afrodite; Ganimedes, tornado copeiro dos deuses, de Zeus. Todos têm o seu teor divino para explicar porque foram tão extraordinários *em vida*.

Esses homens e mulheres, geralmente reis e rainhas (não é regra geral, há exceções) passaram a proteger sua família, sua aldeia, na África sendo chamados de *Orixás*, outros *Onilê* (aqui no Brasil são indistintos). Segundo os mitos, quando viviam, já controlavam certas forças da Natureza dominando-as por completo como nos exemplos de Xangô ou Iansã. Esses heróis passaram a receber culto, oferendas, iniciações, templos. A diferença é que retornavam ao mundo físico através da incorporação mediúmica em seu *elégûn*, comunicando-se com seus *descendentes*. O fato de uma divindade incorporar durante seus festivais ou oráculos encontramos simultaneamente em *todas* as culturas do mundo, em *todos* os tempos como tivemos oportunidade de discutir (e comprovar) em capítulos anteriores. Entre os africanos, porém, nem todos os deuses são Orixás. Alguns, por ordens do Deus supremo (Olôrun, Olódumaré ou Nzambi), vieram *já prontos* de outro lugar qualquer com missões de formar o mundo físico, desse planeta. Eles são os *Imolê*, cujo estudo valeu um capítulo inteiro em nosso segundo trabalho. Apesar dos mitos africanos deixarem dúvida se esse ou aquele é um Orixá ou Imolê, certo é que *a grande maioria* foram heróis africanos.

A única cultura a renegar o processo da reencarnação, incorporação e fenômenos mediúnicos é a católica/judaica/muçulmana, cujas origens são comuns, com forte senso de centralização de poder religioso em um único grupo que pode manipular tais forças a seu bel-prazer, sem serem taxados de “adoradores do diabo”. Nele também há seus heróis divinizados, *os santos*, que em vida tinham grandes poderes mediúnicos e, *por terem pertencido a esse grupo religioso*, mereceram a canonização depois da morte, elevando-se ao mundo do divino como *quase deuses*. Eles também tem seus cultos, seus templos, poderes intercessórios ao mundo dos mortais, à idêntica semelhança de nossos Orixás. Perguntamos, quais as diferenças entre ambos? Não vemos nenhuma. Ambos foram homens, viveram e tiveram qualidades, depois de mortos passaram a proteger seu povo, seus adeptos. A sabedoria popular chama apropriadamente um Orixá de *santo*, naquela sabedoria que só encontramos no coletivo...

Um mito, tal qual um presente, guarda algo valioso no interior recoberto de várias camadas de papel. Precisamos aprender a abrir folha por folha, para desvendar-lhe o interior. A pior coisa que um iniciado pode fazer é interpretar uma história de Orixá *ao pé da letra*, esquecendo-se de tirar de cima os fatores tempo (foram ditados oralmente por centenas de anos), interpretações pessoais (quem escuta, poderá incluir algum detalhe fantasioso), proteção (poderá constar máximas escondidas em suas entrelinhas, indecifráveis ao leigo), e, principalmente, citar um momento histórico (os valores daquele tempo poderão não ser os atuais). O africano, na classe dos babalaôs, escondiam sua sabedoria nos *Versos dos Contos de Ifá (Êsé Itân Ifá)* em 4096 versos, cujo conteúdo subdividia-se em *Adimú* (quais os sacrifícios propiciatórios), *Ofô* (as rezas mágicas), *Ógun* (cura e tratamento de doenças), *Awurê* (como fazer e quais os amuletos e talismãs), *Rùbo* (quais os sacrifícios a Imolê Exu) e o *Kpoli* (análise do destino pessoal). Nessa extrema complexidade, toda guardada pela memória de seus sacerdotes sem utilizar-se da escrita, escondia-se nesses versos os fundamentos de como manipular a energia de cada Orixá, suas atribuições, mitos históricos, quizilas, particularidades desdobrando-se em múltiplas interpretações sem, contudo, haver choques de idéias já que todos (inclusive o povo) tinham noção do que se tratava, sabendo cobrar duramente os impostores.

Traremos um exemplo de total falta de informação, mais comum em nosso meio do que parece. Imaginem um babalorixá (ou cacique) fazendo o seguinte comentário: “Mas como Xangô, sendo ele uma energia da Natureza, poderia ter tido filhos, segundo outros autores teria se enforcado? Esse tal de Pierre Verger é

um tolo!”. Baseia-se na história de Xangô exposta na obra do citado autor, em “Lendas Africanas dos Orixás” que não cita, porém, o mito do enforcamento.

Para muitos dirigentes africanistas e umbandistas Orixá e energia da Natureza são a mesma coisa. Não, não é. Força da Natureza é o instrumento pelo qual o Orixá manifesta-se no mundo físico, é o material manipulado por ele; é tão estranho quanto dizer-se que um quadro **é** o pintor que o fez. Apenas se usássemos uma linguagem figurada, poderíamos afirmar tal coisa. No mais, absurdo.

Sendo para muitos uma energia da Natureza, e não um espírito, é claro que para eles o Orixá não poderia ter tido filhos, nem morrido seja lá como for (no caso, o mito de Xangô traz várias versões). Outro grande absurdo pois há inúmeros dados que comprovam ter sido Xangô um personagem histórico, real, de carne e osso.

Por fim, ignorar o trabalho e a figura de Verger nem merece comentário. O pior é quando escutamos tais balelas vindas de *peessoas cultas*, que conhecem nossa religiosidade, com o único propósito de “ser agradável” a esse ou aquele sacerdote, esse ou aquele segmento. O silenciar, a inveja mesquinha, a falta de sinceridade, o desejo de obstruir a caminhada de outrem é uma das práticas mais condenáveis em nossa religião. Nossa esperança é, à medida que os anos passem, sacerdotes e *autores sinceros* exponham suas experiências e conhecimentos *com clareza* para todos admirarem a grandeza alcançada no culto aos Orixás em sua origem.

Desenvolver a sensibilidade para saber observar o que é dado histórico (pais, local de nascimento, cidades, atividade, caráter e temperamento do indivíduo), do fundamento incluso (como venerar, quais suas atribuições, suas aversões e afinidades rituais, qual a força da Natureza que manipula, como manifesta-se no mundo físico, quais os possíveis problemas quando ignorados e benefícios) é absolutamente vital para compreender-se que não somos cultuadores de “histórias da carochinha”, mas um grupo de pessoas sabendo preservar uma sabedoria ancestral desenvolvida por séculos de observação cuidadosa de caracteres humanos, fenômenos mediúnicos e paranormais, como lidar com energias físicas no ambiente em que se encontram com fins de beneficiar a muitos, criação de um dos mais incríveis sistemas de consulta e análise chamado Jogo de Ifá. Esse é o veio africano que todo o umbandista precisa urgentemente conhecer a fundo, para saber o que está fazendo em nossas casas com os Orixás.

Pela extrema gentileza de um amigo nosso, chegou-nos às mãos um livro infantil de histórias da Nigéria, de autoria da educadora Kemi Morgan, cuja coletânea baseia-se na pesquisa dos mais influentes estudiosos sobre a religiosidade africana como os reverendos Samuel Ajayi Crowter, Samuel Johnson, T.A.J. Ogunbiyi, Lijadu, A.B. Akinyele e Sir Isaac Babalola Akinyele cuja preocupação foi repassar às crianças as histórias dos Orixás sem nenhuma variação referente à fonte de pesquisa, apenas fazendo pequenas adaptações para torná-las agradáveis à leitura dos pequenos. Garante-nos a absoluta fidelidade do que expôs, valendo com isso nossa tradução do inglês para o português, trazendo àquelas mais importantes ao leitor, avisando-nos que *há várias versões para cada um dos mitos expostos*. Afirmamos, outrossim, transcrevê-las em texto enxuto, sem deixar nenhum dado para trás, bem como considerá-las inéditas na bibliografia brasileira.

Confiantes na palavra da autora, entre parênteses citaremos *ipsis litteris* alguns trechos interessantes, reservando-nos, ao fim de cada história, tecer breve comentário sobre algumas questões.

A HISTÓRIA DE ODUDUA

Nossa história começa em Mecca, de localização incerta. Uns dizem ser em algum lugar da Arábia, outros seria um reino de Méroe, no Alto Egito. Certo, porém, é que não é a cidade muçulmana de mesmo nome. Lá vivia um rei de nome Lamurudu, cujo um dos filhos chamava-se Odudua.

Nesse período começou a entrada dos muçulmanos no reino ensinando ao povo que havia somente um deus, que Maomé era seu profeta. O resto seriam pagãos. O povo começou a abandonar os ídolos, construindo bela mesquita na cidade. Odudua não aceitava isso porque nunca abandonaria seus deuses.

Para evitar mais conversões, Odudua fez amizade com um homem de nome Asara, escultor de ídolos, pedindo-lhe que fabricasse várias imagens. Juntos colocaram na mesquita, avisando ao povo que fosse ali adorar os antigos deuses. Os muçulmanos consideraram um insulto à Alá e ao seu templo, jurando vingança.

Asara, o escultor, tinha um filho que chamava-se Braimoh. Rapaz preguiçoso, detestava ir vender no mercado as imagens esculpidas pelo pai. Quando escutou os muçulmanos pregando o abandono aos ídolos, Braimoh adorou a idéia pois ficaria livre da obrigação. Converteu-se à Alá, em segredo. A partir daí, o jovem quando ia vender as imagens, gritava ao público: *“Quem quer comprar falsos deuses! Quem quer comprar falsos deuses!”*. Logo o pai soube da atitude do filho punindo-o várias vezes. Ao invés de mudar-lhe a índole, o rapaz prometeu que iria destruir todos as imagens do pai e os ídolos na mesquita.

Antes do festival dos deuses, os homens iam caçar durante três dias. Braimoh ficou para trás vendo, com isso, sua oportunidade. Pegou seu machado, correu à mesquita destruindo todas as imagens, menos uma, onde teria deixado enterrada a arma no pescoço para identificar quem teria feito aquilo. Logo os três dias se passaram e os homens voltaram da caçada.

Enfurecidos, chamaram o jovem. Petulante, respondeu-lhes que perguntassem ao ídolo quem tinha feito aquilo. Os homens comentaram do absurdo, ao que ele respondeu do que adiantava adorar algo que não pode falar, nem se defender. Os juizes condenaram o rapaz a morrer em uma fogueira.

Os muçulmanos souberam, tomaram o partido de Braimoh e iniciaram uma luta contra os *“pagãos”* para salvar o rapaz da morte. Na verdade, assassinaram o rei, obrigando Odudua, seus dois irmãos e seguidores a fugir. Os irmãos de Odudua *“viajaram de Mecca ao Oeste e mais tarde fundaram o reino de Gogobiri e Kukawa, no país dos Hauçás. Até hoje o povo que vive ali em Gogobiri e Kukawa ainda se vestem como os Iorubás e fazem suas marcas faciais idênticas”*.

Odudua e seus seguidores *“viajaram rumo a Leste”*. Atravessaram terras áridas e aldeias amigáveis onde podiam comer, dormir e encher seus cantis feitos de pele, com água. Em outras hostis, muitos seguidores pereceram. Caminharam por muito tempo sofrendo sobremaneira por 90 dias, até encontrar verdejante floresta, belos campos arados, água em abundância. Viram muitos caminhos arborizados até a colônia.

Enquanto caminhavam, encontraram fazendeiros que, apavorados, correram de volta para contar aos outros sobre os bem trajados estrangeiros, acreditando que eles fariam a todos de escravos. Os companheiros de Odudua conseguiram interceptar alguns fazendeiros e, através da linguagem dos sinais, explicaram-lhes que precisavam de um lugar para assentar-se. Perguntaram-lhes o nome do local, cuja resposta foi: *“Ife, Oyelagbo”*. Explicaram-lhes ainda que o lugar aonde encontravam-se chamava-se *Ijio*, sendo o único caminho até Ife, Oyelagbo. Curioso, Odudua perguntou-lhes: *“Quem é o seu rei?”*. *“Ele é um ser divino e vive a muitos dias de viagem daqui. Lá, no seu enorme reino, ele governa a sua corte.”* Odudua ainda pergunta: *“Qual o seu nome?”* Ninguém soubera responder. Intrigado, o

príncipe faz sua última pergunta: Qual a tribo que vive nessa colônia? Os fazendeiros respondem, “Somos Igbo”.

Odudua e seus seguidores, inteirados do lugar, acamparam na estrada Ijio que, até hoje, leva à Ife Oyelagbo.

Foram em direção à Ife e ocuparam as casas abandonadas pelos fazendeiros que haviam fugido, assustados. Ao vê-los bem acomodados, passaram a ameaçá-los jurando fazê-los seus escravos. Com a ajuda de uma mulher chamada Moremi, Odudua aprendeu os “segredos dos Igbos”, salvando-se.

Longe dali, os muçulmanos nunca se conformaram com a fuga de Odudua e seus irmãos. Formaram um exército comandado pelo soldado Sahibu e enviaram a tropa contra Ife. Houve grande luta com a vitória de Odudua e seus seguidores, tomando como troféu a cópia do Alcorão que traziam chamado *Edi* (“Amarrado”), conservado e adorado até hoje em lugar sagrado em Ife.

“Odudua e seus seguidores assentaram-se felizes em Ife e outras pessoas vieram e juntaram-se a eles lá. Tornou-se um grande rei em Ife e ele é reconhecido como o grande ancestral do povo iorubá”.

Em comemoração, Odudua construiu um grande santuário na estrada Ijio, seu ponto de chegada em Ife, ordenando a seu amigo Orajioye sua guarda. *“Decretou também que todos que o sucedessem como governantes de Ife precisariam ser sempre escoltados, nas suas coroações, para esse entroncamento. Aqui, o chefe Obajio que está no cargo desse santuário precisaria recordar ao novo governante agora chamado “Ooni” como seu antecessor Odudua entrara em Ife pela primeira vez através da Estrada Ijio. Essas são as atuais palavras que o Obajio costuma usar ao contar ao novo Ooni como Odudua chagara a Ife. “Essa é a rota pelo qual seu pai, Odudua, entrou em Ife e meu pai Orajioye era seu leal servo. Foi seu pai quem assentou meu pai aqui e embora todas as mulheres nesse quarteirão sejam suas e as crianças, você deverá protegê-los”.*

Nosso Comentário:

Esse mito traz em si uma análise da entrada do Islamismo na África, gerando lutas sangrentas e a posterior fuga dos grupos de resistência disseminando sua cultura por todas as paragens mais distantes. Como vimos, nem todos os confrontos foram pacíficos gerando, posteriormente, enormes preconceitos internos ao ponto de, nos Estados Unidos, o negro considerar-se de origem muçulmana esquecendo (ou ignorando) suas mais antigas tradições. A situação é tão grave na África, como comenta Carlos Eugênio Marcondes de Moura na edição especial da revista Planeta-Candomblé e Umbanda, que os atuais africanos tratam as velhas crenças como *“coisa de tia velha do interior”*, agravando sua desintegração nesse meio somados ao crescimento constante dos cultos evangélicos e católicos. Infelizmente, o saudosismo mantido pelos círculos do Candomblé e Umbanda em relação ao continente negro não encontram mais respaldo, vendo-se essas terras destruídas pelas religiões estrangeiras e degradação da situação econômica dos países fomentando, ainda mais, as rivalidades traduzidas em cruéis guerras civis, pelas antipatias inter-tribais. Assim como fez Odudua em terra igbo, o negro levou a Cuba, Haiti e Brasil sua cultura e religiosidade permitindo nesses focos a preservação de sua ancestralidade: é tão verdadeiro que muitos africanos dizem que os Orixás mudaram-se para esses países, esquecendo-se de sua pátria. Dizemos o contrário: quem sabe, talvez, os Orixás tenham vindo para cá, mas em decorrência ao desprezo, à falta de culto em oferendas propiciatórias, à vergonha de sua mais remota essência.

Verger acrescenta, em “Orixás”, alguns tópicos a essa história em brevíssimo comentário bem como somar-se à possibilidade do berço de Odudua ter sido o Egito, expulso dali pelas invasões bérberes ou vindo de Oké-Ora, lugar perto de Ifé, também sofrendo o mesmo problema. Com ele sabemos que o rei dos Igbos, morando longe de Ifé, era Òrisànlá-Òbà-Ìgbò (Oxalá) e esse teria reagido com muita luta. Há um outro trecho que Oxalá teria expulso Odudua de seu palácio, onde teria se instalado com seus seguidores de nomes Orólúéré e Obawinni (o primeiro sendo,

provavelmente, transformado em um dos Orixás da caça entre os iorubás). Ajudado por seu amigo Ôbamêri, Odudua forçou a fuga de Oxalá para um local chamado Ideta-Oko.

Ôbamêri ficou com a incumbência de vigiar a estrada com o fim de não permitir o retorno do velho rei à Ifé. Mas as obrigações religiosas de Oxalá não lhe foram tiradas. Permitiram que se instalasse no templo de Ideta-Ilê sendo venerado, posteriormente, como o grande ancestral, o grande Orixá *funfun*. A coroa de Oxalá chamada *aré* é usada até hoje na coroação dos novos reis de Ifé e eles obrigam-se, todos os anos, em enviar um representante seu até o templo de Ideta-Ilê levando oferendas honrando o velho rei, hoje Orixá.

Essa luta ferrenha entre Òrisànlá (Oxalá) e Odudua pela posse de Ifé (e todo o reino iorubá) passou a ser item freqüente nos mitos ligados obviamente à criação tornando esses homens, após sua morte, lembrados pelos seus descendentes como Orixás, *santos tutelares* de seu povo.

OUTRA HISTÓRIA DE OGUM

Ogum, adorado em toda terra iorubá, era filho de um homem chamado Aje e sua mulher, Ija. Teria vivido em Ire, uma cidade entre Otankoto e Ikirun, na divisa de Osun. Ogum era casado e tinha um filho, cujo nome não foi preservado.

Ferocíssimo guerreiro, também era um grande feiticeiro lançando encantos e feitiços nas pessoas. Tão temido era que o expulsaram para dentro de uma densa floresta sem facas para abrir o mato, nem enxadas. Abandonado, ficou ali por sete dias até que procurou uma pedra dura (pederneira) lançando-lhe um feitiço. De dentro dela saiu uma espada afiada que, com ela, abriu caminho pelo mato fazendo um caminho de volta para a cidade.

Ao chegar, reuniu alguns seguidores lutando e vencendo aqueles que o haviam expulsado. Por si próprio, tornou-se guerreiro-chefe da cidade. Dizia-se que tinha a maior coleção de armas em terra iorubá e era dono de uma espada mágica que atraía, aonde quer que fosse, inúmeros curiosos para vê-la.

Logo outros guerreiros-chefes vizinhos de Ire souberam da fama e bravura de Ogum, zombando dele pela sua selvageria. Planejaram assassiná-lo.

Quando Ogum e sua família trabalhavam em sua fazenda, um mensageiro procurou-lhe para avisar que a cidade estaria cercada de inimigos deixando em pânico toda a população. Sem pestanejar, Ogum correu para dentro, pegou sua espada e saiu correndo em direção aos inimigos.

Quando a fazenda ficou isolada, entraram e mataram o filho de Ogum, menos a mulher e seu pai que correram para salvar-se na floresta.

No outro dia pela manhã, após repousar, Ogum retornou vitorioso da batalha entoando um canto:

*“É dito que Ogum não pode enfrentar Oja,
Todavia enfrentou Oja.
É dito que Ogum não pode enfrentar Ewisi
Todavia enfrentou Ewisi.
É dito que Ogum não pode enfrentar Ireje
Todavia enfrentou Ireje.”*

Ao chegar, encontrou seus parentes chorando, relatando da traição de seus inimigos e da fuga da esposa e do pai para a floresta para escapar.

Saiu à procura dos seus, sem compreender como seu próprio povo participara desse massacre, auxiliando na traição, justamente por ele ter Ogum lutado tanto. *“Que tenho feito para merecer esse infortúnio?” perguntava a si mesmo, como ele chamava pelos deuses da terra (deuses de sua terra natal) para punir as pessoas por esse ultraje.”*

Logo terrível epidemia de varíola irrompeu pela cidade dizimando centenas. Os poucos restantes foram à casa de Orunmilá consultar o oráculo de Ifá

para saber o que fazer. O oráculo respondeu que a epidemia cessaria somente depois de Ogum e sua família retornarem à casa.

Apavorados, enviaram vários emissários à Ogum implorando por sua volta. Depois de muita persuasão, Ogum decidiu voltar com uma condição:

“Mas”, ele disse, “Antes de deixar a floresta vocês devem trazer-me um cachorro e uma tartaruga”. Sem compreender, mas com muito medo, os homens partiram em busca dos animais que Ogum queria.

Chegando os bichos, Ogum partiu com a família de volta para a cidade. Antes de entrar, ordenou que matassem os animais e aspergisse seu sangue sobre seu *dedo maior do pé direito*. Só assim a epidemia passaria, fazendo ele e os seus entrarem na cidade. O povo exultante ao vê-lo de novo, fizeram-lhe grande homenagem e farto festival.

“Entretanto, seis meses depois, Ogum morreu. O povo chorou e lamentou por ele. Deram-lhe um grande funeral e mais tarde tornaram-no um deus e começaram a cultuá-lo”. Respeitosamente juntaram suas armas e a espada mágica conservando-as em uma cabana construída de folhas de palmeira (*palm-fronds*). Por isso quando constrói-se algum templo seu em terra iorubá, imita-se esse modelo. Desde aí sacrifica-se um cachorro em lembrança a ele, lembrando seu retorno e a cura da epidemia que assolava a cidade de Ire.

Nosso Comentário:

Nesse mito são passados nas entrelinhas vários fundamentos de Ogum, bem como seu assentamento. É explicado também a origem do sacrifício de cachorro, na África, à Ogum amainando seu lado *eborá*, bem como realça todo o tempo seu caráter violento, temível. Em Ire, Ògún é venerado com o epíteto de Ògúnjajá (Ògúnjá), vindo de Ògún *je ajá* (Ogum come Cachorro”) em lembrança que a epidemia só passou após o voto ao Orixá.

Lamentavelmente, não encontramos a tradução do termo *palm-fronds*, acreditando tratar-se de *màriwò*, comum entre os elementos de Ogum.

Como há outros meios de fazer-se magia, sem sermos explícitos como convém, eis exemplos muito úteis de despertar a bênção de Ogum.

UMA HISTÓRIA DE ÊLÁ

“Nas lendas iorubás, Êlá era um jovem deus dos céus”.

Tanto Olódumaré o amava, que o incumbiu de criar a cidade-santa de Ifé. Por isso os iorubás colocaram-no próximo ao deus-supremo.

Ficou sete dias na terra, tirando-a das águas turvas que a cobriam. Criou todas as plantas, animais, morros, peixes fazendo tudo crescer e germinar. Por fim, também cria a humanidade. Ao ver tudo pronto, retorna ao Além subindo por sua corda mágica.

Essa predileção por Êlá provocou a ira de Exu. Não sendo ele escolhido para a criação, passou a guerrear contra Olódumaré. Mas o deus-supremo derrotou-o, juntamente com seus seguidores, expulsando-o do Além, fazendo-o descer à terra. Logo Exu passou a guerrear contra Êlá, mas esse também o expulsou da terra.

Quando Êlá decidiu retornar ao Além, lá vivendo, Exu e seus “*deuses rebeldes*” resolveram ficar na terra, entre os homens, criando enorme confusão. À cada vez que isso tomava vulto, Olódumaré enviava Êlá para restituir a ordem. “A cada vez que Ela descia à terra, ele vinha como um ser humano; e a cada vez

ele tinha um nome diferente e pais diferentes. Seus outros nomes eram Òrúnmilà Oluorogbo, Agbonniregun.”

Pelos seus atributos, Êlá era venerado como o grande restaurador da paz e da ordem e seus sacerdotes falavam assim dele:

*“Êlá, não obstante criança de Agbonniregun
Êlá, não obstante grande restaurador da paz
Êlá, não obstante criança de Ògún
Êlá, não obstante doador de boas dádivas
Uma vez a destruição ameaçou a terra de Ifé
Foi Êlá quem veio e restaurou a ordem lá
Uma vez a rebelião irrompeu na terra de Akila
E havia confusão em toda a parte
Foi Êlá quem veio e restaurou a ordem lá
Uma vez a escuridão envolveu a terra de Okerekere
E o dia fez-se noite
Foi Êlá quem veio e trouxe a luz
Uma vez Satá empreendeu uma guerra na terra
E fez todas as coisas ficarem de pernas para o ar
Foi Êlá quem veio e restaurou a ordem
Êlá não aceita dinheiro, Êlá não aceita presentes
Êlá apenas dá boas coisas aos homens
Ele criou Odundun, rei das folhas
Ele criou Tete, próximo a sua categoria
Ele criou o Oceano, o rei das águas
Ele criou a Lagoa, próxima à sua categoria
Mesmo assim os homens acharam falhas na obra de Êlá
Embora Êlá em desespero, subiu pela corda ao Além
E com ela ascendeu de volta ao Além
Os homens agora procuram Êlá
Mas não o encontram
Por não haver nada igual a ele. Homens agora
Choram: “Oh, Êlá
Você não voltará para abençoar?
Você Não virá restaurar a ordem na terra de novo?”*

Essa é uma das histórias de Êlá. A outra fala de quando ele estava na terra, com homens e deuses morando juntos em Ifé. *“Naquela época ele se chamava Òrúnmilà”*. Peregrinava de lugar a lugar ensinando o povo como viver, como fazer colheitas, como honrar os deuses, consultando o oráculo para saber como trazer *“paz à terra”*.

Certo dia recebeu de visita alguns homens, vindos de Ifé, que vinham pedir-lhe aflito auxílio. A terra secara, tudo morria. Consultando o oráculo viu que os deuses estavam zangados com aquele povo. *“Vão rapidamente e traga-me duzentas preás, duzentos peixes, duzentas cabras, duzentos cabritos e duzentos de tudo o que houver em Ifé e eu oferecerei tudo em sacrifício aos deuses do céu para que não venham destruí-los”*. Os anciãos escutaram e consideraram um abuso, chamando Òrúnmilà de trapaceiro, mentiroso, dando-lhe as costas.

Òrúnmilà, em silêncio, ofereceu um sacrifício aos deuses implorando respostas. O *“chefe dos deuses”* falou-lhe, então: *“As pessoas de Ifé sempre nos esquecem quando tornamos a vida fácil para eles. É quando então começam a descreer e cometer toda a sorte de crimes uns contra os outros. É quando então temos de puni-los para fazê-los endireitarem seus caminhos; e estamos punindo-os dessa vez porque não ouviram seu conselho. Pedimos que você retorne aos céus antes que nós destruamos Ifé.”*

Agradecido, Òrúnmilà, em silêncio, pegou sua corda mágica, amarrou-a no Além e subiu de volta.

Logo a chuva começou a cair e, de bênção pela prolongada seca, começou a virar um dilúvio. Tudo ficou submerso, a vida cessou e Ifé ficou mergulhada nas águas.

Em meio àquele oceano silencioso, apenas balançava a copa de um solitário coqueiro. Os deuses olharam a devastação e ordenaram a Òrúnmilà que recriasse a vida ali.

Descendo por sua corda, viu o coqueiro subindo em sua copa. “Então, você é a única árvore viva em toda Ifé? Você precisa ser premiada com uma longa vida”. Dali passou a recriar toda Ifé.

Desde esse dia, Òrúnmilà também passou a ser chamado Agbonniregun, “*significando que foi sobre o coqueiro que Òrúnmilà, o deus-sol, subiu*” para recriar a vida após o dilúvio.

Nosso Comentário:

Quando traduzimos *literalmente* essa história em extremo cuidado, evitando quaisquer trocas que poderiam alterar significativamente seu conteúdo, ficamos muito surpresos com o fato de Kemi Morgan mencionar ser Êlá capaz de reencarnar várias vezes entre os homens, com a missão de restaurar a ordem perdida, em avatares similares ao encontrável na mitologia hindu, na figura do deus Vishnu. Afirma também, nessa versão, ter Êla reencarnado em uma de suas vindas à terra como Òrúnmilà, tendo naturalmente vivido e nascido como homem comum, ocupando o digno papel de babalaô.

Esse homem/deus/herói teria peregrinado como única pessoa, ou talvez personificando todo o grupo dos sacerdotes de Ifá, à vários lugares disseminando a civilização através do correto cultivo das plantações, como agradecer corretamente às forças da Natureza, aos deuses que as comandam.

Esse deus missionário, amorável benfeitor da humanidade, guarda em si no aspecto solar de Òrúnmilà (*) o trabalho de secar as águas do dilúvio. Nunca tínhamos visto essa relação com o astro-rei. Sem sermos crédulos, não nos surpreende, nem acreditamos tratar-se de alguma opinião pessoal da autora já que todos os deuses criadores costumam estar direta ou indiretamente ligados ao Sol em todas as religiões. Sobre isso, nada nos falou Verger e outros autores que tivemos acesso. Cremos, em concordância com todos os mitos contemporâneos, ser a árvore sobrevivente um coqueiro de dendê, cujos coquinhos são consagradas ao oráculo.

O mito universal do dilúvio repete-se em terra iorubá. Nesse mito notamos o sincretismo recente de Exu com Satã, induzido há muito pelas culturas estrangeiras, e alguma referência inclusa na expulsão do segundo, com seus anjos, do Paraíso.

(*) “From that time, Orunmila became known as Agbonniregun, meaning it is the cocunut tree that Orunmila, **the sun god**, climbed.” (Kemi Morgan)

DE MENDIGO A MESTRE

Na antiga Ifé vivia um mendigo chamado Ifá. De tão miserável, de aspecto tão sórdido, muitos o consideravam um louco. O pobre homem

perambulava pela cidade implorando, em nome de Olódùmaré, um pouco do quê comer. Por tempos as pessoas davam-lhe qualquer coisa para se verem livre de sua desagradável presença. Mas, com o tempo, começaram a se cansar dele, escorraçando-o com violência. Outros diziam que atraía azar.

Ifá voltava para sua cabana exausto e faminto. Orava todos os dias aos deuses implorando por misericórdia ou que acabassem com sua vida miserável, tamanho seu sofrimento.

Em um desses dias, Ifá caiu em profundo sono. Em sonho apareceu-lhe um homem, resplandescente como um dos deuses, dizendo-lhe: *“Ifá, erga-te e me escute. Suas preces foram ouvidas e venho do Além para ajudar-te. Ensinarei a você um trabalho que o tornará rico e famoso, mas terá de mendigar pelas ruas de Ifé pedindo comida. Todavia, pessoas de todo o mundo virão procurá-lo para pedir-lhe ajuda e trazer-lhe presentes. Você também irá se tornar um grande mestre e seus alunos virão de todo o mundo. Serão reis, príncipes, nobres, sacerdotes, comerciantes e homens de todas as profissões. Seu nome será famoso em toda a terra”*.

Ao terminar de falar, o homem apresentou-lhe dezesseis coquinhos dizendo-lhe ser cada um deles a representação de um dos *“espíritos que controlavam a fortuna humana na terra”*. Disse-lhe que os coquinhos chamavam-se Odus e mencionou o nome individual de cada um, como eram conhecidos no Além. Disse ainda ser o primeiro chamado Ejiogbe e o último Ofun, bem como seriam esses os principais e mais respeitados Odus. Mostrou-lhe como usá-los dizendo não haver pergunta que eles não pudessem responder porque cada Odù representaria um espírito capaz de achar soluções. Por fim o homem fez um gesto mágico em torno do pulso de Ifá e desapareceu.

Ifá acordou assustado pela nitidez do sonho, vendo que aparecera um cordão enrolado em seu pulso. No chão, estavam pousados os dezesseis coquinhos.

Passou a relembrar cada detalhe. Para tirar dúvidas começou a jogar como aprendera no sonho obtendo precisas respostas. Feliz, surpreso, assustado saiu às ruas de Ifé mendigando comida, como o homem do sonho ordenara.

Algum tempo depois, o mendigo desapareceu de Ifé. O povo perguntava aonde ele estaria, o que acontecera com ele. Talvez estivesse morto. Até que, um dia, apareceu vestido luxuosamente, bem alimentado, limpo, saudável. Cercaram-no, cobrindo de perguntas.

Convidou a todos ir até sua antiga cabana, passando a jogar, respondendo as mais difíceis perguntas. Como, perguntavam, aquilo acontecera. Ifá era um homem ou um deus que, por anos, provara a generosidade do povo mendigando pelas ruas? Teria sido um espírito ou um deus que o ensinara, dando-lhe todos esses poderes? Os boatos corriam.

A fama de Ifá logo se espalhou, chegando de reis a gente simples procurando seus conselhos. Nas doenças, nas guerras, nos casamentos, em todas as atividades queriam saber se teriam êxito e como agradecer aos deuses com esse fim. Logo Ifá ficou muito rico com tantos presentes. Passaram a dar-lhe outros nomes como Agbonniregun, Òrúnmilá, como até hoje é chamado.

De conselhos, passou a ser mestre de outros ensinando os segredos do jogo, pedindo sigilo aos seus discípulos junto aos leigos.

Passaram a ser chamados sacerdotes de Ifá dando-lhe grandioso funeral, quando morreu muito velho. *“Ifá tornou-se o chefe do oráculo dos iorubás, assim como o deus grego Apolo era o chefe do oráculo o qual os antigos gregos iam consultar em Delfos. Seus alunos tornaram-se muitos e começaram a fazer encontros secretos na floresta chamada Floresta de Ifá.”*

Nosso Comentário:

Nessa versão, induz-se a pensar que Ifá seria uma das vidas de Êlá, já vindo antes como Òrúnmilá ou Agbonniregun. A confusão se ele teria sido um homem ou deus

seria natural entre seu povo, frente a sua repentina, miraculosa mudança. Certo, porém, é que morreu sendo enterrado com pompa pelos seus discípulos.

O nome de Ifá passou a ser sinônimo do oráculo, sendo o homem confundido com o próprio jogo. Na verdade foi o primeiro indivíduo a criá-lo, adotando-o, coisa que em determinado tempo aconteceu. Alguém, alguma pessoa, foi o primeiro jogador.

Há enorme discordância entre diversos autores sobre a questão se Òrúnmilá e Ifá são a mesma coisa, se o primeiro é Orixá ou não, se Ifá é o jogo em um desdobramento quase infinito. Essa história, contudo, traz algumas verdades a considerar.

Primeiramente, um babalaô nunca podia estabelecer preço pelo jogo, peregrinando por todos os lugares em troca de comida, roupa, bens conforme a generosidade do consulente em verdadeira mendicância, estabelecida na frase: “*Oye ti o ba wu eni, ni a ta Ifá eni pá*”, ou “Qualquer que seja a soma que agrade alguém, é aquela pela qual recebemos para jogar Ifá”. Essa história, portanto, não é destituída de fundamento.

Eis outra possibilidade para abertura de discussões.

De Ifá, Òrúnmilá, Êlá temos apenas comentários lacônicos das fontes mais antigas, sendo assunto recente de vários autores. Tateamos propositadamente na escuridão?

A ORIGEM DO FESTIVAL EGUNGUN

Em Ibadan e outras cidades, ocorre em junho (época da colheita) um festival consagrado aos mortos, aos ancestrais, que retornariam à terra para abençoar seu povo. Nas cidades, todos se reúnem em grande alegria.

É importante citar que cada família tem seu egungun (ancestral) que vem com o corpo todo recoberto (nenhuma parte pode ser vista), máscaras, fazem estranhos ruídos, dançam e fazem “*performances mágicas para distrair as pessoas*” pelas ruas. A cidade de Ibadan tem seu próprio egungun que abençoa o Olubadan e todo o povo, chama os espíritos dos rios e águas para trazerem riqueza, saúde a paz por todo o ano.

E como teria começado esse festival?

Conta-se que houve uma mulher que teria perdido todos os filhos, menos um menino de nome Ojulari. Extremosa, temendo perdê-lo também, recobria o rapaz de excessivos mimos.

Um dia, recobriu-se das roupas da mãe e começou a dançar, pedindo que a mulher usasse o banquinho, onde estaria sentada, como tambor. Para não contrariá-lo, começou a bater para a alegria do menino.

No outro dia, de manhã cedo, pulou da cama, revestiu-se com os panos e pediu de novo que a mãe tocasse para ele. Cansada, pediu que fosse brincar com as outras crianças.

Mimado, entrou em crise chegando a ficar com febre. A mãe, apavorada lembrando que perdera os outros filhos com febre, pegou o banquinho, cobriu-lhe com panos e começou a tocar como sabia, de qualquer jeito. O menino, ao ouvi-la, melhorou e saiu dançando pela casa.

Consultando um sacerdote de Ifá, ouviu dele que não deveria contrariar o menino. Conformada, todos os dias adiantava o serviço como podia, desdobrando-se para agradar o filho. Para piorar, logo após dançar o menino queria comer, obrigando-a a ficar ao lado enxotando as cabras que disputavam-lhe a comida.

A pobre mulher cozinhava com antecedência, para adiantar o serviço, fazendo uma comida prática, rápida, como o *eko*, um tipo de mingau feito de milho e o *moyinmoyin*, um tipo de pudim feito no vapor à base de feijões. Também adquiriu relhos para o garoto enxotar as cabras, ensinando-o como usar.

O garoto mimado cresceu e mudou de caráter. Os anos ensinaram-lhe a ser sóbrio, responsável, aprendeu uma profissão. A mãe, curvada pela velhice, morreu.

Ojulari sentiu muita tristeza pela perda da mãe e, eivado de remorso, prometeu-lhe que sempre lembraria dela. Fez *eko* e *moyinmoyin* como sua mãe fazia para ele, providenciou vários panos. Conseguiu relhos, como usava para

espantar as cabras, ensinando-os a usá-los enquanto andavam em torno da cidade. Chamou os amigos para comemorarem com ele pedindo-lhes que se vestissem com os panos costurados, comessem e saíssem pelas ruas dançando ao som do tambor. Como sua mãe não sabia tocar, pediu ao amigo que fizesse barulho, fingindo não saber usar o instrumento. A partir daí, esse tambor tocado irregularmente passou a chamar-se *bata*.

Foi assim que Ojulari homenageou sua mãe. A idéia espalhou-se em terra iorubá criando o Festival Egungun em comemoração aos mortos queridos, passando Ojulari a ser chamado “pai de todos os egungun”.

Conta-nos haver no Festival Egungun trechos cantados da mais bela poesia iorubá, cuja tradução sempre perde um pouco de sua essência:

*“Mo de were bi eji ale,
Mo de kesi bi eji owuro,
Mo de pa-pa-pa bi eji iyaleta,
Mo de k’oloko ma le r’oko,
Mo de k’omode ma le r’odo,
Mo de k’omode ma le sunkun omu,
Omo kansoso ni mo um w’aiye; kuru!”*

Traduzindo-se:

*“Eu venho suavemente como as chuvas fortes na noite;
Eu venho mais cedo como o orvalho na aurora;
Eu venho mais cedo que as chuvas ao amanhecer;
Eu venho parar os agricultores de irem ao campo;
Eu venho pará-la de ir ao regato na aurora;
Eu venho parar as crianças de chorar pelo peito;
Contemplem, eu venho ao mundo como um filho único!”*

Nosso Comentário:

De forma clara, destituída de tabus, é relatado o início do Festival Egungun e a inclusão nos ritos de Ojulari, considerado o “pai” de todos os espíritos que vêm à terra proteger seus descendentes.

Mostra-nos, também, como o africano convive de forma natural com o chamado “mundo dos espíritos” e, justamente por isso, aprendeu a defini-lo com grande simplicidade. Outros contos e mitos apresentam as aparições, “avisos”, oráculos, presença de ancestrais divinizados ou não como corriqueiros no dia-a-dia dessas nações. Esse distanciamento criou nossa cultura sem valores, respeito aos antigos, convívio com o “espiritual” cujas conseqüências, cujas várias repressões, estamos amargando há séculos.

Tolher esse fluxo natural é represar o próprio instinto místico humano de perceber o outro lado nítido do espelho, o óbvio prosseguir da vida após a morte do corpo físico.

BASORUN E O FESTIVAL ORUN

As histórias antigas conta-nos ter sido Oyó um grande império, cuja capital era Oyó-Ilê governada por um rei cujo título era aláâfin. Hábeis artesãos em metal, fizeram o palácio de seu rei com cem colunas modeladas em bronze. Todos lembram ter sido Xangô o terceiro aláâfin òyó (rei de Oyó), filho de Oranian e Torosi, uma princesa tapá, no século 15.

Nesse império havia uma cidade de nome Ikoyi, cujo príncipe não tinha filhos. Seus rogos foram atendidos pelos deuses dando-lhe um belo menino que, infelizmente aos vinte anos, veio a morrer.

Tamanho seu desespero que o príncipe decidiu morrer, suicidando-se na floresta. Pegou uma corda e, decidido, rumou para seu destino.

Lá chegando, preparou tudo. Quando enlaçou o pescoço para enforcar-se, percebeu que um velho aproximava-se devagar em sua direção. Quase cego, perguntou-lhe quem o príncipe era; porquê desejava tanto morrer.

Escutou a triste história com atenção, falando em seguida: “*Senhor, és um príncipe. Muitos perderam tudo mas não quiseram suicidar-se. Tu tens importância e talvez todo o povo precise muito de ti. Não faças isso. Veja eu: houve uma epidemia e eu perdi tudo, pois era muito rico. Fiquei quase cego de tanto chorar, mas não perdi ainda a esperança. Voltes para casa, dê alimento aos pobres. Quem sabe os céus guardem para ti grandes coisas.*”

O príncipe acalmou-se com as palavras do velho. Resignado, preparou suas coisas e tomou o rumo da cidade.

Quando chegou encontrou um tumulto. O velho rei havia morrido naquele instante e ele havia sido escolhido como sucessor ao trono. Todo o povo temia ser punido com a morte pelo desaparecimento do príncipe, procurado por toda a parte.

Coroado rei da capital do império, um alááfin, não esqueceu do velho da floresta. Mandou procurá-lo, tornou-o sumo-sacerdote de Ifá, o deus do destino, com o título de *Basorun*, “*aquele que possui os segredos do Além*”.

Por isso, até hoje comemora-se em setembro o Festival Orun, lembrando esse grande ensinamento de vida.

Nosso Comentário:

Toda a cultura iorubá sempre destaca o valor precioso da vida, sendo a longevidade a maior dádiva dos céus (com ela seria possível a busca de todos os bens e desejos, ter filhos para dar continuidade à família). Essa história, esse festival, perpetuam esses valores e a onipresente providência divina que nunca desampara, na figura do velho a transmitir-lhe sua mensagem.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária Ltda, 1977.

VERGER, Pierre Fatumbi e Carybé (ilustrador). *Lendas africanas dos orixás* – 3ª edição, São Paulo, Corrupio Edições e Promoções Culturais Ltda, 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás – Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo, Editora Corrupio Comércio Ltda e Círculo do Livro S.A., 1981.

COSTA, Ivan H. (Mestre Itaoman). *Ifá – O Orixá do Destino*. 1ª edição, São Paulo, Ícone Editora, 1995.

MORGAN, Kemi. *Legends from Yorubaland*. Ibadan (Nigéria), Spectrum Books Limited, 1988.

OXALÁ, Míriam de (Míriam Prestes). *Umbanda: Crença, Saber e Prática*. 1ª edição, Rio de Janeiro, Pallas Editora e Distribuidora Ltda, 1997.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1993.

MONTET, Pierre. *O Egito no Tempo de Ramsés*. São Paulo, Companhia das Letras e Círculo do Livro S.A., 1989.

BUDGE, E. A. Wallis. *Magia Egípcia*. Rio de Janeiro, Editora TecnoPrint S.A. (Ediouro), 1986.

CLARK, T. Rundle. *Símbolos e Mitos do Antigo Egito*. São Paulo, Hemus Editora Ltda.

MAIA, João Nunes. *Iniciação – Viagem Astral (por) Lancellin*. 4ª edição, Belo Horizonte, Editora Espírita Cristã Fonte Viva, 1987.

